ISAAC ASIMOV

AS CORRENTES DO ESPAÇO

SHOUT
SHARE
IT

Annotation

Aquele homem poderia destruir um sistema solar, de modo que foi psico-sondado e condenado a morrer como uma criança. Amparado por uma camponesa solitária, foi gentilmente reconduzido à sua condição de homem. Caçado por reis e espiões, em uma rede de intrigas interplanetárias, Rik luta contra sua própria mente entorpecida e seu inimigo secreto em uma corrida solitária contra o tempo. Asimov nos traz, assim, mais um romance de um futuro inevitável, em que a humanidade leva o drama histórico de seu berço — a Terra —, rumo às estrelas, nossa herança...

- Isaac Asimov
  - ○
  - ○ Prólogo
  - ○ 1. O Enjeitado
  - ○ 2. O Conselheiro
  - ○ 3. A Bibliotecária
  - ○ 4. O Rebelde
  - ○ 5. O Cientista
  - ○ 6. O Embaixador
  - ○ 7. O Patrulheiro
  - ○ 8. A Dama
  - ○ 9. O Nobre
  - ○ 10. O Fugitivo
  - ○ 11. O Capitão
  - ○ 12. O Detetive
  - ○ 13. O Iatista
  - ○ 14. O Renegado
  - ○ 15. O Cativo
  - ○ 16. O Acusado
  - ○ 17. O Acusador
  - ○ 18. Os Vencedores
  - ○ Epílogo

Isaac Asimov
As correntes do espaço

Para DAVID,
que pegou este tempo chegando,
embora valesse esperar.

Prólogo
Um Ano Antes

O homem da Terra tomou uma decisão. Tardou a surgir e a se desenvolver, mas estava aqui.

Semanas haviam se passado desde que sentira o confortante convés de sua nave e o manto frio, escuro, do espaço sobre si. Originalmente, planejara um rápido relatório para o posto local do Departamento Analítico-espacial Interstelar e uma retirada mais rápida para o espaço. Em vez disso, tinha sido mantido aqui.

Era quase como uma prisão.

Sorveu seu chá e olhou para o homem do outro lado da mesa.

— Não fico mais aqui — disse.

O outro homem tomou uma decisão. Tardou a surgir e a se desenvolver, mas estava aqui. Ele precisaria de tempo, muito mais tempo. A resposta às primeiras letras tinha sido nula. Poderiam ter caído numa estrela, por tudo que tinham realizado.

Não havia nada mais além do que tinham esperado, ou, mais precisamente, não menos. Mas era somente o primeiro movimento.

Era certo que, enquanto os futuros movimentos se desenvolviam, poderia não permitir que o homem da Terra se esgueirasse para fora. Tocou a lisa barra negra em seu bolso.

— Você não estima a delicadeza do problema — disse.

— O que há de delicado na destruição de um planeta? — disse o terráqueo. — Quero que você transmita os detalhes para todos em Sark; para todos do planeta.

— Não podemos fazer isso. Você sabe que resultaria em pânico.

— Você disse que o faria.

— Refleti e realmente não é prático.

O terráqueo tomou a se queixar: — O delegado do DAI não chegou.

— Eu sei. Estão ocupados com a organização de procedimentos adequados para esta crise. Mais um dia ou dois.

— Mais um dia ou dois! Sempre mais um dia ou dois! São tão ocupados que não podem me dispensar a atenção por um momento? Não têm mesmo visto meus cálculos.

— Ofereci-me para levar-lhes seus cálculos. Você não quis.

— E ainda não quero. Podem vir a mim ou eu a eles — completou violentamente. — Eu não acho que acreditem em mim. Vocês não acreditam que Florina será destruída.

— Eu acredito em você.

— Não, eu sei, você não. Sei que você não acredita. Está sendo

indulgente comigo. Você não pode acreditar em meus dados. Você não é um analista espacial. E não posso imaginar o que você seja. Quem é você?

— Você está muito excitado.

— Sim, estou. Surpreendente? Ou você na verdade está pensando: Pobre diabo, o espaço acabou com ele. Você pensa que eu estou louco

— Bobagem.

— Certamente que acha. Isto porque eu quero ver o DAI. Eles saberão se estou louco ou não. Eles saberão.

O outro homem lembrou-se de sua decisão. — Agora você não está se sentindo bem. Vou ajudá-lo — disse.

— Não, não vai — gritou histericamente o terráqueo — porque eu estou indo embora. Se quiser me deter, mate-me, a não ser que você não ouse. O sangue do povo de todo um mundo estará em suas mãos, se ousar.

O outro homem começou a gritar, também, para fazer-se ouvir.

— Eu não vou matá-lo. Ouça-me, não vou matá-lo. Não há necessidade disso.

— Você vai me amarrar — disse o terráqueo. — Vai manter-me aqui. É nisso que você está pensando? E o que vai fazer quando o DAI começar a procurar por mim? Eu devo mandar relatórios regulares, você sabe.

— O Departamento sabe que você está a salvo comigo.

— Eles sabem? Imagino que sabem que atingi finalmente o planeta. Imagino se receberam minha mensagem original. — O terráqueo estava atordoado, os membros rígidos.

O outro homem levantou-se. Era óbvio para ele que sua decisão não viera muito rápido. Caminhou lentamente em torno da longa mesa, na direção do terráqueo.

Disse calmamente: — Será para seu próprio bem. — Tirou a barra negra do bolso.

O terráqueo falou, melancólico: — Isto é uma sonda psíquica. — Suas palavras soavam indistintas, e quando tentou levantar-se, seus braços e suas pernas tremeram visivelmente.

Disse, entre dentes rigidamente cerrados: — Vai drogar-me!

— Sim — concordou o outro. — Agora veja, eu não vou machucá-lo. É difícil para você entender a verdadeira delicadeza do problema enquanto está assim excitado e ansioso em relação a ele. Só vou eliminar a ansiedade. Somente a ansiedade.

O terráqueo não mais podia falar. Podia somente sentar-se. Podia somente pensar, entorpecido: “Grande Espaço, fui drogado”. Queria gritar e urrar e correr, mas não podia.

O outro havia dominado o terráqueo, agora. Parou, olhando para ele. O terráqueo fitou-o. Seus olhos ainda podiam se mover.

A sonda psíquica era uma unidade independente. Seus cabos precisavam somente ser fixados aos lugares adequados em seu crânio. O terráqueo permaneceu em pânico até que os músculos de seus olhos congelaram. Não sentiu a picada quando os cursores finos e pontiagudos sondaram e penetraram pele e carne para fazer contato com as suturas dos ossos de seu crânio.

Gritava e gritava no silêncio de sua mente. Berrava: "Não, você não entende. É um planeta superpovoado. Não percebe que não pode arriscar a vida de centenas de milhões de pessoas?"

As palavras do outro homem eram confusas e distantes, ouvidas do outro extremo de um longo túnel vazio. — Não vou machucá-lo. Mais tarde você se sentirá bem, realmente bem. Estará rindo de tudo isto comigo.

O terráqueo sentiu a fina vibração em seu crânio e que também enfraquecia.

A escuridão se adensou e caiu sobre ele. Uma parte dela nunca foi removida. Passou-se um ano para que a outra parte dela fosse removida

1. O Enjeitado

Rik pôs no chão o seu alimentador e pulou a seus pés. Estava tremendo tanto que tinha que se apoiar na nua parede branco-leitosa.

— Eu me lembro! — gritou.

Olharam para ele e o murmúrio resoluto dos homens que estavam almoçando esmoreceu um pouco. Olhos encontraram os seus, de rostos indiferentemente limpos e indiferentemente barbeados, cintilantes e brancos na imperfeita luminosidade da parede. Os olhos refletiam nenhum grande interesse, meramente a atenção reflexa compelida por qualquer grito repentino e inesperado.

— Eu me lembro do meu trabalho. Eu tinha um emprego! — gritou Rik novamente.

Alguém falou: — Calessaboca! — e mais alguém gritou: — Sentaí!

Os rostos voltaram-se, o murmúrio cresceu novamente. Rik fixou o olhar estupidamente ao longo da mesa. Ouviu o comentário

— Rik Louco — e viu meneios de ombros. Viu um dedo descrever uma espiral à têmpora de um homem. Tudo isso nada significava para ele. Nada disso atingia sua mente.

Sentou-se vagarosamente. Novamente agarrou seu alimentador, algo como uma colher, com bordas afiadas e pequenos dentes projetando-se da curva frontal da concavidade, que poderia portanto com igual inércia cortar, tirar e cravar. Era suficiente para um operário. Virou-o e olhou-o fixamente sem ver seu número na parte posterior do cabo. Não precisava vê-lo. Sabia-o de cor. Todos os outros tinham números de registro, como ele, mas os outros também tinham nomes. Ele não. Chamavam-no Rik porque significava algo como "débil mental" no jargão das usinas *kyrt*. E com bastante freqüência chamavam-no "Rik Louco".

Mas talvez estivesse se lembrando mais e mais agora. Esta era a primeira vez, desde que viera para a usina, em que se lembrava definitivamente de alguma coisa anterior ao começo. Se pensasse bastante! Se pensasse com todo seu cérebro!

Subitamente ele estava sem fome; não tinha a mínima fome. Com gesto repentino, colocou seu aumentador no tablete gelatinoso de carne e vegetais à sua frente, afastou a comida e fixou o olhar nas costas de suas mãos. Seus dedos puxaram e agarraram seus cabelos e cuidadosamente tentou seguir sua mente na meada de onde extraíra um único item — um obscuro e indecifrável item.

Então explodiu em lágrimas, no momento em que o estridente sino anunciava que a hora do almoço havia terminado.

Valona March estava a seu lado quando ele deixou a usina, naquela tarde. Ele quase não a reconheceu inicialmente, exceto como

um individuo. Somente ouvia seus passos combinados. Parou e olhou para ela. Tinha cabelos de um tom entre loiro e castanho. Ela os usava em duas grossas tranças presas juntas com pequenos alfinetes magnetizados com pedras verdes. Eram alfinetes muito baratos e tinham um aspecto desbotado. Usava um vestido de algodão simples, o necessário para aquele clima ameno, da mesma maneira que o próprio Rik precisava somente de uma camisa aberta, sem mangas, e calças de algodão.

— Ouvi que algo saiu errado na hora do almoço — disse ela.

Falou com sotaque pronunciado, camponês, como esperado. A linguagem de Rik era cheia de vogais sonoras e tinha um toque anasalado. Eles riam de Rik por causa disso e imitavam sua maneira de falar, mas Valona lhe dizia que faziam isso somente por causa de sua própria ignorância.

Rik resmungou: — Nada está errado, Lona.

Ela persistiu: — Eu o ouvi dizer que se lembrava de alguma coisa. Isso é verdade, Rik?

Ela também chamava-o Rik. Não havia outra forma de chamá-lo. Ele não poderia lembrar-se de seu nome real. Havia tentado desesperadamente. Valona tentara com ele. Um dia ela havia obtido de algum modo uma lista de endereços da cidade destruída e havia lido todos os prenomes para ele. Nenhum deles parecera mais familiar que qualquer dos outros.

Ele olhou-a diretamente no rosto e disse: — Terei de ir embora da usina.

Valona franziu as sobrancelhas. Seu rosto redondo, cheio, com malares salientes, estava perturbado. — Não creio que você possa. Não seria correto.

— Eu tenho de descobrir mais a meu respeito.

— Preciso ir — disse ele.

— É de novo a dor de cabeça, Rik?

— Não. Eu realmente me lembro de alguma coisa. Eu me lembro qual meu trabalho antes — *antes*!

Não estava certo se queria lhe contar. Desviou o olhar. O sol morno, agradável, estava no mínimo duas horas acima do horizonte. As filas de cubículos dos trabalhadores que estiravam-se e rodeavam as usinas constituíam um cenário monótono, mas Rik sabia que, tão logo atingissem a elevação, o campo surgiria à frente deles em toda a beleza do escarlate e do dourado.

Gostava de olhar os campos. Já na primeira vez a vista havia-o confortado e agradado. Mesmo antes que soubesse que as cores eram o escarlate e o dourado, mesmo antes que soubesse que havia coisas como cores, antes que pudesse expressar seu prazer em algo mais que um suave gorgolhão, as dores de cabeça diminuíam mais rápido nos

campos. Naqueles dias, Valona tomara emprestado uma aeromoto diamagnética e levava-a para fora da vila todos os dias de folga. Deslizavam, um pé acima da estrada, planando na suavidade amortecida do campo anti-gravitacional, até que estivessem a quilômetros de distância de qualquer habitação humana e tivessem somente o vento contra o rosto, perfumado com as flores *kyrt*.

Então sentavam-se à beira da estrada, cercados de cores e perfume, e repartiam um tablete de alimento, enquanto o Sol brilhava sobre eles até que fosse hora de voltar.

Rik estava agitado pela lembrança. Disse: — Vamos para o Campo, Lona.

— É tarde.

— Por favor. Perto da cidade.

Ela tateou a pequena bolsa de dinheiro que mantinha entre si e o cinto azul de couro macio que usava, o único luxo no vestir a que se permitia.

Rik pegou seu braço. — Vamos andando.

Valona umedeceu os lábios. — Não acho que você deva.

Rik voltou-se. Ele sabia que o interesse dela era sincero. Em primeiro lugar, ela havia conseguido o trabalho na usina para ele. Ele não possuía experiência com maquinaria de usina. Ou talvez possuísse, mas não se lembrava. Em todo caso, Lona insistira em que era muito pequeno para o trabalho manual e concordaram em dar-lhe treinamento técnico sem despesas. Antes disso, nos dias de pesadelo em que mal podia emitir sons e quando nem ao menos sabia para que servia a comida, ela cuidara dele e o alimentara. Ela o havia mantido vivo.

Deixaram a rodovia para tomar, meia hora mais tarde, as estradas sinuosas, poeirentas de areia batida. Havia um pesado silêncio entre eles, e Valona sentia um temor familiar se apossar dela. Não tinha palavras para expressar seus sentimentos por ele, de forma que nunca havia tentado.

O que fazer se ele queria deixá-la? Ele era um sujeito pequeno, não maior que ela e pesando um pouco menos, de fato. Em muitos aspectos, era ainda como uma criança desamparada. Mas antes de haver perdido o juízo, devia ter sido um homem educado. Um homem educado e muito importante.

Valona nunca recebera qualquer educação, exceto ler e escrever e a tecnologia de escola de comércio suficiente para ser capaz de manejar a maquinaria da usina, mas era o bastante para saber que as pessoas não eram tão limitadas. Havia o Conselheiro, é claro, cujo grande conhecimento era tão útil para todas elas. Ocasionalmente os Nobres vinham em viagens de inspeção. Ela nunca os tinha visto de perto, mas certa vez havia visitado a Cidade e visto um grupo de

criaturas incrivelmente magníficas à distância. Ocasionalmente os trabalhadores ouviam a pronúncia das pessoas educadas. Falavam diferente, mais fluentemente, com palavras compridas e tons mais suaves. Rik falava cada vez mais como eles, conforme sua memória melhorava.

Ela tinha ficado horrorizada com suas primeiras palavras. Vieram tão repentinamente após as longas lamúrias da dor de cabeça. Foram pronunciadas de modo estranho. Quando ela tentou corrigi-lo, ele não o permitiu.

Havia então se preocupado com o fato de que ele pudesse lembrar-se demais e deixá-la. Ela era somente Valona March. Chamavam-na Grande Lona. Nunca havia se casado. Nunca casaria. Uma garota robusta, de pés grandes e mãos avermelhadas pelo trabalho como ela nunca poderia casar-se. Nunca tinha sido capaz de fazer mais que olhar os rapazes com um ressentimento mudo quando a ignoravam nos festivos jantares dos dias de folga. Ela era muito grande para as risadinhas e gargalhadas deles.

Nunca teria um bebê para acariciar e cuidar. As outras garotas os tinham, um após o outro. Ela poderia somente abrir caminho na multidão para vislumbrar rapidamente algo vermelho e careca com olhos assustados, mãos impotentemente apertadas, boca viscosa.

— Agora é a sua vez, Lona.

— Quando você vai ter um bebê, Lona?

Ela retirava-se, calada.

Mas quando Rik chegou, era como um bebê. Tinha de ser alimentado e levado para o sol, acalmado para dormir quando as dores de cabeça o atormentavam.

As crianças corriam à sua volta, rindo. Gritavam: — Lona arranjou um namorado. Grande Lona arranjou um namorado maluco. O namorado de Lona é um retardado.

Mais tarde, quando Rik podia caminhar sozinho (ela ficara tão orgulhosa no dia em que ele deu seu primeiro passo, como se realmente ele tivesse um ano de idade, em vez de mais de trinta e um) e sair, sem companhia, pelas ruas da aldeia, as crianças corriam em torno dele em roda, gritando suas zombarias tolas e dando gargalhadas para ver um homem crescido cobrir seus olhos de medo e encolher-se, com nada mais que lamúrias para responder a elas. Dezenas de vezes ela tinha sido chamada para fora da casa, gritando com elas, brandindo seus grandes punhos.

Mesmo homens crescidos temiam aqueles punhos. Ela tinha derrubado seu chefe de seção com um único golpe selvagem no primeiro dia em que levara Rik para trabalhar na usina, por causa de uma obscenidade dita entredentes relativa a eles que ela ouvira por acaso. O Conselho da usina multou-a em uma semana de pagamento

pelo incidente, e poderia tê-la mandado para a Cidade para outro julgamento na corte dos Nobres, mas pela intervenção do Conselheiro, o incidente havia sido considerado uma provocação.

Então ela desejou apagar a memória que renascia em Rik. Ela sabia que não tinha nada para oferecer-lhe; era egoísmo dela querer que ele permanecesse com a mente vazia e desamparado para sempre. Era porque ninguém antes dependera tão uterinamente dela. Era por que aterrorizava-lhe um retorno à solidão.

— Tem certeza de que se lembra, Rik? — perguntou ela.

— Tenho.

Pararam no campo, com o Sol adicionando seu brilho avermelhado a tudo que os circundava. A brisa amena e perfumada da tarde logo surgiria, e os canais de irrigação, como um tabuleiro de xadrez, já começavam a purpurear.

Ele disse: — Eu posso guardar minhas lembranças quando voltam, Lona. Eu sei que eu posso. Você não me ensinou a falar, por exemplo. Eu me lembrei das palavras sozinho. Não lembrei? Não lembrei?

— Lembrou — respondeu relutante.

— Eu até me lembro das vezes em que você me levava para o campo antes que eu pudesse falar. Eu continuei lembrando de novas coisas todo o tempo. Ontem me lembrei que uma vez você apanhou uma mosca *kyrt* para mim, a manteve presa em suas mãos e me fez pôr o olho no espaço entre seus polegares para que eu pudesse vê-la cintilar púrpura e laranja na escuridão. Eu ri e tentei forçar minhas mãos entre as suas para apanhá-la, e assim ela voou e deixou-me chorando, depois de tudo. Eu não sabia que era uma mosca *kyrt* então, ou qualquer coisa a respeito dela, mas está tudo muito claro para mim agora. Você nunca me contou nada disso, contou, Lona?

Ela meneou a cabeça.

— Mas aconteceu, não? O que eu me lembro é real, não é?

— Sim, Rik.

— E agora eu me lembro de algo a meu respeito, do passado. Deve ter havido um passado, Lona

Deve ter havido. Ela sentiu apertar-lhe o coração quando pensou nisso. Era um passado diferente, nada como o agora que viviam. Tinha sido em um mundo diferente. Sabia disso porque uma palavra que ele nunca havia se lembrado era *kyrt*. Tivera que lhe ensinar a palavra para o objeto mais importante de todo o mundo de Florina.

— De que é que você se lembrou? — indagou ela.

Nisto, a excitação de Rik pareceu repentinamente morrer. Retraiu-se. — Não faz muito sentido, Lona. Somente que já tive um trabalho, e sei qual era. Pelo menos de certa forma.

— Qual era?

— Eu analisava Nada.

Ela virou-se abruptamente para ele, olhando atentamente seus olhos. Por um momento pôs a palma de sua mão sobre a testa de Rik, até que ele afastou-se, irritado. Ela disse: — Você não está com dor de cabeça outra vez, Rik, está? Há semanas você não a tem.

— Estou bem. Não me aborreça.

Os olhos de Lona baixaram, e ele ao mesmo tempo completou:

— Não quis dizer que você me aborrece, Lona. Só que eu me sinto bem e que eu não quero que você se preocupe.

Ela animou-se. — O que significa "analisar"? — Ele conhecia palavras que ela não conhecia. Sentia-se humilhada demais quando pensava quão educado ele deveria ter sido anteriormente.

Ele pensou por um momento. — Significa… significa "desmontar". Você sabe, quando nós desmontamos um separador para saber por que o feixe explorador estava fora do alinhamento.

— Ah. Mas, Rik, como pode alguém ter o trabalho de analisar coisa alguma? Isso não é trabalho.

— Eu não disse que não analisava coisa alguma. Eu disse que analisava Nada. Com N maiúsculo.

— E não é a mesma coisa? — Estava recobrando a memória, pensou. Ela estava começando a parecer estúpida para ele. Logo ele a rejeitaria com repulsa.

— Não, claro que não. — Tomou bastante fôlego. — Temo que não possa explicar ainda. É tudo de que me lembro sobre isso. Mas deve ter sido um trabalho importante. Assim me parece. Eu não poderia ter sido um criminoso.

Valona estremeceu. Ele nunca deveria ter-lhe dito isto. Ela tinha dito a si mesma que era somente para sua própria proteção que ela o prevenia, mas agora sentia que na realidade tinha sido para mantê-lo ainda mais preso a ela.

Foi quando ele tinha começado a falar. Foi tão repentino que a apavorou. Ela ainda não tinha ousado falar sobre isso com o Conselheiro. No dia de folga seguinte ela tinha reservado cinco créditos de suas economias — nunca haveria um homem para pretendê-la como dote, de forma que não importava — e levado Rik a um médico da Cidade. Ela tinha o nome e o endereço em um pedaço de papel, mas mesmo assim passou duas terríveis horas tentando encontrar o caminho para o edifício adequado através dos imensos pilares que mantinham a Cidade Superior voltada para o Sol.

Havia insistido em assistir e o médico havia feito toda a sorte de coisas terríveis com estranhos instrumentos. Quando pôs a cabeça de Rik entre dois objetos de metal e então a fez fulgir como uma mosca *kyrt* na noite, ela atirou-se a seus pés e tentou fazê-lo parar. Ele chamou dois homens que a arrastaram, lutando selvagemente.

Meia hora depois o médico foi ter com ela, alto e carrancudo. Ela

se sentia desconfortável com ele porque era um Nobre, mesmo que ele mantivesse um consultório na Cidade Inferior, mas seus olhos eram meigos, até indulgentes. Estava limpando suas mãos numa pequena toalha, que atirou numa lata de lixo, mesmo parecendo perfeitamente limpa para ela.

— Onde encontrou este homem? — perguntou ele.

Ela lhe havia contado as circunstâncias cautelosamente, reduzindo-as ao mais simples e essencial e omitindo qualquer participação do Conselheiro e dos patrulheiros.

— Então não sabe nada sobre ele?

Ela meneou a cabeça. — Nada antes disso.

— Este homem foi tratado com uma sonda psíquica. Você sabe o que é? — perguntou.

Inicialmente ela meneou novamente a cabeça, mas então disse, num sussurro ríspido: — É o que fazem com gente doida, doutor?

— E com criminosos. É feito para mudar suas mentes para seu próprio bem. Torna suas mentes saudáveis, ou anula as partes que os fazem querer roubar e matar. Você compreende?

Ela compreendia. — Rik nunca roubou nada nem machucou ninguém — disse ela, corando.

— Você o chama Rik? — Parecia divertir-se. — Agora, olhe aqui, como você sabe o que ele fazia antes que o encontrasse? E duro falar-lhe da condição de sua mente agora. A sondagem foi meticulosa e brutal. Não posso dizer-lhe quanto de sua mente foi permanentemente removido e quanto foi temporariamente perdido pelo choque. O que quero dizer é que algo voltará, como sua fala, com o tempo, mas não tudo. Deve ser mantido em observação.

— Não, não. Ele precisa ficar comigo. Estou cuidando muito bem dele, doutor.

Ele franziu as sobrancelhas, e então sua voz tomou-se mais amena. — Bem, estou pensando em você, minha menina. Nem todo o mal pode estar fora de sua mente. Você não gostaria que ele a machucasse algum dia.

Naquele momento uma enfermeira trouxe Rik. Ela o estava ninando, para aquietá-lo, como se fosse uma criança. Rik pôs uma das mãos na cabeça e correu os olhos até que se concentrassem em Valona; então estendeu suas mãos e chorou, debilmente. — Lona.

Ela correu para ele e o abraçou ternamente. Disse ao médico:

— Ele não me machucaria, não importa por quê.

— Seu caso terá que ser relatado, claro. Não sei como ele escapou das autoridades na condição em que se encontra — disse bondosamente o médico.

— Isso significa que o tomarão de mim, doutor?

— Receio que sim.

— Por favor, doutor, não faça isso. — Ela apanhou o lenço, onde estavam os cinco créditos de metal cintilante. — Eles podem ser seus, doutor. Eu cuidarei bem dele. Ele não machucará ninguém.

O médico olhou para as peças em sua mão. — Você trabalha numa usina, não?

Ela confirmou, meneando a cabeça.

— Quanto lhe pagam por uma semana?

— Dois vírgula oito créditos.

Ele jogou gentilmente as moedas para o ar, juntou-as na palma fechada de sua mão com um tilintar de metal, então entregou para ela. — Tome, garota. Não há taxa.

Ela as aceitou, indignada. — Não vai contar a ninguém, doutor?

— Receio que tenha de contar. É a lei — disse ele.

Ela se dirigiu às cegas, pesadamente, de voltà à aldeia, segurando desesperadamente Rik contra si.

Na semana seguinte foi divulgada, no noticiário do hipervideo, a morte de um médico em uma giro-colisão durante uma pequena falha em um dos feixes de força de trânsito locais. O nome era familiar e, em seu quarto, naquela noite, ela o comparou com aquele do pedaço de papel. Era o mesmo.

Ela estava triste, porque ele havia sido um bom homem. Tinha recebido seu nome uma vez havia muito tempo de outro trabalhador como o de um Nobre médico que fora bom para com os operários da usina e os amparara em emergências. E quando a emergência viera, ele fora bom para ela também. Mas uma certa alegria afogou sua dor. Ele não tivera tempo de registrar Rik. Ao menos ninguém veio à vila para investigar.

Mais tarde, quando a compreensão de Rik havia progredido, ela lhe contara o que o médico havia dito, de forma que ele permaneceria na vila e estaria seguro.

Rik a estava sacudindo e ela interrompeu seus sonhos.

— Não me ouve? Eu não poderia ser um criminoso se tivesse um trabalho importante.

— Você não poderia ter feito algo errado? — começou ela hesitantemente. — Mesmo que fosse um grande homem, você poderia ter feito. Até mesmo Nobres…

— Estou certo que não. Preciso descobrir tudo para que os outros não tenham dúvidas. Não há outro jeito. Eu tenho que deixar a usina e a vila e descobrir mais sobre mim mesma

Ela sentiu o pânico crescer. — Rik! Seria perigoso. Por que quer fazer isso? Mesmo se você analisava o Nada, por que isto é tão importante para descobrir mais?

— Por causa de outra coisa que eu lembrei.

— Que outra coisa?

Ele murmurou: — Não quero contar-lhe.

— Você deve contar a alguém. Poderia esquecer de novo.

Ele agarrou seu braço. — Está bem. Você não contará a mais ninguém, certo, Lona? Você só será minha memória sobressalente para o caso de eu esquecer.

— Certo, Rik.

Rik olhou á sua volta. O mundo era lindo demais. Valona uma vez lhe contara que havia um enorme letreiro luminoso na Cidade Superior, mais precisamente quilômetros acima dela, que dizia: “De todos os Planetas da Galáxia, Florina é o mais lindo”,

E quando olhava em torno de si, podia acreditar nisso.

Disse: — É algo terrível de lembrar, mas lembro-me agora com clareza. Veio esta tarde.

— Sim?

Ele a estava encarando com horror. — Todos vão morrer. Todos em Florina.

2. O Conselheiro

Myrlyn Terens estava removendo um livrofilme da prateleira quando a campainha da porta soou. As linhas de seu rosto rechonchudo, que até então evidenciavam reflexão, agora desapareceram e mudaram para a expressão mais usual de delicada cautela. Passou a mão pelos cabelos finos, avermelhados, e gritou: — Um minuto!

Recolocou o filme e pressionou o contato que permitia que a tampa retomasse à posição original, tornando-se indistinguível do resto da parede. Para os simples operários e colonos com quem lidava, era uma questão de vago orgulho que um dos seus, por nascimento ou menos, possuísse filmes. Iluminava, através de tênue reflexão, a densa escuridão de suas próprias mentes. E contudo não poderia expor os filmes abertamente.

A visão deles estragaria certas coisas. Teria congelado suas nada articuladas línguas. Poderiam gabar-se dos livros de seu Conselheiro, mas a presença real deles ante seus olhos teria feito Terens parecer demais um Nobre.

Havia, claro, os Nobres também. Era improvável ao extremo que quer um deles o visitasse socialmente em sua casa, mas se um deles tivesse de entrar, uma fileira de filmes à vista seria injuriosa. Ele era um Conselheiro e por isso tinha certos privilégios, mas nunca deveria ostentá-los.

Gritou novamente: — Estou indo!

Desta vez caminhou para a porta, fechando a parte superior de sua túnica enquanto andava. Mesmo sua vestimenta era um pouco como as dos Nobres. Algumas vezes quase se esquecia de que havia nascido em Florina.

Valona March estava no degrau da porta. Dobrou seus joelhos e abaixou a cabeça em um cumprimento respeitoso.

Terens abriu mais a porta. — Entre, Valona. Sente-se. Certamente passa da hora de recolher. Espero que os patrulheiros não a tenham visto.

— Eu acho que não, Conselheiro.

— Bem, esperemos que não. Você tem um registro ruim, você sabe.

— Sei, Conselheiro. Sou muito grata pelo que o senhor fez por mim no passado.

— Ora, esqueça. Venha, sente-se. Gostaria de algo para beber ou para comer?

Ela sentou-se, com as costas eretas, na beira de uma cadeira e meneou a cabeça. — Não, obrigada, Conselheiro. Já comi.

Era de bom tom entre os habitantes da vila oferecer um lanche. Não o era aceitar. Terens sabia disso. Não insistiu.

— Qual é o problema agora, Valona? Rik novamente? — disse. Valona confirmou com a cabeça, mas parecia estar confusa para outras explicações.

— Ele está com problemas na usina? — perguntou Terens.

— Não, Conselheiro.

— As dores de cabeça outra vez?

— Não, Conselheiro.

Terens esperava, seus olhos brilhantes contraíam-se e tornavam-se penetrantes. — Bem, Valona, você não espera que eu adivinhe seu problema, não? Vamos, fale ou não poderei ajudá-la. Você quer ajuda, suponho.

Ela disse: — Quero,Conselheiro — e então explodiu: — Como vou contar-lhe, Conselheiro? Parece loucura.

Terens teve um impulso de afagar seu ombro, mas sabia que ela se esquivaria ao toque. Estava sentada, como sempre, com suas grandes mãos enterradas, tanto quanto possível, no vestido. Notou que seus dedos grossos, fortes, estavam entrelaçados e torcendo-se lentamente.

— Ouvirei, o que quer que seja — disse ele.

— O senhor se lembra, Conselheiro, quando vim aqui contar-lhe sobre o médico da Cidade e o que ele havia dito?

— Lembro-me, Valona. E me lembro de ter-lhe dito que você nunca deveria fazer nada daquilo novamente sem me consultar. Está lembrada?

Ela abriu completamente os olhos. Não precisava de estímulo para recobrar sua irritação. — Eu nunca iria fazer uma coisa daquelas novamente,Conselheiro. Eu só quero lembrá-lo de que o senhor disse que faria tudo para me ajudar a ficar com Rik.

— E farei. Bem, então, os patrulheiros têm perguntado por ele?

— Não. Ah, Conselheiro, o senhor acha que eles poderiam perguntar?

— Estou certo de que não perguntarão. — Estava perdendo a paciência. — Agora, vamos, Valona, diga-me qual é o problema.

Seus olhos se entristeceram. — Conselheiro, ele diz que vai me deixar. Eu quero que o senhor o impeça.

— Por que ele quer deixá-la?

— Ele diz que está relembrando coisas.

O interesse surgiu na face de Terens. Inclinou-se para a frente e quase agarrou a mão de Valona. — Relembrando coisas? Que coisas?

Terens lembrou-se do dia em que Rik fora encontrado. Vira os garotos agrupados próximo a uma das valas de irrigação nos limites da Cidade. Haviam elevado suas vozes estridentes para chamar sua

atenção.

— Conselheiro! Conselheiro!

Passou a correr. — O que há, Rasie? — Tinha se proposto a aprender os nomes dos garotos quando veio para a Cidade. Saía-se bem com as mães e tomava o primeiro ou os dois primeiros meses mais fáceis.

Rasie estava olhando angustiado. — Olhe aqui, Conselheiro — disse.

Estava apontando para algo branco e que se contorcia, e era Rik. Os outros meninos gritavam ao mesmo tempo numa confusa tentativa de explicação. Terens pôde entender que estavam jogando algo que envolvia correr, esconder-se e procurar. Estavam decididos a contar-lhe o nome do jogo, sua evolução, o ponto em que haviam sido interrompidos, com um leve argumento complementar relativo a exatamente quem ou que lado estava "ganhando". Tudo isso não importava, é claro.

Rasie, um garoto de doze anos e cabelos negros, ouvira um murmúrio e se aproximara cautelosamente. Esperava um animal, talvez um rato do campo que proporcionasse uma boa caçada. Encontrara Rik.

Todos os meninos encontravam-se entre uma óbvia náusea e uma igualmente óbvia fascinação quanto à estranha visão. Era um ser humano adulto, quase nu, com o queixo molhado de saliva, lamuriando e chorando debilmente, braços e pernas movendo-se a esmo. Desbotados olhos azuis vagavam num rosto coberto por uma barba crescida. Por um momento os olhos encontraram os de Terens e pareceram enfocá-los. Lentamente o polegar do homem levantou-se e inseriu-se em sua boca.

Uma das crianças zombou. — Olhe, Conselheiro. Tá chupando o dedo!

O grito repentino fez estremecer a figura debruçada. Seu rosto corou e se contorceu. Uma fraca lamúria, não acompanhada de lágrimas, foi ouvida, mas seu polegar permaneceu onde estava. Mostrava-se molhado e rosado em contraste com o resto de sua mão imunda.

Terens demonstrou seu próprio entorpecimento pela visão. — Tudo bem — disse. — Olhem, amigos, não devem ficar correndo para lá e para cá aqui no campo *kyrt*. Estão estragando a plantação e vocês sabem o que isto significará se os colonos pegarem vocês. Vão andando, e mantenham-se quietos quanto a isto. E ouça, Rasie, corra até o Sr. Jencus e mande-o vir aqui.

Ull Jencus era a pessoa mais próxima de um médico que a cidade possuía. Trabalhara algum tempo como aprendiz no consultório de um médico da Cidade e, por isso, fora liberado do serviço nas fazendas ou

nas usinas. Não trabalhava muito mal. Podia tomar temperaturas, ministrar pílulas, aplicar injeções e, o mais importante, poderia dizer quando algum tumulto era suficientemente sério para justificar uma ida ao hospital da Cidade. Apesar do amparo semi-profissional, os infelizes atingidos por meningite raquidiana ou apendicite aguda poderiam sofrer intensamente, mas não por muito tempo. Por assim dizer, os capatazes resmungavam e acusavam Jencus de ser cúmplice das conspirações em que fingiam doença para fugir do trabalho.

Jencus ajudou Terens a colocar o homem no reboque da aeromoto e, tão discretamente quanto pudessem, leva-lo-iam para a cidade.

Juntos levaram a sujeira acumulada e endurecida. Não havia nada a ser feito com o cabelo. Jencus raspou todo o corpo e fez o que podia em termos de exame físico.

Jencus disse: — Nenhuma infecção qu'eu possa distinguir, Conselheiro. Ele tem sido alimentado. As costelas não estão muito saltadas. Eu não sei o que fazer com ele. Como acha que ele veio parar aqui, Conselheiro?

Fez a pergunta com um tom pessimista, como se ninguém pudesse esperar que Terens tivesse uma resposta para tudo. Terens aceitou-a filosoficamente. Quando uma vila perde o Conselheiro, a quem se acostumara em um período de quase cinqüenta anos, um recém-chegado de tenra idade deve esperar um período de transição de suspeita e desconfiança. Não havia nisso nada de pessoal.

— Não sei — respondeu Terens.

— Não pode andar, s'or sabe. Não pode dar um passo. Teve que ser colocado lá. Quase não posso entender, parece um bebê. Tudo parece não ter sentido.

— Há alguma doença que tenha este efeito?

— Nenhuma, que eu saiba. Pode ser doença da cabeça, mas eu não sei nada a respeito. Problema de cabeça eu mandava pra Cidade. S'or já viu esse aí antes, Conselheiro?

Terens sorriu e disse gentilmente: — Eu só estou aqui há um mês.

Jencus suspirou e pegou seu lenço. — É, o velho Conselheiro, ele era um homem fino. Cuidou bem da gente, cuidou. Eu tô aqui faz uns sessenta anos, e nunca vi esse camarada antes. Deve de ser d'outra cidade.

Jencus era um homem gorducho. Parecia ter nascido gorducho, e se a esta tendência natural fora adicionado o efeito de uma vida grandemente sedentária, não era surpreendente que tendesse a pontuar até mesmo pequenas frases com arfadas e um gesto mais precisamente fútil à sua brilhante testa com seu grande lenço vermelho.

Ele disse: — Não sei exatamente o que falar pros patrulheiros.

Os patrulheiros viriam, com certeza. Era inevitável. Os meninos

contariam a seus pais; seus pais contariam uns aos outros. A vida na Cidade era calma demais. Mesmo isso seria suficientemente incomum para valer a pena contar em todas as combinações possíveis de informantes e informados. Em todas as conversas, os patrulheiros não poderiam deixar de ouvir e interrogar.

Os chamados patrulheiros eram membros da Patrulha de Florina. Não eram nativos de Florina e, por outro lado, não eram conterrâneos dos Nobres do planeta Sark. Eram simplesmente mercenários em que se poderia confiar para manter a ordem pelo amor ao seu soldo e nunca seriam levados ao descrédito da simpatia por florinianos através de quaisquer laços de sangue ou nascimento.

Havia dois deles e um dos capatazes da usina veio ter com eles, na plenitude de sua minúscula autoridade.

Os patrulheiros estavam entediados e indiferentes. Um idiota descuidado poderia tomar parte do dia de trabalho, mas certamente não era uma parte excitante. Um deles disse ao capataz: — Bem, quanto tempo você leva para fazer uma identificação? Quem é este homem?

O capataz balançou energicamente a cabeça. — Eu nunca o tinha visto, oficial. Não é daqui!

O patrulheiro virou-se para Jencus. — Algum documento com ele?

— Não, senhor. Ele só tinha uns trapos no corpo. Queimei eles pra evitar infecção.

— O que há de errado com ele?

— Sem juízo, quase não posso entender.

Neste ponto, Terens afastou os patrulheiros. Por estarem entediados, foram complacentes. O patrulheiro que fizera as perguntas guardou sua caderneta e disse: — Está bem, não vale mesmo a pena fazer um registro. Não temos mais nada a fazer, livrem-se dele.

Então, foram-se.

O capataz permaneceu. Era um homem sardento, de cabelo vermelho, com um bigode grande e hirsuto. Fora um capataz de princípios rígidos por cinco anos, o que indicava que sua responsabilidade para o preenchimento da quota em sua usina repousava pesadamente sobre seus ombros.

— Olhe aqui — disse ferozmente. — O que deve ser feito com isto? Essa maldita gente está muito ocupada falando, ninguém mais trabalha.

— Manda ele pro hospital da Cidade, eu não posso resolver o caso — disse Jancus, brandindo seu lenço diligentemente. — Não há nada qu'eu possa fazer.

— Pra Cidade! — O capataz estava pasmado. — Quem vai pagar? Quem vai assumir as contas? Ele não é dos nossos, é?

— Nem imagino quem seja — admitiu Jencus.

— Então por que deveríamos pagar? Descubra de onde ele veio. Deixe a sua cidade pagar.

— Como vamos descobrir? Diga-me, como?

O capataz meditou. Umedeceu os lábios com a língua e alisou o espesso bigode avermelhado. Disse: — Então, só o que temos a fazer é nos livrarmos dele. Como o patrulheiro falou.

Terens interrompeu. — Olhe aqui. O que você quer dizer com isso?

— Ele poderia muito bem ser morto — disse o capataz. — Seria um ato de caridade.

— Você não pode matar uma pessoa que ainda tem chances de vida — disse Terens.

— Suponho que você me diga o que fazer, então.

— Uma das pessoas da Cidade não pode cuidar dele?

— Quem quereria? Você?

Terens ignorou a atitude abertamente insolente. — Eu tenho outro trabalho a fazer.

— Todos têm. Não creio que alguém negligencie o trabalho na usina para cuidar desse maluco.

Terens suspirou, e falou sem rancor: — Agora, Capataz, sejamos razoáveis. Se você não atingir a cota deste período, eu poderei supor que foi devido a um de seus operários estar tomando conta deste pobre sujeito, e falaria abertamente sobre você aos Nobres. De outro modo, só diria que não conhecia a razão pela qual você não atingiu a cota, caso você não dê jeito nisso.

O capataz tomou-se carrancudo. O Conselheiro estava aqui somente há um mês, e já estava interferindo na vida de homens que sempre viveram na Cidade. Além disso, tinha um cartão marcado com os sinais dos Nobres. Não o faria ficar tão abertamente contra ele por muito tempo.

Disse: — Mas quem o acolheria? — Uma horrível suspeita o afligia. — Eu não posso. Tenho três filhos pra cuidar e minha mulher não está bem.

— Eu não sugeri que você o fizesse.

Terens olhou pela janela. Agora que os patrulheiros haviam saído, a multidão que murmurava e se contorcia aproximou-se mais da casa do Conselheiro. A maior parte dela era de jovens, muito jovens para estarem trabalhando, outros eram colonos das fazendas mais próximas. Uns poucos eram operários das usinas, fora de seus turnos.

Terens viu a grande garota na orla da multidão. Ele a tinha notado com freqüência no mês que se passara. Forte, competente e trabalhadora. Boa inteligência natural escondida pela expressão infeliz. Se fosse um homem, poderia ter sido escolhida para o

treinamento para Conselheiro. Mas era uma mulher; pais mortos, e comum o bastante para impedir interesses de fundo romântico. Uma mulher solitária, em outras palavras, e provavelmente permaneceria assim.

— Que me diz dela? — disse.

O capataz olhou-a, e então rugiu: — Maldita. Deveria estar trabalhando.

— Está bem. — Terens sossegou-o. — Quem é ela?

— É Valona March.

— Sim. Lembro-me agora. Chame-a.

A partir daquele momento Terens fizera de si mesmo um guardião não-oficial do casal. Fizera o que podia para obter rações alimentares adicionais para ela, cupons de vestuário extras e o que mais fosse necessário para permitir que dois adultos (um não registrado) vivessem com a renda de um. Fora útil ao auxiliá-la a obter treinamento para Rik nas usinas kyrt. Intervira para evitar punição maior na ocasião da briga de Valona com um chefe de seção. A morte do médico da Cidade tornara desnecessárias outras atitudes além das que tomara, mas estivera preparado.

Era natural para Valona vir ter com ele todas as vezes em que havia problemas, e agora estava esperando que ela respondesse à sua pergunta.

Valona ainda estava hesitante. Finalmente falou: — Ele disse que todos no mundo irão morrer.

Terens olhou-a, surpreso. — Ele disse como?

— Ele não sabe como. Só diz que lembra que antes era como, o senhor sabe, como ele é. E diz que lembra que tinha um trabalho importante, mas eu não entendo o que seja.

— Como ele o descreve?

— Ele diz que an… analisa o Nada com N maiúsculo.

Valona esperou um comentário, então apressou-se a explicar: — Analisar significa desmontar alguma coisa, como…

— Eu sei o que significa, menina. — Terens permanecia confuso.

Valona observava-o ansiosamente. — O senhor sabe o que ele quer dizer, Conselheiro?

— Talvez, Valona.

— Mas, Conselheiro, como pode alguém fazer algo para Nada?

Terens pôs-se de pé. Sorriu brevemente. — Por que, Valona, você não sabe que tudo em toda a Galáxia é principalmente Nada?

A luz da compreensão não despontou em Valona, mas ela aceitou o fato. O Conselheiro era um homem muito educado. Com uma inesperada pontada de orgulho, estava repentinamente certa de que seu Rik era ainda mais educado.

— Venha. — Terens estendia sua mão para ela.

— Para onde estamos indo? — quis saber ela.

— Bem, onde está Rik?

— Em casa — disse ela. — Dormindo.

— Bem. Levarei você até lá. Quer que os patrulheiros a encontrem sozinha na rua?

A vila parecia sem vida, à noite. Ao longo da única rua que dividia a área das cabanas dos trabalhadores em duas, as luzes bruxuleavam sem brilho. Havia uma insinuação de chuva no ar, mas somente da leve chuva morna que freqüentemente caía à noite. Não havia necessidade de temê-la.

Valona nunca havia estado fora de casa tarde da noite de um dia de trabalho e estava apavorada. Tentava recuar ao som de seus próprios passos, enquanto tentava ouvir possíveis passos distantes dos patrulheiros.

— Pare de tentar andar nas pontas dos pés, Valona. Eu estou com você — disse Terens, procurando acalmá-la.

Sua voz retumbou na quietude e Valona pulou. Ela precipitou-se à frente em resposta à premência de Terens.

A cabana de Valona era tão escura quanto as outras; entraram cautelosamente. Terens havia nascido e crescido numa cabana exatamente igual àquela, e embora posteriormente tivesse vivido em Sark e agora ocupasse uma casa com três aposentos, havia ainda algo de nostálgico na aridez de seu interior. Um cômodo, com uma cama, um armário com gavetas, duas cadeiras, chão de cimento liso, um sanitário em um canto, era o suficiente.

Não havia necessidade de uma cozinha, já que todas as refeições eram preparadas na usina, nem de um banheiro, pois uma linha de latrinas e chuveiros estendia-se ao longo do espaço entre as casas. No clima ameno e invariável, as janelas não eram adequadas para a proteção contra o frio e a chuva. Todas as quatro paredes eram cortadas por aberturas protegidas por telas e o beiral era suficiente para desviar o chuvisco noturno, quando não havia vento.

À luz de uma pequena lanterna manual, Terens notou que um canto da sala era demarcado por uma velha tela. Lembrou-se de tê-la dado a Valona ainda recentemente quando Rik tornara-se alguém com muito pouco de criança e muito de homem. Ele podia ouvir a respiração regular do sono através dela.

Inclinou sua cabeça na direção da tela. — Acorde-o, Valona.

Valona bateu levemente na tela. — Rik! Rik, nenê!

Houve um pequeno choramingar.

— É Lona — disse ela. Contornaram a tela e Terens dirigiu a luz da sua lanterna para seus próprios rostos, e depois para Rik.

Rik protegeu o rosto contra o clarão com um braço. — O que é que há?

Terens sentou-se na beirada da cama. Notou que Rik dormia na cama-padrão das cabanas. Ele havia obtido para Valona uma velha e frágil cama, mas ela a reservara para si mesma.

— Rik — disse —, Valona diz que você está começando a recobrar a memória.

— Estou, Conselheiro. — Rik era sempre muito modesto ante o Conselheiro, que era a pessoa mais importante que já vira. Mesmo o superintendente da usina era polido com o Conselheiro. Rik repetiu os fragmentos de sua mente que reunira durante o dia.

— Você se lembrou de mais alguma coisa depois que contou isto para Valona? — inquiriu Terens.

— Mais nada, Conselheiro.

Terens massageou os dedos das mãos. — Certo, Rik. Volte a dormir.

Valona acompanhou-o até a porta. Tentava não encará-lo, e as costas de uma mão áspera deslizou por seus olhos. — Ele me abandonará, Conselheiro?

Terens tomou suas mãos e disse gravemente: — Você precisa comportar-se como uma mulher crescida, Valona. Ele terá de vir comigo só por pouco tempo, mas eu o trarei de volta.

— E depois?

— Eu não sei. Você deve entender, Valona. Certamente, o que importa agora é descobrirmos mais a respeito das lembranças de Rik.

Valona disse repentinamente: — O senhor quer dizer que todos em Florina poderiam morrer, como ele diz?

As mãos de Terens se apertaram. — Nunca diga isto a ninguém, Valona, ou os patrulheiros poderão levar Rik para sempre.

Virou-se e caminhou lenta e pensativamente de volta a sua casa sem realmente notar que suas mãos estavam trêmulas. Tentou em vão dormir e após uma hora ajustou o narco-indutor. Era uma das poucas peças de Sark que trouxera consigo quando retornara a Florina para tornar-se Conselheiro. Ajustou-se em sua cabeça como um boné de feltro negro, fino. Ajustou os controles para cinco horas e ligou o aparelho.

Teve tempo de acomodar-se confortavelmente na cama antes que a resposta do aparelho apagasse os centros de consciência de seu cérebro e o mergulhasse em sono instantâneo, sem sonhos.

3. A Bibliotecária

Deixaram a aeromoto diamagnética em um abrigo fora da Cidade. As aeromotos eram raras na Cidade e Terens não desejava atrair atenção desnecessária. Pensou, encolerizado por um momento, nos moradores da Cidade Superior com seus carros diamagnéticos terrestres e girocarros antigravitacionais. Mas isto era na Cidade Superior. Era diferente.

Rik esperava por Terens para trancar o abrigo com suas impressões digitais. Estava vestindo um novo traje de uma peça única e sentia-se um tanto desconfortável. Obstinadamente seguiu o Conselheiro sob a primeira das altas estruturas, semelhantes a pontes, que suportavam a Cidade Superior.

Em Florina, todas as outras cidades possuíam nomes, mas esta era simplesmente a “Cidade”, Os operários e camponeses que viviam nela ou ao redor eram considerados afortunados pelo resto do planeta. Na Cidade havia melhores médicos e hospitais, mais fábricas e mais lojas de bebidas, até mesmo uns poucos pontos de verdadeiro luxo. Os habitantes, propriamente, eram um pouco menos entusiastas. Viviam à sombra da Cidade Superior.

A Cidade Superior era exatamente o que seu nome implicava, pois era dupla, dividida rigidamente por uma plataforma horizontal de cinqüenta quilômetros quadrados de cimentoliga que repousava sobre cerca de vinte mil pilares com vigamento de aço. Abaixo, nas sombras, estavam os “nativos”. Acima, ao sol, estavam os Nobres. Era difícil acreditar, na Cidade Superior, que o planeta onde se localizava era Florina. À população era composta quase exclusivamente de sarkianos, juntamente com um pequeno número de patrulheiros. Eram a classe superior em todos os sentidos.

Terens conhecia seu caminho. Caminhava rapidamente, evitando os olhares fixos dos transeuntes, que examinavam seu traje de Conselheiro com uma mistura de inveja e ressentimento. As pernas mais curtas de Rik tomavam seu andar menos digno que o que tentava manter. Não se lembrava muito de sua única outra visita à Cidade. Parecia bastante diferente agora. Estava sombria. Agora o Sol aparecia, fluindo através das aberturas espaçadas no cimentoliga acima para formar faixas de luz que tornavam o espaço entre elas ainda mais escuro. Precipitaram-se através das faixas brilhantes numa forma rítmica, quase hipnótica.

Os velhos estavam sentados em cadeiras de rodas nas faixas, absorvendo o calor e movendo-se quando as faixas moviam-se. Algumas vezes adormeciam e permaneceriam à sombra, cochilando em suas cadeiras, até que o rangido das rodas, ao mudarem de

posição, os acordasse. Ocasionalmente mães quase obstruíam as faixas com os carrinhos de seus bebês.

— Agora, Rik, fique ereto. Vamos subir — disse Terens.

Estava parado ante uma estrutura que preenchia o espaço entre quatro pilares que formavam um quadrado, entre o chão e a Cidade Superior.

— Estou espantado — disse Rik.

Rik podia adivinhar o que era a estrutura. Era um elevador que levava à Cidade Superior.

Logicamente era necessário. Produzia-se embaixo, mas consumia-se em cima. As substâncias químicas básicas e os gêneros de primeira necessidade crus eram despachados para a Cidade Inferior, mas artigos manufaturados plásticos de bom acabamento e refeições requintadas eram coisas para a Cidade Superior. A população aumentava excessivamente na Cidade Inferior; cozinheiros, jardineiros, motoristas, operários de construção eram utilizados em cima.

Terens ignorou a expressão assustada de Rik. Estava pasmado por seu próprio coração bater tifo violentamente. Não por medo, claro. Mais precisamente uma satisfação selvagem por estar subindo. Pisaria todo o sagrado cimentoliga, deixaria rastros, rasparia a sujeira de seus pés nele. Poderia fazer isso porque era um Conselheiro. Claro que ainda era somente um nativo de Florina para os Nobres, mas era um Conselheiro e poderia pisar o cimentoliga onde mais lhe agradasse.

Galáxia, ele os odiava!

Estancou, tomou bom fôlego e chamou o elevador. Não havia utilidade em pensar em ódio. Estivera muitos anos em Sark; no próprio Sark, o centro e lugar de origem dos Nobres. Aprendera a agüentar em silêncio. Não deveria agora esquecer o que aprendera. Qualquer outra hora, não agora.

Ouviu o zunido do elevador ajustando-se ao pavimento inferior, e viu a porta à sua frente ser engolida pela abertura do piso.

O nativo que operava o elevador olhou com desagrado. — Só dois de vocês.

— Só dois — disse Terens, entrando. Rik o seguiu.

O operador não fez qualquer movimento para retornar a porta à sua posição original. — Acho que vocês, rapazes, poderiam esperar pela carga das duas horas e subir com ela — disse ele. — Eu não devo fazer esta coisa ir para cima e para baixo só para dois caras. — Cuspiu com cuidado, certificando-se que o escarro não atingisse o chão de seu elevador e sim o concreto do piso inferior.

— Onde estão seus cartões de identificação? — continuou.

— Sou um Conselheiro. Não dá para perceber por minhas roupas? — disse Terens.

— Roupas não querem dizer nada. Ouça, você pensa que eu

arriscaria meu emprego sabendo que você poderia ter arranjado um uniforme em algum lugar? Onde está seu cartão?

Terens, sem responder, apresentou o documento-padrão que todos os nativos tinham de portar durante todo o tempo: número de registro, certificado de emprego, recibos de impostos. Terens indicou-lhe sua licença de Conselheiro. O operador a examinou brevemente.

— Bem, talvez você a tivesse arranjado, também, mas não é da minha conta. Você a tem e eu deixarei você passar, embora Conselheiro seja só um nome elegante para um nativo, pelo meu modo de entender. Que me diz desse outro cara?

— Está sob minha responsabilidade — disse Terens. — Pode vir comigo, ou deve chamar um patrulheiro e verificar as leis?

Era a última coisa que Terens queria, mas sugeriu-a com a adequada arrogância.

— Está certo! Não precisa ficar zangado. — A porta do elevador subiu e com um tranco também o elevador. O operador resmungou terrivelmente a meia-voz.

Terens sorriu tensamente. Era quase inevitável. Aqueles que trabalhavam diretamente para os Nobres somente alegravam-se quando identificavam-se de acordo com as leis e compensavam sua inferioridade real com uma adesão mais rígida às regras de segregação, uma atitude mais ríspida e arrogante ante seus camaradas. Eram os "superiores", a quem os outros florinianos reservavam seu ódio particular, diferenciado do temor cuidadosamente doutrinado que sentiam pelos Nobres.

A distância vertical percorrida era de dez metros, mas a porta abriu-se desta vez para um novo mundo. Como as cidades nativas de Sark, a Cidade Superior era planejada com ênfase especial para a cor. Estruturas individuais, fossem habitações ou edifícios públicos, eram inseridas em um intrincado mosaico multicolorido que, à proximidade, era uma miscelânea sem sentido, mas que a uma distância de cem metros formava um suave agrupamento de matizes que fundiam-se ou variavam com o ângulo de visão.

— Venha, Rik — disse Terens.

Rik olhava fixamente, com os olhos arregalados. Nada vivo, nada crescendo! Somente pedras e cores em massas imensas. Nunca imaginara que as casas pudessem ser tão grandes. Algo agitou-se momentaneamente em sua mente. Por um segundo a imensidão não parecera tão estranha… E então a memória cerrou-se novamente.

Um carro terrestre passou zunindo.

— Aqueles são Nobres? — Rik sussurrou.

Houve tempo somente para um vislumbre. Cabelos cortados rente, mangas rodadas, largas, de cores brilhantes, consistentes, entre azul e violeta, calções presos à altura dos joelhos de uma aparência

aveludada, meias finas que cintilavam como se fossem envolvidas por fino fio de cobre. Não lançaram olhares para Rik e Terens.

— Jovens — disse Terens. Não os havia visto tão próximos desde que deixara Sark. Em Sark eram bastante perversos, mas ao menos estavam em sua terra. Anjos não se encaixariam aqui, dez metros acima do inferno. Novamente contorceu-se para abafar um inútil tremor de ódio.

Um autoplano de dois lugares sibilou atrás deles. Era um modelo novo que possuía controles aéreos embutidos. Naquele momento estava deslizando suavemente cinco centímetros acima da superfície, sua brilhante base plana com todas as bordas voltadas para cima para eliminar a resistência do ar. Ainda, o choque do ar contra sua superfície inferior era suficiente para produzir o sibilo característico, que significava "patrulheiros".

Eram grandes, todos os patrulheiros o eram; rostos cheios, maxilares largos, cabelos negros lisos e longos, levemente morenos. Para os nativos, todos os patrulheiros se pareciam. O negro acentuado de seus uniformes, realçado como estava pelo prateado chocante de fivelas e botões ornamentais estrategicamente colocados, diminuíam a importância do rosto e estimulavam ainda mais a impressão de semelhança.

Um patrulheiro estava nos controles. O outro saltou agilmente a borda rasa do carro.

Disse: — Documentos! — olhou-os mecânica e rapidamente e jogou-os de volta para Terens. — O que quer aqui?

— Pretendo consultar a biblioteca, Oficial. É meu privilégio.

O patrulheiro voltou-se para Rik. — E quanto a você?

— Eu… — começou Rik.

— Ele é meu assistente — interpôs Terens.

— Ele não tem privilégios de conselheiros — disse o patrulheiro.

— Eu serei responsável por ele.

O patrulheiro deu de ombros. — O problema é seu. Os Conselheiros têm privilégios, mas não são Nobres. Lembre-se disso, cara.

— Sim, Oficial. A propósito, poderia indicar-me a biblioteca?

O patrulheiro a indicou, utilizando o cano delgado, mortífero, de sua pistola de agulha para indicar a direção.

Do ângulo em que se encontravam, a biblioteca era um borrão vermelho-brilhante aprofundando.se para o carmesim próximo ao pavimento superior. Quando se aproximaram, o carmesim insinuou-se para baixo.

Rik disse com repentina veemência. — Acho isto feio.

Terens deu-lhe uma olhada rápida, surpreso. Fora acostumado a tudo isto em Sark, mas, também, achava a ornamentação da Cidade

Superior um pouco vulgar. Todavia, a Cidade Superior era mais Sark que o próprio Sark. Em Sark, nem todos os homens eram aristocratas. Havia até mesmo sarkianos pobres, alguns deles com vida apenas um pouco melhor que a do floriniano médio. Aqui existia somente o topo da pirâmide, e a biblioteca mostrava isso.

Era maior que todas, com exceção de umas poucas do próprio Sark, e muito maior que a Cidade Superior necessitava, o que mostrava as vantagens do trabalho barato. Terens fez uma pausa na rampa curva que conduzia à entrada principal. O esquema de cores da rampa dava a impressão de degraus, um pouco desconcertantes para Rik, que dava passos em falso, mas dava à biblioteca o adequado ar de arcaísmo que tradicionalmente acompanhava as estruturas acadêmicas.

O saguão principal era grande, frio, e tudo, mas vazio. A bibliotecária atrás da única escrivaninha que continha parecia uma ervilha pequena, um pouco enrugada, em uma vagem inchada. Ela levantou os olhos e ergueu-se um pouco.

Terens disse rapidamente: — Sou um Conselheiro. Privilégios especiais. Eu sou responsável por este nativo. — Tinha seus documentos prontos e os pôs ante si.

A bibliotecária sentou-se e olhou severamente. Puxou uma lâmina de metal de uma fenda e empurrou-a para Terens. O Conselheiro colocou seu polegar direito firmemente sobre ela. A bibliotecária pegou a lâmina e a colocou em outra fenda onde uma obscura luz violeta brilhou brevemente.

— Sala 242 — disse.

— Obrigado.

Os cubículos do segundo andar tinham aquela frígida falta de personalidade de qualquer elo numa corrente sem fim. Algumas estavam cheias, suas portas de glassite foscas e opacas. A maioria, não.

— Dois quatro dois — disse Rik. Sua voz era guinchante.

— O que há,Rik?

— Não sei. Eu me sinto muito excitado.

— Já esteve numa biblioteca antes?

— Não sei.

Terens colocou seu polegar no disco de alumínio que, cinco minutos antes, fora sensibilizado por seu polegar. A porta de vidro claro abriu-se e, quando caminharam para dentro, fechou-se silenciosamente e, como se uma veneziana fosse fechada, tomou-se opaca.

A sala tinha dois metros quadrados, sem janelas ou adornos. Era iluminada pelo lustre que emitia luz difusa, e ventilada por um ventilador de circulação forçada. Seus únicos móveis eram uma escrivaninha que se estendia de parede a parede e um banco

almofadado sem encosto entre a escrivaninha e a porta. Na escrivaninha havia três leitores. Tinham frente de vidro fosco inclinados para trás de 30 graus. Ante cada um deles estavam os vários controles da tela.

— Você sabe o que é isto? — Terens sentou-se e colocou sua mão macia e roliça sobre um dos leitores.

Rik sentou-se também.

— Livros? — perguntou ansiosamente.

— Bem. — Terens parecia incerto. — Isto é uma biblioteca; seu palpite não está totalmente certo. Você sabe como operar o leitor?

— Não. Eu acho que não, Conselheiro.

— Está certo disso? Pense um pouco sobre isso.

Rik tentou valentemente. — Sinto muito, Conselheiro.

— Então mostrarei a você. Olhe! Primeiro, você vê, há este botão, marcado "Catálogo" com o alfabeto impresso em torno dele. Já que queremos primeiro a enciclopédia, vamos girar o botão até E e pressioná-lo para baixo.

Assim o fez e algumas coisas apareceram ao mesmo tempo. O vidro fosco brilhou, criando vida, e nele apareceram impressões. Realçava o negro sobre o amarelo conforme escurecia a luz do teto. Três painéis homogêneos moviam-se, com outras tantas línguas, um para cada leitor, e cada qual era centrado por um facho de luz fixo.

Terens acionou uma chave reversível e os painéis moveram-se de volta a seus recessos.

— Não tomaremos notas — disse.

Então continuou. — Agora podemos correr a relação do E girando este botão.

A longa linha alfabética de matérias, títulos, autores, números de catálogo moveu-se rapidamente para cima e então parou na coluna que relacionava os numerosos volumes da enciclopédia.

Rik disse de repente: — Você aperta os números e as letras depois do livro que você quer nesses pequenos botões que aparecem na tela.

Terens virou-se para ele. — Como sabe disso? Você se lembra?

— Talvez. Não estou certo. Só parece a coisa certa.

— Bem, chame isso de palpite inteligente.

Introduziu uma combinação alfanumérica. A luz na tela enfraqueceu, então aumentou novamente. Disse: "Enciclopédia de Sark, Volume 54, Sol-Spec".

— Agora observe, Rik — disse Terens. — Eu não quero pôr qualquer idéia na sua cabeça. Só quero que você examine este volume e pare em qualquer coisa que lhe pareça familiar. Você entende?

— Entendo.

— Bom. Agora é a sua vez.

Os minutos se passavam. Subitamente, Rik arfou e começou a

girar os controles para trás.

Quando parou, Terens leu o título e olhou satisfeito. — Lembra-se agora? Isto não é um palpite? Você se lembra?

Rik aprovou com a cabeça, vigorosamente. — Lembro, Conselheiro. Muito rápido.

Lia-se o artigo: Análise espacial.

— Eu não sei o que quer dizer — disse Rik. — Você verá, você verá. — Estava tendo dificuldade para respirar normalmente e Terens, por sua vez, estava quase igualmente excitado.

— Veja — disse Rik — eu sempre afirmei isto.

Lia alto, vacilante, mas de uma maneira muito mais competente que a que poderia ser computada às superficiais lições de leitura que recebera de Valona. O artigo dizia:

"Não é surpreendente que o analista espacial seja por temperamento um indivíduo introvertido e, com bastante freqüência, mal ajustado. Devotar a maior parte de sua vida adulta ao solitário registro do terrível vazio entre as estrelas é mais do que o que pode ser pedido a alguém inteiramente normal. É talvez com certa compreensão disso que o Instituto Analítico.espacial adotou como seu slogan oficial a afirmação, um tanto deturpada, *Nós Analisamos Nada"*.

Rik terminou com o que era quase uma risada estridente.

— Você entende o que leu? — perguntou Terens.

O menor dos dois olhou.o com os olhos brilhantes. — Diz: "Nós Analisamos Nada". Isto é do que me lembrei. Eu era um deles.

— Você era um analista espacial?

— Sim — gritou Rik. Depois, em tom mais baixo: — Minha cabeça dói.

— Porque você está se lembrando?

— Suponho que sim. — Olhou-o, a testa vincada. — Tenho de me lembrar mais. Há perigo. Tremendo perigo! Eu não sei o que fazer.

— A biblioteca está à sua disposição, Rik. — Terens o observava cuidadosamente, pesando suas palavras. — Use você mesmo o catálogo e procure alguns textos de Análise Espacial. Veja onde isto o levará.

Rik atirou-se sobre o leitor. Estava visivelmente trêmulo. Terens moveu-se para o lado para dar-lhe espaço.

— Que tal o Tratado de Instrumentação Analítico-espacial, de Wrijt? — perguntou Rik. — Não soa bem?

— Está tudo em suas mãos, Rik.

Rik introduziu o número do catálogo e a tela iluminou-se brilhante e fixamente. Dizia: "Por favor, consulte a bibliotecária para o livro em questão".

Terens fez um gesto rápido e neutralizou a tela. — Melhor tentar outro livro, Rik.

— Mas… — Rik hesitou, então seguiu em ordem. Outra pesquisa pelo catálogo e então escolheu Composição do Espaço, de Enning.

A tela preencheu-se novamente com um pedido para uma consulta à bibliotecária. Terens disse — Droga! — e apagou a tela outra vez.

— O que houve? — perguntou Rik.

— Nada. Nada. Agora não entre em pânico, Rik. Eu na verdade não compreendi tudo…

Havia um pequeno alto-falante atrás da grade na lateral do mecanismo de leitura. A voz aguda, seca, da bibliotecária emergiu dele e os congelou.

— Sala 242! Há alguém na Sala 242?

Terens respondeu asperamente. — O que você quer?

A voz disse: — Qual o livro que vocês querem?

— Nenhum deles. Obrigado. Estamos somente testando o leitor.

Houve uma pausa, como se alguma consulta invisível estivesse sendo feita. Então a voz retornou com uma rispidez até mesmo mais acentuada.

— O registro indica um pedido de leitura do Tratado de Instrumentação Analítico-espacial, de Wrijt, e Composição do Espaço, de Enning. Correto?

— Estávamos introduzindo números de catálogos a esmo — disse Terens.

— Posso perguntar-lhes a razão para desejarem tais livros? — A voz era inexorável.

— Eu lhe digo que não os queremos… Agora pare com isso. — Estas últimas palavras eram um raivoso aparte para Rik, que havia começado a choramingar

Novamente uma pausa. Então a voz disse: — Se descerem até a minha escrivaninha poderão ter acesso aos livros. Estão numa listagem reservada e vocês terão de preencher um formulário.

Terens estendeu a mão para Rik. — Vamos.

— Talvez tenhamos desrespeitado alguma regra — disse Rik, com voz trêmula.

— Besteira, Rik. Estamos indo embora.

— Não vamos preencher o formulário?

— Não, pegaremos os livros outra hora.

Terens estava apressado, forçando Rik a acompanhá-lo. A passos largos entrou no saguão principal. A bibliotecária os olhou.

— Já aqui? — gritou, levantando e dando a volta na escrivaninha. — Um momento. Um momento!

Eles não estavam parando para ela, pelo menos até que um patrulheiro surgiu à frente deles. — Vocês estão com uma pressa terrível, rapazinhos.

A bibliotecária, um tanto sem fôlego, alcançou-os. — Vocês são 242, não são?

— Olhe aqui — disse Terens firmemente —, por que estamos sendo detidos?

— Vocês não pediram informações sobre certos livros? Gostaríamos de consegui-los para vocês.

— É muito tarde. Uma outra vez. Não entende que não queremos os livros? Voltaremos amanhã.

— A biblioteca — disse empertigadamente a mulher — a qualquer hora empenha-se para dar satisfação. Os livros estarão disponíveis para vocês em um minuto. — Duas manchas vermelhas coloriram suas faces. Virou-se, precipitando-se através de uma pequena porta que abriu à sua aproximação.

— Oficial, se o senhor não se importar… — disse Terens.

Mas o patrulheiro estendeu seu chicote neurônico moderadamente longo, pesado. Poderia servir como um excelente cassetete, ou como uma arma de maior alcance de potencialidades paralisantes. Disse: — Agora, rapazinho, por que você não se senta quietinho e espera a moça voltar? Seria delicadeza fazê-lo.

O patrulheiro não era nem jovem nem esbelto. Parecia próximo da aposentadoria e estava provavelmente passando seu tempo vegetando como guarda de biblioteca, mas estava armado e a jovialidade em seu rosto moreno tinha uma aparência insincera.

A testa de Terens estava úmida e ele podia sentir a transpiração acumular-se na base de sua espinha. Por alguma razão havia subestimado a situação. Estivera certo de sua própria análise do assunto, de tudo. Neste ponto ainda estava. Não deveria ter sido tão imprudente. Fora seu maldito desejo de invadir a Cidade Superior, andar empertigadamente pelos corredores da biblioteca como se fosse um sarkiano…

Por um desesperado momento quisera atacar o patrulheiro e então, inesperadamente, não teve de fazê-lo.

De início foi somente um lampejo de movimento, O patrulheiro começou a virar um pouco tarde demais. As reações mais lentas da idade traíram-no, O chicote neurônico fora arrancado da mão que o agarrava e antes que pudesse fazer mais que iniciar um grito rouco, o chicote estalou em sua têmpora. Sofrera um colapso.

Rik gritou estridentemente com alegria, e Terens berrou: Valona! Por todos os demônios de Sark, Valona!

4. O Rebelde

Terens recuperou-se quase simultaneamente. Disse: — Pra fora, rápido! — e começou a caminhar.

Por um momento teve o impulso de arrastar o corpo inconsciente do patrulheiro para as sombras atrás dos pilares que delineavam o saguão principal, mas obviamente não havia tempo.

Emergiram na rampa, com o sol da tarde tornando o mundo brilhante e quente em tomo deles. As cores da Cidade Superior tinham mudado para um tom laranja.

Valona estava ansiosa. — Vamos! — disse ela, mas Terens segurou seu cotovelo.

Estava sorrindo, mas seu tom de voz era duro e baixo. Disse:

— Não corra. Caminhe naturalmente e siga-me. Agarre-se a Rik. Não o deixe correr.

Uns poucos passos. Pareciam mover-se sobre cola. Eram reais os sons que vinham da biblioteca atrás deles? Imaginação? Terens não ousou olhar.

— Entrem aqui — disse. O aviso acima da entrada de carros que ele indicava bruxuleava um pouco à luz da tarde. Não rivalizava muito bem com o Sol de Florina. Dizia: Entrada de Ambulância.

Entraram pela direita, através de uma passagem lateral, e entre paredes incrivelmente brancas. Eram glóbulos de matéria estranha contra a asséptica vitriosidade.do corredor.

Uma mulher uniformizada observava-os á distância. Hesitou, franziu as sobrancelhas, começou a se aproximar. Terens não esperou por ela. Virou abruptamente, seguiu uma ramificação do corredor, então outra. Passaram por outros uniformizados e Terens podia imaginar a incerteza que manifestavam. Era completamente sem precedentes nativos errando sem guarda pelos andares superiores de um hospital. O que fazer?

Eventualmente, claro, seriam detidos.

Então Terens sentiu sua pulsação se acelerar quando viu a porta discreta que dizia: Para Andares Nativos. O elevador estava parado em seu andar. Conduziu Rik e Valona para dentro e o suave tranco sentido quando o elevador começou descer foi a sensação mais deliciosa do dia.

Havia três tipos de edifícios na Cidade. A maioria era de Edifícios Inferiores, construídos inteiramente no nível inferior. Casas de trabalhadores, distribuídas entre três pavimentos. Fábricas, padarias, comércio. Outros eram Edifícios Superiores: residências de sarkianos, teatros, a biblioteca, praças de esportes. Mas alguns poucos eram duplex, com andares e entradas superiores e inferiores; postos de

patrulheiros, por exemplo, e hospitais.

Qualquer um poderia utilizar um hospital para ir da Cidade Superior para a Cidade Inferior e evitar desta maneira utilizar os grandes elevadores de carga com seus movimentos lentos e seus operadores super-atenciosos. Para um nativo, isto era completamente ilegal, claro, mas tal delito adicional era um ligeiro incômodo para aqueles já culpados de agredirem um patrulheiro.

Pararam no andar inferior. As desoladas paredes assépticas ainda lá estavam, mas tinham uma aparência pálida e desbotada como se fossem esfregadas com menos freqüência. Os bancos almofadados que acompanhavam os corredores no andar superior não mais existiam. Na maioria deles havia o murmúrio inquieto de uma sala de espera lotada com homens desconfiados e mulheres apavoradas. Uma única enfermeira tentava entender a desordem e estava se saindo mal.

Ela falava bruscamente com um velhote que dobrava e desdobrava os enrugados joelhos de suas calças desfiadas e que respondia a todas as perguntas com uma apologética monotonia.

— Qual exatamente é sua enfermidade?… Há quanto tempo tem estas dores?… Já esteve antes no hospital?… Agora olhe, sua gente não pode esperar por nós dois para qualquer coisinha. Sente-se e o médico o examinará e receitará medicamentos.

Ela gritou estridentemente — O seguinte! — então murmurou algo para si mesma enquanto olhava para o grande relógio na parede.

Terens, Valona e Rik flanqueavam cautelosamente a multidão. Valona, como se a presença de companheiros florinianos livrasse sua língua de uma paralisia, sussurrava intensamente.

— Eu tinha de vir, Conselheiro. Estava tão preocupada com o Rik. Eu achei que o senhor não o traria de novo e…

— Como você conseguiu chegar à Cidade Superior, de que jeito? — interpelou Terens por cima de seu ombro, enquanto empurrava submissos nativos para qualquer lado.

— Eu segui vocês e vi quando pegaram o elevador de carga. Quando ele desceu, disse que estava com vocês e ele me levou para cima.

— Só isso?

— Sacudi ele um pouco.

— Diabinhos de Sark — gemeu Terens.

— Eu tive de fazer isso — explicou miseravelmente Valona. — Então eu vi os patrulheiros apontando um prédio pra vocês. Eu esperei até que eles fossem embora e fui pra lá também. Só não tive coragem de entrar. Eu não sabia o que fazer, então eu me escondi um pouquinho até que os vi saindo e o patrulheiro detendo…

— Vocês aí! — Era a voz aguda e impaciente da recepcionista. Estava parando agora, e os fortes golpes de seu estilete de metal na

escrivaninha de cimentoliga dominavam o ruído da multidão e o reduzia a um silencioso murmúrio.

— Estas pessoas tentaram sair. Venham cá. Vocês não podem sair sem serem examinados. Não haverá evasão dos dias de trabalho por pretenso motivo de doença. Voltem aqui!

Mas os três estavam na penumbra da Cidade Inferior. Havia em torno deles o cheiro e o barulho do que os sarkianos chamavam Bairro Nativo e o andar superior era uma vez mais somente um teto sobre eles. Mas embora aliviados, Valona e Rik poderiam sentir-se distantes da riqueza opressiva das vizinhanças dos sarkianos. Terens não sentiu um aumento de ansiedade. Tinham ido muito longe e doravante não poderia haver segurança em qualquer lugar.

Tal preocupação ainda estava em sua mente turbulenta quando Rik chamou: — Olhe!

Terens sentiu um nó na garganta.

Era talvez a mais aterrorizante visão que os nativos da Cidade Inferior poderiam ter. Era como um pássaro gigante planando através de uma das aberturas da Cidade Superior. Cobriu o Sol e aumentou a sinistra obscuridade daquela parte da cidade. Mas não era um pássaro. Era um dos carros diamagnéticos terrestres armados dos patrulheiros.

Os nativos gritaram e começaram a correr. Poderiam não ter uma razão específica para o medo, mas espalhavam-se por todo lugar. Um homem, quase no caminho do carro, andou relutantemente para o lado. Apressava-se em seu caminho, absorto em qualquer assunto de sua própria conta, quando a sombra o atingiu. Olhou em torno de si, uma ilha de tranqüilidade no meio da turbulência. Tinha altura média, mas ombros quase grotescamente largos. Uma das mangas de sua camisa estava rasgada no sentido de seu comprimento, revelando um braço da grossura da coxa de outro homem. Terens estava hesitante, e Rik e Valona não poderiam fazer nada sem ele. A incerteza íntima do Conselheiro evoluiu para uma agitação. Se corressem, para onde iriam? Se permanecessem onde estavam, o que fariam? Havia uma chance de que estivessem inteiramente atrás de outros, mas com um patrulheiro inconsciente no chão da biblioteca por um ato dos três, as chances eram quase desprezíveis.

O homem troncudo aproximava-se em um pesado meio-trote. Por um momento fez uma pausa ao passar por eles, como que indeciso. Disse, numa voz familiar: — A padaria de Khorov é na segunda à esquerda, depois da lavanderia.

Virou-se novamente.

— Vamos — disse Terens.

Suava bastante enquanto corria. Em meio ao tumulto, ouviu ordens gritadas naturalmente pelos patrulheiros. Lançou um olhar por cima de seu ombro. Meia dúzia deles estava pulando do carro

diamagnético, em leque. Não teriam problemas, sabia. Amaldiçoou o uniforme de Conselheiro, era tão visível quanto um dos pilares que suportavam a Cidade Superior.

Dois dos patrulheiros corriam na direção certa. Ele não sabia se eles o teriam visto ou não, mas isto não importava. Ambos chocaram-se com o homem troncudo que havia falado com Terens. Todos os três estavam próximos o bastante para ouvir as imprecações roucas do homem troncudo abaixo e agudas dos patrulheiros. Terens conduziu Rik e Valona pela esquina.

A padaria de Khorov era assim identificada por uma "espiral" quase desfigurada de plástico envernizado iluminado, quebrada em uma meia dúzia de lugares, e tornada inconfundível pelo aroma maravilhoso que se filtrava através de sua porta aberta. Não havia nada a fazer a não ser entrar, e entraram.

Um homem velho olhava-os da sala interna dentro da qual podiam ver o fulgor de polvilho obscurecido das fornalhas-radares. Não teve chance de perguntar-lhes o que queriam.

Terens começou: — Um homem troncudo… — Mantinha seus braços distantes para ilustrar o que dizia, quando os gritos de "Patrulheiros! Patrulheiros!" começaram a ser ouvidos fora da padaria.

O velho falou roucamente: — Por aqui! Rápido!

Terens se deteve. — Aí?

— Este é uma imitação — disse o velho.

Primeiro Rik, depois Valona e então Terens rastejaram através da porta da fornalha. Ouviu.se um estalo fraco e a parede dos fundos da fornalha moveu-se levemente e oscilou livremente apoiada nas dobradiças superiores. Avançaram e além dela havia uma pequena sala, obscurecida.

Esperaram. A ventilação era ruim, e o cheiro de pão aumentou a fome sem satisfazê-la. Valona continuava sorrindo para Rik, afagando sua mão, mecanicamente, de tempos em tempos. Rik olhava através dela confusamente. De vez em quando levava a mão a seu rosto afogueado.

Valona começou: — Conselheiro…

Ele respondeu bruscamente em um tenso sussurro. — Não agora, Lona. Por favor!

Passou as costas da mão na testa, então olhou fixamente a umidade nos nós de seus dedos.

Ouviu-se um estalo, amplificado pelo abafado confinamento do esconderijo. Terens se enrijeceu. Sem se dar conta inteiramente, levantou os punhos, cerrados.

Era o homem troncudo, passando com dificuldade seus imensos ombros pela abertura.

Olhou para Terens e brincou. — Deixe disso, homem. Não vamos lutar.

Terens olhou para seus punhos, e deixou-os cair.

O homem troncudo estava numa condição marcantemente inferior àquela de quando o haviam visto pela primeira vez. Sua camisa estava totalmente rasgada nas costas e um vergão ainda fresco, que se tornava vermelho e roxo, marcava uma das maças de seu rosto. Seus olhos estavam pequenos e as pálpebras os comprimiam acima e abaixo.

Disse: — Pararam de procurar. Se vocês tiverem fome, a comida aqui não é fantástica, mas é suficiente. O que dizem?

Era noite na Cidade. Havia luzes na Cidade Superior que iluminavam o céu por quilômetros, mas na Cidade Inferior a escuridão era pegajosa. As sombras caíam densamente na frente da padaria escondendo as luzes ilegais, acesas após o toque de recolher, em seu interior.

Rik sentia-se melhor com a comida quente dentro de si. Sua dor de cabeça começou a retroceder. Fixou os olhos nas maças do rosto do homem troncudo.

Timidamente perguntou: — Eles o machucaram?

— Um pouco — disse o homem. — Não importa. Acontece todo dia no meu ramo de negócios. — Riu, mostrando grandes dentes. — Tiveram de admitir que eu não tinha feito coisa alguma mas que estava em seu caminho enquanto caçavam outro cara. A forma mais fácil de pôr um nativo fora do caminho… — Sua mão rosada e desumana, segurando uma arma invisível, imitou um golpe.

Rik esquivou-se e Valona estendeu um braço aflito, protetor.

O homem troncudo inclinou-se para trás, chupando seus dentes à cata de partículas de comida. — Sou Matt Khorov — disse — mas podem me chamar de Padeiro. De onde são vocês?

Terens meneou os ombros. — Bem…

— Entendo sua situação — disse o Padeiro. — O que eu não sei não vai machucar ninguém. Talvez. Talvez. Mesmo assim, no entanto, vocês deveriam confiar em mim. Eu os salvei dos patrulheiros, não salvei?

— Salvou. Obrigado. — Terens não poderia forçar cordialidade em sua voz. Disse: — Como você sabia que estavam atrás de nós? Havia uma porção de gente correndo.

O outro sorriu. — Nenhum deles tinha os rostos como o de vocês três. Eles poderiam ser minerados e usados como giz.

Terens tentou sorrir em resposta. Não conseguiu fazê-lo bem.

— Não estou certo de saber por que você arriscou sua vida. De qualquer modo, obrigado. Não é muita coisa dizer somente obrigado, mas não há nada mais que eu possa fazer direito agora.

— Você não tem de fazer nada. — Os vastos ombros do Padeiro recostaram-se na parede. — Eu faço isto tão freqüentemente quanto possa. Não é nada pessoal. Se os patrulheiros estão atrás de alguém, dou o melhor de mim para esse alguém. Eu odeio os patrulheiros.

Valona falou, com a voz entrecortada: — Você não se mete em encrencas?

— Claro. Olhe isto — Pôs gentilmente um dedo sobre o rosto machucado. — Mas não pense que deva deixar que isto me pare, espero. Por isso construí o forno falso. Assim os patrulheiros não poderiam me agarrar e fazer coisas muito ruins para mim.

Os olhos de Valona estavam arregalados com uma mistura de pavor e fascinação.

— Por que não? — disse o Padeiro. — Você sabe quantos Nobres existem em Florina? Dez mil. Você sabe quantos patrulheiros? Talvez doze mil. E existem quinhentos milhões de nós, nativos. Se todos se aliassem contra eles… — Estalou os dedos.

— Teríamos de lutar contra pistolas de agulha e explosores — disse Terens.

— É. Teríamos de conseguir alguns só para nós — retorquiu o Padeiro. — Vocês, Conselheiros, têm vivido bem próximo dos Nobres. Vocês têm pavor deles.

O mundo de Valona era agora uma grande confusão. Aquele homem lutara com patrulheiros e falava com descuidada autoconfiança com o Conselheiro. Quando Rik puxou sua manga ela desembaraçou os dedos dele gentilmente e disse-lhe para dormir. Ela quase não o olhava. Queria ouvir o que o homem dizia.

O homem troncudo estava dizendo: — Mesmo com pistolas de agulha e explosores, a única maneira dos Nobres manterem Florina é com a ajuda de cem mil Conselheiros.

Terens olhou-o ofendido, mas o Padeiro continuou: — Por exemplo, tome você. Roupas muito bonitas. Limpas. Atraentes. Você conseguiu uma bela choça, eu aposto, com livros-filmes, uma despensa particular e sem toque de recolher. Você pode até mesmo ir à Cidade Superior se quiser. Os Nobres não fariam isso por você para nada.

Terens sentiu-se desanimado para discutir. — Tudo bem — disse. — O que você queria que os Conselheiros fizessem? Guerrilha contra os patrulheiros? Quanto bem isso traria? Eu admito que mantive minha cidade quieta e acima da quota, mas os mantive longe de encrencas. Eu tentei ajudá-los, tanto quanto a lei permitisse. Isso não significa nada? Algum dia…

— Ah, algum dia. Quem pode esperar por algum dia? Quando você e eu estivermos mortos, que diferença fará quem domina Florina? Para nós, eu quero dizer.

— Em primeiro lugar — disse Terens —, eu odeio os Nobres mais

que você. Além disso… — Parou, corando.

O Padeiro riu. — Vá em frente. Diga de novo. Eu não vou entregar você por odiar os Nobres, O que fez para ser perseguido por eles?

Terens mantinha.se calado.

O Padeiro não perdeu seu tom de concórdia. — Tudo bem em mantê-los quietos, mas existe algo quanto a ser muito cauteloso. Você vai precisar de ajuda. Eles sabem quem é você.

— Não, não sabem — disse Terens, impetuosamente.

— Devem ter visto seus cartões na Cidade Superior.

— Quem disse que estive na Cidade Superior?

— Um palpite. Aposto que esteve.

— Eles olharam meu cartão, mas não o tempo suficiente para lerem meu nome.

— Mas por tempo bastante para saberem que você é um Conselheiro. Tudo que têm a fazer é encontrar um Conselheiro desaparecido de sua cidade ou um que não possa justificar seus movimentos de hoje. Provavelmente agora os pauzinhos de toda Florina estão sendo mexidos em alta velocidade. Eu acho que você está com problemas.

— Talvez.

— Sabe que não existe talvez. Quer ajuda?

Estavam conversando aos sussurros. Rik havia se encolhido num dos cantos e tentava dormir, Os olhos de Valona moviam-se de interlocutor para interlocutor.

Terens meneou a cabeça. — Não, obrigado. E eu vou sair dessa.

A gargalhada do Padeiro veio de imediato. — Será interessante ver como. Não me despreze porque não tive educação, Tive outras coisas. Olhe, passe a noite pensando nisto. Talvez decida-se a aceitar ajuda.

Os olhos de Valona estavam abertos na escuridão. Sua cama era somente um cobertor atirado ao chão, mas era quase tão boa quanto as camas a que estava acostumada. Rik dormia profundamente sobre outro cobertor em um canto oposto. Sempre dormia profundamente em dias de excitação depois que suas dores de cabeça passavam.

O Conselheiro havia recusado uma cama e o Padeiro rira (parecia que ria de tudo), apagou a luz e disse-lhe que estivesse à vontade para sentar na escuridão.

Os olhos de Valona permaneceram abertos. O sono estava muito distante. Dormiria novamente? Ela havia nocauteado um patrulheiro!

Inexplicavelmente, estava pensando em seus pais.

Eles estavam muito obscuros em sua mente. Ela quase se esquecera deles, após tantos anos de separação. Mas agora lembrava-se do som das conversas sussurradas durante a noite, quando

pensavam que ela já adormecera. Lembrava-se de pessoas que vinham das trevas.

Os patrulheiros haviam-na acordado uma noite e fizeram-lhe perguntas que ela não poderia entender mas tentava responder. Nunca mais vira seus pais novamente depois disso. Eles haviam desaparecido, contaram-lhe, e no dia seguinte ela fora colocada a trabalhar, quando outras crianças de sua idade ainda teriam dois anos para brincadeiras. As pessoas a observavam quando ela passava e as outras crianças estavam proibidas de brincar com ela, mesmo quando o período de trabalho estava encerrado. Ela aprendeu a manter-se sozinha. Aprendeu a não falar. Assim a apelidaram "Grande Lona" e riam dela e diziam que era imbecil.

Por que a conversa noturna lembrou-lhe seus pais?

— Valona.

A voz estava tão próxima que seu leve sopro agitou seu cabelo e tão baixa que mal podia ouvi-la. Ficou tensa, parcialmente por medo, parcialmente embaraçada. Havia somente um lençol sobre seu corpo nu.

Era o Conselheiro. — Não diga nada — sussurrou. — Somente ouça. Estou indo embora. A porta não está trancada. Mas voltarei, assim mesmo. Você está me ouvindo? Você me entendeu?

Estendeu sua mão no escuro, agarrou a dele, pressionou-a com seus dedos. Estava satisfeita.

— E cuide de Rik. Não o deixe longe de seus olhos. E, Valona… — houve uma longa pausa, então ele continuou — … não confie muito neste Padeiro. Eu não sei nada a seu respeito. Você entende?

Ouviu-se um ruído fraco de movimento, e um estalo ainda mais fraco. Ele se fora. Ela apoiou-se em um cotovelo, e, exceto pela respiração de Rik e a sua, havia somente o silêncio.

Fechou as pálpebras na escuridão, apertando-as, tentando pensar. Por que o Conselheiro, que sabia de tudo, falara aquilo sobre o Padeiro, que odiava patrulheiros e os havia salvado? Por quê?

Poderia pensar somente numa coisa. Ele tinha estado lá. Somente quando as coisas pareciam tão negras quanto poderiam estar, o Padeiro viera e agira rapidamente. Era quase como se fosse arranjado ou como se o Padeiro estivesse esperando que tudo isto acontecesse.

Ela balançou sua cabeça. Parecia estranho. Se não fosse pelo que o Conselheiro havia dito, ela nunca pensaria assim.

O silêncio foi quebrado em peças estremecidas por uma observação em voz alta e despreocupada. — Olá? Ainda aqui?

Gelou quando um facho de luz a atingiu em cheio. Lentamente relaxou e puxou o lençol para seu pescoço. O facho enfraqueceu.

Não teve de imaginar a identidade do novo interlocutor. Sua

forma atarracada cresceu na meia-luz que vazava para trás da fonte de luz.

— Você sabe — disse o Padeiro —, eu pensei que você tivesse ido com ele.

— Quem, senhor? — disse Valona, fracamente.

— O Conselheiro. Você sabe que ele foi embora, garota. Não perca tempo fingindo.

— Ele voltará, senhor.

— Ele falou que voltaria? Se voltar, estará errado. Os patrulheiros o pegarão. Ele não é um homem muito esperto, o Conselheiro, ou saberia quando uma porta é deixada aberta com um propósito. Vocês estão planejando ir embora também?

— Eu esperarei pelo Conselheiro — disse Valona.

— Faça o que bem entender. Será uma longa espera. Vá quando lhe der vontade.

Seu facho de luz de repente deixou-a de vez e. passeou pelo chão, escolhendo o rosto pálido, magro, de Rik. As pálpebras de Rik apertaram-se automaticamente, ao impacto da luz, mas continuou dormindo.

A voz do Padeiro tomou-se bondosa — Mas para mim tanto faz que você vá desde que alguém fique. Você entende isso, eu suponho. Se você decidir ir embora, a porta está aberta, mas não está aberta para ele.

— Ele é apenas uma pessoa doente, infeliz… — Valona começou a falar em um tom alto, horrorizado.

— É? Bem, eu recolho caras infelizes e doentes e este permanece aqui, lembre-se disso!

O facho de luz não se moveu do rosto adormecido de Rik.

5. O Cientista

O Dr. Selim Junz havia sido impaciente por um ano, mas ninguém se acostuma à impaciência com o tempo. Muito pelo contrário. Contudo, o ano ensinara-lhe que o Funcionalismo Público Sarkiano não poderia ser apressado; tudo o mais era assim desde que os próprios funcionários públicos eram em grande parte florinianos transferidos e portanto horrivelmente atentos à sua própria dignidade.

Uma vez perguntara ao velho Abel, o Embaixador Trantoriano, que havia vivido em Sark tanto tempo que suas botas haviam criado raízes, porque os sarkianos permitiam que seus departamentos governamentais funcionassem através das mesmas pessoas que desprezavam tão visceralmente.

Abel franzira seus olhos sobre um copo de vinho verde.

— Política, Junz — disse. — Política. Uma questão de genética prática, levada adiante com lógica sarkiana. Formam um mundo pequeno, sem importância, esses sarkianos, por si mesmos, e somente são importantes enquanto controlam essa eterna mina de ouro, Florina. Assim, a cada ano examinam os campos e vilas de Florina, levando a nata de sua juventude a Sark para treinamento. Os medíocres são preparados para preencher seus papéis e preencher seus questionários e assinar seus formulários, e aqueles realmente talentosos são mandados de volta a Florina para servirem como governadores nativos para as cidades. Chamam-nos Conselheiros.

O Dr. Junz era um analista espacial, primariamente. Não conseguia enxergar de todo o ponto principal naquilo tudo. Disse-lhe isso.

Abel apontou um indicador grosso e enrugado para Junz e a luz verde que brilhava através do conteúdo de seu copo tocou sua unha sulcada e suavizou sua cor amarelo.acinzentada.

Disse: — Você nunca formará um administrador. Não me peça recomendações. Olhe, os elementos mais inteligentes de Florina são conquistados pela causa sarkiana, sinceramente, já que, enquanto servirem Sark, serão bem tratados, enquanto que, se virarem suas costas para Sark, o melhor que poderão esperar é um retomo à existência floriniana, que não é boa, amigo, não é boa.

Engoliu o vinho de uma vez e continuou: — Além disso, nem os Conselheiros nem os assistentes clericais de Sark podem procriar sem perder suas posições. Isto é, até mesmo com mulheres de Florina. A miscigenação com sarkianos está, é lógico, fora de cogitação. Desta forma o melhor dos gens florinianos está sendo continuamente retirado de circulação, de forma que gradualmente será composta somente de lenhadores e puxadores de água.

— Ficarão sem funcionários nesse ritmo, não?

— Um problema para o futuro.

Então o Dr. Junz sentou-se em uma das ante-salas externas do Departamento para Assuntos Florinianos e esperou impacientemente que lhe fosse permitido passar as lentas barreiras, enquanto que subalternos florinianos moviam-se rápida e interminavelmente através de um labirinto burocrático.

Um floriniano idoso, atrofiado no serviço, parou diante dele.

— Dr. Junz?

— Sim.

— Venha comigo.

Um número reluzente numa tela teria sido tão eficiente para convocá-lo, e um canal fluorescente através do ar igualmente eficiente para guiá-lo, mas quando o potencial humano é barato, nada precisa ser substituído. Dr. Junz pensou "potencial humano" de maneira adversa. Nunca havia visto mulheres em qualquer departamento governamental de Sark. As mulheres sarkianas eram deixadas em seu planeta, excetuando-se algumas serviçais domésticas que eram igualmente proibidas de miscigenarem-se, e as mulheres sarkianas estavam, como dizia Abel, fora de cogitação.

Foi-lhe indicado um assento ante a escrivaninha do Funcionário para a Subsecretaria. Sabia o título do homem pelo brilho acanalado gravado sobre a escrivaninha. Nenhum floriniano poderia, claro, ser mais que um escrivão, independentemente dos reais tortuosos caminhos do departamento que passassem através de seus alvos dedos. O Subsecretário e o Secretário para Assuntos Florinianos eram eles mesmos sarkianos, mas embora o Dr. Junz pudesse encontrá-los socialmente, sabia que nunca os encontraria ali no departamento.

Sentou-se, ainda impaciente, mas um pouco mais próximo de seu objetivo. O escrivão estava olhando cuidadosamente o arquivo, virando cada folha minuciosamente codificada como se contivessem os segredos do universo. O homem era bastante jovem, um recém-graduado talvez, e como todos os florinianos, muito claro de pele e na cor dos cabelos.

O Dr. Junz teve uma sensação atávica. Ele mesmo viera do mundo de Libair, e como todos os libairianos, era de grande pigmentação e sua pele tinha um bronzeado profundo, rico. Existiam poucos mundos na Galáxia onde as cores das peles eram tão extremas como em Libair ou em Florina. Geralmente, a regra eram matizes intermediários.

Alguns dos jovens e radicais antropologistas estavam jogando com a noção de que os homens de mundos como Libair, por exemplo, haviam surgido independente mas por evolução convergente. O homem mais velho denotava amargamente qualquer noção de uma evolução que convergia espécies diferentes ao ponto onde a

hibridação fosse possível, como certamente o era entre todos os mundos da Galáxia. Insistiam em que, no planeta original, qualquer fosse ele, a humanidade já havia se dividido em subgrupos de pigmentação variável.

Isto meramente colocava o problema um pouco mais recuado no tempo e não respondia a nada, de forma que o Dr. Junz não encontrara qualquer explicação satisfatória. Contudo, até mesmo agora, às vezes, achava-se pensando no problema. Lendas de um passado de conflito prolongaram-se, por alguma razão, nos mundos em trevas. Os mitos libairianos, por exemplo, falavam de tempos de guerra entre homens de pigmentação diferente e a fundação do próprio Libair era atribuída a um grupo de negros refugiados de uma derrota em batalha.

Quando o Dr. Junz saiu de Libair para o Instituto Arcturiano de Tecnologia Espacial e posteriormente iniciou-se em sua profissão, os contos de fadas anteriores foram esquecidos. Somente uma vez desde então realmente se espantara. Descobrira por acaso um dos remotos mundos do Setor Centauro durante seu trabalho; um daqueles mundos cuja história poderia ser contada em milênios e cuja linguagem era tão arcaica que seu dialeto bem poderia ser aquela linguagem perdida, mítica: o inglês. Tinham uma palavra especial para um homem com pele escura.

Agora, por que deveria haver uma palavra especial para um homem de pele escura? Não havia uma palavra especial para um homem com olhos azuis, ou grandes olhos, ou cabelo cacheado. Não havia…

A voz precisa do escrivão interrompeu seu devaneio. — O senhor esteve neste departamento antes, de acordo com o registro.

O Dr. Junz respondeu com certa aspereza: — Certamente estive, senhor.

— Mas não recentemente.

— Não, não recentemente.

— O senhor ainda está à procura de um analista espacial que desapareceu — o escrivão movia as folhas rapidamente — a cerca de onze meses e treze dias atrás.

— Correto.

— Em todo esse tempo — disse o escrivão em sua voz seca e fragmentada, fora da qual toda a essência parecia cuidadosamente pesada — não houve sinal do homem e nenhuma evidência no sentido de que em qualquer momento estivesse em qualquer ponto do território sarkiano.

— A última vez que deram notícias dele — disse o cientista — estava no espaço, próximo a Sark.

O escrivão fitou-o e seus pálidos olhos azuis por um momento

focaram o Dr. Junz, então baixaram rapidamente. — Pode ser assim, mas não há evidência de sua presença em Sark.

Sem evidências! Os lábios do Dr. Jung se apertaram. Era o que o Departamento Analítico-espacial Interstelar havia lhe contado com progressiva indelicadeza por meses.

Nenhuma evidência, Dr. Junz. Achamos que seu tempo poderia ser melhor empregado, Dr. Junz. O Departamento cuidará para que a busca seja mantida, Dr. Junz,

O que realmente queriam dizer era: Pare de gastar nossa grana, Junz!

Começara, como o escrivão cuidadosamente expusera, a onze meses e treze dias atrás pela Hora-padrão Interstelar (o escrivão não seria culpado por utilizar a hora local em um assunto desta natureza, claro). Dois dias antes que aterrissasse em Sark, no que deveria ser uma inspeção de rotina às agências do Departamento naquele planeta, mas que se transformara em… bem, que se transformara no que era.

Havia sido contatado pelo representante local do DAI, um jovem fino que ficou marcado na memória do Dr. Junz principalmente pelo fato de mascar, incessantemente, algum produto elástico da indústria química de Sark.

Foi quando a inspeção estava quase terminada que o agente local recordou-se de alguma coisa, ajustou seu lasto-plugue no espaço entre seus molares e disse: — Mensagem de um dos homens de campo, Dr. Junz. Provavelmente nada importante. Você os conhece.

Era a expressão usual de exoneração: Você os conhece. O Dr. Junz olhou com um lampejo momentâneo de indignação. Estava pronto a dizer que quinze anos atrás ele mesmo tinha sido um "homem de campo", então lembrou-se que após três meses não mais era capaz de agüentar. Mas tinha aquele bocadinho de cólera que o fez ler a mensagem com diligente atenção.

Veio assim: *Por favor mantenha linha codificada direta aberta para QG Central DAI para mensagem detalhada envolvendo assunto máxima importância. Toda Galáxia afetada. Amplitude modulada por trajetória mínima.*

O agente se divertia. Seus maxilares haviam voltado ao mascar rítmico e ele disse: — Imagine, senhor, "Toda Galáxia afetada". Parece muito bom, mesmo para um homem de campo. Eu o chamei depois que recebi isto para verificar se poderia entendê-lo, mas fracassei. Ele só continuava a dizer que a vida de todo ser humano em Florina estava em perigo. O senhor sabe, meio bilhão de vidas em jogo. Parecia um verdadeiro psicopata. Assim, francamente, eu não quero tentar lidar com ele quando aterrissar. O que sugere?

— Tem uma transcrição de sua conversa? — disse o Dr. Junz.

— Sim, senhor. — Passaram-se poucos minutos numa busca. Um

pedaço de filme foi finalmente encontrado.

O Dr. Junz passou-o pelo leitor. Franziu as sobrancelhas. — Isto é uma cópia, não?

— Eu enviei o original para o Departamento de Transporte Extraplanetário daqui de Sark. Eu achei que seria melhor se o encontrassem no campo de aterrissagem com uma ambulância. Provavelmente está mal.

O Dr. Junz sentiu o impulso de concordar com o jovem. Quando os solitários analistas das profundezas do espaço finalmente terminam seu trabalho, suas psicopatias podem ser violentas.

Então disse: — Mas espere. Você fala como se ele ainda não tivesse aterrissado.

O agente olhou-o, surpreso. — Eu suponho que tenha aterrissado, mas ninguém me avisou disso.

— Bem, chame Transporte e consiga os detalhes. Psicopata ou não, os detalhes devem estar em nossos registros.

O analista espacial detivera-se novamente na dia seguinte para uma verificação de última hora antes que deixasse o planeta. Tinha outras questões a atender em outros mundos, e tinha uma pressa moderada. Quase à porta de saída, disse, por sobre o ombro: — Como está se saindo nosso homem de campo?

— Ah, claro, tencionava contar-lhe — respondeu o agente. — Transporte não teve notícias dele. Mandei um padrão de energia de seus motores hiperatômicos e disseram que sua nave não está em parte alguma do espaço próximo. O rapaz deve ter mudado de idéia na hora da aterrissagem.

O Dr. Junz decidiu adiar sua partida por vinte e quatro horas. No dia seguinte estava no Departamento de Transporte Extraplanetário em Sark City, capital do planeta. Encontrou os burocratas florinianos pela primeira vez e lá acenaram para ele. Haviam recebido a mensagem relativa à aterrissagem esperada de um analista do DAI. Sim, receberam, mas nenhuma nave pousara.

Mas era importante, e o Dr. Junz insistiu. O homem estava muito doente. Não haviam recebido uma cópia da transcrição de sua conversa com o agente do DAI local? Arregalaram os olhos para ele. Transcrição? Não conseguiram encontrar ninguém que se lembrasse de tê-la recebido. Sentiam muito que o homem estivesse doente, mas nenhuma nave do DAI havia pousado, e não havia nenhuma nave do DAI em parte alguma do espaço próximo.

O Dr. Junz retornou a seu quarto de hotel e pensou em muitas coisas. Um novo prazo final para sua partida havia se esgotado. Pediu uma escrivaninha e arranjou que fosse transferido para outra suíte mais adequada a uma ocupação mais prolongada. Então arranjou uma entrevista com Ludigam Abel, o embaixador trantoriano.

Passou o dia seguinte lendo livros sobre a história sarkiana, e quando estava na hora da entrevista com Abel, seu coração tornara-se um lento rufar de irritação. Não iria desistir facilmente, sabia.

O velho embaixador tratou disso como uma obrigação social, apertou sua mão, fez sua coqueteleira mecânica trabalhar, e não permitiria qualquer discussão de negócios durante os primeiros dois drinques. Junz aproveitou a oportunidade para pequenos assuntos que valiam a pena, perguntou sobre o Funcionalismo Público Floriniano e recebeu a exposição da genética prática de Sark. Sua sensação de irritação intensificou-se.

Junz sempre se lembrava de Abel como ele fora naquele dia. Olhos fixos semicerrados sob sobrancelhas surpreendentemente brancas, nariz largo pairando intermitentemente sobre seu copo de vinho, malares rasos que acentuavam a magreza de sua face e de seu corpo, e um dedo torcido lentamente marcando compasso de alguma música não ouvida. Junz começou sua história, contando-a com impassível moderação. Abel escutava atentamente e sem interrupção.

Quando Junz terminou, ele bateu delicadamente em seus lábios e disse: — Agora ouça, você conhece este homem que está desaparecido?

— Não.

— Nunca o viu?

— Nossos analistas de campo são homens difíceis de se encontrar,

— Ele já havia tido delusões antes disto?

— Esta é a sua primeira, de acordo com os registros nos escritórios centrais do DAI, se for uma delusão.

— Se? — O embaixador não o entendera. Disse: — E por que você veio a mim?

— À procura de ajuda.

— Obviamente. Mas como? O que posso fazer?

— Deixe-me explicar. O Departamento de Transporte Extra-planetário Sarkiano verificou o espaço próximo quanto aos padrões de energia dos motores da nave de nosso homem, e não há sinal dele. Eles não mentiriam a respeito disso. Não vou dizer que os sarkianos estejam acima das mentiras, mas que certamente estão acima de mentiras inúteis, e devem saber que eu posso verificar o assunto no espaço de duas a três horas.

— Verdade. E então?

— Há duas ocasiões em que o rastro do padrão de energia pode falhar: Primeira, quando a nave não estiver no espaço próximo por que saltará para o hiperespaço e estará em outra região da Galáxia, e, segunda, quando não estiver absolutamente no espaço porque estará pousada em um planeta. Não posso acreditar que nosso homem tenha saltado. Se suas afirmações sobre o risco para Florina e a importância

a nível de Galáxia forem delusões megalomaníacas nada o impediria de vir a Sark para relatá-las. Não teria mudado de idéia e abandonado tudo. Eu tenho experiência de quinze anos com coisas assim. Se, por uma chance qualquer, suas afirmações fossem sensatas e reais, então certamente o assunto seria tão sério que não mudaria de idéia e deixaria o espaço próximo.

O velho trantoriano levantou um dedo e agitou-o gentilmente.

— Você então concluiu que ele está em Sark.

— Exatamente. Novamente existem duas alternativas. Primeira, se ele estiver sob controle de uma psicose, pode ter pousado em qualquer lugar no planeta que não um espaçoporto reconhecido. Pode estar vagando por aí doente e semi-amnésico. Essas coisas são muito incomuns, mesmo para um homem de campo, mas têm acontecido. Normalmente num caso desses, os ataques são temporários. Quando passam, a vítima descobre-se lembrando-se primeiro dos detalhes de seu trabalho, antes de qualquer memória pessoal. Afinal, o trabalho do analista espacial é sua vida. Com muita freqüência a amnésia é retraída porque ele vaga até encontrar uma biblioteca pública para procurar referências quanto à Análise Espacial.

— Entendo. Então você quer que eu o ajude a arranjar com o Conselho de Libairianos que tal situação fique sob sua responsabilidade.

— Não, pois não prevejo qualquer problema aqui. Pedirei que certas palavras-chaves da Análise Espacial sejam guardadas em segredo e que qualquer homem que perguntar por elas, que não possa provar que é um nativo sarkiano, seja detido para interrogatório. Concordarão com isso já que saberão, ou certamente seus superiores saberão, que tal plano não levará a nada.

— Por que não?

— Porque — e Junz agora falava rapidamente, tomado de um acesso trêmulo de fúria — eu estou certo de que nosso homem pousou no espaçoporto de Sark City exatamente como planejou e, são ou psicótico, foi então aprisionado e provavelmente assassinado pelas autoridades sarkianas.

Abel pousou seu copo quase vazio. — Você está brincando?

— Pareço estar? O que me contou há somente meia hora atrás sobre Sark? Suas vidas, prosperidade e poder dependem de seu controle sob Florina. O que toda investigação que fiz nestas últimas vinte e quatro horas mostrou-me? Que os campos kyrt de Florina são a riqueza de Sark. E então chega um homem, são ou psicótico, não importa, que afirma que algo de importância galáctica pôs a vida de todos os habitantes de Florina em risco. Veja esta transcrição da última conversação conhecida de nosso homem.

Abel pegou o pedaço de filme que fora atirado sobre seu colo por

Junz e aceitou o leitor que segurava para ele. Passou-o lentamente, seus olhos enfraquecidos pestanejando e esquadrinhando a ocular.

— Não é muito informativo.

— Claro que não. Diz que há um risco. Diz que há horrível premência. Isto é tudo. Mas nunca deveria ter sido enviado aos sarkianos. Mesmo se o homem estivesse errado, poderia o governo sarkiano permitir que ele disseminasse qualquer loucura, admitindo-se que fosse loucura, que tivesse em sua mente e enchesse a Galáxia com ela? Deixando de lado o pânico que poderia gerar em Florina, a interferência na produção de fios *kyrt*, permanece o fato de que toda confusão suja nas relações políticas Sark-Florina seria exposta à visão da Galáxia como um todo. Considere o que precisam fazer com somente um homem para evitar tudo isso, já que eu não posso começar a agir com base somente nesta transcrição, e eles sabem disso. Sark hesitaria em terminar um caso como esse com um homicídio? O mundo de tais experimentadores genéticos, como você descreveu, não hesitaria.

— E o que você teria para eu fazer? Eu, devo dizer-lhe, ainda não estou certo. — Abel parecia indiferente.

— Verifique se eles o mataram — disse Junz severamente. — Você deve ter uma organização de espionagem aqui. Ora, não façamos rodeios. Eu tenho perambulado pela Galáxia o tempo suficiente para ultrapassar minha adolescência política. Chegue ao fundo disto enquanto eu distraio sua atenção com as negociações com as bibliotecas. E quando você descobrir neles os assassinos que são, eu quero que Trantor saiba para que nenhum governo em qualquer parte da Galáxia jamais tenha novamente a idéia de que pode matar um homem do DAI e escapar impune.

E aí terminou sua primeira entrevista com Abel.

Junz estava certo quanto a uma coisa. Os oficiais sarkianos foram cooperativos e até mesmo simpáticos até onde os arranjos para as bibliotecas estavam relacionados.

Mas parecia errado quanto a tudo o mais. Os meses se passaram, e os agentes de Abel não puderam encontrar qualquer pista do desaparecido homem de campo em qualquer lugar de Sark, vivo ou morto.

Por mais de onze meses isto pareceu real. Por pouco, Junz começou a sentir-se pronto a desistir. Por pouco, decidiu esperar o décimo segundo mês ser completado e então nenhum mais. E então a brecha chegara e não da parte de Abel, em absoluto, mas do quase esquecido homem insignificante que ele próprio havia criado. Chegara um comunicado da Biblioteca Pública de Sark e Junz encontrava-se agora sentado à escrivaninha de um funcionário público floriniano no Departamento de Assuntos Florinianos.

O escrivão completou seu arranjo mental do caso. Virara a última folha.

Levantou os olhos. — O que posso fazer pelo senhor, agora?

Junz falou com precisão. — Ontem, às 16:22, fui informado de que a filial floriniana da Biblioteca Pública de Sark tentou deter um homem para mim que tentara consultar dois textos-chaves para a Análise Espacial e que não era um nativo sarkiano. Não tive notícias da biblioteca desde então.

Continuou, elevando sua voz para anular qualquer comentário do escrivão. Disse: — Um boletim de telejornal recebido de um instrumento público pertencente ao hotel em que mantenho residência, às 17:05 de ontem, afirmava que um membro da Patrulha Floriniana havia sido golpeado à inconsciência na filial floriniana da Biblioteca Pública de Sark e que se acreditava que três nativos de Florina eram responsáveis pela violência e estavam sendo perseguidos. Este boletim não foi repetido nos sumários de notícias transmitidos posteriormente.

— Agora não tenho dúvidas de que essas duas peças de informação estão relacionadas. Não tenho dúvidas de que o homem que quero está sob custódia da Patrulha. Pedi permissão para viajar para Florina e foi recusada. Mandei um subetérico a Florina para enviar-me o homem em questão a Sark e não recebi resposta. Vim ao Departamento para Assuntos Florinianos para exigir ação a respeito disso. Ou vou lá ou ele vem aqui.

A voz sem vida do escrivão disse: — O governo de Sark não pode aceitar ultimatos de oficiais do DAI. Fui alertado por meus superiores que o senhor provavelmente me interrogaria a respeito desses assuntos e tenho sido instruído quanto aos fatos de que posso dar-lhe conhecimento. O homem denunciado como o que consultava os textos reservados, juntamente com dois companheiros, um Conselheiro e uma mulher floriniana, realmente cometeu a agressão a que o senhor se referiu, e eles foram perseguidos pela Patrulha. Entretanto, não foram presos.

Um amargo desapontamento arrebatou Junz. Não se preocupou em tentar escondê-lo. — Eles escaparam?

— Não exatamente. Foram seguidos até a padaria de um certo Matt Khorov.

Junz olhou-o fixamente. — E deixaram que ficassem lá?

— O senhor tem conferenciado com Sua Excelência, Ludigan Abel, ultimamente?

— O que tem isso a ver com…

— Fomos informados de que o senhor tem sido freqüentemente visto na Embaixada Trantoriana.

— Não vejo o Embaixador há uma semana.

— Então eu sugiro que o veja. Permitimos que criminosos permaneçam incólumes na padaria de Khorov em respeito a nossas delicadas relações interestelares com Trantor. Fui instruído para dizer-lhe, se parecesse necessário, que Khorov, como provavelmente não se surpreenderá ao ouvir — e aqui o rosto branco assumiu algo extra ordinário como um sorriso de escárnio — é conhecido por nosso Departamento de Segurança como um agente de Trantor.

6. O Embaixador

Foi dez horas antes que Junz tivesse sua entrevista com o escrivão que Terens deixou a padaria de Khorov.

Terens mantinha uma das mãos nas superfícies ásperas das cabanas dos operários pelas quais passava, enquanto caminhava cautelosa mente ao longo das vielas da Cidade. Exceto pela pálida luz que escorria num tremeluzir periódico da Cidade Superior, estava em total escuridão. A luz que porventura houvesse na Cidade Inferior seria os clarões perolados dos patrulheiros, marchando aos pares ou trios.

A Cidade Inferior jazia como um nocivo monstro sonolento, suas bobinas engorduradas escondidas pela resplandecente cobertura da Cidade Superior. Partes dela provavelmente mantinham uma vida às sombras quando a produção era recolhida e armazenada para o dia seguinte, mas isto não acontecia aqui, não nestes bairros pobres.

Terens encolheu-se em uma viela suja (mesmo os chuviscos noturnos de Florina quase não podiam penetrar nas regiões sombrias abaixo do cimentoliga) quando o retinir distante de passos o atingiu. Luzes apareceram, passaram e desapareceram a cem metros de distância.

Durante toda a noite os patrulheiros marchavam de um lado para outro. Precisavam somente marchar. O medo que inspiravam era forte o bastante para manter a ordem com quase nenhuma demonstração de força. Sem as luzes da Cidade, a escuridão bem poderia ser a cobertura para inúmeros humanos mal-intencionados, mas mesmo sem patrulheiros como uma ameaça distante, este perigo poderia ser desprezado. Os armazéns de produtos alimentícios e as oficinas eram bem guardados; o luxo da Cidade Superior era inatingível; e roubar um outro, parasitar a miséria de outro qualquer, era obviamente fútil.

O que seria considerado crime em outros mundos virtualmente não o era aqui na escuridão. O pobre estava à mão mas era mantido ‘limpo”, e o rico estava estritamente fora de alcance.

Terens movia-se rapidamente, seu rosto era iluminado quando passava sob uma das aberturas no cimentoliga, e não poderia evitar de olhar para cima.

Fora de alcance!

Estariam eles realmente fora de alcance? Quantas mudanças de atitude ante os Nobres de Sark teria de aturar em sua vida? Quando era uma criança, tinha sido apenas uma criança. Os patrulheiros eram monstros em negro e prata, de quem se fugia como uma questão de rotina, quer se tivesse feito algo errado ou não. Os Nobres eram super-homens enevoados e míticos, imensamente bons, que viviam em um

paraíso conhecido como Sark e meditavam vigilante e pacientemente pelo bem-estar dos tolos homens e mulheres de Florina.

Repetia todo dia, na escola: Possa o Espírito da Galáxia zelar pelos Nobres enquanto eles zelam por nós.

Sim, pensava agora, exatamente! Exatamente! Seja o Espírito para eles o que eles são para nós. Nem mais nem menos. Seus punhos cerraram-se e brilharam na noite.

Quando tinha dez anos, havia escrito um ensaio para a escola sobre como imaginava a vida em Sark. Havia sido um trabalho de imaginação puramente criativa, planejado para demonstrar sua caligrafia. Lembrava-se muito pouco, somente uma passagem de fato. Nela, descrevia os Nobres, reunidos todas as manhãs em um grande salão de cores como as das flores *kyrt* e eretos meio circunspectos em um esplendor de dez metros de altura, debatendo os pecados dos florinianos, e pesarosamente e lúgubres quanto à necessidade de conquistá-los de volta à virtude.

O professor ficara muito satisfeito, e no final do ano, quando os outros meninos e meninas prosseguiam em suas curtas aulas de leitura, escrita e moralidade, fora promovido a uma classe especial onde aprendeu aritmética, galactografia e história sarkiana. Com dezesseis anos de idade fora levado para Sark.

Podia ainda lembrar-se da grandeza daquele dia, e estremeceu com essa lembrança. A consciência disso o envergonhou.

Terens se aproximava dos arredores da cidade, agora. Uma brisa ocasional trouxe-lhe o pesado aroma noturno das flores *kyrt*. Mais uns poucos minutos e estaria na relativa segurança dos campos abertos onde não havia batidas regulares de patrulheiros e onde, através das recortadas nuvens noturnas, veria as estrelas novamente. Até mesmo a estrela amarela brilhante, forte, que era o Sol de Sark.

Fora o seu Sol por metade de sua vida. Quando o viu pela primeira vez através da escotilha da espaçonave e percebeu que, mais que uma estrela, era uma pequena bola de gude intoleravelmente brilhante, quisera ajoelhar-se. A idéia de que estava se aproximando do paraíso removeu até mesmo o paralisante pavor de sua primeira viagem espacial.

Pousara em seu paraíso, e fora conduzido a um velho floriniano que verificou se estava limpo e vestido adequadamente. Foi levado para um grande edifício, e no caminho seu idoso guia curvou-se para alguém que passava.

— Curve-se! — o velho sussurrou raivosamente para o jovem Terens.

Terens obedeceu e estava confuso. — Quem era aquele?

— Um Nobre, seu peão ignorante.

— Ele! Um nobre?

Detivera-se inanimado no meio do caminho e tivera de ser impelido para a frente. Era sua primeira visão de um Nobre. Não tinha absolutamente dez metros de altura, mas era um homem como outro qualquer. Outros jovens florinianos poderiam ter se recuperado do choque de tal desilusão, mas não Terens. Algo mudara dentro dele, mudara permanentemente.

Em todo o treinamento que recebeu, em todos os estudos em que se houve tão bem, nunca esqueceu que os Nobres eram homens.

Por dez anos estudou, e quando não estudava, nem se alimentava e nem dormia, era ensinado a tornar-se útil em muitas pequenas coisas. Era ensinado a enviar mensagens e esvaziar cestos de lixo, a curvar-se quando passava um Nobre e a virar respeitosamente o rosto para a parede quando passava uma Dama.

Por outros cinco anos trabalhou no Funcionalismo Público, transferido de posto para posto, como de hábito, para que suas potencialidades fossem melhor testadas nas mais variadas condições.

Um floriniano gorducho, delicado, visitou-o certa vez, sorrindo à sua amizade, abraçando-o gentilmente, e perguntando o que ele pensava dos Nobres.

Terens reprimiu um desejo de virar-se e correr. Imaginava se seus pensamentos poderiam imprimir-se em algum código obscuro nas linhas de seu rosto. Balançou a cabeça, murmurou uma penca de banalidades quanto à bondade dos Nobres.

Mas o gorducho mordeu os lábios e disse: — Você não acredita nisso. Vá a este lugar esta noite. — Deu-lhe um pequeno cartão, que amassou e queimou em poucos minutos.

Terens foi. Estava preocupado, mas muito curioso. Lá encontrou amigos seus, que o olhavam com reservas e que posteriormente encontraram-no no trabalho com amenos olhares de indiferença.

Ouviu o que diziam e viu que muitos pareciam acreditar no que ele armazenara em sua própria mente e honestamente pensava ser criação sua e de mais ninguém.

Aprendeu que no mínimo alguns florinianos pensavam nos Nobres como sendo brutos desprezíveis que sangravam Florina de suas riquezas para seu próprio proveito inútil enquanto deixavam os trabalhadores nativos chafurdar em ignorância e pobreza. Aprendeu que a hora estaria chegando quando haveria uma insurreição gigante contra Sark e todo o luxo e opulência seriam tomados por seus legítimos donos.

Como? Perguntou Terens. Perguntou vezes e vezes sem conta. Afinal, os Nobres e os patrulheiros tinham as armas.

E falaram-lhe de Trantor, do gigantesco império que havia crescido nos últimos séculos até que metade dos mundos desabitados da Galáxia fosse sua parte. Trantor, diziam, destruiria Sark com a

ajuda dos florinianos.

Mas, disse Terens, primeiro para si mesmo, depois para os outros, se Trantor era tão grande e Florina tão pequena, Trantor simplesmente não substituiria Sark como um dominador ainda maior e mais tirânico? Se esta fosse a única escapatória, Sark teria de ser tolerado preferivelmente. Era melhor o dominador que conheciam do que aquele que não conheciam.

Foi ridicularizado e expulso, com ameaças contra sua vida se em qualquer ocasião falasse sobre o que ouvira.

Mas, algum tempo depois notou que um a um os conspiradores desapareciam, até que somente o gorducho original restasse.

Ocasionalmente vira este sussurrar para algum recém-chegado aqui e ali, mas não seria seguro avisar a jovem vitima de que estava sendo apresentada a uma tentação e um teste. Ela teria de encontrar seu próprio caminho, como Terens.

Terens até mesmo passou algum tempo no Departamento de Segurança, o que somente uns poucos florinianos poderiam esperar cumprir. Foi uma curta permanência, pois o poder vinculado a um oficial da Segurança era tal que o tempo que lá passava qualquer indivíduo era ainda menor que em outro lugar qualquer.

Mas aqui Terens verificou, um pouco para sua surpresa, que havia conspirações reais a serem contidas. Por alguma razão homens e mulheres encontravam-se em Florina e tramavam uma rebelião. Normalmente, estas eram sub-repticiamente sustentadas por dinheiro trantoriano. Algumas vezes os supostos rebeldes realmente pensavam que Florina teria sucesso sem ajuda.

Terens meditou sobre o assunto. Suas palavras eram poucas, sua postura correta, mas seus pensamentos vagueavam descontroladamente. Odiava os Nobres, em parte porque não tinham dez metros de altura, em parte porque ele não poderia olhar suas mulheres, e em parte porque servira a uns poucos, e vira que para toda sua arrogância eram criaturas fúteis, não mais educadas que ele mesmo e normalmente muito menos inteligentes.

Contudo, que alternativa haveria para sua escravidão pessoal? Trocar o estúpido Nobre sarkiano pelo estúpido Imperialista trantoriano era inútil. Esperar que os colonos florinianos fizessem algo por si mesmos era fantasticamente tolo. Assim, não havia saída.

Era o problema que estivera em sua mente por anos, como estudante, como subalterno e como Conselheiro.

E então surgira o peculiar conjunto de circunstâncias que colocaram uma resposta jamais sonhada em suas mãos e na pessoa deste homem de aparência insignificante que fora uma vez um analista espacial e que agora balbuciava algo que punha a vida de todos, homens e mulheres de Florina, em perigo.

Terens estava nos campos agora, onde a chuva noturna se dissipava e as estrelas brilhavam na umidade por entre as nuvens. Aspirou profundamente o *kyrt* que era o tesouro de Florina e sua maldição.

Não tinha mais ilusões. Não mais era um Conselheiro. Não era nem mesmo um camponês floriniano livre. Era um criminoso em fuga, um fugitivo que devia esconder-se.

Contudo, havia uma combustão em sua mente. Nas últimas vinte e quatro horas tivera em suas mãos a maior arma contra Sark que alguém poderia ter sonhado. Não havia dúvidas quanto a ela. Ele sabia que Rik lembrava-se corretamente, que fora um analista espacial uma vez, que fora psico-sondado até quase a eliminação de seu cérebro, e que o que se lembrava era algo real e horrível e… poderoso.

Estava certo disso.

E agora este Rik estava nas grossas mãos de um homem que pretendia ser um patriota floriniano, mas realmente era um agente trantoriano.

Terens sentiu o amargor de seu ódio no fundo da garganta. Claro que este padeiro era um agente trantoriano. Não tinha dúvidas disso desde o primeiro momento. Quem mais entre os habitantes da Cidade Inferior teria o capital para construir um falso forno-radar?

Não poderia deixar Rik cair nas mãos de Trantor. Não permitiria que Rik caísse em mãos de Trantor. Não havia limites para os riscos que estava preparado a correr. O que importam os riscos? Já havia incorrido na pena de morte.

Havia um brilho obscuro a um canto do céu. Esperaria a alvorada. Os vários postos de patrulheiros tinham, obviamente, sua descrição, mas poderia demorar alguns minutos para sua aparência ser registrada.

E durante esses minutos ele seria um Conselheiro. Dar-lhe-ia tempo de fazer algo que mesmo agora, até mesmo agora, não ousaria deixar sua mente examinar demoradamente.

Dez horas depois de Junz ter tido sua entrevista com o escrivão encontrava-se com Ludigan Abel novamente.

O embaixador cumprimentou Junz com sua usual cordialidade superficial, contudo com uma sensação definida e incômoda de culpa. Em seu primeiro encontro (fora há muito tempo atrás; quase um ano-padrão havia se passado) não prestara atenção à história do homem em si. Seu único pensamento havia sido: Isto ajudará Trantor?

Trantor! Estava sempre em primeiro lugar em seus pensamentos, embora não fosse o tipo de imbecil que idolatraria um grupo de estrelas ou o emblema amarelo de Espaçonave-e-Sol que as forças armadas trantorianas utilizavam. Em resumo, ele não era um patriota no sentido comum da palavra e Trantor, enquanto Trantor, nada

significava para ele.

Mas ele idolatrava a paz; ainda mais que estava se tornando velho e apreciava seu copo de vinho, sua atmosfera saturada de música e perfumes suaves, sua sesta à tarde, e sua quieta espera da morte. Era como imaginava que todos os homens deviam sentir; embora todos os homens sofressem a guerra e a destruição. Morriam congelados no vácuo do espaço, vaporizados na devastação de átomos explodindo, enfaimados em um planeta sitiado e bombardeado.

Como então manter a paz? Não pela razão, certamente, nem pela educação. Se um homem não podia olhar o fato da paz e o fato da guerra e escolher o primeiro ao segundo, que argumento adicional poderia persuadi-lo? Que tremenda proeza de dialética podia ter a força de um décimo da potência de unta única nave-escolta com sua horripilante carga?

Então, para acabar com o mau uso da força, somente uma solução restava, a própria força.

Abel tinha um mapa de Trantor em seu estúdio, desenhado de forma a mostrar a aplicação de tal força. Era um claro ovóide cristalino em que as lentes galácticas estavam dispostas tridimensionalmente. Suas estrelas eram partículas de pó de diamante branco, suas nebulosas, manchas de névoa clara ou escura, e em suas depressões centrais havia as poucas partículas vermelhas que outrora fora a República Trantoriana.

Não “era” mas “fora”. A República Trantoriana havia sido meros cinco mundos, cinco séculos antes.

Mas era um mapa histórico, e mostrava a República em tal estágio somente quando o dial estava posicionado no zero, O avanço de um ponto no dial e a Galáxia reproduzida seria a de cinqüenta anos depois e um feixe de estrelas se avermelharia em torno do centro de Trantor.

Em dez estágios, passar-se-ia meio milênio-e o carmim se espalharia como uma mancha de sangue até que mais da metade da Galáxia caísse numa poça vermelha.

Este vermelho era o vermelho do sangue em mais de um sentido figurado. Quando a República Trantoriana tornou-se a Confederação Trantoriana e então o Império Trantoriano, seu avanço estendera-se através de uma emaranhada floresta de homens estripados, naves destruídas e planetas pilhados. Contudo, através de tudo isso Trantor tornara-se forte e dentro do vermelho havia paz.

Agora Trantor vibrava às vésperas de uma nova conversão: de império Trantoriano para Império Galáctico e então o vermelho engolfaria todas as estrelas e haveria paz universal — pax Trantorica.

Abel queria isso. Quinhentos anos atrás, quatrocentos anos atrás, até mesmo duzentos anos atrás, teria se oposto a Trantor como um desagradável antro de gente grosseira, materialista e agressiva,

desatenta ao direito alheio, imperfeitamente democrática em seu lar, embora perspicaz em descobrir a menor escravidão nos outros e de uma avidez desmedida. Mas o tempo passara para tudo isto.

Não estava a favor de Trantor, mas a favor do fim de união total que Trantor representava. Assim, a questão: Como isto ajudará a paz galáctica? tornou-se, naturalmente: Como isto ajudará Trantor?

O problema era que neste caso em particular ele poderia não estar certo. Para Junz, a solução era obviamente imediata. Trantor deve apoiar o DAI e punir Sark.

Possivelmente isto seria bom se algo pudesse ser definitivamente provado contra Sark. Possivelmente não, mesmo então. Certamente não, se nada pudesse ser provado. Mas em qualquer caso Trantor não poderia mover-se precipitadamente. Toda a Galáxia podia ver que Trantor estava à beira do domínio galáctico e ainda havia uma chance de que os planetas não-trantorianos que ainda restavam pudessem unir-se contra isto. Trantor poderia vencer até mesmo tal guerra, mas talvez não sem pagar um preço que faria de vitória somente um nome mais agradável para derrota.

Assim, Trantor nunca deveria fazer um movimento incauto neste estágio final do jogo. Abel, portanto, tinha de proceder lentamente, tecendo sua teia macia pelo labirinto do Funcionalismo Público e pelo resplendor da Nobreza Sarkiana, investigando com um sorriso e interrogando sem dar a perceber. Nem esquecer de manter seus dedos no serviço secreto trantoriano sobre o próprio Junz para que o irado libairiano não causasse em um momento danos que Abel poderia não reparar em um ano.

Abel estava espantado com a persistente cólera do libairiano. Perguntara-lhe certa vez: O que faz um agente interessar-lhe tanto?

Quase esperara um discurso de integridade do DAI, e do dever de todos em apoiar o Departamento como um instrumento não deste ou daquele mundo, mas de toda a humanidade. Não o conseguiu.

Em vez disso Junz franziu as sobrancelhas e disse: — Na base de tudo isto está a relação entre Sark e Florina. Eu quero expor esta relação e destruí-la.

Abel sentiu náuseas. Sempre, em todo lugar, havia esta preocupação com mundos específicos que se prevenia, vezes e vezes sem conta, contra qualquer concentração inteligente sobre o problema da unidade galáctica. Certamente existiam injustiças sociais aqui e ali. Certamente algumas vezes pareciam impossíveis de tolerar. Mas quem poderia imaginar que tais injustiças pudessem ser resolvidas em qualquer escala, a não ser de âmbito galáctico? Inicialmente, deveria haver um fim para as guerras e rivalidades nacionais e só então se poderia voltar para as misérias internas que, afinal, tinham no conflito externo sua causa principal.

E Junz nem mesmo era de Florina. Nem mesmo comparara tal causa por miopia emocional.

— O que representa Florina para você? — perguntou Abel.

— Sinto certa afinidade — disse Junz, hesitante.

— Mas você é um libairiano. Ou, pelo menos, esta é a minha impressão.

— Sou, aí está a afinidade. Somos extremos em uma Galáxia de médias.

— Extremos? Não entendo.

— Na pigmentação de pele — disse Junz. — Eles são incrivelmente pálidos. Nós somos incrivelmente escuros. Isto significa algo. Une-nos. Dá-nos algo em comum. Parece-me que nossos ancestrais tiveram problemas por serem diferentes, até mesmo por serem excluídos da maioria social. Somos desafortunados brancos e escuros, irmãos por sermos diferentes.

Naquele momento, sob o espantado olhar fixo de Abel, Junz gaguejou numa pausa. O tema nunca mais foi abordado.

E agora, após um ano, sem aviso, sem qualquer intimação prévia, justamente no ponto em que, talvez, um calmo final arrastado poderia ser esperado para todo o desventurado assunto e até mesmo Junz mostrava sinais de desânimo, tudo explodiu.

Defrontava-se com um Junz diferente agora, cujo ódio não era reservado para Sark, mas extravasava e caía igualmente sobre Abel.

— Não é — disse o libairiano em parte que me ressinta do fato de que seus agentes tenham sido colocados em meus calcanhares. Presumivelmente você é cauteloso e não deve confiar em nada e em ninguém. Bom, até quando isso terminar. Mas por que não fui informado assim que nosso homem foi localizado?

A mão de Abel alisou o tecido aquecido do braço de sua cadeira.

— Negócios são complicados. Sempre complicados. Arranjei para que qualquer relato a respeito de um pesquisador não autorizado atrás de dados analítico-espaciais fosse comunicado a certos agentes meus, assim como a você. Eu mesmo pensei que você poderia precisar de proteção. Mas em Florina…

— É disse Junz amargamente. — Fomos tolos em não considerarmos isto. Passamos quase um ano provando que não poderíamos encontrá-lo em lugar algum de Sark. Ele tinha de estar em Florina e estávamos cegos quanto a isso. De qualquer forma, agora o pegamos. Ou você o pegou, e presumivelmente será arranjado para que eu o veja?

Abel não respondeu diretamente. Disse: — Você falou que lhe disseram que este homem, Khorov, era um agente trantoriano?

— Não é? Por que mentiriam? Ou estão mal-informados?

— Nem mentiram nem estão mal.informados. Fora um agente

nosso por uma década, e é perturbador para mim que estejam informados a respeito dele. Faz-me imaginar o que mais sabem de nós e quão abalada poderá estar nossa estrutura conjuntamente. Mas isso não o faz imaginar por que contaram-lhe grosseiramente que ele era um de nossos homens?

— Porque era a verdade, imagino, e impedir-me, de uma vez por todas, de embaraçá-los com requisições adicionais que somente poderiam causar problemas entre eles e Trantor.

— A verdade é uma comodidade desacreditada entre diplomatas, e que problema maior podem causar para si mesmos que nos deixar saber a extensão de seu conhecimento sobre nós: dar-nos a oportunidade antes que seja tarde demais, para atrair nossa rede danificada, repará-la e retirá-la novamente?

— Então responda a sua própria questão.

— Eu digo que eles lhe contaram a respeito de seu conhecimento da verdadeira identidade de Khorov como um gesto de triunfo. Sabiam que o fato de seu conhecimento não mais poderia ajudá-los ou prejudicá-los, já que eu sabia há doze horas que estavam a par que Khorov era um de nossos homens.

— Mas como?

— Pelo mais inequívoco palpite possível. Ouça! Doze horas atrás Matt Khorov, agente de Trantor, foi morto por um membro da Patrulha Floriniana. Os dois florinianos que ainda mantinha sob controle nesse momento, uma mulher e o homem que, com toda probabilidade, seria o camponês que você está procurando, haviam partido, desapareceram. Presumivelmente estão nas mãos dos Nobres.

Junz gritou e levantou-se.

Abel levou calmamente um copo de vinho à boca e disse: — Não há nada que eu possa fazer oficialmente. O homem morto era um floriniano e os que desapareceram, a menos que possamos provar o contrário, eram igualmente florinianos. Assim, veja, temos sido gravemente superados, e, além disso, estamos agora sendo ridicularizados.

7. O Patrulheiro

Rik viu o Padeiro ser morto. Viu-o curvar-se silenciosamente, seu peito perfurado e carbonizado em fragmentos fumegantes sob o golpe vigoroso do explosor. Era uma visão que abafou para Rik a maior parte do que a precedera e quase tudo o que a seguiria.

Havia a lembrança pouco clara da abordagem inicial do patrulheiro, da calma mas terrível maneira decidida com que puxara sua arma. O Padeiro vira e moldara seus lábios para uma última palavra que não teve tempo de proferir. Então a ação completou-se, o sangue subiu à cabeça de Rik e ouviu-se o selvagem alarido da desorientada multidão que serpenteava em todas as direções, como um rio transbordando.

Por um momento, anulava-se a melhora na mente de Rik que acontecera naquelas últimas poucas horas de sono. O patrulheiro precipitou-se em sua direção, lançando-se à frente por entre homens e mulheres que gritavam, como se fossem um viscoso mar de lodo em que ele teria de abrir caminho. Rik e Lona voltaram com a corrente e foram carregados. Havia redemoinhos e subcorrentes, girando e estremecendo quando os carros voadores dos patrulheiros começavam a pairar sobre suas cabeças. Valona apressava Rik para a frente, sempre em direção aos arredores da Cidade. Por um momento, ele era a aterrorizada criança de ontem, não o quase-adulto daquela manhã.

Acordara naquele dia no cinzento amanhecer que não podia ver no quarto sem janelas em que dormira. Por longos minutos permanecera deitado ali, examinando sua mente. Algo havia se cicatrizado durante a noite; algo se ligara e tornara-se um todo. Alguma coisa ficara pronta desde o momento, há dois dias, em que começara a se "lembrar". O processo continuara durante todo o dia anterior. A ida à Cidade Superior e à biblioteca, o ataque ao patrulheiro e a fuga em seguida, o encontro com o Padeiro — tudo isto havia agido sobre ele como um fermento. As fibras atrofiadas de sua mente, há tanto dormentes, foram dominadas e distendidas, forçando uma atividade dolorida, e agora, depois do sono, havia um fraco pulsar sobre si.

Pensava no espaço e nas estrelas, de grandes, grandes períodos de solidão, e grandes silêncios.

Finalmente virou a cabeça para o lado e chamou: — Lona.

Ela acordou de súbito, apoiou-se num dos cotovelos e fitou-o.

— Rik?

— Estou aqui, Lona.

— Você está bem?

— Claro. — Não podia controlar sua excitação. — Sinto-me

ótimo, Lona. Ouça! Lembro mais. Estava em uma nave e sei exata mente…

Mas ela não o estava ouvindo. Escorregou para dentro de seu vestido e de costas para ele alisou o fecho do trespasse na frente e então lutou desajeitada e nervosamente com seu cinto.

Foi até ele na ponta dos pés. — Não pretendia dormir, Rik. Tentei ficar acordada.

Rik sentiu o contágio do nervosismo de Valona. — Há alguma coisa errada? — perguntou.

— Shh, não fale tão alto. Está tudo bem.

— Onde está o Conselheiro?

— Ele não está aqui. Ele… ele teve de sair. Por que não volta a dormir, Rik?

Ele empurrou para o lado o confortador braço de Valona. — Estou bem. Não quero dormir. Queria contar ao Conselheiro sobre minha nave.

Mas o Conselheiro não estava lá e Valona não o ouviria. Rik acalmou-se e pela primeira vez sentiu-se ativamente irritado com Valona. Ela o tratava como se ele fosse uma criança e ele estava começando a se sentir como um homem.

Uma luz penetrou no quarto é a figura troncuda do Padeiro entrou. Rik olhou-o e ficou, por um momento, desanimado. Não objetou inteiramente quando o braço confortador de Valona foi passado em torno de seu ombro.

Os lábios grossos do Padeiro estenderam-se em um sorriso. — Vocês acordaram cedo.

Nenhum dos dois respondeu.

— Foi bom — disse o Ladeiro. — Vamos nos mudar hoje.

A boca de Valona estava seca. — Você não vai nos entregar aos patrulheiros? — perguntou.

Lembrava-se da forma como ele olhara para Rik depois que o Conselheiro havia saído. Ainda olhava para Rik; somente para Rik.

— Não para os patrulheiros — disse ele. — As pessoas certas foram informadas e vocês estarão bastante seguros.

Saiu, e quando pouco depois retornou, trazia comida, roupas e duas tigelas de água. As roupas eram novas e pareciam completamente estranhas.

Ele os olhava enquanto comiam e dizia: — Eu vou lhes dar novos nomes e novas histórias. Vocês vão escutar, e eu não quero que esqueçam. Vocês não são florinianos, entendem? Vocês são irmãos do planeta Wotex. Estavam visitando Florina.

Continuou fornecendo detalhes, fazendo perguntas, ouvindo suas respostas.

Rik estava satisfeito por ser capaz de demonstrar as operações de

sua memória, sua capacidade de aprender facilmente, mas os olhos de Valona estavam obscuros pela preocupação.

O Padeiro não estava cego para isso. Disse para a garota: — Se você me causar o mínimo problema eu o enviarei sozinho e deixarei você para trás.

As fortes mãos de Valona cerraram-se espasmodicamente. — Não vou te causar problemas.

O Sol já ia alto quando o Padeiro levantou-se e disse: — Vamos!

Sua última ação foi colocar pequenas tiras pretas flexíveis imitando couro nos seus bolsos de cima.

Uma vez fora do esconderijo, Rik olhou com espanto o que podia ver de si mesmo. Não entendia como aquelas roupas podiam ser tão complicadas. O Padeiro o ajudara a colocá-las, mas quem o ajudaria a tirá-las? Valona não parecia de modo algum uma camponesa. Mesmo suas pernas estavam cobertas com um material fino, e seus sapatos eram elevados nos calcanhares de forma que tinha de equilibrar-se cuidadosamente enquanto andava.

Passantes reuniam-se, olhavam fixa e embasbacadamente, chaman do mais alguém. A maioria eram crianças, algumas mulheres, e vagabundos esfarrapados, esquivos. O Padeiro parecia indiferente a eles. Carregava um grosso bastão que colocava, ocasionalmente, como que por acaso, entre as pernas de quem quer que passasse muito perto.

E então, quando estavam distantes somente uns cem metros da padaria, e haviam contornado só uma esquina, as filas externas da multidão ao redor entraram em redemoinho excitadamente e Rik divisou o negro e prateado de um patrulheiro.

Foi então que aconteceu. A arma, o jato, e novamente uma selvagem revoada. Houve algum momento em que o medo não estivesse com ele, em que a sombra de um patrulheiro não estivesse atrás dele? Encontraram-se na esqualidez de um dos distritos afastados da Cidade. Valona arquejava asperamente; seu novo vestido apresentava as manchas úmidas da transpiração.

Rik ofegava — Não posso mais correr.

— Temos de correr.

— Não assim. Ouça. — Pulou para trás firmemente contra a pressão do agarro da mão da garota. — Ouça-me.

O terror e o pânico o estavam deixando.

— Por que não continuamos e fazemos o que o Padeiro queria que fizéssemos? — perguntou Rik.

— Como você sabe o que ele queria que a gente fizesse? — disse ela. Estava ansiosa. Queria continuar a fuga.

— Devíamos fingir que éramos de outro mundo, e ele nos deu isso. — Rik estava excitado. Tirou o pequeno retângulo de seu bolso, olhando ambos os lados e tentando abri-lo como se fosse um livrinho.

Não poderia. Era uma tira única. Examinou as bordas e quando seus dedos chegavam a um dos cantos ele ouvia, ou melhor, sentia, algo ceder, e a face virada para seus olhos tomava uma assustadora cor branco leitoso. O fraseado nela contido era difícil de entender, embora ele começasse a decifrar as sílabas.

— É um passaporte — disse finalmente.

— O que é isso?

— Algo para escaparmos daqui. — Estava certo disso. Estourara em sua cabeça. Uma única palavra, "passaporte", como essa. — Não percebe? Ele estava tentando tirar a gente de Florina. Numa nave. Vamos terminar isso.

— Não — disse Lona. — Eles pararam ele. Eles mataram ele. Nós não poderíamos, Rik, não poderíamos.

Ele insistia nisso. Estava quase balbuciando. — Mas seria a melhor coisa a fazer. Eles não estariam esperando que fizéssemos isso. E não iríamos na nave em que ele queria que fôssemos. Eles a estariam vigiando. Iríamos em outra nave. Qualquer outra nave.

Uma nave. Qualquer nave. As palavras repicavam em seus ouvidos. Se sua idéia era boa ou não, não se importava. Queria estar em uma nave. Queria estar no espaço.

— *Por favor*, Lona!

— Está bem — disse ela. — Se você realmente pensa assim. Eu sei onde fica o aeroporto. Quando era uma garotinha costumava ir lá algumas vezes nos dias de folga e olhar de muito longe para ver as naves subirem velozmente.

Estavam de novo em seu caminho, e somente uma leve inquietação arranhava em vão a porta da consciência de Rik. Certa lembrança, não do passado longínquo, mas do passado muito próximo; alguma coisa de que deveria lembrar-se e não podia; realmente não podia. Alguma coisa.

Afogara-a na idéia da nave que esperava por eles.

O floriniano no portão de entrada estava se fartando de excitação naquele dia, mas era excitação a longa distância. Havia as selva gens histórias da tarde anterior, narrando ataques a patrulheiros e fugas audaciosas. Nesta manhã, as histórias se espalharam e havia boatos de patrulheiros mortos.

Não ousou deixar seu posto, mas esticou o pescoço e observou os discos passarem, e patrulheiros carrancudos irem embora, enquanto o contingente no espaçoporto diminuía, diminuía, até que fosse quase nenhum.

Estavam enchendo a Cidade de patrulheiros, pensou, e estava simultaneamente aterrorizado e com o moral ebriamente alto. Por que pensar em patrulheiros sendo mortos deveria fazê-lo feliz? Nunca o aborreceram. Ao menos não muito. Tinha um bom trabalho. Não era

como se fosse um estúpido camponês.

Mas estava feliz.

Mal teve tempo para o casal diante de si, desconfortável e transpirando em roupas bizarras que os distinguia como estrangeiros. A mulher estava mostrando um passaporte através da abertura.

Uma olhada para ela, uma olhada para o passaporte, uma olhada na lista de reservas. Pressionou o botão adequado e duas faixas de filme translucentes saltaram para eles.

— Vão em frente — disse impacientemente. — Coloquem em seus pulsos e vão embora.

— Qual nave é a nossa? — perguntou a mulher em um sussurro polido.

Isto o agradou. Não eram freqüentes estrangeiros no espaçoporto floriniano. Nos últimos anos haviam se tornado cada vez menos freqüentes. Mas quando vieram não eram patrulheiros nem Nobres. Pareciam não imaginar que ele era somente um floriniano e falavam-lhe polidamente.

Isso o fez sentir-se bem melhor. Disse: — Vai encontrá-la no ancoradouro 17, madame. Desejo.lhe uma viagem agradável a Wotex.

Disse isto em grande estilo.

Então retornou à sua tarefa de fazer sub-reptícias chamadas para amigos da Cidade para obter mais informações e de tentar, até mesmo mais discretamente, interceptar conversas privadas em raios de força na Cidade Superior.

Passaram-se horas antes que descobrisse que havia cometido um erro horrível.

— Lona! — disse Rik.

Puxava-a pelo cotovelo, apontando rapidamente e sussurrando.

— Aquele!

Valona olhou a nave indicada duvidosamente. Era muito menor que a nave do ancoradouro 17, para a qual suas passagens eram válidas. Parecia mais polida. Quatro comportas de ar abriam-se como bocejando e a porta principal escancarava-se, com uma rampa conduzindo dela ao chão como uma língua estendida.

— Estão arejando-o — disse Rik. — Normalmente ventilam naves de passageiros antes dos vôos para limpar o odor acumulado de ar enlatado, usado e reusado.

Valona olhou espantada para Rik: — Como você sabe?

Rik sentiu uma ponta de vaidade crescer dentro de si. — Só sei. Veja, não deve haver ninguém dentro dela agora. Não é confortável, com a corrente de ar.

Olhou ao redor apreensivamente. — Mesmo assim, não sei por que não tem mais gente por aqui. Era assim quando você costumava vir vê-los?

Valona não refletiu, mas mal poderia lembrar-se. As lembranças da infância iam muito longe.

Não havia nenhum patrulheiro à vista quando subiram a rampa com as pernas trêmulas. As figuras que podiam ver eram empregados civis, absortos em seu trabalho, e pequenos à distância.

A corrente de ar atravessou-os quando entraram no compartimento e o vestido de Valona enfunou-se de forma que ela teve de baixar suas mãos para mantê-lo no lugar.

— É sempre assim? — perguntou. Nunca havia estado em uma espaçonave antes; nunca sonhara estar em uma. Apertou os lábios e seu coração batia pesadamente.

— Não — disse Rik. — Somente durante a ventilação.

Caminhou alegremente pela passarela de metalita dura, inspecionando ansiosamente os compartimentos vazios.

— Aqui — disse. Era o passadiço.

Falou rapidamente. — Não é pela comida. Podemos passar sem comida um bom pedaço. É pela água.

Remexeram as caixas arrumadas e compactas de utensílios e apanharam um recipiente grande, com tampa. Procuraram em torno pela torneira da água, murmurando ofegantes a esperança de que não tivessem esquecido de encher os tanques de água, então sorriram aliviados quando o suave som das bombas foi ouvido, e veio o fluxo constante do líquido.

— Agora é só encher algumas latas. Não muitas. Não devemos deixar que percebam.

Rik tentava desesperadamente pensar em meios de evitar ser descoberto. Novamente buscava em vão alguma coisa de que não podia lembrar-se totalmente. Ocasionalmente, ainda ocorriam tais vazios em seu pensamento e, covardemente, evitava-os, negando sua existência.

Encontrou um pequeno compartimento destinado a equipamentos de combate a incêndios, material médico e cirúrgico de emergência, e equipamento de soldagem.

Disse, com uma certa falta de confiança: — Não virão para cá, exceto em emergências. Você está com medo, Lona?

— Não vou ficar com medo com você, Rik — disse ela humildemente. Dois dias antes, não, doze horas antes, fora ao contrário. Mas a bordo da nave, por alguma transmutação de personalidade que ela não questionara, era Rik o adulto e ela a criança.

— Não poderemos usar as luzes porque eles iriam notar o consumo de potência — disse ele — nem os toaletes; teremos de esperar pelos períodos de repouso e tentar sair depois de qualquer das turmas da noite.

A corrente de ar cessou repentinamente. Seu toque frio em suas faces não mais estava ali e o zunido constante, suave, que à distância o acompanhava, cessou e deixou um grande silêncio tomar seu lugar.

— Logo estarão à bordo — disse Rik — e então sairemos para o espaço.

Valona nunca vira semelhante alegria no rosto de Rik. Ele parecia um enamorado indo ao encontro de seu amor.

Se Rik se sentira como um homem ao acordar naquele dia, era um gigante agora, seus braços abraçando toda a Galáxia. As estrelas eram suas bolinhas de gude, e as nebulosas eram teias de aranha a serem limpas.

Estava numa nave! As lembranças se precipitavam continuamente num longo fluxo e outras saíam para dar espaço. Estava esquecendo os campos kyrt e a usina e Valona cantando para ele no escuro. Foram somente brechas momentâneas em um arranjo que agora retornava com suas pontas desfiadas lentamente se ligando.

Era a nave!

Se o tivessem colocado em uma nave há muito tempo atrás, não teria esperado tanto para que seus neurônios queimados se curassem

Falou suavemente a Valona na escuridão. — Agora, não se preocupe. Você vai sentir uma vibração e ouvir um ruído, mas será só o motor. Vai haver uma grande pressão sobre você. É a aceleração.

Não havia uma palavra floriniana comum para o conceito e então utilizou uma outra, que lhe veio facilmente à mente. Valona não entendeu.

— Vai machucar? — perguntou.

— Será bastante desconfortável — disse Rik — porque não temos equipamento anti-aceleração para absorver a pressão, mas não vai durar muito. Somente fique de pé contra a parede, e quando você se sentir empurrada contra ela, relaxe. Veja, está começando.

Ele havia escolhido a parede certa, e quando o som monótono dos motores de empuxo hiperatômicos aumentou, a gravidade aparente mudou, e o que fora uma parede vertical parecia tornar-se cada vez mais diagonal.

Valona então lamuriou, em seguida caiu em um silêncio ofegante. Suas gargantas se irritaram quando seus peitos, desprotegidos pela ausência de correias e amortecedores hidráulicos, trabalharam para livrar suficientemente seus pulmões para que somente um pouco de ar fosse inspirado.

Rik procurou arquejar algumas palavras, quaisquer palavras que pudessem fazer Valona saber que ele estava ali e suavizar o terrível medo do desconhecido que devia estar envolvendo-a. Era somente uma nave, somente uma nave maravilhosa; mas ela nunca havia estado antes em uma nave.

— Há o salto, claro, quando passamos através do hiperespaço e atravessamos subitamente a maior parte da distância entre as estrelas — disse. — Isto não vai aborrecê-la, afinal. Você nem mesmo saberá que aconteceu. Não é nada comparado a isto. Somente um pequeno puxão por dentro de você e acabou-se. — Deixou escapar as palavras grunhidas sílaba por sílaba. Levou muito tempo.

Lentamente, o peso sobre seus peitos diminuiu e a corrente invisível que os prendia à parede distendeu-se e sumiu. Caíram, arquejando.

Finalmente Valona falou: — Você está machucado, Rik?

— Eu, machucado? Não. — Conteve uma gargalhada. Não havia ainda tomado fôlego, mas riu quando considerou a idéia de que poderia ferir-se numa nave.

— Eu vivi numa nave anos atrás — disse. — Eu não aterrissava em um planeta durante meses de cada vez.

— Por quê? — ela perguntou. Arrastara-se para mais próximo de Rik e colocara uma das mãos em seu rosto, certificando-se de que ele estava ali.

Ele passou seu braço pelos ombros de Valona, e ela nele se apoiou quietamente, aceitando a inversão.

— Por quê? — perguntou.

Rik não podia lembrar-se por quê. Ele o tinha feito; detestara pousar em um planeta. Por alguma razão fora necessário permanecer no espaço, mas não podia lembrar-se por quê. Novamente esquivara-se pelo vazio.

— Eu tinha um emprego — disse.

— Sim, eu sei, você analisava Nada.

— Certo. — Estava satisfeito. — Era isso exatamente o que eu fazia. Você sabe o que isso significa?

— Não.

Não esperava que ela entendesse, mas tinha de conversar. Tinha de divertir-se com as lembranças, deliciar-se embriagadamente com o fato de que podia evocar fatos passados ao piparote de um dedo mental.

— Veja — começou —, toda matéria no universo é composta de uns cem tipos diferentes de substâncias. Chamamos estas substâncias de elementos. Ferro e cobre são elementos.

— Eu pensei que eram metais.

— E são, e são elementos também. Também oxigênio, e nitrogênio, carbono e paládio. Os mais importantes são o hidrogênio e o hélio. São os mais simples e os mais comuns.

— Nunca ouvi falar deles — disse Valona, tristemente.

— Noventa e cinco por cento do universo são hidrogênio e a maior parte do resto é hélio. Até mesmo do espaço.

— Uma vez me contaram — disse Valona — que o espaço era um vácuo. Disseram que significava que não tinha nada lá. Tá errado?

— Não inteiramente. Não há quase nada lá. Mas veja, eu era um analista espacial, o que significa que eu ia de um lado para outro do espaço coletando aqui e ali quantidades extremamente pequenas e as analisando. Isto é, eu verificava o quanto tinha de hidrogênio, de hélio e o quanto de outros elementos.

— Por quê?

— Bom, isso é complicado. Veja, a distribuição dos elementos não é a mesma em todo lugar do espaço. Em algumas regiões há mais hélio que o normal, em outros lugares, mais sódio que o normal; e assim por diante. Estas regiões de composição analítica especial sopram através do espaço como correntes. É assim que são chamadas. São as Correntes do espaço. É importante saber como as correntes se distribuem, porque isso poderia explicar como o universo foi criado e como se desenvolveu.

— Como se explicaria isso?

Rik hesitou. — Ninguém sabe exatamente.

Precipitou-se, embaraçado pelo fato de que esta imensa reserva de conhecimentos que sua mente estava gratamente jorrando pudesse chegar tão facilmente a um extremo marcado "desconhecido" sob a questão de… de… Subitamente ocorreu-lhe que Valona, afinal, não era nada mais que uma camponesa floriniana.

— Então — disse —, novamente, achamos a densidade, sabe, a espessura deste gás do espaço em todas as regiões da Galáxia. É diferente em diferentes lugares e temos de saber exatamente qual é para permitir que as naves calculem exatamente como saltar pelo hiperespaço. É como… — Sua voz desapareceu aos poucos.

Valona enrijeceu-se e esperou apreensivamente que ele continuasse, mas somente o silêncio sucedeu. Sua voz soou roucamente na completa escuridão.

— Rik? O que está errado, Rik?

Ainda o silêncio. Suas mãos buscaram os ombros de Rik, sacudindo-os. — Rik! Rik!

E foi a voz do antigo Rik, por alguma razão, a que respondeu. Era fraca, apavorada, sua alegria e confiança haviam desaparecido.

— Lona. Fizemos alguma coisa errada.

— O que há? Fizemos o que errado?

A lembrança da cena em que o patrulheiro havia atingido o Padeiro estava na mente de Rik, gravada forte e clara, como se chamada de volta pela sua exata lembrança de tantas outras coisas.

— Não devíamos ter fugido — disse ele. — Não devíamos estar aqui nesta nave.

Estava tremendo incontrolavelmente, e Valona tentava futilmente

enxugar a umidade da testa de Rik.

— Por quê? — ela interpelou. — Por quê?

— Porque devíamos saber que se o Padeiro estivesse querendo nos levar à luz do dia não esperaria problemas com os patrulheiros. Lembra-se do patrulheiro? Aquele que atirou no Padeiro?

— Sim.

— Lembra-se de seu rosto?

— Não me atrevi a olhar.

— Eu olhei, e tinha alguma coisa estranha, mas eu não acreditei. Eu não acreditei. Lona, aquele não era um patrulheiro. Era o Conselheiro, Lona. Era o Conselheiro vestido como um patrulheiro.

8. A Dama

Samia de Fife tinha um metro e meio de altura, e todos seus cento e cinqüenta centímetros estavam em um estado de trêmula exasperação, e, no momento, cada um de seus cinqüenta e quatro quilos representava toneladas de sólida irritação.

Caminhava rapidamente de um lado para outro da sala, seu cabelo escuro empilhado em grandes rolos, os saltos de seus sapatos emprestando-lhe uma altura espúria e seu queixo afilado, com uma covinha pronunciada, trêmulo.

— Ah, não. Ele não faria isso comigo. *Não poderia* fazer isso comigo. Capitão! — chamou.

Sua voz era aguda e carregava o peso da autoridade. O Capitão Racety vergou-se à tempestade. — Madame?

Para qualquer floriniano, é claro, o Capitão Racety teria sido um "Nobre". Simplesmente isso. Para qualquer floriniano, todos os sarkianos eram Nobres. Mas para os sarkianos havia Nobres e Nobres verdadeiros, O Capitão era simplesmente um Nobre. Samia de Fife era um Nobre verdadeiro; ou o seu equivalente feminino, o que significava a mesma coisa.

— Madame? — perguntou.

— Não devo obedecer ordens. Sou maior de idade. Sou dona de mim mesma. Decidi permanecer aqui — disse ela.

O Capitão falou cuidadosamente: — Deve entender, Madame, que não estão envolvidas ordens minhas. Não me foi pedido um conselho. Somente foi me dito clara e categoricamente o que eu deveria fazer.

Procurou desajeitadamente a cópia de suas ordens. Havia tentado apresentar-lhe a evidência duas vezes antes e ela se recusara a considerá-la, como se por não vê-la pudesse continuar, com a consciência limpa, a negar onde estava o dever do Capitão.

Disse mais uma vez, exatamente como antes: — Não estou interessada em suas ordens.

Virou-se com um tilintar de seus calcanhares e afastou-se rapidamente.

Ele a seguiu e disse-lhe suavemente: — As ordens incluem instruções para o efeito de que, se não quisesse vir, eu deveria, se me desculpar por falar assim, ter de carregá-la para a nave.

Ela voltou-se: — Você não ousaria fazer tal coisa.

— Quando eu considero — disse o Capitão — quem é que me ordenou fazê-lo, eu faria qualquer coisa.

Ela tentou a adulação. — Certamente, Capitão, não há perigo real. Isto é verdadeiramente ridículo, inteiramente maluco. A Cidade é pacífica. Tudo o que realmente aconteceu foi um patrulheiro ser

nocauteado ontem à tarde na biblioteca.

— Outro patrulheiro foi assassinado esta madrugada, novamente por um ataque floriniano.

Isto a abalou, mas sua pele bronzeada escureceu e seus olhos negros faiscaram. — O que tem isso a ver comigo? Não sou um patrulheiro.

— Madame, agora mesmo a nave está sendo preparada. Partirá dentro em breve. Terá de estar nela.

— E meu trabalho? Minha pesquisa? Você não imagina… Não, você não imaginaria.

O Capitão não respondeu. Ela afastou-se dele. Seu vestido brilhante de cobre kyrt, com fios de prata leitosa, realçava a quente maciez de seus ombros e braços. O Capitão Racety olhou-a com algo mais que a árida cortesia e a humilde objetividade que um simples sarkiano devia a tal grande Dama. Admirava-se porque tal petisco digno de uma mordida, inteiramente desejável, devesse decidir desperdiçar seu tempo imitando os afazeres escolares de um professor universitário.

Samia bem sabia que sua austera cultura fazia de si um alvo de moderado menosprezo para pessoas que estavam acostumadas a pensar nas aristocráticas Damas de Sark como devotadas inteiramente ao esplendor da polida sociedade e, eventualmente, agir como incubadoras para, no mínimo, mais dois futuros Nobres de Sark. Ela não se importava.

Viriam a ela e diriam: — Você realmente está escrevendo um livro, Samia? — e pediriam para vê-lo, e dariam uma risadinha.

Estas eram as mulheres. Os homens eram até piores, com sua gentil condescendência e óbvia convicção de que bastaria uma olhada para eles ou um braço de homem em torno de sua cintura para curá-la de suas tolices e voltar sua mente para coisas de real importância.

Começara a tanto tempo que quase não podia lembrar-se, e tudo porque ela sempre estivera apaixonada pelo kyrt, enquanto que a maioria das pessoas o tomava como dádiva. *Kyrt*! O rei, o imperador, deus dos tecidos. Não havia metáfora bastante forte.

Quimicamente, não era nada mais que uma variedade de celulose. Os químicos juravam isso. Todavia, com todos os seus instrumentos e teorias ainda não haviam explicado por que em Florina, e somente em Florina na Galáxia, a celulose tornou-se *kyrt*. Era um assunto de estado físico; era isto o que diziam. Mas ao perguntar-lhes de exatamente que maneira o estado físico variava do da celulose comum havia a recusa em responder.

Ela originalmente tomara conhecimento da ignorância com sua ama.

— Por que ele brilha, Nanny?

— Porque é *kyrt*, Miakins.

— Por que as outras coisas não brilham assim, Nanny?

— As outras coisas não são *kyrt*, Miakins.

Aí está. Uma monografia em dois volumes sobre o assunto havia sido escrita somente três anos antes. Ela a lera cuidadosamente e tudo poderia ser resumido à explicação de sua Nanny. *Kyrt* era *kyrt* porque era *kyrt*. As coisas que não eram *kyrt*, não eram *kyrt* porque não eram *kyrt*.

Logicamente o kyrt não brilhava realmente por si só, mas adequadamente fiado, brilhava metalicamente ao sol numa variedade de cores ao mesmo tempo. Outra forma de tratamento podia conferir um brilho de diamante ao fio. Poderia ser tornado, com um pouco de esforço, totalmente resistente ao calor de até 600 graus centígrados, e inteiramente inerte a quase todas as substâncias químicas. Suas fibras podiam ser trançadas mais finas que as sintéticas mais delicadas e essas mesmas fibras tinham uma resistência de tração que nenhuma liga de aço conhecida poderia proporcionar.

Tinha maior utilidade, maior versatilidade que qualquer substância conhecida pelo homem. Se não fosse tão caro poderia ser utilizado para substituir vidro, metal ou plástico em qualquer das infinitas aplicações industriais. De certo modo, era o único material utilizado para retículos em equipamentos ópticos, como moldes na fundição de hidrocronômetros utilizados em motores hiperatômicos, como tecido leve e durável quando o metal fosse muito frágil, ou muito pesado, ou ambos.

Mas este era, como dizia, usado em pequena escala, já que o uso em grandes quantidades era proibido. Na realidade, a colheita de *kyrt* em Florista reservava-se à fabricação de tecidos que eram utilizados nas mais fabulosas vestimentas da história galáctica. Florina vestia a aristocracia de um milhão de mundos, e a colheita de *kyrt* de um mundo, Florina, tinha de ser espantada escassamente por eles. Vinte mulheres em um mundo poderiam ter trajes de kyrt; duas mil mais poderiam ter um casaco do material, ou talvez um par de luvas. Vinte milhões mais observavam à distância e o desejavam.

O milhão de mundos da Galáxia partilhava uma expressão de gíria para o esnobe. Era a única expressão idiomática da língua que era fácil e exatamente entendida em todo lugar. Dizia: — Imagine que ela assoou o nariz em *kyrt*!

Quando Samia já estava mais velha foi até seu pai:

— O que é *kyrt*, papai?

— É seu ganha-pão, Mia.

— Meu?

— Não só seu, Mia. É o ganha-pão de Sark.

Claro! Aprendera a razão para isso com bastante facilidade.

Nenhum mundo na Galáxia havia tentado cultivar *kyrt* em seu próprio solo. Inicialmente Sark havia aplicado a pena de morte a qualquer pessoa, nativa ou estrangeira, apanhada contrabandeando sementes de Kyrt para fora do planeta. Isso não evitou contrabandos bem sucedidos, e conforme os séculos passavam, e a verdade despontara em Sark, essa lei havia sido abolida. Homens de toda a parte eram bem-vindos às sementes de kyrt ao preço, é lógico (peso por peso), de tecidos acabados de kyrt.

Poderiam tê-las, porque revelou-se que o kyrt crescido em outra parte da Galáxia que não fosse Florina era simplesmente celulose. Branca, lisa, fraca e inútil. Nem mesmo era algodão.

Seria alguma coisa no solo? Algo nas características de radiação do solo de Florina? Algo em relação à bactéria formadora do solo floriniano? Tudo havia sido tentado. Amostras do solo floriniano foram retiradas. Luzes artificiais de arcos voltaicos duplicando o espectro conhecido do Sol de Florina foram construídas. Solo estrangeiro foi infectado com a bactéria floriniana. E sempre o kyrt cresceu branco, liso, fraco e inútil.

Não havia muito a dizer sobre o *kyrt* que ainda não fora dito. Materiais outros que não os contidos em relatórios técnicos ou em documentos de pesquisas, ou até mesmo em livros de viagem. Por cinco anos Samia sonhara escrever um livro real sobre a estória do kyrt; da terra em que crescia e do povo que a cultivava.

Era um sonho cercado de gargalhadas de menosprezo, mas ela o manteve. Insistira em viajar para Florina. Ia passar uma temporada nos campos e uns poucos meses nas usinas. Ela ia…

Mas o que importava o que iria fazer? Estava sendo obrigada a voltar.

Com a repentina impulsividade que marcava cada um de seus atos, tomou sua decisão. Seria capaz de lutar por ela em Sark. Severamente prometeu a si mesma que voltaria a Sark em uma semana.

Virou-se para o Capitão e disse friamente: — Quando partimos, senhor?

Samia permaneceu na vigia de observação durante todo o tempo em que Florina era um globo visível. Era um mundo verde, primaveril, de clima muito mais agradável que Sark. Aguardara ansiosamente estudar os nativos. Não gostava dos florinianos em Sark, homens insípidos que não ousavam olhar para ela, mas voltavam-se quando passava, de acordo com a lei. Em seu próprio mundo, entretanto, os nativos, por comunicados universais, eram felizes e despreocupados. Irresponsáveis, é claro, e como crianças, mas tinham charme.

O Capitão Racety interrompeu seus pensamentos. — Madame — disse — poderia retirar-se para seus aposentos?

Ela o encarou, com uma pequena ruga vertical entre os olhos.

— Que novas ordens recebeu, Capitão? Eu sou uma prisioneira?

— Claro que não. Somente uma precaução. O campo espacial estava incomumente vazio antes da decolagem. Parece que outro assassinato ocorreu, novamente por um floriniano, e o contingente de patrulheiros do campo uniu-se aos restantes em uma caçada humana pela Cidade.

— E a conexão disto comigo?

— Somente que sob tais circunstâncias, às quais eu deveria ter reagido colocando um guarda de minha confiança (eu não minimizo um ataque a mim mesmo), pessoas não autorizadas poderiam ter embarcado na nave.

— Por que razão?

— Não poderia explicar, senão mal fazer sua vontade.

— Está romanceando, Capitão.

— Temo que não, Madame. Nossos energomedidores foram, é claro, inúteis dentro da distância planetária do Sol de Florina, mas este não é o caso agora e eu temo que haja um excesso explícito de radiação de calor nos Depósitos de Emergência.

— Fala sério?

O rosto magro, inexpressivo do Capitão olhou-a altivamente por um momento. Ele disse: — A radiação é equivalente àquela que seria emitida por duas pessoas comuns.

— Ou por uma unidade de aquecimento que alguém esqueceu de desligar.

— Não há dreno em nosso fornecimento de energia, Madame. Estamos preparados para investigar, Madame, e pedimos somente que primeiro se recolha para seus aposentos.

Ela silenciosamente aprovou com a cabeça e deixou o compartimento. Dois minutos mais tarde a voz calma do Capitão falou, sem pressa, pelo tubo de comunicação: — Falha nos Depósitos de Emergência.

Myrlyn Terens, se tivesse tratado seus nervos com maior negligência, poderia facilmente, e mesmo gratamente, ter caído em histeria. Demorara-se um pouco demais a retornar à padaria. Eles já haviam saído e somente por sorte não os encontrara na rua. A sua ação seguinte fora imposta; não era de forma alguma uma questão de livre escolha; e o Padeiro jazia, horrível, à sua frente.

Mais tarde, com o turbilhão humano, Rik e Valona misturando-se à multidão e os discos dos patrulheiros, os patrulheiros verdadeiros, começando a mostrar-se em sua aparência de abutres, o que ele poderia fazer?

Ele superou rapidamente o primeiro impulso de correr atrás de Rik. Não faria nenhum bem. Nunca o encontraria, e havia uma chance

muito grande de que os patrulheiros não o tivessem esquecido. Disparou em outra direção, para a padaria.

Sua única chance estava na própria organização dos patrulheiros. Haviam transcorrido gerações de uma vida calma. Ao menos não ocorreram revoltas florinianas de importância em dois séculos. A instituição do Conselheiro (arreganhava selvagemente os dentes ao pensar nisso) havia operado maravilhas e os patrulheiros tinham somente missões policiais desprezíveis desde então. Careciam do aguçado espírito de equipe que teriam desenvolvido sob condições mais árduas.

Tinha sido possível para ele caminhar para um posto de patrulheiros ao amanhecer, para onde sua descrição já devia ter sido enviada, embora obviamente não tivesse sido muito considerada. O solitário patrulheiro de serviço era uma mistura de indiferença e mau humor. Pediu a Terens que expusesse seu caso, mas seu caso incluía um cassetete grosso de plástico que tinha arrancado de um dos lados de uma barraca nos arredores da cidade.

Ele o tinha descido sobre a cabeça do patrulheiro, trocou as roupas e pegou as armas. A lista de seus crimes já era tão formidável que não o preocupava de modo algum descobrir que o patrulheiro tinha sido assassinado, não atordoado.

Contudo, estava ainda em liberdade e a enferrujada máquina da justiça dos patrulheiros rangia por enquanto em vão atrás dele.

Estava na padaria. O idoso auxiliar do Padeiro, parado à porta numa vã tentativa de perscrutar a perturbação em seu intimo, chiou tenuamente à vista do terrível negro e prata da Patrulha e esvaiu-se para dentro do estabelecimento.

O Conselheiro investiu sobre ele, amassando seu colarinho folgado e farinhento com seu punho atarracado, torcendo-o. — Para onde estava indo o Padeiro?

Os lábios do velho se abriram, mas não emitiram qualquer som.

— Eu matei um homem a dois minutos atrás — disse. — Não me importo se tiver de matar outro.

— Por favor. Por favor. Eu não sei, senhor.

— Você vai morrer por não saber.

— Mas ele não me contou. Ele fez algum tipo de reservas.

— Você tem ouvido muita coisa por acaso, não tem? O que mais você ouviu por acaso?

— Certa vez ele mencionou Wotex. Acho que as reservas eram para uma espaçonave.

Terens o empurrou.

Teria de esperar. Teria de deixar o pior da excitação de fora da padaria morrer. Teria de arriscar a chegada de patrulheiros verdadeiros à padaria.

Mas não por muito tempo. Não por muito tempo. Podia adivinhar o que fariam seus companheiros de outrora. Rik era imprevisível, é claro, mas Valona era uma garota inteligente. Da forma que fugiram, devem tê-lo tomado por um patrulheiro de verdade e Valona estava certa ao decidir que sua única segurança estava em continuar a fuga que o Padeiro começara para eles.

O Padeiro havia feito reservas para eles. Uma espaçonave estaria esperando. Estariam nela.

E ele teria de chegar lá primeiro.

Havia isto sobre o desespero da situação. Nada mais importava. Se perdesse Rik, se perdesse tal arma potencial contra os tiranos de Sark, sua vida seria uma pequena baixa adicional.

Assim, quando saiu, foi sem receio, ainda que fosse à plena luz do dia, embora os patrulheiros devessem naquele momento saber que procuravam um homem em uniforme de patrulheiro, e embora dois discos tivessem bom campo de visão.

Terens conhecia o espaçoporto que estaria envolvido. Havia somente um do seu tipo no planeta. Havia uma dúzia de outros menores na Cidade Superior para uso privado de iates espaciais e havia centenas por todo o planeta para uso exclusivo de deselegantes cargueiros que transportavam gigantescos rolos de tecido kyrt para Sark, maquinaria e simples bens de consumo de volta. Mas entre todos havia somente um espaçoporto para uso de viajantes comuns, para os sarkianos mais pobres, funcionários públicos florinianos e os poucos estrangeiros que lograssem obter permissão para visitar Florina.

O floriniano no portão de entrada do espaçoporto observou a aproximação de Terens com todos os sintomas de um vívido interesse. O vazio que o rodeava tinha se tornado insuportável.

— Saudações, senhor — disse. Havia um dissimulado tom ansioso em sua voz. Afinal, os patrulheiros estavam sendo mortos. — Há uma considerável excitação na Cidade, não?

Terens não mordeu a isca. Tinha puxado o visor em arco de seu quepe para baixo e fechado o botão superior da túnica.

Falou grosseiramente: — Duas pessoas, um homem e uma mulher, entraram no espaçoporto a caminho de Wotex?

O porteiro olhou-o espantado. Por um momento engoliu em seco e então, em um tom consideravelmente moderado, disse: — Entraram, Oficial. A uma meia hora atrás. Talvez menos. — Corou repentinamente. — Existe alguma ligação entre eles e… Oficial, tinham reservas que estavam completamente em ordem. Não deixaria estrangeiros passar sem autorização adequada.

Terens ignorou-o. Autorização adequada! O Padeiro conseguira estabelecê-la no correr de uma noite. Galáxia, espantava-se, quão profundamente a organização de espionagem trantoriana havia pene

trado na administração sarkiana?

— Que nomes deram?

— Gareth e Hansa Barne.

— Sua nave já partiu? Rápido!

— N-não senhor.

— Qual ancoradouro?

— Dezessete.

Terens forçou a si mesmo a refrear uma corrida, mas seu andar era pouco mais lento que uma. Se houvesse um patrulheiro verdadeiro à vista, aquela meia-corrida rápida, indigna, de Terens teria sido sua última viagem em liberdade.

Um espaçonauta com uniforme de oficial estava parado na câmara de compressão principal da nave.

Terens ofegou um pouco. — Gareth e Hansa Barne embarcaram? — perguntou.

— Não, não embarcaram — disse o espaçonauta fleugmaticamente. Era um sarkiano e o patrulheiro era somente um outro homem uniformizado para ele. — Você tem uma mensagem para eles?

Com a paciência esgotada, Terens disse: — Não embarcaram!

— Foi o que eu disse. E não estamos esperando por eles. Sairemos no horário, com ou sem eles.

Terens virou-se.

Estava novamente no abrigo do porteiro. — Eles partiram?

— Partiram? Quem, senhor?

— Os Barnes. Aqueles que iam para Wotex. Não estão a bordo da nave. Eles partiram?

— Não, senhor. Não que eu saiba.

— Que me diz dos outros portões?

— Não são saídas, senhor. Esta é a única saída.

— Verifique-os, seu miserável idiota.

O porteiro levantou o tubo de comunicação em estado de pânico. Nenhum patrulheiro antes falara consigo assim, com cólera, e ele temia os resultados. Em dois minutos abaixou-o.

— Ninguém saiu, senhor — disse.

Terens olhou-o fixamente. Sob seu quepe negro, seus cabelos ruivos estavam pegajosos contra o crânio, e abaixo de cada costeleta havia a marca brilhante da transpiração.

— Alguma nave deixou o espaçoporto desde que eu entrei? — perguntou.

O porteiro consultou o horário. — Uma — disse — a nave de carreira Endeavor.

Voluvelmente continuou, ansioso por ganhar as simpatias do irritado patrulheiro através de informações voluntárias. — A Endeavor

está fazendo uma viagem especial a Sark para levar a Dama Samia Fife de volta.

Não se preocupou em descrever exatamente por que refinada forma de bisbilhotice conseguira inteirar-se da "informação confidencial".

Mas para Terens, agora, nada importava.

Voltou-se lentamente. Eliminando o impossível, qualquer coisa que permanecesse, embora improvável, era verdade. Rik e Valona haviam entrado no espaçoporto. Não foram capturados ou o porteiro certamente saberia. Não estavam simplesmente vagando pelo espaçoporto, ou a essa hora teriam sido capturados. Não estavam na nave para a qual tinham passagens. Não haviam deixado o campo. A única nave que havia deixado o campo era a Endeavor. Portanto, nela, possivelmente como cativos, possivelmente como clandestinos, estavam Rik e Valona.

E as duas possibilidades eram equivalentes. Se fossem clandestinos logo seriam cativos. Somente uma camponesa floriniana e uma criatura de mente atrofiada não deixariam de imaginar que alguém poderia embarcar como clandestino em uma espaçonave moderna.

E de todas as espaçonaves a escolher, escolheram a que transportava a filha do Nobre de Fife.

O Nobre de Fife!

9. O Nobre

O Nobre de Fife era o individuo mais importante de Sark, e por essa razão não gostava de ser visto de pé. Como sua filha, era pequeno, mas, diferentemente dela, não era perfeitamente proporcionado, já que as suas pernas eram as principais responsáveis por sua baixa estatura. Tinha o tronco até mesmo robusto, e a cabeça era indubitavelmente majestosa, mas seu corpo era sustentado por pernas atarracadas que eram forçadas a um gingado poderoso para transportar sua carga.

Assim, sentava-se atrás de uma escrivaninha e, exceto por sua filha e criados pessoais e, quando estava viva, sua esposa, ninguém o via em qualquer outra posição.

Ali parecia o homem que era. Sua grande cabeça, com sua boca larga e de lábios pequenos, nariz largo e de largas narinas e queixo pontudo e fendido, poderia demonstrar ser afável ou inflexível a cada vez, com igual facilidade. Seus cabelos, penteados rigidamente para trás e, num indiferente descaso para com a moda, caídos até quase os ombros, eram azuis-escuros, intocados pelo cinza. Um vago azul marcava as regiões de seu rosto onde um barbeiro floriniano duas vezes por dia combatia o tenaz crescimento de sua barba.

O Nobre fazia poses e sabia disso. Disciplinara a expressão de sua face e deixava as mãos, amplas, fortes e de dedos curtos, permanecerem vagamente crispadas contra uma escrivaninha, cuja superfície lisa e polida estava completamente vazia. Não havia sequer uma folha de papel sobre ela, um tubo de comunicações, um ornamento. Por sua extrema simplicidade a presença do próprio Nobre era enfatizada.

Dirigiu-se a seu pálido, branco como carne de peixe, secretário com o tom sem vida especial que reservava para aparelhos mecânicos e funcionários públicos florinianos. — Presumo que todos aceitaram.

Não tinha qualquer dúvida quanto à resposta.

Seu secretário respondeu em um tom igualmente sem vida: — O Nobre de Bort afirmou que a premência de arranjos comerciais anteriores impossibilitava seu comparecimento antes das três.

— E você lhe disse?

— Eu afirmei que a natureza do caso presente tornaria qualquer atraso desaconselhável.

— O resultado?

— Estará aqui, senhor. O resto concordou sem reservas.

Fife sorriu. Meia hora antes ou depois não teria feito qualquer diferença. Havia um novo princípio envolvido, isto era tudo. Os Grandes Nobres eram muito sensíveis quanto a sua própria

independência, e tal sensibilidade teria que sumir.

Estava esperando, agora. A sala era grande, os lugares para os outros estavam preparados. O grande cronômetro, cujas minúsculas e potentes faíscas de radiatividade não haviam falhado ou faltado em mil anos, dizia que eram duas e vinte e um.

Que explosão a dos últimos dois dias! O velho cronômetro poderia ainda testemunhar eventos iguais a qualquer daqueles do passado.

Contudo, tal cronômetro havia visto muitos em seu milênio. Quando contava seus primeiros minutos, Sark era um mundo novo de cidades construídas manualmente com contatos duvidosos entre outros mundos mais antigos. Naqueles tempos o relógio estava na parede de um velho edifício de tijolos, os mesmos tijolos que desde então tornaram-se pó. Registrara seu curso uniforme através de três "impérios" sarkianos de curta duração, quando os indisciplinados soldados de Sark lograram governar, por um intervalo maior ou menor, uma meia dúzia de mundos vizinhos. Seus átomos radiativos explodiram em estrita seqüência estatística através de dois períodos, quando as frotas de mundos vizinhos ditaram a política de Sark.

Quinhentos anos atrás marcava um tempo tranqüilo quando Sark descobriu que o mundo mais próximo, Florina, possuía um tesouro incalculável em seu solo. Movera-se uniformemente durante duas guerras vitoriosas e registrou solenemente o estabelecimento de uma paz de conquistador. Sark abandonou seus impérios, absorveu firmemente Florina, e tornou-se poderoso de uma maneira que nem o próprio Trantor poderia alcançar.

Trantor queria Florina, e outras potências também a queriam. Os séculos marcaram Florina como um mundo para o qual mãos se estenderam através do espaço, tateando e tocando ansiosamente. Mas eram de Sark as mãos que o seguraram, e Sark, antes de libertá-lo, deflagrara a guerra galáctica.

Trantor sabia disso! Trantor sabia disso!

Era como se o ritmo silencioso do cronômetro estabelecesse a pequena ladainha no cérebro do Nobre.

Eram duas e vinte e três.

Quase um ano antes, os cinco Grandes Nobres de Sark haviam se encontrado. Então, como agora, haviam estado ali, em sua própria sala. Naquela época, como agora, os Nobres, espalhados pela face do planeta, cada um em seu próprio continente, encontraram-se em personificação tridimensional.

Grosso modo, equivalia à televisão tridimensional em tamanho natural com som e cor. A duplicata poderia ser encontrada em qualquer sala privada moderadamente abastada de Sark. O incomum era a ausência de qualquer receptor visível. Exceto por Fife, os Nobres

presentes estavam ali de todas as maneiras possíveis, menos a real. A parede poderia não ser vista atrás deles, eles não tremulavam, contudo uma mão poderia ser passada através de seus corpos.

O corpo material do Nobre de Rune estava sentado nas antípodas, seu continente era o único em que, nesse momento, a noite prevalecia. A área cúbica que imediatamente circundava sua imagem no estúdio de Fife tinha o brilho frio, branco, da luz artificial, obscurecida pela luz mais brilhante do dia sobre ela.

Presente em uma sala, real ou em imagens, estava o próprio Sark. Era uma personificação estranha e não totalmente heróica do planeta. Rune era calvo e obeso, rosado, enquanto que Balle era pardo e secamente enrugado. Steen era empoado e usava ruge, mostrando o desesperado sorriso de um homem cansado que pretendia uma força vital que não mais tinha, e Bort transmitia indiferença quanto ao bem-estar ao ponto desagradável de manter uma barba de dois dias e unhas sujas.

Contudo eram os cinco Grandes Nobres.

Eram o ponto mais alto das três pirâmides de poderes dirigentes de Sark. A menor pirâmide era, claro, o Funcionalismo Público Floriniano, que permanecia estável através de todas as vicissitudes que marcavam a ascensão e a queda das nobres casas dos indivíduos de Sark. Eram eles que realmente lubrificavam os eixos e faziam girar as rodas do governo. Acima deles estavam os ministros e chefes de departamentos apontados pelo hereditário (e inofensivo) Chefe de Estado. Seus nomes e o do próprio Chefe eram necessários em documentos de Estado para torná-los comprometidos legalmente, mas suas únicas tarefas consistiam em assinar seus nomes.

O posto mais alto era ocupado por estes cinco, cada um deles tacitamente com um continente concedido pelos outros quatro. Eram os chefes das famílias que controlavam o volume principal do comércio do *kyrt*, e as rendas que dele derivavam. Era dinheiro que dava poder e eventualmente ditava a política em Sark, e estes o tinham. E dos cinco, era Fife o que tinha mais.

O Nobre de Fife encarou-os nesse dia, há quase um ano atrás, e disse aos outros mestres do segundo planeta mais rico da Galáxia (segundo mais rico após Trantor, que, afinal, tinha meio milhão de mundos a explorar, em vez de somente dois):

— Recebi uma mensagem curiosa.

Nada disseram. Esperaram.

Fife entregou uma tira de filme de metalita a seu secretário, que caminhou de uma figura sentada a outra, segurando-a bem alto para que cada um a visse, permanecendo assim somente o tempo suficiente para que a lessem.

Para cada um dos quatro que compareceram à conferência no

escritório de Fife, ele, somente ele, era real, mas todos, afinal, incluindo Fife, eram apenas sombras. O filme de metalita era também uma sombra. Podiam somente sentar-se e observar os raios de luz que focalizavam através dos vastos setores-mundos do Continente de Fife aos de Balle, Bort, Steen e a ilha-continente de Rune. As palavras que liam eram sombra sobre sombra. Somente Bort, direto e pouco dado a sutilezas, esqueceu este fato e procurou alcançar a mensagem.

Sua mão estendeu-se para a borda do receptor de imagens retangular e foi cortada. Seu braço terminava em um toco descaracterizado. Em seus próprios aposentos, Fife sabia, o braço de Bort havia logrado simplesmente aproximar-se de nada e passado através da mensagem filmada. Sorriu, e também os outros. Steen deu uma risadinha.

Bort enrubesceu. Puxou de volta o braço e sua mão reapareceu.

— Bem, cada um de vocês o viu — disse Fife. — Se não se importarem, agora vou lê-lo alto para que possam considerar seu conteúdo.

Estendeu-se para cima, e seu secretário, apressando os passos, conseguiu segurar o filme na posição adequada para que a mão de Fife o agarrasse sem tatear um instante em vão.

Fife leu suavemente, dramatizando as palavras, como se a mensagem fosse sua, e apreciou fazê-lo.

— Esta é a mensagem — começou: — "Você é um Grande Nobre de Sark e não há ninguém que rivalize com você em poder e opulência. Contudo, tais poder e opulência sustentam-se em alicerces frágeis. Você pode pensar que um fornecimento planetário de *kyrt*, como o que existe em Florina, de modo algum seja um alicerce frágil, mas, pergunte-se, por quanto tempo existirá Florina? Para sempre?

— "Não! Florina pode ser destruída amanhã. Pode existir por um milênio. Das duas possibilidades, é mais provável que seja destruída amanhã. Não por mim, estejam certos, mas de uma maneira que não podem prever ou prognosticar. Considere tal destruição. Considere, também, que seu poder e opulência já se tenham ido, visto que demandarei a maior parte deles. Vocês terão tempo para considerar, mas não muito tempo.

— "Tentem se acomodar e anunciarei a toda Galáxia e particularmente para Florina a verdade em relação à destruição esperada. Depois dela não mais haverá o *kyrt*, opulência ou poder. Nenhum deles para mim, mas então estarei acostumado a isso. Nenhum deles para vocês, e isto seria extremamente sério, já que nasceram para grande riqueza.

— "Transfiram a maior parte de seus bens para mim na quantidade e na forma que imporei em futuro próximo e permanecerão na posse segura do que restar. Pelos seus padrões atuais

não lhes será deixado uma grande fatia, estejam certos, mas será mais que o nada que de outra forma lhes seria deixado. Não zombem do fragmento que reterão, tampouco. Florina pode durar enquanto viverem, e viverão, se não prodigamente, ao menos confortavelmente".

Fife terminou. Virou e virou o filme em suas mãos, dobrou-o gentilmente em um cilindro translúcido de prata através do qual as letras em estêncil fundiram-se em um borrão avermelhado.

— É uma carta engraçada — disse com naturalidade. — Não há assinatura e o tom da carta, como ouviram, é elevado e pomposo. O que acham disso, Nobres?

O rosto corado de Rune manifestava desprazer. — É obviamente obra de um homem não muito distante da psicose — disse ele. — Escreve como se fosse uma novela histórica. Francamente, Fife, eu não vejo por que tal asneira seja uma desculpa decente para romper nossas tradições de autonomia continental nos convocando. E não gosto que isto continue na presença de seu secretário, por favor.

— Meu secretário? Porque ele é floriniano? Você teme que sua mente seja pervertida por coisas como esta carta? Bobagem. — O tom de sua voz passou de suavemente divertido para as imoduladas sílabas de comando: — Vire-se para o Nobre de Rune.

O secretário obedeceu. Seus olhos estavam discretamente baixados, seu rosto, pálido e liso, era inexpressivo. Parecia quase intocado pela vida.

— Este floriniano — disse Fife, indiferente à presença do homem — é meu servo pessoal. Nunca está longe de mim, nunca com outros de sua espécie. Mas não é por esta razão que ele é absolutamente digno de confiança. Não lhe é óbvio que está sob efeito da sonda psíquica? É incapaz de qualquer pensamento desleal para comigo, por mais insignificante que seja. Sem tencionar qualquer ofensa, posso dizer que antes confiaria nele que em qualquer um de vocês.

Bort sorriu com desdém. — Não o censuro. Nenhum de nós deve a você a lealdade de um servo floriniano sondado.

Steen novamente deu uma risadinha e contorceu-se em seu assento como se este estivesse tornando-se paulatinamente quente.

Nenhum deles fez qualquer comentário a respeito do uso de Fife de uma sonda psíquica em servos pessoais. Fife teria ficado tremendamente espantado se o fizessem. O uso da sonda psíquica por outra razão que não a correção de doenças mentais ou a remoção de impulsos criminosos era proibido. Mais rigorosamente, era proibido até mesmo para os Grandes Nobres.

Contudo, Fife aplicava a sonda quando achasse necessário, particularmente quando o paciente era um floriniano. A sondagem de

um sarkiano era um assunto muito mais delicado. O Nobre de Steen, cujas contorções à menção da sondagem Fife não esquecera, tinha bem a fama de fazer uso de florinianos sondados de ambos os sexos para propósitos bem distintos dos do secretário de Fife.

— Continuando — Fife juntou seus grossos dedos. — Não reuni todos vocês para a leitura de uma carta maluca. Isto, eu espero, está entendido. Realmente temo que tenhamos um problema importante em nossas mãos. Em primeiro lugar, eu me pergunto, por que somente eu devo me preocupar? Certamente, sou o mais rico dos Nobres, mas, sozinho, controlo somente um terço do comércio de kyrt. Juntos, nós cinco controlamos todo ele. É fácil fazer cinco celucópias de uma carta, tão fácil quanto fazer uma.

— Você fala muito e não diz nada — resmungou Bort. — O que você quer?

Os lábios murchos e descoloridos de Balle moveram-se num rosto tolo e cinzento. — Ele quer saber, meu Nobre Bort, se recebemos cópias desta carta.

— Então, deixe-o dizer isso.

— Pensei que estivesse dizendo — disse Fife calmamente. — Então?

Entreolharam-se, duvidosa ou desafiadoramente, conforme a personalidade de cada um impunha.

Rune falou primeiro. Sua testa rosada estava úmida, com discretas gotas de suor; ele puxou do macio quadrado de kyrt para enxugar a umidade das rugas entre dobras de gordura que formavam semi-círculos de orelha a orelha.

— Não saberia, Fife — disse. — Posso perguntar a meus secretários, que, a propósito, são todos sarkianos. Afinal, mesmo se tal carta chegasse a meu escritório, teria sido considerada… como direi?… considerada uma carta excêntrica. Nunca teria chegado às minhas mãos. Isto é certo. Somente seu próprio sistema peculiar de secretário o mantém a par de seu próprio lixo.

Olhou em torno e sorriu, com a goma de mascar brilhando úmida entre os lábios, para cima e para baixo nos dentes artificiais de aço-cromo. Cada um dos dentes era implantado profundamente, soldado ao maxilar, e mais forte que qualquer dente natural. Seu sorriso mostrava-se mais aterrorizante que sua carranca.

Balle deu de ombros. — Eu imagino que o que Rune disse pode perfeitamente valer para todos nós.

Steen riu nervosamente. — Eu nunca leio a correspondência. Realmente, nunca leio. É muito chato, e vem em tal quantidade que eu nunca teria tempo. — Olhou em torno de si com seriedade, como se fosse necessário convencer os companheiros deste importante fato.

— Bolas! — disse Bort. — O que está errado com vocês todos?

Medo de Fife? Olhe aqui, Fife, eu não mantenho nenhum secretário porque não preciso de ninguém entre mim e meus negócios. Recebi uma cópia desta carta e estou certo de que estes três também. Querem saber o que eu fiz com a minha? Atirei no duto de refugos. Eu os aconselho a fazerem o mesmo com as suas. Vamos acabar com isso. Estou cansado.

Sua mão procurou acima dele o interruptor articulado que cortaria o contato e libertaria sua imagem da presença ante Fife.

— Espere, Bort. — A voz de Fife soou asperamente. — Não faça isso. Eu não terminei. Você não iria querer que tomássemos medidas e tomássemos decisões em sua ausência. Certamente que não.

— Vamos permanecer, Nobre Bort — apressou-se Rune em sua voz mais suave, embora seus pequenos olhos enterrados em gordura não estivessem particularmente amáveis. — Eu estou curioso em saber por que o Nobre Fife parece tão preocupado com uma ninharia.

— Bem — disse Balle, sua voz seca arranhava os outros ouvidos — talvez Fife ache que nosso amigo correspondente tenha informações sobre um ataque trantoriano a Florina.

— Ora! — disse Fife com desdém. — Como ele saberia, quem quer que seja ele? Nosso serviço secreto é adequado, asseguro-lhes. E como impediria o ataque se recebesse nossas propriedades como suborno? Não, não. Ele fala da destruição de Florina como se significasse a destruição física e não a destruição política.

— É realmente muito insano — disse Steen.

— É? — disse Fífe. — Então não percebe o significado dos acontecimentos das duas últimas semanas?

— Que acontecimentos, em particular? — perguntou Bort.

— Parece que um analista espacial desapareceu. Certamente você ouviu algo sobre isso.

Bort parecia irritado e nem um pouco confortável. — Eu ouvi algo de Abel de Trantor sobre isso. O que é? Eu não sei nada sobre analistas espaciais.

— Ao menos você leu uma cópia da última mensagem para sua base em Sark antes que desaparecesse.

— Abel mostrou-a a mim. Não prestei muita atenção.

— Que me dizem os outros? — Os olhos de Fife desafiaram um por um. — Sua memória consegue recuar uma semana?

— Eu o li — disse Rune. — E me lembro dele também. Claro! Fala de destruição também. É aí que você está querendo chegar?

— Olhe aqui — Steen falou estridentemente —, estava cheio de insinuações desagradáveis que não faziam sentido. Realmente, espero sinceramente que não o discutamos agora. Mal poderia livrar-me de Abel, e foi justamente antes do jantar, também. Muito penoso. Realmente.

— Não há cura para isso, Steen — disse Fife com mais que um traço de impaciência. (O que alguém poderia fazer com uma coisa como Steen?) — Devemos falar disso novamente. O analista espacial falou da destruição de Florina. Coincidindo com seu desaparecimento, recebemos mensagens também ameaçando a destruição de Florina. Isto é coincidência?

— Você está dizendo que o analista espacial enviou a mensagem de extorsão? — sussurrou o velho Balle.

— Provavelmente não. Por que dizer isso primeiro em seu próprio nome, e depois anonimamente?

— Na primeira vez em que falou — disse Balle — estava se comunicando com sua agência distrital, não conosco.

— Mesmo assim. Um chantagista não negocia com ninguém a não ser com sua vítima, se puder fazê-lo.

— E daí?

— Ele está desaparecido. Digamos que o analista espacial seja honesto. Mas ele transmitiu informações perigosas. Agora está em mãos de outros que não são honestos, são chantagistas.

— Quais outros?

Fife, carrancudo, sentou-se novamente em sua cadeira, seus lábios mal se moviam. — Você está me perguntando com seriedade? Trantor.

Steen estremeceu. — Trantor!

— Por que não? Quem melhor para assumir o controle de Florina? É um dos primeiros objetivos de sua política externa. E se puderem fazê-lo sem guerra, tanto melhor para eles. Olhe aqui, se cedermos a este ultimato impossível, Florina será deles. Eles nos oferecem um pouco — levou dois dedos juntos ante sua face —, mas quanto manteremos mesmo com isso?

— Por outro lado, suponha que ignoremos o fato, e, realmente, tenhamos escolha. O que faria Trantor, então? Porque espalharão boatos de um fim eminente do mundo dos camponeses florinianos. Quando estes boatos se espalharem, os camponeses entrarão em pânico, e o que poderá suceder a não ser um desastre? Que força poderá fazer um homem trabalhar se ele pensar que o fim do mundo virá amanhã? A colheita irá apodrecer. Os armazéns ficarão vazios.

Steen levantou um dedo para examinar o colorido de uma das bochechas, como se olhasse para um espelho em seu próprio quarto, fora do alcance do cubo receptor.

— Eu não acho que nos prejudicaria muito — disse. — Se a oferta cair, o preço não subirá? Então, logo ficaria evidente que Florina ainda estava lá e os camponeses voltariam ao trabalho. Além disso, poderíamos sempre ameaçar sermos mais exigentes com as exportações. Realmente, eu não vejo como qualquer mundo civilizado poderia esperar viver sem o *kyrt*. Ah, vai tudo bem com o Rei *Kyrt*.

Acho que isto é fazer drama sobre coisa alguma.

Lançou-se a uma atitude de tédio, um dedo delicadamente colocado em sua bochecha.

Os velhos olhos de Balle haviam permanecido fechados durante todo este tempo. — Não pode haver aumento de preços agora — disse. — Nós já o mantemos no máximo absoluto.

— Exatamente — disse Fife. — Não levará a rompimento sério em lugar nenhum. Trantor espera por qualquer sinal de desordem em Florina. Se puderem apresentar à Galáxia a perspectiva de um Sark incapaz de garantir os embarques de *kyrt*, seria a coisa mais natural do universo para eles moverem-se para manter o que chamam de ordem e para garantir a chegada do kyrt. E o risco seria de que os mundos livres da Galáxia provavelmente entrariam em cena a seu lado pela causa do *kyrt*. Especialmente se Trantor concordar em quebrar o monopólio, aumentar a produção e baixar os preços. Posteriormente seria outra história, mas, enquanto isso, obteriam seu apoio.

— É a única maneira lógica em que Trantor poderia possivelmente agarrar Florina. Se fosse caso de simples força, a Galáxia livre fora da esfera de influencia de Trantor iria unir-se a nós como pura autodefesa.

— Como o analista espacial se encaixa nisso? — disse Rune. — Ele é necessário? Se sua teoria for adequada, deve explicar isso.

— Eu acho que sim. Estes analistas espaciais são geralmente desequilibrados, e este deve ter desenvolvido alguma — os dedos de Fife moveram-se, como se construíssem uma estrutura vaga — alguma teoria maluca. Não importa qual. Trantor não poderia deixar isto vir à tona, ou o Departamento Analítico-espacial abafaria. Entretanto, agarrar o homem e conhecer os detalhes iria dar-lhes algo que provavelmente possuiria uma validez superficial para os não-especialistas. Poderiam utilizá-lo, fazê-lo parecer real. O Departamento é um fantoche trantoriano, e seu desmentido, uma vez que a história já se tenha espalhado na forma de boato científico, nunca seria poderoso o bastante para superar a mentira.

— Parece muito complicado — disse Bort. — Bolas. Não podem deixar que venha à tona.

— Não podem deixar que venha à tona como um sério anúncio científico, ou mesmo atingir o Departamento com isso — disse Fife pacientemente. — Podem deixar vazar como um boato. Não percebe isso?

— O que o velho Abel está fazendo, perdendo seu tempo procurando o analista espacial, então?

— Você espera que ele comunique o fato de que o apanhou? O que Abel faz e o que Abel parece estar fazendo são duas coisas diferentes.

— Bem — disse Rune —, se você está certo, o que estamos fazendo?

— Estamos tomando conhecimento do perigo — disse Fife — e isto é o que importa. Encontraremos o analista espacial, se pudermos. Devemos manter todos os agentes conhecidos de Trantor sob estrita vigilância sem interferir realmente em seu trabalho. A partir de suas ações poderemos tomar conhecimento do curso dos próximos acontecimentos. Devemos suprimir completamente qualquer propaganda em Florina no sentido da destruição do planeta. Ao primeiro fraco sussurro deve-se opor uma ação contrária do mais violento tipo.

— Acima de tudo, devemos permanecer unidos. Este é todo o propósito deste encontro, a meu ver; a formação de uma frente comum. Todos nós sabemos da autonomia continental e estou certo de que não há ninguém mais insistente a respeito dela que eu. Isto é, sob circunstâncias normais. Estas não são circunstâncias normais. Entendem isso?

Mais ou menos relutantemente, visto que a autonomia continental não era uma coisa a ser abandonada alegremente, entenderam.

— Então — disse Fife — esperaremos pelo segundo movimento.

Isto ocorrera há um ano. Saíram e o que se seguiu foi o mais estranho e o mais completo fiasco que já desabara sobre a sorte do Nobre de Fife em uma carreira moderadamente longa e mais que moderadamente audaciosa.

Não aconteceu um segundo movimento. Não houve outras cartas para qualquer um deles, O analista espacial permaneceu desaparecido, enquanto Trantor mantinha uma busca incoerente. Não havia qualquer traço dos apocalípticos rumores em Florina, e a colheita e o processamento do kyrt continuava com seu ritmo normal.

O Nobre de Rune costumava chamar Fife a intervalos semanais,

— Fife — dizia. — Alguma novidade? — Sua gordura tremeria de alegria e abundantes risinhos forçavam passagem através de sua garganta.

Fife o atendia fria e impassivelmente. O que poderia fazer? Repetidamente examinara minuciosamente os fatos. Era inútil. Alguma coisa estava faltando. Algum fator vital estava faltando.

E então tudo começou a explodir de uma vez, e ele teve a resposta. Ele sabia que tinha a resposta, mesmo sem nunca ter esperado por ela.

Convocou novamente a reunião, O cronômetro agora dizia que eram duas e vinte e nove.

Estavam começando a surgir agora. Primeiro Bort, lábios comprimidos e um ridículo e rude dedo raspando contra a superfície escanhoada-encanecida de sua bochecha. Então Steen, com seu rosto

recém-lavado, limpo de pintura e apresentando uma aparência pálida, doentia.Balle indiferente e cansado, seu rosto encovado, o braço da cadeira bem almofadado, um copo de leite quente a seu lado. Finalmente Rune, dois minutos atrasado, lábios úmidos e mal-humorado, sentado uma vez mais à noite. Desta vez suas luzes estavam obscurecidas a um ponto em que ele era um volume enevoado sentido em um cubo de sombras que as luzes de Fife não poderiam ter iluminado, embora tivessem a potência do Sol de Sark.

Fife começou: — Nobres! Ano passado especulei sobre um perigo distante e complicado. Assim procedendo, caí numa armadilha. O perigo existe, mas não está distante. Está próximo de nós, muito próximo. Um de vocês já sabe o que quero dizer, Os outros descobrirão dentro em breve.

— O que você quer dizer? — perguntou Bort rispidamente.

— Alta traição! — explodiu em resposta Fife.

10. O Fugitivo

Myrlyn Terens não era um homem de ação. Logo, disse a si mesmo, como uma desculpa, ao deixar o espaçoporto, que sua mente estava paralisada.

Tinha de controlar o andar cuidadosamente. Não muito devagar, ou pareceria estar vadiando. Nem muito depressa, ou pareceria estar correndo. Só vivamente, como um patrulheiro caminharia, um patrulheiro que estivesse cuidando de sua vida e pronto a entrar em seu carro diamagnético.

Se pelo menos pudesse entrar em um carro diamagnético! Dirigir um, infelizmente, não se inclui na educação de um floriniano, nem mesmo de um Conselheiro floriniano, então tentou pensar enquanto caminhava e não pôde. Precisava de silêncio e descanso.

E sentia-se meio fraco para caminhar. Poderia não ser um homem de ação, mas tinha agido rapidamente agora por um dia e uma noite e parte de um outro dia. Havia utilizado o estoque de nervos de toda sua vida.

Contudo, não ousava parar.

Se fosse noite poderia ter tido umas poucas horas para pensar. Mas era inicio da tarde.

Se pudesse dirigir um carro diamagnético poderia colocar quilômetros entre si e a cidade. A distância suficiente para pensar um pouco antes de decidir o próximo passo. Mas tinha somente suas pernas.

Se pudesse pensar. Era assim. Se pudesse pensar. Se pudesse suspender toda movimentação, toda ação. Se pudesse apanhar o universo entre instantes, ordenar-lhe-ia que estancasse, enquanto resolvia as coisas. Deveria haver algum jeito.

Mergulhou na bem-vinda sombra da Cidade Inferior. Caminhava rijamente, como vira os patrulheiros caminharem. Oscilava seu cassetete de choque firmemente seguro. As ruas estavam vazias. Os nativos estavam aconchegados em suas barracas. Tanto melhor.

O Conselheiro decidiu escolher uma casa cuidadosamente. Seria melhor escolher uma das melhores, uma decorada com tijolos plásticos coloridos e vidro polarizado nas janelas. A classe inferior estava sombria. Tinha menos a perder. Um “homem superior” recorreria a si mesmo por ajuda.

Caminhou a pequena distância que o separava da casa. Era afastada da rua, outro sinal de influência. Sabia que não teria necessidade de bater à porta ou quebrá-la. Havia um perceptível movimento em uma janela quando ele caminhou pela rampa. (Quantas gerações de necessidade capacitaram um floriniano a farejar

a aproximação de um patrulheiro!) A porta se abriria.

Abriu-se.

Uma jovem abriu-a, seus olhos eram círculos de orlas brancas. Estava desajeitada em um vestido de babados que mostrava o esforço determinado da parte de seus pais em sustentar seu status como algo mais que o povo do "lixo floriniano". Ficou de lado para deixá-lo passar, sua respiração vindo rápida entre lábios separados.

O Conselheiro fez-lhe um gesto para que fechasse a porta. — Seu pai está, menina?

— Pa — gritou, e então disse, ofegante. — Sim, senhor.

— Pa — estava vindo apologeticamente de outro cômodo. Veio devagar. Não era novidade para ele que um patrulheiro estivesse à porta. Era simplesmente mais seguro deixar que uma menina o fizesse entrar. Ela era menos capaz de ser nocauteada que ele mesmo, se acontecesse de o patrulheiro estar irado.

— Seu nome? — perguntou o Conselheiro.

— Jacof, se lhe agradar, senhor.

O uniforme do Conselheiro tinha um caderninho de folhas finas em um de seus bolsos, O Conselheiro o abriu, estudou-o brevemente, fez uma marca de verificação ondulada e disse: — Jacof! Sim! Eu quero ver cada membro da família. Depressa!

Se houvesse encontrado espaço para qualquer emoção que não fosse uma de desesperançada opressão, Terens quase teria apreciado a si mesmo. Não era imune aos sedutores prazeres da autoridade.

Enfileiraram-se. Uma mulher magra, preocupada, uma criança de cerca de dois anos contorcendo-se em seus braços. Então a menina que o fez entrar e um irmão mais jovem.

— Isto é tudo?

— Todo mundo, senhor — disse Jacof humildemente

— Posso cuidar do bebê? — perguntou ansiosamente a mulher. — É hora de sua sesta. Eu o estava colocando na cama. — Estendia a criança como se a visão da jovem inocência pudesse derreter o coração de um patrulheiro.

O Conselheiro não olhou para ela. Um patrulheiro, imaginava, não olharia, e ele era um patrulheiro. — Ponha-a no chão — disse — e dê-lhe uma chupeta açucarada para mantê-la quieta. Agora você, Jacof!

— Sim, senhor.

— Você é um menino responsável, não é? — Um nativo de qualquer idade era, claro, um "menino",

— Sim, senhor. Os olhos de Jacof brilharam e seus ombros levantaram-se um pouco. — Sou escrevente no centro de processa mento de alimentos. Eu aprendi matemática, divisão explícita. Posso fazer logaritmos.

Sim, o Conselheiro pensou, eles mostraram a você como utilizar uma tábua de logaritmos e ensinaram-lhe como pronunciar a palavra.

Conhecia o tipo. O homem ficaria mais orgulhoso de seus logaritmos que um Nobrezinho de seu iate, O vidro polarizado das janelas era a conseqüência de seus logaritmos e os tijolos decorados anunciavam sua divisão. Seu desacato para com o nativo não-educado seria igual àquele do Nobre médio para com todos os nativos e sua aversão seria mais intensa, já que havia vivido entre eles e fora confundido como um deles por seus chefes.

— Você acredita na lei, não acredita, menino, e nos bons Nobres? — O Conselheiro mantinha-se fingindo, impressionantemente, consultando seu caderninho.

— Meu marido é um bom homem — explodiu a mulher voluvelmente. — Nunca se meteu em encrencas, Não se associa com lixo. E nem eu. Nem também as crianças. Nós sempre…

Terens fez sinal para que ela se calasse. — Sim. Sim. Agora olhe, menino, eu quero que você se sente aqui mesmo e faça o que eu disser. Eu quero uma lista de todo mundo que você conhece neste bloco. Nomes, endereços, o que fazem, e que tipo de meninos eles são. Se houver um daqueles agitadores, eu quero saber. Vamos fazer uma limpeza. Entendeu?

— Sim, senhor. Sim, senhor. Tem o Husting primeiro. Ele está ai no meio do bloco. Ele…

— Assim não, menino. Ponha-o num pedaço de papel, você. Agora sente-se lá e escreva tudo. Cada coisinha. Escreva devagar porque eu não posso ler garranchos de nativos.

— Eu tenho uma mão treinada para escrever, senhor.

— Vamos vê-la, então.

Jacof curvou-se sobre sua tarefa, a mão movendo-se lentamente. Sua esposa observava por cima de seu ombro.

Terens falou para a garota que o havia deixado entrar. — Vá para a janela e faça-me saber se quaisquer outros patrulheiros vierem nesta direção. Eu vou querer falar com eles. Não os chame. Só me avise. E então, finalmente, ele podia relaxar. Havia construído um nicho momentaneamente seguro para si no centro do perigo.

Exceto pela barulhenta sucção do bebê no canto da sala, havia silêncio razoável. Seria avisado da aproximação do inimigo com tempo para uma chance de escapar à luta.

Agora poderia pensar.

Em primeiro lugar, seu papel de patrulheiro estava quase terminado. Havia indubitavelmente bloqueios de estrada em todas as saídas possíveis da Cidade, e eles sabiam que ele não poderia utilizar qualquer meio de transporte mais complicado que uma aeromoto diamagnética. Não demoraria muito tempo antes que se começasse a

ver os patrulheiros em ociosa busca que somente por um sistemático esquadrinhamento da Cidade, quarteirão por quarteirão e casa por casa, poderiam se certificar de encontrar seu homem.

Quando finalmente decidissem fazê-lo, começariam sem dúvida nos arredores da cidade e avançariam para o centro. Se fosse assim, esta casa estaria entre as primeiras a ser examinadas, assim seu tempo estava particularmente limitado.

Até agora, a despeito de sua evidência negra e prateada, o uniforme de patrulheiro havia sido útil. Os próprios nativos não o contestaram. Não se detiveram para observar seu pálido rosto floriniano; não estudaram sua aparência. O uniforme havia sido suficiente.

Dentro em breve os cães de caça perceberiam tal fato mostrando-se para eles. Iria ocorrer-lhes transmitir instruções a todos os nativos para que detivessem qualquer patrulheiro incapaz de mostrar identificação adequada, particularmente um com pele branca e cabelos ruivos. Identificações temporárias seriam distribuídas para todos os patrulheiros legítimos. Recompensas seriam oferecidas. Talvez somente um nativo em cem fosse corajoso o bastante para atacar o uniforme, não importando quão pacientemente falso o ocupante fosse. Um em cem seria o bastante.

Assim tinha de parar de ser um patrulheiro.

Isto era uma coisa. Agora outra. Não estaria seguro em lugar nenhum de Florina de agora em diante. Assassinar um patrulheiro era o pior dos crimes e em cinqüenta anos, se ele conseguisse iludir seus captores por tanto tempo, a caçada permaneceria quente. Por tanto, teria de deixar Florina.

Como?

Bem, dava a si mesmo mais um dia de vida. Esta era uma estimativa generosa. Supunha os patrulheiros como de máxima estupidez e a si mesmo em um estado de sorte máxima.

De certa forma tinha uma vantagem. Meras vinte e quatro horas de vida não eram muito a arriscar. Significava que poderia arriscar-se de uma forma que possivelmente nenhum homem são se arriscaria.

Levantou-se.

Jacof levantou os olhos de seu papel. — Não acabei tudo, senhor. Eu estou escrevendo com muito cuidado.

— Deixe-me ver o que você escreveu.

Olhou para o papel que lhe foi entregue. — é suficiente — disse. — Se outros patrulheiros vierem, não gaste o tempo deles dizendo que você já vez uma lista. Estão com pressa e poderão ter outras tarefas para você. Só faça o que eles mandarem. Tem algum vindo para cá agora?

A menina à janela disse: — Não, senhor. Quer que eu vá lá fora e

olhe?

— Não é necessário. Vamos ver agora. Onde fica o elevador mais próximo?

— É mais ou menos a quatrocentos metros para a esquerda, senhor, saindo da casa. O senhor pode…

— Sim. Sim. Deixe-me ir.

Um esquadrão de patrulheiros passou pela rua justamente quando a porta do elevador fechou-se atrás do Conselheiro. Podia sentir seu coração pesado. A busca sistemática estava provavelmente começando, e estavam em seus calcanhares.

Um minuto mais tarde, o coração ainda como um tambor, caminhou do elevador para a Cidade Superior. Aqui não havia cobertura. Nem pilares. Nem cimentoliga para escondê-lo do que estava acima.

Sentia-se como uma pequena mancha negra entre o brilho dos edifícios de cores berrantes. Sentia-se visível para um raio de três quilômetros e em oito quilômetros na direção do céu. Parecia haver grandes setas apontando para ele.

Não havia patrulheiros à vista. Os Nobres que passavam olhavam através dele. Se um patrulheiro era um motivo de medo para um floriniano, era motivo de indiferença para um Nobre. Se alguma coisa iria salvá-lo, seria isso.

Tinha uma vaga noção da geografia da Cidade Superior. Em alguma parte deste setor estava o Parque da Cidade. O passo mais lógico seria pedir informações, o mais lógico seguinte seria entrar em qualquer edifício moderadamente alto e observar de vários terraços dos pavimentos superiores. A primeira alternativa era impossível. Nenhum patrulheiro poderia possivelmente pedir informações. O Segundo era muito arriscado. Dentro de um edifício, um patrulheiro sena bastante evidente. Evidente demais.

Simplesmente seguiu na direção indicada por sua memória dos mapas da Cidade Superior que vira de vez em quando. Servia bastante bem. Era inconfundivelmente o Parque da Cidade com que se deparava após cinco minutos de caminhada.

O Parque da Cidade era uma mancha artificial verde de cerca de quatrocentos metros quadrados de área. No próprio Sark, o Parque da Cidade tinha fama exagerada por muitas coisas, da paz bucólica a orgias noturnas. Em Florina, aqueles que vagamente haviam ouvido algo a respeito imaginavam-no com de dez a cem vezes o seu tamanho real e de cem a mil vezes sua real luxúria.

A realidade era bastante agradável. No clima ameno de Florina era verde durante todo o ano. Tinha trechos gramados, áreas arborizadas e grutas rochosas. Tinha um pequeno lago com peixes decorativos e um maior para as crianças remarem. À noite era

feericamente iluminado com luzes coloridas até que o chuvisco começasse. Era entre o crepúsculo e a chuva que mais fervilhava. Havia bailes, shows tridimensionais, e casais perdendo-se ao longo dos passeios sinuosos.

Terens na realidade nunca havia entrado nele. Notou sua repelente artificialidade quando entrou no Parque. Sabia que o solo e as rochas que pisava, a água e as árvores em torno dele, tudo repousava sobre uma base rasa e morta de cimentoliga e isso o irritava. Pensou nos campos de *kyrt*, vastos e planos, e nas cadeias de montanhas ao sul. Desprezava os forasteiros que haviam construído brinquedos para si mesmos no meio da magnificência.

Por meia hora vagueou pelas alamedas sem rumo. O que tinha de fazer teria de ser feito no Parque da Cidade. Mesmo aqui poderia ser impossível. Em qualquer outro lugar era impossível.

Ninguém o viu. Ninguém tinha consciência dele. Estava certo disso. Os Nobres e Damas que passavam por ele perguntavam-se: — Você viu um patrulheiro no Parque ontem?

Podiam somente olhar espantados. Poderiam da mesma forma perguntar se haviam visto um maruim de árvore deslizar pelo caminho.

O Parque estava monótono demais. Sentia o pânico começar a crescer. Avançou por uma escada entre matacões e começou a descer para a área em forma côncava circundada por pequenas cavernas projetadas para abrigar casais apanhados pelo chuvisco noturno. (Eram mais os apanhados que o que poderia ser creditado somente ao azar.)

E então viu o que estava procurando.

Um homem! Mais precisamente um Nobre. Caminhava de um lado para o outro rapidamente. Fumando a ponta de um cigarro com baforadas bruscas, socando-a em um recesso para cinzas, onde ela permaneceu quietamente por um momento, então desapareceu com um rápido clarão. Estava consultando um relógio de corrente.

Não havia ninguém mais na área. Era um lugar feito para a tarde e a noite.

O Nobre estava esperando por alguém. Óbvio demais. Terens olhou em tomo de si. Ninguém o estava seguindo pelas escadas.

Poderia haver outras escadas. Certamente havia. Não importa. Ele não poderia perder esta chance.

Desceu, em direção ao Nobre. O Nobre não o havia visto, claro, até que Terens disse: — Se o senhor me perdoa?

Era bastante respeitoso, mas o Nobre não estava acostumado a ter um patrulheiro tocando seu cotovelo, não importa se mesmo numa maneira respeitosa.

— Que diabo? — disse.

Terens não abandonou nem o respeito nem a urgência no tom de sua voz. (Continue falando. Mantenha seus olhos nos dele só por meio minuto!) — Por aqui, senhor — disse. — Tem relação com a busca em toda a Cidade do nativo assassino.

— Do que você está falando?

— Levarei só um minuto.

Discretamente Terens havia sacado seu chicote neurônico. O Nobre nunca havia visto um. Zuniu um pouco e o Nobre retesou-se e caiu.

O Conselheiro nunca havia levantado a mão contra um Nobre antes. Estava surpreso de quão angustiado e culpado se sentia.

Ainda não havia ninguém à vista. Arrastou o corpo rijo, com seus olhos vidrados e fixos, para a caverna mais próxima. Arrastou-o para a parte mais rasa da caverna.

Despiu o Nobre, puxando as roupas dos braços e pernas enrijecidos com dificuldade. Tirou seu próprio uniforme de patrulheiro, sujo, manchado de suor, e enfiou-o por cima das roupas de baixo do Nobre. Pela primeira vez sentia o tecido de kyrt em alguma parte de si mesmo além de seus dedos.

Então o resto das roupas, e o barrete do Nobre. Este último era necessário. Os barretes não eram inteiramente elegantes para os grupos mais jovens, mas alguns o usavam, e este Nobre felizmente estava entre estes. Para Terens era uma necessidade, pois do contrário seus cabelos claros tomariam o disfarce impossível. Forçou o barrete para baixo firmemente, cobrindo as orelhas.

Então fez o que tinha de ser feito. O assassinato de um patrulheiro não era, deu conta repentinamente, afinal, o pior dos crimes.

Ajustou seu explosor para dispersão máxima e apontou-o para o Nobre inconsciente. Em dez segundos somente uma massa carbonizada havia restado. Isso atrasaria a identificação, confundiria seus perseguidores.

Reduziu o uniforme do patrulheiro a uma cinza branca pulverulenta com o jato e agarrou a pilha de botões e fivelas de prata enegrecida. Isto, também, tomaria a caçada mais difícil. Talvez estivesse conseguindo somente uma hora a mais, mas isto, também, era válido.

E agora teria de ir-se sem demora. Parou por um momento à entrada da gruta para cheirar. O jato trabalhara limpamente. Havia somente o mais leve odor de carne queimada e a leve brisa o limparia em poucos minutos.

Estava descendo os degraus quando uma jovem passou por ele no sentido oposto. Por um momento baixou seus olhos como de hábito. Ela era uma Dama. Levantou-os a tempo de ver que ela era jovem e bem bonita, e estava apressada.

Seu queixo imobilizou-se. Ela não o encontraria, claro. Mas ela estava atrasada, ou ele não estaria olhando tanto para seu relógio. Ela poderia pensar que ele ficara cansado de esperar e fora embora. Ele caminhava um pouco mais rápido. Não a queria retornando, perseguindo-o ofegante, perguntando-lhe se vira um homem jovem.

Deixou o Parque, caminhando sem rumo. Outra meia hora se passou.

Agora o quê? Não mais era um patrulheiro, era um Nobre.

Mas agora o quê?

Parou numa pequena praça em que uma fonte estava ao centro de uma pequena área gramada. À água uma pequena quantidade de detergente fora adicionada, de forma que espumava em vistosa iridescência

Apoiou-se contra a cerca, de costas para o sol do oeste, e, pouco a pouco, jogou a prata enegrecida na fonte.

Pensou na garota que passara por ele na escada quando fizera isso. Ela era muito jovem. Então pensou na Cidade Inferior e o espasmo momentâneo de remorso o deixou.

Os vestígios de prata já se haviam ido e suas mãos estavam vazias. Lentamente começou a revirar os bolsos, fazendo o melhor que podia para que parecesse casual.

O conteúdo de seus bolsos não era particularmente incomum. Um livreto de pequenas anotações, umas poucas moedas, um cartão de identificação. (Santo Sark! Até mesmo os Nobres os carregavam. Contudo, não tinham de exibi-lo para todo patrulheiro que se aproximasse.)

Seu novo nome, aparentemente, era Alstare Deamone. Esperava que nunca tivesse de usá-lo. Existiam somente dez mil homens e crianças na Cidade Superior. A chance de encontrar alguém entre eles que conhecesse Deamone pessoalmente não era muito grande mas tampouco era insignificante.

Tinha vinte e nove anos. Novamente sentiu uma crescente náusea quando pensou no que havia deixado na gruta, e combateu-a. um Nobre era um Nobre. Quantos florinianos de vinte e nove anos foram levados à morte por suas mãos ou por suas ordens? Quantos florinianos de nove anos de idade?

Tinha um endereço, também, mas isto não significava nada para ele. Seu conhecimento da Cidade Superior era rudimentar.

Veja só!

Um retrato colorido de um menininho, talvez três anos, em pseudo-3D. As cores cintilaram quando o retirou de seu estojo, enfraqueceram-se progressivamente quando o colocava de volta. Um filhinho? Um sobrinho? Havia a garota do Parque, portanto não poderia ser um filho, poderia?

Ou ele era casado? Seria o encontro um dos que chamam "clandestino"? Esse encontro aconteceria à luz do dia? Por que não, sob tais circunstâncias?

Terens esperava que sim. Se a garota fosse encontrar um homem casado não relataria rapidamente sua ausência. Ela suporia que ele não havia sido capaz de escapar de sua mulher. Isso lhe daria tempo.

Não, não seria isso. Uma momentânea depressão apoderou-se dele. Crianças brincando de esconde-esconde tropeçariam nos despojos e correriam gritando. Estava fadado a acontecer dentro de vinte e quatro horas.

Voltou ao conteúdo de seus bolsos uma vez mais. Uma licença de bolso de piloto de iate. Não levou em conta. Todos os sarkianos mais abastados tinham iates e os pilotavam. Era a coqueluche deste século. Finalmente, umas poucas tiras de comprovantes de crédito sarkianos. Agora estes poderiam ser temporariamente úteis.

Ocorreu-lhe que não havia comido desde a noite anterior, na casa do Padeiro. Quão rápido alguém podia tomar consciência da fome.

Repentinamente, tornou à licença de iate. Espere, agora, o iate não está em uso agora, não com o proprietário morto. E era seu iate. O número de seu hangar era 26, no Porto 9. Bem…

Onde era o Porto 9? Não tinha a mínima idéia.

Apoiou sua testa contra a frieza da cerca lisa em torno da fonte. E agora? E agora?

Uma voz sobressaltou-o

— Alô — disse. — Está doente?

Terens levantou o olhar. Era um Nobre mais velho. Estava fumando um cigarro longo que continha algumas folhas aromáticas enquanto que uma pedra verde de algum tipo pendia de um punho dourado. Sua expressão era de bondoso interesse, que perturbou Terens a um momento de silêncio, até que se lembrasse. Ele era um do próprio clã agora. Entre si, os Nobres bem poderiam ser seres humanos decentes.

— Só descansando — disse o Conselheiro. — Decidi dar um passeio e perdi a noção do tempo. Temo que esteja atrasado para um compromisso agora.

Acenou com a mão num gesto deturpado. Podia imitar o sotaque sarkiano razoavelmente bem pela sua longa associação, mas não cometeria o erro de tentar exagerá-lo. O exagero era mais fácil de detectar que a deficiência.

— Encalhado sem um deslizador, hem? — disse o outro. — Era o homem mais velho, divertido com a insensatez da juventude.

— Sem deslizador — admitiu Terens.

— Use o meu — veio o oferecimento instantâneo. — Está estacionado à direita aí fora. Você pode ajustar os controles e trazê-lo

de volta para cá quando terminar. Não precisarei dele pela próxima hora, mais ou menos.

Para Terens, isto era quase ideal. Os deslizadores eram rápidos e deslizavam como um raio, podia correr mais e manobrar melhor que qualquer carro diamagnético dos patrulheiros. Era o ideal somente pelo detalhe de que Terens sabia dirigir um deslizador tanto quanto sabia voar sem ele.

— Daqui a Sark — disse. Sabia esta expressão da gíria de Sark para "obrigado" e a inseriu na conversa. — Acho que irei andando. Não é muito longe até o Porto 9.

— Não, não é longe — concordou o outro.

Isto não deixou Terens melhor que antes. Tentou novamente.

— Claro, queria estar mais próximo. A caminhada até a Rodovia Kyrt é bastante saudável por si mesma.

— Rodovia Kyrt? O que isto tem a ver com ela?

Estaria ele olhando duvidosamente para Terens? Ocorreu ao Conselheiro, de repente, que suas roupas provavelmente estavam folgadas. Disse rapidamente: — Espere! Estou confuso com isso. Eu tenho de cruzá-la caminhando. Vamos ver agora. — Olhou em tomo, vagamente.

— Olhe. Você está na Rua Recket. Tudo o que você tem a fazer é descer até Triffis e virar à esquerda, então seguir até o porto. — Apontara automaticamente.

Terens sorriu. — Você está certo. Vou ter de parar de sonhar e começar a pensar. Daqui a Sark, senhor.

— Você ainda pode usar meu deslizador.

— Gentileza sua, mas…

Terens estava se afastando, uru pouco rápido demais, balançando sua mão. O Nobre olhava espantado atrás dele.

Talvez amanhã quando encontrarem o cadáver nas pedras e começarem a procurar, o Nobre poderá pensar nesta conversa novamente. Provavelmente dirá: — Havia algo de esquisito nele, se entende o que eu digo. Tinha um estranho jeito de falar e não parecia saber onde estava. Eu juro que ele nunca tinha ouvido falar da Avenida Triffis.

Mas isto seria amanhã.

Caminhava na direção que o Nobre havia indicado. Chegou à placa brilhante, "Avenida Triffis", quase sem brilho contra a iridescente estrutura laranja que lhe servia de fundo. Virou à esquerda.

O Porto 9 fervilhava com jovens em roupas de iatismo, que pareciam chapéus de bicos altos e calções. Terens sentiu-se distinto mas ninguém prestou atenção a ele. O ar estava cheio de conversas temperadas com termos que ele não entendia.

Encontrou o Abrigo 26 mas esperou alguns minutos antes de aproximar-se dele. Não queria um Nobre persistentemente parado nas suas vizinhanças, um Nobre que acontecesse de ter um iate de um abrigo próximo que conhecesse o verdadeiro Alstare Deamone de vista e procurasse saber o que um estranho estava fazendo com seu iate.

Finalmente, com a vizinhança do abrigo aparentemente segura, avançou. A quilha do iate despontava para fora de seu hangar, no campo aberto no qual os abrigos estavam colocados. Esticou seu pescoço para olhá-lo.

E agora?

Havia assassinado três homens nas Últimas doze horas. Subira de Conselheiro floriniano para patrulheiro, de patrulheiro para Nobre. Tinha vindo da Cidade Inferior para a Cidade Superior e da Cidade Superior para um espaçoporto. Para todos os efeitos, ele tinha um iate, um vaso suficientemente bom para o espaço para levá-lo em segurança para qualquer mundo inabitado deste setor da Galáxia.

Havia somente um embaraço.

Ele não podia pilotar um iate.

Estava morto de cansaço, verde de fome. Tinha chegado até aqui, e agora não poderia ir além. Estava à beira do espaço mas não havia jeito de passar da beira.

A esta hora os patrulheiros devem ter decidido que ele não estava em lugar nenhum da Cidade Inferior. Passariam a procurá-lo na Cidade Superior tão logo metessem em suas cabeças duras que um floriniano ousaria subir. Então o corpo seria encontrado e uma nova decisão seria tomada. Procurariam por um Nobre impostor.

E aqui estava ele. Tinha atingido o nicho mais distante do beco sem saída e com suas costas para o extremo fechado somente poderia esperar que os fracos sons da perseguição se tomassem mais altos e altos até que eventualmente os cães de caça estivessem sobre ele.

Trinta e seis horas atrás a maior oportunidade de sua vida estivera em suas mãos. Agora, a oportunidade se fora e sua vida logo a seguiria.

11. O Capitão

Era a primeira vez, realmente, que o Capitão Racety descobria-se incapaz de impor sua vontade sobre um passageiro. Fosse esse passageiro um dos próprios Grandes Nobres, ele poderia ainda contar com a cooperação. Um Grande Nobre poderia ser todo-poderoso em seu próprio continente, mas numa nave reconheceria que só poderia haver um mestre, o Capitão.

Uma mulher era diferente. Qualquer mulher. E uma mulher que fosse filha de um Grande Nobre era completamente impossível.

— Madame — disse ele — como posso permitir que os entreviste em particular?

Samia de Fife, seus olhos escuros dardejando, disse: — Por que não? Estão armados, Capitão?

— Claro que não. Este não é o motivo.

— Qualquer um pode ver que são somente um par de criaturas bastante apavoradas. Estão até meio mortos.

— Gente aterrorizada pode ser muito perigosa, Madame. Não se pode confiar que ajam sensivelmente.

— Então por que os mantêm aterrorizados? — Ela gaguejava um pouco quando estava zangada. — Você tem três tremendos marinheiros parados à frente deles com explosores, coitados. Capitão, eu não vou esquecer isto.

Não, não esqueceria, pensou o Capitão. Estava começando a condescender.

— Sua Senhoria tem a bondade de me contar exatamente o que quer?

— É simples. Vou contar-lhe. Quero falar com eles. Se forem florinianos, como você diz que são, posso obter deles informações tremendamente valiosas para meu livro. Não posso fazer isso, contudo, se estiverem muito apavorados para falar. Se eu pudesse estar sozinha com eles seria excelente. Sozinha, Capitão! Pode entender uma simples palavra? Sozinha!

— E o que eu direi a seu pai, Madame, se ele descobrir que eu permiti que permanecesse sem guarda na presença de dois criminosos desesperados?

— Criminosos desesperados! Ai, Grande Espaço! Dois pobres idiotas que tentaram escapar de seu planeta e não tiveram mais bom senso que embarcar numa nave que ia para Sark! Além disso, como meu pai iria saber?

— Se eles a machucarem, ele saberá.

— Por que eles iriam me machucar? — Seu pequeno punho elevou-se e vibrou, enquanto ela punha todo átomo de força que

pudesse encontrar em sua voz. — Eu exijo, Capitão!

— Então que tal isso, Madame? Estarei presente. Eu não terei três marinheiros com explosores. Serei um homem sem explosor á vista. De outra forma… — e por sua vez pôs toda sua resolução em sua voz — …eu devo recusar sua exigência.

— Muito bem, então. — Ela estava ofegante. — Muito bem, mas se eu não conseguir que falem por sua causa, pessoalmente verei que não mais comande uma nave.

Valona impetuosamente pôs sua mão sobre os olhos de Rik quando Samia entrou na cela.

— O que há, menina? — perguntou Samia rispidamente, antes que pudesse se lembrar de que deveria falar confortantemente.

Valona falou com dificuldade. — Ele não é muito esperto, Madame — disse. — Não iria saber que era uma Dama. Poderia ter olhado, Madame, quero dizer, fazer isso sem ofendê-la.

— Ai, meu Deus! — disse Samia. — Deixe-o olhar. — Continuou: — Eles têm de ficar aqui, Capitâó?

— Preferiria um camarote, Madame?

— Certamente poderia obter uma cela que não fosse tão sinistra — disse Samia.

— É sinistra para si, Madame. Para eles, estou certo que isto é luxo. Há água corrente aqui. Pergunte-lhes se há em qualquer uma de suas choças em Florina.

— Bem, diga àqueles homens que saiam.

O Capitão gesticulou e eles se viraram, caminhando agilmente.

O Capitão armou a cadeira dobrável de alumínio leve que trouxera consigo. Samia sentou-se.

Ele falou bruscamente para Rik e Valona: — Levantem-se.

Samia interrompeu instantaneamente: — Não! Deixe-os sentar. Não deve interferir, Capitão. — Virou-se para eles: — Então você é uma floriniana, menina.

Valona sacudiu a cabeça. — Somos de Wotex

— Você não precisa ficar apavorada. Não importa que sejam de Florina. Ninguém machucará vocês.

— Somos de Wotex.

— Mas você não vê que praticamente admitiu que vocês são de Florina, menina? Por que cobriu os olhos dele?

— Não é permitido pata ele olhar para uma Dama.

— Mesmo se ele for de Wotex?

Valona não respondeu.

Samia deixou que ela pensasse. Tentou sorrir de uma maneira amigável. Então disse: — Somente a florinianos não é permitido olhar para Damas. Portanto, você vê que admitiu ser uma floriniana.

Valona explodiu: — Ele não é.

— Você é?

— Sim, eu sou. Mas ele não é. Não faça nada para ele. Ele realmente não é floriniano. Ele só foi encontrado um dia. Eu não sei de onde ele veio, mas não foi de Florina. — Repentinamente estava quase loquaz.

Samia olhou com certa surpresa. — Bem, falarei com ele. Qual é seu nome, menino?

Rik olhava fixamente. Era assim que se pareciam as mulheres Nobres? Tão pequenas, e de olhar amigável. E ela cheirava tão bem. Estava muito contente por ela deixar que ele olhasse para ela.

Samia falou novamente: — Qual é seu nome, menino?

Rik voltou à vida mas tropeçou pobremente ao tentar formar um monossílabo

— Rik — disse. Então pensou que aquele não era seu nome. — Eu acho que é Rik — disse.

— Você não sabe?

Valona, olhando acabrunhada, tentou falar, mas Samia fez rispidamente um gesto de restrição.

Rik balançou a cabeça. — Eu não sei.

— Você é floriniano?

Rik aqui foi positivo. — Não. Eu estava numa nave. Vim para cá de algum outro lugar. — Não podia manter seu olhar distante de Samia, mas parecia ver a nave coexistindo com ela. Uma nave pequena e muito amistosa, como um lar.

— Foi em uma nave que eu vim para Florina — disse — e antes disso eu vivia em um planeta.

— Que planeta?

Era como se a idéia estivesse forçando seu caminho dolorosamente através de canais mentais muito pequenos para ela. Então Rik lembrou-se e ficou encantado ao som de sua voz, um som de há muito esquecido.

— Terra! Eu vim da Terra!

— Terra?

Rik balançou a cabeça.

Samia voltou-se para o Capitão. — Onde fica o planeta Terra?

O Capitão Racety sorriu brevemente. — Eu nunca ouvi falar dele. Não leve o menino a sério, Madame. Um nativo mente da mesma forma que respira. Vem naturalmente para ele. Diz o que vier primeiro à sua mente.

— Ele não fala como um nativo. — Virou-se para Rik nova mente. — Onde é a Terra, Rik?

— Eu… — ele pôs uma mão trêmula sobre a testa. Então disse: — Fica no Setor Sirius. — A entonação da afirmativa fez dela uma meia questão.

Samia perguntou ao Capitão: — Existe um Setor Sirius, não existe?

— Sim, existe. Estou pasmado que ele esteja certo. Ainda assim, isto não torna a Terra mais real.

Rik falou veementemente: — Mas é. Eu me lembro, eu lhe digo. Faz muito tempo que eu me lembrei. Não posso estar errado agora. Não posso.

Virou-se, agarrando os cotovelos de Valona e segurando sua luva. — Lona, diga-lhes que eu vim da Terra. Eu vim. Eu vim.

Os olhos de Valona estavam cheios de ansiedade. — Eu encontrei ele um dia, Madame, e ele não tinha juízo de jeito nenhum. Não podia se vestir ou falar ou andar. Ele não era nada. Desde então ele está se lembrando pouco a pouco. Até agora tudo o que ele lembrou foi assim. Ela lançou um olhar rápido, cheio de medo, para a face cavada do Capitão. — Ele pode ter vindo de verdade da Terra, Nobre. Não significa contradição.

Esta última era uma frase estabelecida de há muito que acompanhava qualquer afirmação que parecesse estar em contradição com uma afirmação anterior de um superior.

O Capitão Racety resmungou. — Ele pode ter vindo do centro de Sark mesmo que prove esta história, Madame.

— Talvez, mas há algo esquisito nisso tudo — insistiu Samia, tornando seu rosto insípido, de mulher sábia, um tanto romântica. — Estou certa disso… O que o tornava tão desamparado quando você o encontrou, menina? Ele estava ferido?

Valona não disse coisa alguma de início. Seus olhos corriam desamparados de um lado para outro. Primeiro para Rik, cujos dedos seguravam seus cabelos, então para o Capitão, que estava sorrindo sem vontade, finalmente para Samia, que esperava.

— Responda-me, menina — disse Samia.

Era uma dura decisão para Valona tomar, mas nenhuma mentira concebível poderia substituir a verdade neste momento. — Um médico uma vez examinou ele — disse ela. — Ele disse que m… meu Rik era psico-sondado.

— Psico-sondado! — Samia sentiu um leve fluxo de repulsão bem dentro de si. Ela afastou sua cadeira, que rangiu contra o piso de metal. — Quer dizer que ele era psicótico?

— Eu não sei o que quer dizer, Madame — disse Valona humildemente.

— Não no sentido em que está pensando, Madame — disse o Capitão quase simultaneamente. — Os nativos não são psicóticos. Suas necessidades e desejos são muito simples. Eu nunca ouvi falar de um nativo psicótico em toda a minha vida.

— Mas então…

— É simples, Madame. Se aceitarmos esta fantástica história que a garota conta, podemos somente concluir que o rapaz tenha sido um criminoso, que é uma maneira de ser psicótico, suponho. Se for assim, deve ter sido tratado por um daqueles charlatães que praticam entre os nativos, foi quase morto e então jogado numa seção deserta para evitar detenção e processo.

— Mas teria de ser alguém com uma sonda psíquica — protestou Samia. — Certamente você não crê que os nativos fossem capazes de utilizá-las.

— Talvez não. Mas então não espere que um médico não autorizado utilize uma delas tão inabilmente. O fato de que chegamos a uma contradição prova que a história é uma mentira total. Se aceitar minha sugestão, Madame, deixará estas criaturas em nossas mãos. Verá que é inútil esperar qualquer coisa deles.

Samia hesitou. — Talvez você esteja certo.

Ela se levantou e olhou com incerteza para Rik. O Capitão caminhou atrás dela, levantou a pequena cadeira e dobrou-a com um estalo.

Rik pulou a seus pés. — Espere!

— Se tiver a bondade, Madame — disse o Capitão, segurando a porta aberta para ela. — Meus homens o acalmarão.

Samia deteve-se na soleira. — Não vão machucá-lo?

— Eu duvido que ele vá nos fazer chegar a extremos. Ele será fácil de tratar.

— Madame! Madame! — Rik chamou. — Eu posso prová-lo! Eu sou da Terra!

Samia permaneceu irresoluta por um momento. — Vamos ouvir o que ele tem a dizer.

— Como desejar, Madame — disse friamente o Capitão.

Ela se aproximou, mas não muito. Permaneceu a um passo da porta.

Rik estava ruborizado. Com um esforço de memória, os lábios puxados para trás na caricatura de um sorriso, disse: — Eu me lembro da Terra. Era radiativa. Eu me lembro das Áreas Proibidas e o horizonte azul à noite. O solo incandescente e nada poderia crescer nele. Havia somente alguns pontos em que o homem poderia viver. Isto porque eu era um analista espacial. Isto é porque eu não me importava de permanecer no espaço. Meu mundo era um mundo morto.

Samia meneou os ombros. — Acompanhe-me Capitão. Ele simplesmente está delirando.

Mas desta vez foi o Capitão Racety quem permaneceu ali, boquiaberto. Murmurou: — Um mundo radiativo!

— Você quer dizer que existe tal coisa? — inquiriu Samia.

— Sim. — Virou os olhos assustados para ela. — Agora, onde ele poderia ter aprendido isto?

— Como um mundo poderia ser radiativo e inabitado?

— Mas existe um. E está no Setor Sirius. Não me lembro de seu nome. Poderia mesmo ser Terra.

— É Terra — disse Rik, orgulhosamente e com confiança. — É o planeta mais antigo da Galáxia. É o planeta em que toda a raça humana se originou.

— Isso mesmo! — concordou o Capitão.

Samia perguntou, mente em turbilhão: — Você quer dizer que a raça humana originou-se nessa Terra?

— Não, não — disse o Capitão distraidamente. — Isso é superstição. Isto é justamente como eu vim a saber do planeta radiativo. Pretende-se que seja o planeta natal do Homem.

— Eu não sabia que nós supostamente temos um planeta natal.

— Eu suponho que começamos em algum lugar, Madame, mas duvido que alguém possa saber em que planeta aconteceu.

Com súbita decisão ele caminhou na direção de Rik. — De que mais você se lembra?

Quase adicionou "menino", mas refreou-se.

— Da nave, principalmente — disse Rik — e da Análise Espacial.

Samia uniu-se ao Capitão. Permaneceram ali, diretamente ante Rik, e Samia sentiu a excitação retomar. — Quer dizer que tudo isto é verdade? Mas então como ele veio a ser psico-sondado?

— Psico-sondado! — disse o Capitão Racety pensativamente.

— Suponha que lhe perguntemos. Ei, você, nativo ou extra-sarkiano ou o que quer que seja. Como veio a ser psico-sondado?

Rik olhou indeciso. — Todos vocês dizem isso. Até mesmo Lona. Mas eu não seio que significa a palavra.

— Quando você parou de se lembrar, então?

— Não estou certo. — Começou novamente, desesperadamente. — Eu estava numa nave.

— Sabemos disso. Continue.

— É inútil ladrar, Capitão — disse Samia. — Poderá afugentar o pouco bom senso que lhe resta.

Rik estava inteiramente absorvido em arrancar a obscuridade de dentro de sua mente. O esforço não deixava qualquer espaço para emoções. Era para seu próprio assombro que dizia: — Eu não a temo, Madame. Estou tentando lembrar. Havia perigo. Estou certo disso. Grande perigo para Florina, mas eu não posso lembrar de detalhes sobre isso.

— Perigo para todo o planeta? — Samia lançou um olhar rápido para o Capitão.

— Sim. Estava nas correntes.

— Que correntes? — perguntou o Capitão.

— As correntes do espaço.

O Capitão abriu os braços e deixou-os cair. — Isto é loucura!

— Não, não. Deixe-o continuar. — A onda de convicção mudara-se para Samia novamente. Seus lábios estavam separados, seus olhos escuros brilhavam e pequenas covinhas entre a bochecha e o queixo formavam seu semblante quando ela sorria. — O que são as correntes do espaço?

— Os diferentes elementos — disse vagamente Rik. Havia explicado isso antes. Não queria passar por tudo novamente.

Continuou rapidamente, quase incoerentemente, falando quando os pensamentos vinham a ele, puxados por ele. — Eu enviei uma mensagem para a agência local de Sark. Lembro-me disso com muita clareza. Eu tinha sido cuidadoso. Era um perigo que ia além de Florina. Sim. Além de Florina. Era tão grande quanto a Via-láctea. Tinha de ser manejado cuidadosamente.

Ele parecia ter perdido todo o contato real com aqueles que o ouviam, como se vivesse em um mundo do passado ante o qual uma cortina estava se rasgando em pontos esparsos. Valona colocou uma mão confortadora sobre seu ombro e disse: — Não continue! — mas ele estava insensível até mesmo para isso.

— De algum modo — continuou ofegante — minha mensagem foi interceptada por algum oficial de Sark. Foi um erro. Eu não sei como aconteceu.

Franziu as sobrancelhas. — Estou certo de que enviei a mensagem para a agência local no comprimento de onda próprio do Departamento. Você acha que um subetérico poderia ser interceptado? — Nem mesmo estranhou como a palavra “subetérico” veio tão facilmente para ele. Poderia ter esperado por uma resposta, mas ainda não enxergava nada. — De qualquer maneira, quando pousei em Sark estavam esperando por mim.

Novamente uma pausa, desta vez longa e reflexiva. O Capitão nada disse para não quebrá-la; ele mesmo parecia estar meditando.

Samia, entretanto, disse: — Quem estava esperando por você? Quem?

— Eu… eu não sei — disse Rik. — Não posso me lembrar. Não era a agência. Era alguém de Sark. Eu me lembro de ter falado com ele. Ele sabia do perigo. Falou dele. Estou certo de que falou dele. Sentamos juntos numa mesa. Lembro-me da mesa. Sentou-se à minha frente. Está claro como o espaço. Falamos por um bom tempo. Parece que eu não estava ansioso para fornecer detalhes. Estou certo disso. Eu teria de falar primeiro para a agência. E então ele…

— Sim? — estimulou Samia.

— Ele fez algo. Ele… Não, nada mais virá. *Nada virá*!

Gritou essas palavras e então houve silêncio, um silêncio que era anticlimaticamente quebrado pelo prosaico zumbido do comunicador de pulso do Capitão.

— O que é? — perguntou o Capitão.

A voz em resposta era aguda e precisamente respeitosa. — Uma mensagem de Sark para o Capitão. Solicita-se que ele a receba pessoalmente.

— Muito bem. Estarei no subetérico agora mesmo.

Virou-se para Samia. — Madame, devo lembrar-lhe que é hora de jantar.

Ele viu que a Dama estava quase alegando sua falta de apetite, para apressá-lo a deixá-la e não se preocupar com ela. Continuou, mais diplomaticamente: — Também é hora de alimentar estas criaturas. Provavelmente estão cansados e famintos.

Samia nada poderia dizer contra isto. — Devo então vê-los novamente, Capitão.

O Capitão curvou-se silenciosamente. Poderia ter sido aquiescência. Poderia não ter sido.

Samia de Fife estava emocionada. Seus estudos sobre Florina satisfizeram uma certa aspiração do intelecto dentro dela, mas o Caso Misterioso do Terráqueo Psico-sondado (ela pensava no assunto em maiúsculas) apelou para algo muito mais primitivo e muito mais exigente. Despertara a curiosidade puramente animal dentro de si.

Era um mistério!

Havia três pontos que a fascinavam. Entre estes não estava a questão talvez razoável (sob as circunstâncias) de se a história do homem era uma delusão ou uma mentira deliberada, em vez da verdade. Acreditar em qualquer outra coisa que não a verdade estragaria o mistério e Samia não poderia permitir isso.

Os três pontos eram portanto estes: (1) Qual era o risco que ameaçava Florina, ou, mais precisamente, toda a Galáxia? (2) Quem era a pessoa que havia psico-sondado o terráqueo? (3) Por que esta pessoa usou a psico-sonda?

Estava determinada a investigar o assunto para sua própria satisfação pessoal. Ninguém era tão modesto que não se acreditasse um competente detetive amador, e Samia estava muito longe de ser modesta.

Depois do jantar, tão logo quanto polidamente pôde, apressou-se na direção da cela.

— Abra a porta! — disse ao guarda.

O marinheiro permaneceu perfeitamente ereto, olhando estúpida e respeitosamente para a frente, Disse: — Se Sua Senhoria me perdoar, a porta não será aberta.

Samia suspirou. — Como ousa dizer isso? Se você não abrir a

porta instantaneamente, o Capitão será informado.

— Se Sua Senhoria tiver a bondade, a porta não será aberta. Isto por ordem estrita do Capitão,

Uma vez mais ela armou a maior tempestade, explodindo no camarote do Capitão como um furacão comprimido em um metro e meio.

— Capitão!

— Madame?

— Ordenou que o terráqueo e a mulher nativa fossem mantidos afastados de mim?

— Creio, Madame, que havia um acordo de que somente se entrevistasse com eles na minha presença.

— Antes do jantar, sim. Mas você não viu que eram inofensivos?

— Eu vi que eles pareciam inofensivos,

Samia fervia de raiva. — Neste caso eu lhe ordeno que venha comigo agora.

— Não posso, Madame. A situação mudou.

— De que maneira?

— Eles devem ser interrogados pelas autoridades competentes em Sark e até então eu acho que devem ser deixados sozinhos,

O maxilar inferior de Samia caiu, mas ela o livrou de sua indigna posição quase imediatamente. — Certamente você não vai entregá-los ao Departamento de Assuntos Florinianos.

— Bem — contemporizou o Capitão — certamente esta era a intenção original. Deixaram sua vila sem permissão. De fato, deixaram seu planeta sem permissão. Além disso, embarcaram como clandestinos em uma nave sarkiana.

— Este foi um erro.

— Foi?

— Em todo caso, você conhecia todos os seus crimes antes de nossa última entrevista.

— Mas foi somente na entrevista que ouvi o que o assim-chamado terráqueo tinha a dizer.

— O assim-chamado. Você mesmo disse que o planeta Terra existia.

— Eu disse que poderia existir. Mas, Madame, posso ser arrojado o bastante para perguntar o que gostaria que fosse feito com estas pessoas?

— Eu acho que a história do terráqueo deve ser investigada. Ele fala de um risco para Florina e de alguém em Sark que deliberadamente tentou esconder tal fato das autoridades adequadas. Acho que é mesmo um caso para meu pai. De fato eu o levaria a meu pai, quando a hora certa chegasse.

O Capitão disse: — A inteligência disso tudo!

— Está sendo sarcástico, Capitão?

O Capitão enrubesceu. — O seu perdão, Madame. Estava me referindo aos prisioneiros. Pode me deixar falar por algum tempo?

— Não sei o que você quer dizer com “algum tempo” — retorquiu ela colericamente — mas eu acho que você pode começar.

— Obrigado. Em primeiro lugar, Madame, espero que não minimize a importância dos distúrbios em Florina.

— Que distúrbios?

— Não pode ter esquecido o incidente na biblioteca.

— Um patrulheiro assassinado! Realmente, Capitão!

— E um segundo patrulheiro assassinado esta manhã, Madame, e também um nativo. Não é muito normal para os nativos assassinar patrulheiros e aqui temos um que o fez duas vezes, e ainda permanece solto. Está sozinho nisso? um acidente? Ou isto tudo é parte de um esquema cuidadosamente planejado?

— Aparentemente você acredita nessa última possibilidade.

— Sim, acredito, O nativo assassinado tinha dois cúmplices. Sua descrição é particularmente como a dos dois clandestinos.

— Você nunca disse isso!

— Não desejava alarmar Sua Senhoria. Lembre-se, entretanto, que eu repetidamente lhe disse que poderiam ser perigosos.

— Muito bem, O que resulta de tudo isso?

— Que tal se os assassinatos de Florista fossem simplesmente uma fachada para distrair a atenção dos esquadrões de patrulheiros enquanto estes dois embarcavam sorrateiramente em nossa nave?

— Isto parece tolice.

— Parece? Por que estão fugindo de Florina? Ainda não lhes perguntamos. Vamos supor que estejam fugindo dos patrulheiros, já que é a suposição mais adequada. Estariam fugindo para Sark, podendo escolher qualquer outro lugar? E numa nave que transporta Sua Senhoria? E então ele alega ser um analista espacial.

Samia franziu as sobrancelhas: — E o que tem isso?

— Um ano atrás, um analista espacial foi dado como desaparecido. A história não teve muita repercussão. Eu sabia, claro, porque minha nave era uma das que vasculhavam o espaço próximo atrás de sinais de sua nave. Quem quer que esteja dando apoio a estes desordeiros florinianos indubitavelmente domina o fato, e exatamente o conhecimento da questão do desaparecimento do analista espacial por parte deles mostra a organização ajustada e inesperadamente eficiente que eles têm.

— Pode ser que o terráqueo e o analista espacial não tenham nenhuma ligação.

— Nenhuma ligação real, Madame, sem dúvida. Mas não esperar qualquer ligação é esperar muita coincidência. Estamos lidando com

um impostor. Por isso é que ele afirma ter sido psico-sondado.

— É?

— Como podemos provar que ele não é um analista espacial? Não conhece detalhes do planeta Terra além do fato banal de que é radiativo. Não pode pilotar uma nave. Não sabe coisa alguma a respeito de análise espacial. Protege-se insistindo que foi psico-sondado. Percebe, Madame?

Samia não podia fazer uma pergunta direta. — Mas com que propósito? — interpelou.

— Dessa forma poderia fazer exatamente o que disse que tencionava fazer, Madame.

— Investigar o mistério?

— Não, Madame. Levar o homem a seu pai.

— Não entendo a idéia ainda.

— Existem algumas probabilidades. Na melhor das hipóteses, poderia ser um espião contra seu pai, ou de Florina, ou possivelmente de Trantor. Eu imagino que o velho Abel de Trantor certamente iria apresentar-se para identificá-lo como um terráqueo, se por nenhuma outra razão além de embaraçar Sark ao exigir a verdade relativa a esta fictícia psico-sondagem Na pior das hipóteses, ele seria o assassino de seu pai.

— Capitão!

— Madame?

— Isto é ridículo!

— Talvez, Madame. Mas se for assim, o Departamento de Segurança também é ridículo. Deve se recordar que pouco antes do jantar eu fui chamado para receber uma mensagem de Sark.

— Sim.

— Ei-la.

Samia recebeu a fina lâmina translucente com uma inscrição ver melha. Dizia: “Dois florinianos foram denunciados como estando em trânsito secreto e ilegal em sua nave. Prenda-os imediatamente. Um deles pode alegar ser um analista espacial e não um nativo floriniano. Não deve tomar qualquer iniciativa a este respeito. Será considerado estritamente responsável pela segurança dessas pessoas. Devem ser detidas e entregues ao Depseg. Máximo sigilo. Máxima urgência”.

Samia sentiu-se atordoada. — Depseg — disse. — O Departamento de Segurança.

— Máximo sigilo — disse o Capitão. — Fiz uma exceção ao contar-lhe sobre isto, mas não me deixou escolha, Madame.

— O que farão com ele? — perguntou.

— Não posso dizer com certeza — disse o Capitão. — Certamente um espião e assassino suspeito não pode esperar um tratamento gentil. Provavelmente sua pretensão irá tomar-se parcialmente uma realidade

e ele saberá como é realmente uma psico-sondagem.

12. O Detetive

Os quatro Grandes Nobres observaram o Nobre de Fife, cada um a sua maneira. Bort estava irritado, Rune se divertindo, Balle ofendido, e Steen aterrorizado.

Rune foi o primeiro a falar. Disse: — Alta traição? Está tentando nos amedrontar com uma frase? O que isto significa? Traição contra você? Contra Bort? Contra mim? Por quem e como? E pelo bem de Sark, Fife, estas conferências interferem com minhas horas de sono normais.

— Os resultados — disse Fife — podem interferir com muitos períodos de sono. Não me refiro à traição contra qualquer um de nós, Rune. Quero dizer traição contra Sark.

— Sark? — disse Bort. — O que é Sark, afinal de contas, senão nós?

— Chame-o de um mito. Chame-o de algo em que os sarkianos comuns acreditam.

— Eu não entendo — lamentou Steen. — Vocês sempre parecem tão interessados em depreciar uns aos outros. Realmente! Gostaria que vocês se curassem disso tudo.

— Eu concordo com Steen. — disse Baile. Steen olhou-o satisfeito.

— Estou perfeitamente disposto a explicar imediatamente — disse Fife. — Vocês, suponho, tomaram conhecimento dos recentes distúrbios em Florina.

— O Depseg expediu boletins sobre alguns patrulheiros mortos. — disse Rune. — É isto que você quer dizer?

Bort rompeu em irritação. — Por Sark, se devemos conferenciar, vamos conferenciar. Patrulheiros assassinados! Eles merecem ser assassinados! Você quer dizer que um nativo pode simplesmente se aproximar de um patrulheiro e despedaçar sua cabeça com um cassetete? Por que deveria qualquer patrulheiro deixar qualquer nativo com um cassetete à mão aproximar-se o bastante para usá-lo? Por que o nativo não foi carbonizado a vinte passos?

— Por Sark, eu sacudiria a Corporação de Patrulha de capitão a recruta e mandaria todo sujeito estúpido para fora servindo nas naves. Toda a Corporação é somente acúmulo de gordura. Para eles é muito fácil a vida lá embaixo. Eu digo que a cada cinco anos deveriam colocar Florina sob lei marcial e desfazer-se dos agitadores. Manteria quietos os nativos e nossos próprios homens alerta…

— Você terminou? — perguntou Fife.

— Por ora, sim. Mas recomeçarei novamente. Lá embaixo está meu investimento também, você sabe. Pode não ser tão grande quanto o seu, Fife, mas é grande o bastante para me preocupar.

Fife deu de ombros. Virou-se repentinamente para Steen. — E você, tomou conhecimento dos distúrbios?

Steen sobressaltou-se. — Tomei. Isto é, eu ouvi você acabar de dizer.

— Não leu as publicações do Depseg?

— Bem, realmente! — Steen tomou-se intensamente interessado em suas longas e afiadas unhas com sua cobertura de cobre exoticamente aplicada. — Eu nunca tive tempo para ler todas as publicações. Eu não sabia que isto era exigido de mim. De fato — e reuniu sua coragem em ambas as mãos e olhou em cheio para Fife — eu não sabia que você estava preparando regras para mim. Realmente!

— Não estou — disse Fife. — Entretanto, já que você, afinal, não conhece qualquer detalhe, deixe-me resumi-los para você. Os outros também deverão achá-los interessantes.

Era surpreendente como em quão poucas palavras os aconteci mentos de quarenta e oito horas podiam ser expostos e quão desinteressantes podiam parecer. Primeiro, houvera uma inesperada procura de textos de Análise Espacial. Então, um golpe na cabeça de um patrulheiro aposentado que morreu com fratura de crânio duas horas mais tarde. Depois, uma perseguição que terminou com a intocabilidade no covil de um agente trantoriano. Então, um segundo patrulheiro morreu ao amanhecer com o assassino vestindo o uniforme do patrulheiro e o agente trantoriano por sua vez morrendo algumas horas mais tarde.

— Se você desejar ouvir o último bloco de notícias — Fife concluiu — pode adicionar isto ao seu catálogo de aparentes insignificâncias. Algumas horas atrás um corpo, ou melhor, os restos da ossada de um, foi encontrado no Parque da Cidade, em Florina.

— Corpo de quem? — perguntou Rune.

— Só um momentinho, por favor. A seu lado estava uma pilha de cinzas que parecia ser os restos carbonizados de uma roupa. Qualquer coisa de metal foi cuidadosamente removida dela, mas a análise da cinza provou ser o que restou de um uniforme de patrulheiro.

— Nosso amigo impostor? — perguntou Baile.

— Provavelmente não — disse Fife. — Quem o mataria em segredo?

— Suicídio — disse Bort viciosamente. — Quanto tempo esperaria esse bastardo sanguinário ficar fora de nossas mãos? Imagino que assim teve uma morte melhor. Pessoalmente, eu descobriria na Corporação quem foi o responsável por deixá-lo atingir o estágio de suicídio e poria um explosor de uma só carga em suas mãos.

— Provavelmente não — disse Fife novamente. — Se o homem cometeu suicídio, ou se matou primeiro, então tirou seu uniforme, reduziu-o a cinzas, removeu as fivelas e alamares, e livrou-se deles, ou

então, primeiro removeu seu uniforme, carbonizou-o, removeu fivelas e alamares, deixou a caverna nu, ou talvez de cuecas, descartou-se deles, voltou e se matou.

— O corpo estava numa caverna? — perguntou Bort.

— Sim. Numa das cavernas ornamentais do Parque.

— Então tinha bastante tempo e bastante sossego — disse Bort beligerantemente. Odiava erigir uma teoria. — Poderia ter retirado as fivelas e alamares primeiro, então…

— Já tentou remover as fivelas de um uniforme de patrulheiro que não tenha sido queimado antes? — perguntou sarcasticamente Fife. — E pode sugerir um motivo, se o corpo, após o suicídio, fosse o do impostor? Além disso, tenho um relatório de legistas que estudaram a estrutura óssea. O esqueleto não é nem de um patrulheiro nem de um floriniano. É de um sarkiano.

— Francamente! — gritou Steen; os velhos olhos de Baile se arregalaram; os dentes de metal de Rune, que, refletindo um facho de luz de quando em quando, adicionavam um pouco de vida ao cubo de penumbra em que estava sentado, desapareceram quando ele fechou sua boca. Até mesmo Bort estava mudo de surpresa.

— Estão me acompanhando? — perguntou Fife — Agora vêm por que o metal foi removido do uniforme. Quem quer que assassinou o sarkiano queria que a cinza fosse tomada como sendo das próprias roupas do sarkiano, removidas e carbonizadas antes do assassinato, que poderíamos então considerar suicídio ou o resultado de uma rixa particular de forma alguma ligada ao nosso amigo patrulheiro-impostor. O que ele não sabia era que a análise de cinzas pode distinguir entre o *kyrt* da roupa do sarkiano e a celulita de um uniforme de patrulheiro, mesmo com fivelas e alamares removidos.

— Agora, com um sarkiano morto e as cinzas de um uniforme de patrulheiro, podemos supor que em algum lugar da Cidade Superior há um Conselheiro vivo em roupas sarkianas. Nosso floriniano, tendo-se feito passar por um patrulheiro muito tempo, e percebendo o risco muito grande e tornando-se ainda maior, decidiu tornar-se um Nobre. E fez isso da única forma com que poderia

— Ele foi apanhado? — perguntou Bort com intensidade.

— Não, não foi.

— Por que não? Por Sark, por que não?

— Ele será apanhado — disse Fife indiferentemente. — No momento temos coisas mais importantes a examinar. Esta última atrocidade foi insignificante, comparativamente.

— Vamos ao que interessa! — exigiu Rune instantaneamente.

— Paciência! Primeiro, deixe-me perguntar-lhes se se lembram do analista espacial desaparecido no ano passado.

Steen deu uma risadinha.

Bort disse com infinito desacato: — Outra vez isso?

— Existe uma ligação? — perguntou Steen. — Ou só iremos falar de novo sobre este horrível caso do ano passado? Estou cansado.

Fife estava impassível. Disse: — Esta explosão de ontem e de anteontem começou com um pedido à biblioteca floriniana de consulta a livros de Análise Espacial. Isto é conexão bastante para mim. Vamos ver se não posso fazer disso uma conexão também para o resto de vocês. Começarei por descrever as três pessoas envolvidas no incidente da biblioteca, e, por favor, não me interrompam por uns poucos momentos.

— Primeiro, há o Conselheiro. Ele é o mais perigoso dos três. Em Sark teve um excelente registro como uma peça de material inteligente e fiel. Infelizmente, agora virou suas capacidades contra nós. Ele indubitavelmente é o responsável pelos quatro assassinatos de agora. Um bom recorde para qualquer um. Considerando que nesses quatro estão incluídos dois patrulheiros e um sarkiano, é incrivelmente notável para um nativo. E ainda está solto.

— A segunda pessoa envolvida é uma mulher nativa. Ela não é educada e é completamente insignificante. Entretanto, no último par de dias tem se verificado uma pesquisa extensiva de cada faceta de seu caráter e sabemos sua história. Seus pais eram membros da “Alma do Kyrt”, se qualquer um de vocês ainda se lembrar daquela incrivelmente ridícula conspiração camponesa que foi eliminada sem problemas há cerca de vinte anos atrás.

— Isso nos conduz à terceira pessoa, a mais incomum das três. A terceira pessoa era um operário comum e um idiota.

Houve uma expulsão de fôlego de Bort e outra aguda risadinha de Steen. Os olhos de Baile permaneceram fechados e Rune estava imóvel no escuro.

— A palavra “idiota” não é utilizada figurativamente — continuou Fife. — O Depseg esforçou-se impiedosamente, mas sua história não poderia ser acompanhada antes de dez meses e meio atrás. Nessa época, ele foi encontrado numa vila nas vizinhanças da principal metrópole de Florina em um estado de completa debilidade mental. E não podia caminhar ou falar. Nem mesmo podia se alimentar.

— Agora notem que fez sua primeira aparição algumas poucas semanas após o desaparecimento do analista espacial. Notem, além disso, que, em questão de meses, aprendeu a falar e até mesmo a executar um trabalho na usina de kyrt. Que tipo de idiota poderia aprender tão rapidamente?

Steen começou a falar, quase ansiosamente: — Ah, realmente, se ele foi adequadamente psico-sondado pode ter sido preparado para… — Sua voz extinguiu.se aos poucos.

Fife disse sardonicamente — Não posso pensar em maior autoridade no assunto. Mesmo sem a opinião de *expert* de Steen, entretanto, a mesma idéia me ocorreu. Era a única explicação possível.

— Então, a psico-sondagem poderia ter ocorrido somente em Sark ou em Florina, na Cidade Superior. Como simples minúcia, os consultórios médicos da Cidade Superior foram verificados. Não havia traço de qualquer sondagem.psíquica não autorizada. Houve então a idéia de um de nossos agentes de checar os registros de médicos que haviam morrido desde que o idiota aparecera pela primeira vez. Eu verei que seja promovido por esta idéia.

— Encontramos um registro de nosso idiota em exatamente um daqueles consultórios. Fora levado para um check-up físico cerca de seis meses atrás por uma camponesa que é a segunda de nosso trio. Aparentemente, isto foi feito secretamente, já que ela estava ausente de seu trabalho naquele dia por um pretexto inteiramente diferente. O médico examinou o idiota e registrou a definitiva evidência da alteração por psico-sondagem

— Agora aqui está o ponto interessante. O médico era um desses que mantinham consultórios duplos na Cidade Superior e na Cidade Inferior. Era um desses idealistas que pensavam que os nativos mereciam cuidados médicos de primeira ordem. Era um homem metódico e mantinha registros em duplicata de tudo em ambos os consultórios, para evitar viagens desnecessárias no elevador. Também agradava seu idealismo, eu imagino, não praticar qualquer segregação entre sarkianos e florinianos em seus arquivos. Mas o registro do floriniano em questão não foi duplicado, era somente o único registro não duplicado.

— Por que faria isso? Se, por alguma razão, tivesse decidido por si mesmo não duplicar esse registro em particular, por que ele deveria ter aparecido somente nos registros da Cidade Superior, que foi onde apareceu? Por que não somente nos registros da Cidade Inferior, que foi onde não apareceu? Afinal, o homem era um floriniano. Foi levado por uma floriniana. Foi examinado no consultório da Cidade Inferior. Tudo isto foi claramente registrado na cópia que encontramos.

— Há somente uma resposta para este quebra-cabeça especial. O registro deu entrada devidamente em ambos os arquivos, mas foi destruído nos arquivos da Cidade Inferior por alguém que não imaginava que permaneceria outro registro no consultório superior. Agora vamos passar adiante.

— Inclusa com o registro do exame do idiota estava a anotação explícita para incluir o diagnóstico deste caso no próximo relatório de rotina do médico para o Depseg. Isto foi completamente correto. Qualquer caso de sondagem psíquica poderia envolver um criminoso ou mesmo um subversivo. Mas tal relatório nunca foi feito. Após uma

semana estava morto em um acidente de trânsito.

— As coincidências passam de toleráveis, não?

Baile abriu os olhos e disse: — Isto é uma novela policial que você está nos contando.

— Sim — gritou Fife com satisfação —, uma novela policial. E por ora eu sou o detetive.

— E quem são os acusados? — perguntou Baile em um sussurro cansado.

— Ainda não. Deixe-me bancar o detetive um pouco mais.

No meio do que Fife considerou a mais perigosa crise que já assolara Sark, ele repentinamente percebeu que estava se divertindo imensamente.

— Vamos abordar a história de outra forma — disse ele. — Esqueceremos, por ora, o idiota e voltaremos ao analista espacial. A primeira coisa que ouvimos a respeito dele é a notificação ao Departamento de Transportes de que sua nave logo pousaria. Uma mensagem dele recebida anteriormente acompanha a notificação.

— O analista espacial nunca chegou. Ele não está em lugar nenhum do espaço próximo. Além disso, a mensagem enviada pelo analista espacial, que tinha sido emitida para o DeTrans, desapareceu. O DAI afirmou que estávamos deliberadamente encobrindo a mensagem. O Depseg acreditou que estavam inventando uma mensagem fictícia com propósitos de propaganda. Agora me ocorre que estávamos todos errados. A mensagem havia sido enviada mas não havia sido ocultada pelo governo de Sark.

— Vamos inventar alguém e, por enquanto, chamá-lo de X. X tinha acesso aos registros do DeTrans. Tomou conhecimento deste analista espacial e de sua mensagem e tinha inteligência e habilidade para agir rapidamente. Ele arranjou que este subetergrama secreto fosse enviado para a nave do analista espacial, ordenando que o homem pousasse em algum campo pequeno e privado. O analista espacial cumpriu a ordem e X o encontrou lá.

— X tomou a mensagem do analista espacial sobre o juízo final para si. Podem haver duas razões para isso. Primeira, isto confundiria possíveis tentativas de detecção eliminando uma evidência. Segunda, serviria, talvez, para ganhar a confiança do analista espacial maluco. Se o analista espacial sentia que somente poderia falar sobre isso com seus próprios superiores, e ele bem poderia sentir-se assim, X poderia persuadi-lo a confiar nele provando-lhe que já estava de posse dos detalhes essenciais da história.

— Indubitavelmente o analista espacial falou. Embora incoerente, maluca e impossível pudesse ter parecido esta conversa, X reconheceu nela um excelente instrumento para propaganda. Enviou sua carta de chantagem aos Grandes Nobres, a nós. Seu procedi mento, como então

planejado, era provavelmente precisamente este que eu atribuí a Trantor na época. Se não foi ao final com ele, planejava interromper a produção floriniana com boatos de destruição até que capitulasse.

— Mas então veio seu primeiro erro de cálculo. Alguma coisa o aterrorizou. Consideraremos exatamente o que foi mais tarde. Em qualquer caso, decidiu que teria de esperar antes de continuar. Espera, entretanto, envolvia uma complicação. X não acreditava na história do analista espacial, mas não havia dúvida de que o analista espacial estava sendo loucamente sincero. Teria de fazer alguma coisa para que o analista espacial se mostrasse disposto a permitir que seu "Juízo Final" esperasse.

— O analista espacial não poderia fazer isso a menos que sua mente deformada fosse colocada fora de ação. X poderia tê-lo morto, mas sou de opinião que o analista espacial era necessário para ele como uma fonte para outras informações (afinal, não sabia coisa alguma sobre Análise Espacial e não poderia conduzir com sucesso uma chantagem como um blefe total) e, talvez, como um refém para o caso de fracasso final. Em todo caso, utilizou uma sonda psíquica. Depois do tratamento, tinha em suas mãos não um analista espacial, mas um idiota desmiolado que não lhe causaria qualquer problema, por certo tempo. E depois de certo tempo recuperaria o juízo.

— O próximo passo? Isto foi para que estivesse certo de que durante o ano de espera o analista espacial não seria localizado, que ninguém de importância o veria mesmo em seu papel de idiota. Assim procedeu com uma magistral simplicidade. Levou seu homem para Florina e por quase um ano o analista espacial foi simplesmente um nativo idiota, trabalhando nas usinas de *kyrt*.

— Eu imagino que durante este ano ele, ou algum subordinado de confiança, visitava a cidade onde ele havia "plantado" a criatura, para verificar se estava segura e com saúde razoável. Em uma dessas visitas tomou conhecimento, de algum jeito, que a criatura fora levada a um médico que sabia o que era uma sondagem psíquica quando via uma. O médico morreu e seu relatório desapareceu, ao menos de seu consultório da Cidade Inferior. Este foi o primeiro erro de cálculo de X. Nunca imaginou que uma duplicata poderia estar no consultório acima.

— E então veio seu segundo erro de cálculo. O idiota começou a recuperar o juízo um pouco mais rapidamente e o Conselheiro da vila tinha inteligência bastante para ver que havia ali algo mais que um delírio. Talvez a garota que tomava conta do idiota tenha contado ao Conselheiro a respeito da sondagem psíquica. Isto é um palpite.

— Aí têm a história.

Fife fechou suas fortes mãos e esperou pela reação…

Rune foi o primeiro a substituí-lo. A luz se acendera em seu cubo

alguns momentos antes e ele sentara ali, piscando e sorrindo. Disse: — É uma história moderadamente estúpida essa, Fife. Outro instante no escuro e teria adormecido.

— Pelo pouco que eu posso ver — disse Balle lentamente — você criou uma estrutura tão insubstancial quanto a do ano passado, É nove décimos adivinhação.

— Porcaria! — disse Bort.

— Quem é X, afinal de contas? — perguntou Steen. — Se você não sabe quem é X, realmente não faz nenhum sentido. — E bocejou delicadamente, cobrindo seus pequenos dentes brancos com um indicador curvado.

— Ao menos um de vocês percebe o ponto essencial — disse Fife. — A identidade de X é o pivô do caso. Considere as características que X deve possuir se minha análise for precisa.

— Em primeiro lugar, X é um homem com contatos no Funcionalismo Público. É um homem que pode ordenar uma sondagem psíquica. É um homem que pensa poder arranjar uma poderosa campanha de extorsão. É um homem que pode tirar o analista espacial de Sark para Florista sem problemas. E um homem que pode arranjar a morte de um médico em Florina. Não é um qualquer, certamente.

— De fato ele é alguém muito seguro. Deve ser um Grande Nobre. Não diriam isso?

Bort levantou-se. Sua cabeça desapareceu e ele sentou.se novamente. Steen explodiu numa gargalhada alta, histérica, Os olhos de Rune, meio encobertos pela gordura que os circundavam, brilharam febrilmente. Balle lentamente balançou sua cabeça.

— Quem no Espaço você está acusando, Fife? — berrou Bort.

— Ninguém ainda. — Fife permanecia comedido. Ninguém especificamente. Vejam desta forma. Existem cinco de nós. Nenhum outro homem poderia ter feito o que X fez. Somente nós cinco. Isto pode ser colocado como decidido. Agora qual de nós cinco é ele? Para começar, não sou eu.

— Podemos confiar em sua palavra, podemos? — zombou Rune.

— Não tem de confiar em minha palavra — retorquiu Fife. — Sou o único aqui sem um motivo, O motivo de X é ganhar o controle da indústria de kyrt. Eu tenho o controle dela. Eu tenho um terço de toda a terra de Florina. Minhas usinas, fábricas e minha frota são suficientemente superiores para forçar qualquer um ou todos vocês a sair do negócio se eu desejar. Não teria de recorrer a uma chantagem complicada.

Estava gritando, encobrindo as vozes de todos eles. — Ouçam-me! O resto de vocês tem todos os motivos. Rune tem o menor continente e as menores holdings. Eu sei que ele não gosta disso. Ele não pode

fingir que gosta. Balle vem da linhagem mais antiga. Houve um tempo em que sua família dominou todo Sark. Ele provavelmente não esqueceu disso. Bort ressente-se do fato de que sempre é voto vencido no conselho e não pode portanto conduzir os negócios em seu território no estilo chicote-e-pistola em que gostaria. Steen gosta do luxo e suas finanças estão indo mal. A necessidade de recuperação é um esforço muito grande. Temos todos aqui. Todos os possíveis motivos. Inveja. Cobiça por poder. Cobiça por dinheiro. Questão de prestígio. Agora, qual de vocês é ele?

Havia um lampejo de súbita malícia nos velhos olhos de Baile. — Você não sabe?

— Não importa. Agora ouçam isto. Eu disse que alguma coisa aterrorizou X — vamos chamá-lo de X ainda — depois de suas primeiras cartas para nós. Sabem o que foi? Foi nossa primeira conferência quando eu preguei a necessidade da ação unida. X estava aqui. X era, e é, um de nós. Ele sabia que a ação conjunta significava fracasso. Ele contava nos vencer porque sabia que nosso rígido ideal de autonomia continental nos deixaria em desvantagem para o ultimo momento e além. Viu que estava errado e decidiu esperar até que a sensação de urgência desaparece e pudesse prosseguir outra vez.

— Mas ainda estava errado. Ainda tomaremos a ação conjunta e há somente uma forma em que podemos fazer isso com segurança, considerando que X é um de nós. A autonomia continental está prestes a terminar. É um luxo que não mais podemos nos permitir, já que o esquema de X somente terminará com a derrota econômica do resto de nós ou com a intervenção de Trantor. Eu, Fife, sou o único em que posso confiar, assim, de agora em diante eu governarei um Sark unido. Estão comigo?

Estavam de pé, gritando. Bort brandia seus punhos. Havia um pouco de espuma nos cantos de seus lábios.

Fisicamente, não havia nada que pudessem fazer. Fife sorriu. Cada um deles estava em uni continente distante. Podia sentar-se atrás de sua escrivaninha e assisti-los espumar.

— Vocês não têm escolha — disse. — Neste ano, após nossa primeira conferência, eu, também, fiz meus preparativos. Enquanto vocês quatro estavam quietamente em conferência, ouvindo-me, oficiais leais a mim encarregaram-se da Armada.

— Traição! — uivaram,

— Traição á autonomia continental — retorquiu Fife. — Lealdade a Sark.

Os dedos de Steen entrelaçavam-se nervosamente, suas pontas coradas e cobreadas eram os únicos borrifos de cor sobre sua pele.

— Mas é X. Mesmo se X fosse um de nós, existem três inocentes. Eu não sou X. — Lançou um olhar venenoso em torno de si. — É um

dos outros.

— Aqueles de vocês que forem inocentes formarão parte de meu governo, se quiserem. Não têm nada a perder.

— Mas você não vai dizer quem é inocente — berrou Bort. — Você nos manterá fora da história de X, na… na… — A falta de fôlego fê-lo parar.

— Não manterei. Em vinte e quatro horas eu saberei quem é X. Não lhes contei. O analista espacial de que todos estávamos falando está agora em minhas mãos.

Caíram em silêncio. Entreolharam-se com reserva e suspeita.

Fife deu urna risadinha de satisfação. — Vocês estão curiosos para saber qual de vocês pode ser X. Um de vocês sabe, estejam certos disso. E em vinte e quatro horas todos saberemos. Agora, tenham em mente, cavalheiros, que vocês todos estão indefesos. As naves de guerra são minhas. Bom dia!

Seu gesto foi de despedida.

Um por um se foi, como estrelas nas profundezas do vácuo sendo eclipsadas na videoplaca pela passagem e pelo volume invisível de uma espaçonave destroçada.

Steen foi o último a sair. — Fife — disse tremulamente

Fife olhou para ele. — Sim? Você deseja se confessar, agora que nós dois estamos sozinhos? Você é X?

O rosto de Steen contorceu-se num abalo selvagem. — Não, não. Realmente. Eu só queria perguntar se você realmente fala sério. Quero dizer, autonomia continental e tudo mais?

Fife olhou fixamente para o velho cronômetro na parede. — Bom dia.

Steen lamuriou-se, Sua mão foi à chave de contato e, também ele, desapareceu.

Fife sentou-se ali, rígido e imóvel. Com a conferência terminada, o calor da crise já passado, a depressão apossou-se dele. Sua boca sem lábios era um corte severo num amplo rosto.

Todos os cálculos começaram com este fato: o analista espacial estava louco, não havia juízo final. Mas em relação a um maluco, muita coisa havia acontecido. Teria Junz do DAI perdido um ano à procura de um maluco? Ele seria tão obstinado em sua caçada atrás de contos de fadas?

Fife nada disse a ninguém a respeito. Ele mal ousava partilhar isso com sua própria alma. E se o analista espacial nunca tivesse estado louco? E se a destruição pendesse sobre o mundo de kyrt

O secretário floriniano moveu-se imperceptivelmente ante o Grande Nobre, sua voz insípida e seca.

— Senhor!

O que é?

— A nave com sua filha pousou.

— O analista espacial e a mulher nativa estão em segurança?

— Sim, senhor.

— Que não sejam interrogados em minha ausência. Devem ser mantidos incomunicáveis até que eu chegue… Há notícias de Florina?

— Sim, senhor, O Conselheiro está sob custódia e está sendo trazido para Sark.

13. O Iatista

As luzes do porto brilhavam uniformemente enquanto o crepúsculo caía. Em momento algum a iluminação completa variou daquela que seria esperada de um entardecer um pouco velado. No Porto 9, como nos outros iateportos da Cidade Superior, havia luz do dia durante toda a rotação de Florina. A luminosidade poderia tornar-se incomumente pronunciada ao sol do meio-dia, mas este era o único desvio.

Markis Genro poderia dizer que o próprio dia havia passado somente porque, ao passar pelo porto, havia deixado as coloridas luzes noturnas da Cidade atrás de si. Estas estavam brilhando contra a escuridão do céu, mas não tinham a pretensão de substituir o dia.

Genro fez uma pausa logo à entrada principal e não parecia de forma alguma impressionado com a gigantesca ferradura com suas três dúzias de hangares e cinco fossos de decolagem. Era parte dele, como era parte de qualquer iatista experimentado.

Tirou um longo cigarro, de cor violeta e ponta com leve invólucro de *kyrt* prateado, e colocou-o na boca. Pôs as mãos em concha em tomo da ponta exposta e observou-a tomar vida esverdeada quando ele inalava. Queimava lentamente e não deixava cinzas. Uma fumaça esmeralda filtrava-se de suas narinas.

— Negócios como de costume! — murmurou.

Um membro do comitê de navegação, em roupas de iatismo, com somente uma discreta e elegante inscrição acima de um dos botões de sua túnica a indicar que era um membro do comitê, moveu-se rapidamente ao encontro de Genro, evitando cuidadosamente qualquer aparência de pressa.

— Ah, Genro! E por que não negócios como de costume?

— Olá, Dotti. Eu somente pensei que com toda esta bagunça continuando poderia ocorrer a algum brilhante rapaz fechar os portos. Graças a Sark que não.

O homem do comitê tomou-se sóbrio. — Sabe, pode ser isso. Você ouviu as últimas?

Genro sorriu. — Como você pode me contar as últimas do depois-da-últimas?

— Bem, você soube o que é definitivo agora sobre o nativo? O assassino?

— Quer dizer que o apanharam? Não soube disso.

— Não, não o apanharam. Mas sabem que ele não está na Cidade Inferior!

— Não? Onde é que ele está, então?

— Ué, na Cidade Superior. Aqui.

— Deixa disso. — Os olhos de Genro se arregalaram, e então se estreitaram em descrédito.

— Não, de verdade — disse o membro do comitê, um pouco ofendido. — Para mim já é um fato. Os patrulheiros estão varrendo a Rodovia Kyrt de cima a baixo. Cercaram o Parque da Cidade e estão utilizando a Arena Central como um ponto de coordenação. Tudo isto é autêntico.

— Bem, talvez. — Os olhos de Genro percorreram descuidadamente as naves nos hangares. — Eu não tenho vindo ao 9 por dois meses, acho. Existe alguma nave nova por aqui?

— Não. Bem, sim, tem a Flame Arrow de Hjordesse.

Genro balançou a cabeça. — Eu a vi. Ë toda de cromo,e nada mais. Eu odeio pensar que terei de acabar projetando o meu.

— Você está vendendo o Cometa V?

— Vendendo ou jogando fora. Estou cansado destes modelos novos. São automáticos demais. Com seus relés automáticos e computadores para trajetórias, estão matando o esporte.

— Sabe, ouvi dizer que outros pensam da mesma forma — concordou o membro do comitê. — Vou dizer-lhe uma coisa. Se eu souber de um modelo antigo em boas condições no mercado, falarei com você.

— Obrigado. Importa-se se eu percorrer o lugar?

— Claro que não. Vá em frente. — O membro do comitê deu um sorriso largo, acenou e afastou-se apressadamente.

Genro fez sua lenta ronda, o cigarro, pela metade, pendendo do canto de sua boca. Parava em cada hangar ocupado, avaliando sagazmente seu conteúdo.

No hangar 26 mostrou um elevado interesse. Olhou por cima da cerca baixa e disse: — Nobre?

A chamada era uma pergunta polida, mas após uma pausa teve de chamar outra vez, um pouco mais peremptoriamente um pouco menos polidamente.

O Nobre que emergiu em seu campo de visão não tinha uma aparência impressionante. Em primeiro lugar, não estava em roupas de iatismo. Além disso, precisava barbear-se, e seu barrete de aparência repelente estava inclinado na maneira mais deselegante possível. Parecia cobrir metade de seu rosto. E ainda sua atitude era de peculiar cautela e suspeita.

— Sou Markis Genro — disse. — É sua embarcação, senhor?

— Sim, é. — As palavras eram lentas e tensas.

Genro não fez caso. Inclinou a cabeça para trás e observou as linhas do iate cuidadosamente. Tirou a ponta de cigarro da boca e jogou-a para o alto. Ainda não havia atingido o ponto mais alto de sua trajetória quando, com um pequeno clarão, desapareceu.

— Não se importaria se eu entrasse? — perguntou. — O outro hesitou, então pôs-se de lado. Genro entrou.

— Que tipo de motor tem a embarcação, senhor? — perguntou.

— Por que pergunta?

Genro era alto, sua pele e seus olhos eram escuros, cabelos crespos e curtos. Era mais alto que o outro, e seu sorriso mostrava dentes brancos e regularmente espaçados. Disse: — Para ser bem franco, estou procurando uma nova nave.

— Quer dizer que está interessado nesta?

— Não sei. Algo como ela, talvez, se o preço for correto. Mas, de qualquer modo, você se importaria se eu olhasse os controles e mecanismos?

O Nobre permaneceu calado.

A voz de Genro tornou um pouco mais fria. — Claro, se lhe aprouver. — Virou-se.

— Poderia vendê-lo — disse o Nobre, e tateou seus bolsos. — Aqui está a licença.

Genro olhou cada lado com bastante rapidez e prática. Devolveu-a. — Você é Deamone?

O Nobre deu de ombros. — Pode entrar, se quiser.

Genro observou rapidamente o cronômetro de bombordo, os ponteiros luminescentes, faiscando como os raios do Sol, indicando o início da segunda hora após o pôr-do-sol.

— Obrigado. Poderia guiar-me?

O Nobre remexeu novamente seus bolsos e estendeu-lhe um maço de cartões codificados. — Primeiro o senhor.

Genro pegou o maço. Folheou os cartões, procurando as pequenas marcas em código para “selo da nave”. O outro homem não fez qualquer tentativa para ajudá-lo.

— Este, suponho? — disse, finalmente.

Caminhou pela pequena rampa até o patamar da câmara de descompressão e observou atentamente o fino encaixe à direita do fecho. — Não vejo… ah, aqui está e passou para o outro lado da comporta.

Lentamente, silenciosamente, a escotilha se abriu e Genro moveu-se na escuridão. A luz vermelha da câmara acendeu-se automaticamente quando a porta fechou-se atrás deles. A porta interna abriu-se e à medida que andavam pela nave, as luzes certas acendiam e apagavam ao longo do percurso.

Myrlyn Terens não tinha escolha. Não mais se lembrava do momento, há muito tempo, em que uma coisa como “escolha” havia existido. Por três longas e infelizes horas, agora, permanecera próximo à nave de Deamone, esperando e impotente para fazer qualquer outra coisa. Chegara a nada até agora. Nada via que pudesse conduzi-lo a

outra coisa que não a captura,

E então este camarada viera para ver a nave. Lidar com ele além de tudo era loucura. Possivelmente, não poderia manter seu embuste em tal proximidade. Mas, então, possivelmente poderia não permanecer onde estava, tampouco.

Ao menos dentro da nave poderia haver comida. Estranho que isto não lhe ocorresse antes.

Havia.

— Está quase na hora do jantar — disse Terens. — Gostaria de comer alguma coisa?

O outro mal olhou por cima dos ombros. — Bem, mais tarde, talvez. Obrigado.

Terens não insistiu. Deixou-o perambular pela nave e entregou-se gratamente à carne enlatada e às frutas embrulhadas em celulita. Bebeu sofregamente. Havia um chuveiro no corredor da cozinha. Fechou a porta e tomou uma banho. Era um prazer ser capaz de remover o barrete apertado, ao menos temporariamente. Encontrara até mesmo um pequeno armário do qual poderia escolher uma muda de roupa.

Era muito mais dono de si quando Genro retornou.

— Você se importaria se eu tentasse pilotar esta nave? — disse Genro.

— Não tenho objeções. Você pode manejar este modelo? — perguntou Terens com uma excelente imitação de desinteresse.

— Acho que sim — disse o outro com um pequeno sorriso. — Eu me gabo de poder manejar qualquer dos modelos regulares. De qualquer modo, tomei a liberdade de chamar a torre de controle e há um fosso de decolagem disponível. Aqui está minha licença de iatista se você quiser vê-la antes que eu assuma.

Terens deu-lhe uma olhadela rápida quando Genro a entregou.

— Os controles são seus — disse.

A nave rolou para fora do hangar como uma baleia aerotransportada, movendo-se lentamente, sua quilha diamagnetizada separada dez centímetros da argila batida do campo.

Terens observou Genro manejar os controles com precisão decorada. A nave parecia uma coisa viva com o seu toque. A reprodução do campo, que estava sobre a visitela, transferia-se e mudava com o leve acionamento de qualquer contato.

A nave parou momentaneamente na beira do fosso de decolagem. O campo diamagnético fortalecia-se progressivamente à frente da proa da nave e ela começou a inclinar-se para cima. Terens estava misericordiosamente alheio a isto quando a cabina do piloto girou sobre seu balancim para ajustar-se à mudança de gravidade, Majestosamente, os flanges traseiros da nave encaixaram-se nos

entalhes apropriados do fosso. Ela ficou na vertical, apontando para o céu.

O revestimento de duralita do fosso de decolagem correu para seu recesso, revelando o revestimento neutralizado, com uns cem metros de profundidade, que recebia os primeiros empuxos de energia dos motores hiperatômicos.

Genro mantinha uma criptica troca de informações com a torre de controle. Finalmente, disse: — Dez segundos para a decolagem.

Uma linha vermelha em ascensão marcava os segundos se desvanecendo. Fez contato e a primeira vaga de potência rompeu em suas costas.

Terens tomou-se mais pesado, sentiu-se pressionado contra o assento. O pânico o atingia.

— Como funcionam os controles? — grunhiu.

Genro parecia indiferente à aceleração. Sua voz tinha quase seu timbre natural quando disse: — Moderadamente bem.

Terens recostou-se na cadeira, tentando relaxar com a pressão, observando as estrelas na visitela ficarem mais fortes e brilhantes Conforme a atmosfera entre a nave e elas desaparecia. O kyrt em sua pele parecia frio e úmido

Estavam no espaço agora. Genro acelerava a nave. Terens não tinha como dizer diretamente, mas podia ver as estrelas marcharem firmemente através da visitela enquanto os dedos longos e esguios do iatista brincavam com os controles como se eles fossem as chaves de um instrumento musical. Finalmente, um volumoso segmento laranja de globo encheu a superfície clara da visitela.

— Nada mal — disse Genro. — Você mantém sua embarcação em boas condições, Deamone. É pequena, mas tem sua garra.

Terens retrucou cuidadosamente: — Suponho que gostaria de testar sua velocidade e sua capacidade de escape. Você pode, se quiser. Não tenho objeções.

Genro confirmou com a cabeça. — Muito bem. Para onde sugere que devamos ir? O que acha… — Hesitou, então continuou. — Bem, por que não para Sark?

Terens ofegava. Esperara isso. Estava a ponto de acreditar estar vivendo em um mundo de magia. Como as coisas forçavam seus movimentos, mesmo sem sua conivência. Não teria sido difícil convencê-lo de que não eram as “coisas”, mas o objetivo que induzira os movimentos. Sua infância fora embebida pela superstição que os Nobres criavam entre os nativos e tais coisas eram difíceis de superar. Em Sark estava Rik e suas lembranças retornando. O jogo não estava encerrado.

— Por que não, Genro? — disse selvagemente.

— Então é para Sark.

Recuperando velocidade, o globo de Florina fugiu do campo de visão da visitela e as estrelas retomaram.

— Qual é o seu melhor tempo entre Florina e Sark? — perguntou Genro.

— Nenhuma quebra de recorde — disse Terens. — Aí pela média.

— Então você tem feito melhor que em seis horas, suponho?

— De vez em quando, sim.

— Concorda que eu tente reduzir para cinco?

— Claro! — disse Terens.

Levou horas até que atingissem um ponto distante o bastante da distorção da massa estelar da constituição do espaço que tornasse possível um salto.

Terens achou a espera uma tortura. Era a terceira noite de pouco ou nenhum sono e a tensão dos dias aumentara essa falta.

Genro olhou-o de soslaio. — Por que você não vai dormir?

Terens forçou uma expressão de vivacidade em seus frouxos músculos faciais e disse: — Não é nada. Nada.

Bocejou prodigiosamente e sorriu, desculpando-se. O iatista voltou-se para seus instrumentos e os olhos de Terens vidraram uma vez mais.

Os assentos em um iate espacial são confortáveis por pura necessidade. Devem amortecer o efeito da aceleração. Um homem não especialmente cansado pode fácil e suavemente adormecer neles. Terens, que podia, naquele momento, ter dormido sobre vidro moído, nunca soube quando passou a fronteira.

Dormiu horas; dormiu tão profundamente e tão sem sonhos como nunca em sua vida.

Não se mexia; não mostrava um único sinal de vida além de sua tranqüila respiração quando o barrete foi removido de sua cabeça.

Terens acordou estonteado, lentamente. Por longos minutos não teve a menor noção de onde estava. Pensou que estivesse de volta à sua cabana de Conselheiro; o estado real de coisas surgia em etapas. Eventualmente poderia sorrir para Genro, que ainda estava nos controles, e dizer: — Acho que adormeci.

— Acho que sim. Eis Sark. — Genro inclinou a cabeça para o grande crescente branco da visitela.

— Quando pousamos?

— Em cerca de uma hora.

Terens estava acordado o bastante agora para sentir uma sutil mudança na atitude do outro. Foi um choque glacial para ele que o objeto cinza metálico na mão de Genro revelasse ser o gracioso cano de uma pistola de agulha.

— Mas, pelo Espaço… — começou Terens, pondo-se de pé.

— Sente-se — disse Genro atentamente. Havia um barrete em sua

outra mão.

Terens levou uma das mãos à cabeça e seus dedos se acharam agarrando cabelos ruivos.

— É — disse Genro — é bastante óbvio. Você é um nativo.

Terens o encarou e nada disse.

— Eu sabia que você era um nativo antes que eu tivesse chegado à nave do pobre Deamone — disse Genro.

A boca de Terens estava seca como algodão e seus olhos estavam inflamados. Observava a boca minúscula e mortal da arma e esperava um clarão repentino, silencioso. Tinha ido muito longe, muito longe, e tinha afinal perdido a aposta.

Genro não parecia apressado. Mantinha a pistola de agulha firme e suas palavras eram tranqüilas e lentas,

— Seu erro básico, Conselheiro, foi pensar que poderia realmente passar a perna numa indefinida força policial organizada. Mesmo assim, agiria melhor se não tivesse feito a infeliz escolha de Deamone como sua vítima,

— Eu não o escolhi — grasnou Terens.

— Então digamos que fosse sorte. Alstare Deamone, cerca de doze horas atrás, estava no Parque da Cidade, esperando sua mulher. Não havia razão, a não ser sentimental, para que a encontrasse lá dentre todos os lugares. Haviam se encontrado pela primeira vez exatamente naquele ponto, e iam novamente encontrar-se lá em cada aniversário de tal encontro. Não há nada particularmente original nesse tipo de cerimônia entre casais jovens, mas parece importante para eles. Caro que Deamone não imaginava que o relativo isolamento do lugar fizesse dele uma vítima apropriada para um assas sino. Quem teria pensado nisso na Cidade Superior?

— Na marcha comum dos acontecimentos, o assassino não poderia ter sido descoberto por dias. A mulher de Deamone, entretanto, estava no local meia hora depois do crime. O fato de que seu marido não estava lá a espantou. Ele não era o tipo de pessoa, ela explicou, que ia embora furioso porque ela estava um pouco atrasada. Ela freqüentemente estava atrasada. Ele teria esperado mais um pouco. Ocorreu-lhe que seu marido poderia estar esperando dentro da "sua" caverna.

— Deamone havia esperado fora de "sua" caverna, naturalmente. Era a mais próxima da cena do ataque, conseqüentemente, e aquela para a qual ele fora arrastado. Sua esposa entrou na caverna e encontrou… bem, você sabe o que ela encontrou. Ela conseguiu passar a notícia para o Posto de Patrulheiros através de nossas próprias agências do Depseg, embora estivesse quase incoerente com o choque e a histeria.

— Como se sente, Conselheiro, ao matar um homem a sangue

frio, deixando.o ser encontrado por sua esposa em um ponto repleto de recordações felizes para ambos?

Terens estava chocado. Engasgou, numa mistura terrível de ódio e frustração. — Vocês, sarkianos, têm assassinado milhões de florinianos. Mulheres. Crianças. Ficaram ricos às nossas custas. Este iate… — Foi tudo o que conseguiu dizer.

— Deamone não era responsável pelo estado de coisas que encontrou ao nascer — disse Genro. — Se você tivesse nascido sarkiano, o que teria feito? Renunciado à sua condição social, se renunciasse, iria trabalhar nos campos de kyrt?

— Muito bem, então, atire — gritou Terens, contorcendo-se. — O que você está esperando?

— Não há pressa. Há tempo suficiente para acabar minha história. Não estávamos certos quanto à identidade do cadáver e do assassino, mas um palpite muito bom eram Deamone e você, respectivamente. Parecia óbvio para nós, a partir do fato de que as cinzas perto do corpo eram de um uniforme de patrulheiro, que você estava disfarçado de sarkiano. Parecia ainda provável que você se dirigisse para o iate de Deamone. Não superestime nossa estupidez, Conselheiro.

— As coisas estavam ainda mais complexas. Você era um homem desesperado. Seria insuficiente segui-lo. Você estava armado e indubitavelmente cometeria suicídio se não tivesse escapatória.

— O suicídio era algo que não queriam. Queriam você em Sark e o queriam ativo.

— Era um caso particularmente delicado para mim e era extremamente necessário convencer o Depseg que eu poderia cuidar de você sozinho, que eu poderia levá-lo a Sark sem barulho ou dificuldade. Você tem de admitir que é exatamente o que eu estou fazendo.

— Para dizer a verdade, queria primeiro saber se você era realmente nosso homem. Você estava vestido em trajes comuns de negócios nos jardins do iateporto. Era de um incrível mau gosto. Ninguém, eu acho, sonharia passar por um iatista sem as roupas adequadas. Eu pensei que você estivesse deliberadamente como isca, que você estivesse tentando ser preso enquanto o homem que queríamos escapava em outra direção.

— Hesitei e testei você de outras formas. Eu tateei com a chave da nave no lugar errado. Nenhuma nave já inventada abriria pelo lado direito da câmara de descompressão. Ela abre sempre e invariavelmente pelo lado esquerdo. Você não demonstrou qualquer surpresa pelo meu erro. Absolutamente nenhuma. Então eu lhe perguntei se sua nave já havia feito Sark-Florina em menos de 6 horas. Você disse que sim — ocasionalmente. Isto é notável demais. O tempo

recorde para a viagem é de mais de 9 horas.

— Eu decidi que não poderia ser unia isca. À ignorância era suprema. Você tinha de ser naturalmente ignorante e provavelmente o homem certo. Era somente uma questão de que você caísse no sono e era óbvio pela sua cara que você precisava desesperadamente dormir — para que o desarmasse e o ameaçasse calmamente com uma arma adequada. Removi seu barrete mais por curiosidade que por qualquer outra coisa. Queria ver como ficava um costume sarkiano com uma cabeça ruiva projetando-se dele.

Terens mantinha os olhos na arma. Talvez Genro visse os músculos de seus maxilares juntarem-se. Talvez simplesmente tentasse adivinhar o que Terens estava pensando.

— Claro que não devo matá-lo, mesmo se me atacar — disse. — Não posso matá-lo nem mesmo em autodefesa. Não pense que vou lhe dar qualquer vantagem. Comece a mexer-se que eu arranco a sua perna.

A combatividade de Terens sumiu. Levou as costas das mãos à testa e sentou-se rigidamente.

— Sabe por que lhe contei tudo isso? — disse Genro suavemente.

Terens não respondeu.

— Primeiro — disse Genro — eu gosto de vê-lo sofrer. Não gosto de assassinos e particularmente não gosto de nativos que matam sarkianos. Tive ordens de entregá-lo vivo, mas nada em minhas ordens diz que eu tenho de tomar esta viagem agradável para você. Segundo, é necessário para você estar completamente a par da situação já que, depois de pousar em Sark, os passos seguintes dependerão de você.

Terens olhou para ele. — O quê?

— O Depseg sabe que você está chegando. A agência regional de Florina enviou a noticia logo que esta nave livrou-se da atmosfera de Florina. Pode estar certo disso. Mas eu disse que era inteiramente necessário para mim convencer o Depseg de que eu podia cuidar disto sozinho e o fato de que posso faz toda a diferença.

— Eu não o entendo — disse Terens desesperadamente.

Com serenidade, Genro respondeu: — Eu disse que “eles” o queriam em Sark, “eles” querem você ativo. Por “eles” eu não quero dizer Depseg, eu quero dizer Trantor!

14. O Renegado

Selim Junz nunca fora do tipo fleumático. Um ano de frustrações nada fizera para melhorar isso. Não podia sorver esmeradamente o vinho enquanto sua orientação mental apoiava-se em fundações repentinamente trêmulas. Em resumo, ele não era Ludigan Abel.

E quando Junz armou sua zangada gritaria de que de forma alguma Sark tinha liberdade para seqüestrar e aprisionar um membro do DAI, independentemente da condição de ser da rede de espionagem de Trantor, Abel meramente disse: — Eu acho melhor você passar a noite aqui, Doutor.

— Tenho coisas melhores para fazer — disse Junz glacialinente.

— Sem dúvida, homem, sem dúvida — disse Abel. — Apesar de tudo, se meus homens estão sendo pulverizados, Sark deve ser verdadeiramente ousado. Há uma grande possibilidade de que algum acidente possa acontecer para você antes que a noite acabe. Vamos esperar uma noite e então ver o que nos traz um novo dia.

Os protestos de Junz contra a inércia deram em nada. Abel, até mesmo sem perder seu frio, quase negligente, ar de indiferença, estava repentinamente difícil de ouvir. Junz foi escoltado com firme cortesia para um quarto.

Na cama, olhando fixamente para o teto tenuamente iluminado, decorado com afrescos (em que luzia uma cópia com moderada habilidade da Batalha das Luas Areturjanas, de Lenhaden) ele sabia que não iria dormir. Então cheirou um pouco de gás somnin, e estava dormindo antes que pudesse se dar conta. Cinco minutos mais tarde, quando uma corrente de ar, forçada, varreu o anestésico do quarto, já havia sido administrado o bastante para assegurar saudáveis oito horas.

Foi acordado na fria meia-luz do amanhecer. Voltou-se, os olhos semicerrados, para Abel.

— Que horas são?

— Seis.

— Grande Espaço! — Olhou em tomo de si e puxou os lençóis que cobriam suas pernas esqueléticas. — Levantou-se cedo.

— Eu não domii.

— O quê?

— Sinto a falta, acredite-me. Não respondo ao anti-sonífero como quando era mais jovem.

— Se você me permitir um momento — murmurou Junz.

Desta vez seus preparativos matinais tomaram pouco tempo. Voltou ao quarto, passou o cinturão em tomo de sua túnica e ajustou o fecho magnético.

— Bem? — perguntou. — Certamente você não ficou acordado a noite toda e acordou-me às seis para nada, a não ser que tenha algo para me contar.

— Você está certo. Você está certo. — Abel sentou-se na cama que Junz desocupara e jogou a cabeça para trás numa gargalhada. Era aguda e mais precisamente reprimida. Seus dentes mostraram suas fortes incongruências plásticas amarelas indistintas contra gengivas murchas.

— Perdoe-me, Junz — disse. — Não estou muito bem. Essa insônia drogada me deixou um pouco tonto. Quase pensei que fosse aconselhar Trantor para substituir-me por um homem mais jovem.

Junz disse, com uma ponta de sarcasmo não totalmente separada de uma repentina esperança. — Você descobriu que eles não pegaram o analista-espacial afinal?

— Não, eles pegaram. Sinto muito, mas o pegaram. Temo que esta minha alegria seja devida totalmente ao fato de que nossa rede está intacta.

Junz teria gostado de dizer: Danem-se suas redes, mas absteve-se.

Abel continuou: — Não há dúvida de que sabiam que Khorov era um de nossos agentes. Podiam conhecer outros em Florina. São arraia miúda. Os sarkianos sabiam disso e nunca sentiram que valesse a pena fazer mais que mantê-los sob observação.

— Mataram um — Junz chamou-lhe a atenção.

— Não mataram — retorquiu Abel. — Foi um dos próprios companheiros do analista espacial em um disfarce de patrulheiro que utilizou o explosor.

Junz desconcertou-se. — Eu não entendo.

— é uma história muito complicada. Não quer se juntar a mim para o café da manhã? Preciso urgentemente de comida.

Durante o café, Abel contou a história das últimas trinta e seis horas.

Junz estava espantado. Abaixou sua xícara de café, meio cheia, e não mais retornou a ela. — Mesmo deixando-os embarcar como clandestinos naquela nave entre todas as outras, ainda permanece o fato de que não poderiam ter sido detectados. Se você mandar homens ao encontro dessa nave quando ela pousar…

— Bah! Você está mais bem informado do que diz. Nenhuma nave moderna poderia falhar em detectar a presença de excesso de calor de corpos.

— A inspeção pode ter sido mal feita. Os instrumentos podem ser infalíveis, mas os homens não são.

— Bela tentativa. Olhe aqui. Neste exato momento em que a nave com o analista espacial está se aproximando de Sark, existem rumores de excelente confiabilidade de que o Nobre de Fife está em

conferência com os outros Grandes Nobres. Estas conferências intercontinentais são tão espaçadas quanto as estrelas da Galáxia. Coincidência?

— Uma conferência intercontinental sobre um analista espacial?

— Um assunto sem importância por si só, sim. Mas nós o temos tornado importante. O DAI tem procurado por ele por quase um ano com notável pertinácia.

— Não o DAI — insistiu Junz. — Eu mesmo. Estou agindo de uma forma quase não oficial.

— Os Nobres não sabem disso e não acreditariam se você lhes contasse. Então, também, Trantor se interessou.

— A meu pedido.

— Novamente não sabem nem acreditariam.

Junz levantou-se e sua cadeira afastou-se automaticamente da mesa. Mãos firmemente entrelaçadas às costas, andava a passos largos pelo piso. De um lado para outro. De um lado para outro. Às vezes olhava rudemente para Abel.

Abel voltou-se indiferente para uma segunda xícara de café.

— Como você sabe de tudo isso? — perguntou Junz.

— Tudo o quê?

— Tudo. Como e quando o analista espacial embarcou como clandestino. Como e de que maneira o Conselheiro evitou ser capturado. Está querendo me enganar?

— Meu caro Dr. Junz.

— Você admitiu que tinha homens atentos ao analista espacial independentemente de mim. Você cuidou que eu estivesse seguramente fora do caminho na noite passada, nada deixando ao acaso. — Junz lembrou-se, repentinamente daquele cheiro de sonmin.

— Eu passei a noite, Doutor, em constante comunicação com certos agentes meus. O que fiz e o que eu soube inclui-se no item de, digamos, material confidencial. Você tinha de estar fora do caminho, e ainda seguro. O que lhe disse, agora mesmo, eu soube através de meus agentes na noite passada.

— Para tomar conhecimento disso tudo você precisaria de espiões no próprio governo de Sark.

— Bem, naturalmente.

Junz rodopiou em tomo do embaixador. — Ora, vamos…

— Você acha isto surpreendente? Certamente, Sark é notório pela estabilidade de seu governo e pela lealdade de seu povo. A razão é bastante simples já que até mesmo o sarkiano mais pobre é um aristocrata em comparação com os florinianos e pode considerar-se, embora falaciosamente, um membro de uma classe dominante.

— Considere, contudo, que Sark não é o mundo de bilionários que a maior parte da Galáxia pensa que é. Um ano de permanência deve

bem ter-lhe convencido disso. Oitenta por cento de sua população têm um padrão de vida equivalente ao de outros mundos e não muito melhor que o próprio padrão de Florina. Haverá sempre um certo número de sarkianos que, em sua ânsia, estará suficientemente irritado com a pequena fração da população obviamente mergulhada em luxo para prestar-se aos meus usos.

— É a grande fraqueza do governo sarkiano, que por séculos associou rebelião somente com Florina. Esqueceram de olhar para si mesmos.

— Estes pequenos sarkianos, admitindo-se que existam, não podem fazer muito por você — disse Junz.

— Individualmente, não. Coletivamente, compõem ferramentas úteis para nossos homens mais importantes. Existem até mesmo membros da classe dominante real que levam a sério as lições dos últimos dois séculos. Estão convencidos de que ao final Trantor terá estabelecido seu domínio por toda a Galáxia, e, acredito, justificadamente convencidos. Até mesmo suspeitam de que a dominação final ocorrerá durante suas vidas, e preferem colocar-se, antecipadamente, do lado vencedor.

Junz fez uma careta. — Você faz a política interestelar parecer um jogo muito sujo.

— É, mas desaprovar a sujeita não a remove. Nem todas as suas facetas são sujeiras irremovíveis. Considere o idealista. Considere os poucos homens do governo de Sark que não servem Trantor nem por dinheiro nem por promessas de poder, mas somente porque acreditam honestamente que um governo galáctico unificado é melhor para a humanidade e que somente Trantor realizaria tal governo. Eu tenho um homem desses, o meu melhor, no Departamento de Segurança de Sark, e neste momento está trazendo o Conselheiro.

— Você disse que ele tinha sido capturado — disse Junz.

— Foi, pelo Depseg. Mas meu homem é o Depseg e é meu homem. — Por um momento Abel franziu as sobrancelhas e tomou. se rabugento. — Sua utilidade será drasticamente reduzida depois disso. Logo que ele deixar o Conselheiro escapar, significará degradação na melhor das hipóteses e aprisionamento na pior. Ah, bem!

— O que você está planejando agora?

— Não sei ainda. Primeiro, devemos pegar nosso Conselheiro. Estou certo do que ele fez somente até o momento de chegada ao espaçoporto. O que aconteceu daí em diante… — Abel deu de ombros, e sua pele velha, amarelada, estendeu-se como pergaminho nas maçãs de seu rosto.

Então acrescentou: — Os Nobres estarão também esperando pelo Conselheiro. Acreditam que o têm, e até que um de nós o tenha em mãos, nada mais poderá acontecer.

Mas a afirmação estava errada.

Rigorosamente falando, todas as embaixadas estrangeiras de toda a Galáxia mantêm direitos extraterritoriais sobre as áreas imediatas à sua localização. Geralmente isto equivalia a nada mais que um desejo sagrado, exceto onde a força do planeta reconhecido infundia respeito. Na prática, realmente significava que somente Trantor poderia verdadeiramente manter a independência de seus enviados.

Os jardins da Embaixada Trantoriana cobriam quase dois mil metros quadrados e dentro deles homens armados, em roupas e insígnias de Trantor, patrulhavam. Nenhum sarkiano poderia entrar a não ser que fosse convidado, e em hipótese alguma um sarkiano armado. Certamente, a soma de homens e armas trantorianas poderia resistir a um ataque determinado de um único regimento armado por não mais de duas ou três horas, mas por trás do pequeno bando estava o poder de repressão da força organizada de um milhão de mundos.

Permanecia inviolada.

Poderia até mesmo manter comunicação material direta com Trantor, sem a necessidade de passagem pelos portos sarkianos de embarque e desembarque. Da influência maternal de Trantor, pairando logo além do limite de cem milhas que marcava a fronteira entre “espaço planetário” e “espaço livre”, pequenas gironaves, turbinadas para viajar na atmosfera com consumo mínimo de potência, poderiam emergir e reentrar na atmosfera (meio deslizando, meio impulsionadas) para o pequeno porto mantido dentro dos jardins da embaixada.

A gironave que agora aparecia sobre o porto da embaixada, entretanto, nem era trantoriana nem era esperada. O poder de fogo da embaixada foi rápida e truculentamente posto em jogo. Urna pistola de agulha levantou sua boca franzida no ar. Campos de força se instalaram.

Mensagens transmitidas pelo rádio chicoteavam por todos os lados. Palavras obstinadas jogavam os ímpetos para o alto, agitavam os desanimados.

O Tenente Camrum deixou o instrumento e disse: — Eu não sei. Afirma que será derrubado lá de cima em dois minutos se não o deixarmos descer. Pede asilo.

O Capitão Elyut tinha acabado de entrar. Disse: — Claro. Então Sark afirmará que estamos interferindo na política interna e se Trantor decidir deixar as coisas correrem, você e eu seremos estraçalhados com um gesto. Quem é ele?

— Não quer dizer — disse o tenente com mais que pouca exasperação. — Diz que deve falar com o Embaixador. Suponho que me diga o que fazer, Capitão.

O receptor de ondas curtas estalou e uma voz, meio histérica,

disse: — Tem alguém aí? Só estou descendo, isso é tudo. Realmente! Não posso esperar um segundo, estou dizendo. — Terminou num guincho.

— Grande Espaço, eu conheço esta voz. Deixe-o descer! Minha responsabilidade! — disse o Capitão.

As ordens continuaram. A gironave baixou verticalmente, mais rapidamente do que deveria, resultado de uma mão nos controles ao mesmo tempo inexperiente e aterrorizada. A pistola de agulha mantinha a nave em foco.

O Capitão estabeleceu uma linha direta para Abel e a embaixada fora colocada sob máxima emergência. As naves sarkianas que pairavam sobre a embaixada nem dez minutos depois que a primeira embarcação havia pousado mantiveram uma ameaçadora vigília por duas horas e então partiram.

Sentaram-se à mesa do jantar Abel, Junz e o recém-chegado. Com admirável autocontrole, considerando-se as circunstâncias, Abel bancava o anfitrião despreocupado. Por horas absteve-se de perguntar por que um Grande Nobre precisava de asilo.

Junz era muito menos paciente. Sibilou para Abel: — Espaço! O que você vai fazer com ele?

E Abel sorriu em resposta. — Nada — disse. — Ao menos até descobrir se tenho ou não meu Conselheiro. Gosto de saber onde estou pisando antes de abrir o jogo. E já que ele veio a mim, esperar vai confundi-lo mais do que a nós.

Estava certo. Duas vezes o Nobre lançou-se a um rápido monólogo e por duas vezes Abel lhe disse: — Meu caro Nobre? Certamente a conversação séria é desagradável com o estômago vazio. — Sorriu gentilmente e mandou servir o jantar.

Durante o vinho, o Nobre tentou novamente: — Não querem saber por que eu deixei o Continente Steen?

— Não posso imaginar uma razão sequer — admitiu Abel — para que o Nobre de Steen em algum momento tivesse que fugir de naves sarkianas.

Steen observou-os cuidadosamente. Sua figura esbelta e seu rosto magro e pálido estavam tensos por suposições. Seus longos cabelos estavam unidos em tufos cuidadosamente arranjados mantidos por minúsculos grampos que se chocavam com um tilintar toda vez que movia a cabeça, como para chamar a atenção para seu descaso ao atual estilo sarkiano para cabelos presos. Uma tênue fragrância exalava de sua pele e de suas roupas.

Abel, que não ignorara o leve retesar dos lábios de Junz e a forma rápida na qual o analista espacial tratava seus cabelos curtos e lanosos, pensou em quão divertida seria a reação de Junz se Steen aparecesse mais tipicamente, com ruge no rosto e unhas cobreadas.

— Houve uma conferência intercontinental hoje — disse Steen.

— Realmente? — disse Abel,

Abel ouviu o relato da conferência sem sequer um tremor no semblante.

— E temos vinte e quatro horas — Steen falou indignamente. — De fato, restam dezesseis horas agora.

— E você é X — gritou Junz, que se tomava cada vez mais irrequieto durante a recitação. — Você é X. Veio para cá porque o descobriram Muito bem, isso é ótimo. Abel, aqui está nossa prova para a identidade do analista espacial. Podemos utilizá-la para forçar a entrega do homem.

A voz fina de Steen tinha dificuldade em fazer-se ouvir em relação à forte voz de barítono de Junz.

— Ora realmente. Eu digo, ora realmente. Você está louco. Pare! Deixe-me falar, eu vou contar-lhe… Sua Excelência, não posso lembrar o nome deste homem.

— Dr. Selim Junz, Nobre.

— Pois bem, Dr. Selim Junz, nunca em minha vida vi este idiota ou analista espacial ou o que no espaço ele possa ser. Realmente! Nunca ouvi tamanha besteira. Certamente não sou X. De fato! Agradecerei se nem mesmo utilizasse aquela estúpida carta. Imagine acreditar no ridículo melodrama de Fife! Realmente!

Junz agarrou-se a sua opinião. — Por que você fugiu, então?

— Bom Sark, não está claro? Ai, eu poderia sufocar. Realmente! Olhe aqui, não vê o que Fife está fazendo?

Abel interrompeu calmamente. — Se você explicar, Nobre, não haverá interrupções.

— Bem, agradeço-lhe de qualquer maneira. — Continuou, com um ar de dignidade ofendida: — Os outros não ligam muito para mim porque eu não vejo razões para me aborrecer com documentos e estatísticas e todos aqueles detalhes chatos. Mas, realmente, para que serve o Funcionalismo Público, gostaria de saber? Se um Grande Nobre não pode ser um Grande Nobre?

— Ainda que não signifique que eu seja um tolo, sabe, só por que eu gosto do meu conforto. Realmente! Talvez os outros estejam cegos, mas eu posso ver que Fife não liga a mínima para o analista espacial. Eu acho mesmo que ele não existe. Fife só pegou a idéia um ano atrás e desde então a tem manipulado.

— Ele está nos fazendo passar por tolos e idiotas. Realmente! E assim são os outros. Imbecis nojentos! Ele arranjou toda esta besteira perfeitamente terrível sobre idiotas e analistas espaciais. Não ficaria surpreso se o nativo que se supõe estar matando patrulheiros às dúzias fosse justamente um dos espiões de Fife com uma peruca ruiva. Ou, se ele for realmente um nativo, eu suponho que Fife o tenha contratado.

— Não usaria isto contra Fife. Realmente! Ele utilizaria nativos contra sua própria espécie. Para ver quão baixo ele é.

— De qualquer modo, é óbvio que ele está usando isso somente como uma desculpa para arruinar o resto de nós e fazer de si o ditador de Sark. Não é óbvio para vocês?

— Não existe nenhum X afinal, mas amanhã, a menos que seja impedido, vai espalhar subetéricos cheios de conspirações e declarações de emergência e terá declarado a si mesmo Líder. Não temos um Líder em Sark há quinhentos anos, mas isto não vai parar Fife. Vai simplesmente suspender a constituição. Realmente!

— Eu só queria detê-lo. Foi por isso que eu saí. Se ainda estivesse em Steen, estaria sob prisão domiciliar.

— Logo que a conferência terminou, eu chequei meu próprio porto pessoal, e, você sabe, os homens dele haviam tomado conta. Era um claro desprezo para com a autonomia continental. Coisa de um grosseirão. Realmente! Por ser grosseiro, não é tão brilhante. Pensou que alguns de nós poderiam tentar deixar o planeta, e assim mandou vigiar os espaçoportos, mas — aqui sorriu astutamente — não lhe ocorreu vigiar os giroportos.

— Provavelmente ele pensou que não havia um lugar no planeta que fosse seguro para nós. Mas eu pensei na Embaixada Trantoriana. É mais do que os outros fizeram. Deixaram-me cansado. Especialmente Bort. Conhecem Bort? É terrivelmente inculto. Realmente sujo. Fala comigo como se houvesse algo errado em ser limpo e cheirar bem.

Pôs as pontas dos dedos à altura do nariz e inalou suavemente.

Abel pousou levemente a mão no punho de Junz quando este moveu-se intranqüilamente em seu assento. — Você deixou uma família para trás — disse Abel. — Não imaginou que Fife pode ainda apontar uma arma para você?

— Eu não poderia realmente empilhar todos meus amores em meu giroplano — enrubesceu um pouco. — Fife não ousaria tocar neles. Além disso, voltarei para Steen amanhã.

— Como? — perguntou Abel.

Steen olhou-o com espanto. Seus finos lábios separados. — Estou oferecendo aliança, Sua Excelência. Não pode fingir que Trantor não está interessado em Sark. Certamente você dirá a Fife que qualquer tentativa de mudar à constituição de Sark forçaria a intervenção de Trantor.

— Mal posso ver como isto pode ser feito, mesmo que eu sentisse que meu governo me daria cobertura — disse Abel.

— Como pode *não* ser feito? — perguntou Steen indignamente. — Se ele controlar todo o comércio do kyrt, elevará o preço, pedirá concessões para a rápida distribuição e todo tipo de coisas.

— Vocês cinco não controlam o preço assim?

Steen caiu na cadeira. — Bem, realmente! Eu não conheço todos os detalhes. Depois irão me perguntar as cifras. Meu Deus, vocês são tão ruins quanto Bort. — Então, recuperou-se e deu uma risadinha. — Estou só caçoando, claro. O que eu quero dizer é que, com Fife fora do caminho, Trantor poderia fazer um arranjo com o resto de nós. Em resposta a sua ajuda, somente seria correto que Trantor tivesse tratamento preferencial, ou mesmo talvez uma pequena participação no comércio.

— E como você evitaria que a intervenção se tomasse uma guerra galáctica?

— Oh, mas realmente, não percebe? Está claro como o dia. Vocês não seriam agressores. Somente estariam evitando que uma guerra civil levasse à interrupção do comércio de kyrt. Eu anunciaria que havia apelado para a sua ajuda. Seriam mundos alheios à agressão. Toda a Galáxia estaria do nosso lado. Claro, se Trantor lucrasse com isso posteriormente, porque, afinal, isto não interessa a ninguém. Realmente!

Abel juntou seus dedos retorcidos e observou-os. — Não posso acreditar que você realmente queira unir forças com Trantor.

Um intenso olhar de ódio passou momentaneamente pelo rosto debilmente sorridente de Steen. — Melhor Trantor que Fife — disse.

— Eu não gosto de forças ameaçadoras — disse Abel. — Não podemos esperar e deixar as coisas correrem um pouco…

— Não, não — gritou Steen. — Nem um dia. Realmente! Se vocês não se firmarem agora, agora mesmo, será muito tarde. Uma vez que o prazo final se tenha passado, teremos ido muito longe para nos retratar sem perder a dignidade. Se me ajudarem agora, o povo de Steen me seguirá, os outros Grandes Nobres se unirão a mim. Se esperarem mesmo um só dia, a propaganda de Fife começará a nos triturar. Estarei manchado como um renegado. Realmente! Eu! Eu! Um renegado! Ele utilizará todos os preconceitos anti-Trantor que puder avivar e vocês sabem, sem ofensa, que são muitos.

— Suponha que peçamos a ele que nos permita entrevistar o analista espacial.

— Que vantagem isso traria? Vai jogar dos dois lados. Ele vai nos dizer que o idiota floriniano é um analista espacial, mas vai dizer-lhe que o analista espacial é um idiota floriniano. Você não conhece o homem. Ele é terrível!

Abel considerou isso. Cantarolou para si mesmo, seu indicador marcando tolerante o tempo. Então disse: — Temos o Conselheiro, você sabe.

— Que Conselheiro?

— O que matou os patrulheiros e o sarkiano.

— Ah! Bem, realmente! Você acha que Fife vai ligar para isso se é

uma questão de tomar todo Sark?

— Eu acho que sim. Veja, não é por termos o Conselheiro. São as circunstâncias de sua captura. Acho, Nobre, que Fife vai me escutar e vai escutar humildemente, também.

Pela primeira vez em suas relações com Abel, Junz sentiu uma diminuição na frieza da voz do velho, sua substituição por satisfação. quase triunfo.

15. O Cativo

Não era muito comum para a Dama Samia de Fife sentir-se frustrada. Não havia precedentes, era mesmo inconcebível que já se sentisse frustrada há horas, agora.

Novamente o comandante do espaçoporto era o Capitão Racety. Era polido, quase obsequioso, parecia infeliz, expressava seu pesar, negava a mínima boa-vontade para contradizê-la, e resistia como ferro contra seus desejos francamente expressos.

Finalmente, ela foi forçada a expressar seus desejos e exigir seus direitos como se fosse um sarkiano comum. Ela disse: — Eu suponho que como cidadã tenho o direito de ir ao encontro de qualquer nave que chegue, se eu quiser.

Ela foi venenosa quanto a isso.

O Comandante limpou sua garganta e a expressão de dor em sua face enrugada tomou-se, se antes existisse, mais clara e definida. Finalmente disse: — Na verdade, Madame, não desejamos afinal excluí-la. Somente recebi ordens explícitas do Nobre, seu pai, de proibi-la de ir ao encontro da nave.

— Então você está ordenando que eu deixe o porto? — Samia disse gelidamente.

— Não, Madame. — O Comandante alegrava-se ao transigir. — Não tivemos ordens de excluí-la do porto. Se desejar permanecer aqui pode fazê-lo. Mas, com todo o devido respeito, teremos de impedi-la de aproximar-se mais dos fossos.

Ele estava indo embora e Samia sentou-se no luxo fútil de seu carro diamagnético particular, trinta metros dentro da entrada mais afastada do porto. Haviam esperado e ficaram atentos à sua chegada. Provavelmente continuariam atentos a ela. Se ela, quando muito, colocasse uma roda à frente, pensou indignadamente, provavelmente cortariam sua força motriz.

Rangeu os dentes. Era injustiça de seu pai fazer isso. Eram todos iguais. Sempre a trataram como se ela não entendesse coisa alguma. Contudo, ela pensava que ele a entendia.

Seu pai se levantava do assento para cumprimentá-la, uma coisa que nunca fez para mais ninguém agora que sua mãe estava morta. Ele a tinha abraçado firmemente, abandonado todo seu trabalho por ela. Ele até mesmo mandara seu secretário sair da sala porque sabia que ela tinha aversão â fisionomia sem vida, branca, do nativo.

Era quase como nos velhos tempos, antes que o avô morresse e quando o pai ainda não se tornara um Grande Nobre.

— Mia, criança, contei os minutos — disse ele. — Nunca pensei que fosse uma distância tão grande até Florina. Quando eu soube que

aqueles nativos estavam escondidos em sua nave, justamente aquela que eu havia mandado para garantir sua segurança, fiquei furioso.

— Papai! Não havia razão para se preocupar.

— Não havia? Eu quase enviei uma frota inteira para tirá-la de lá e trazê-la com toda a segurança militar.

Riram juntos da idéia. Os minutos se passavam antes que Samia pudesse conduzir a conversa de volta ao assunto que a tomava completamente.

— O que vai fazer com os clandestinos, pai? — disse casualmente.

— Por que você quer saber, Mia?

— Você não acha que eles tinham planos de assassinar você, ou alguma coisa assim?

Fife sorriu. — Você não devia ter pensamentos mórbidos.

— Você não acha que tinham, acha? — ela insistiu.

— Claro que não.

— Bom! Porque eu falei com eles, pai, e eu não acredito mesmo que eles sejam mais que duas pobres pessoas inofensivas. Não ligo para o que o Capitão Racety diz.

— Infringiram um número considerável de leis para serem "pobres pessoas inofensivas", Mia.

— Você não pode tratá-los como criminosos comuns, pai. — Sua voz elevou-se assustada.

— De que outra forma?

— O homem não é um nativo. Ele é de um planeta chamado Terra e foi psiquicamente sondado e não é responsável.

— Bem, então, querida, o Depseg descobrirá isso. Suponha que deixe isso para eles.

— Não, é muito importante para deixar exatamente para eles. Não vão entender. Ninguém entende. A não ser eu!

— Somente você em todo o mundo, Mia? — perguntou Fife indulgentemente, e avançou um dedo para tirar um cacho de cabelos que havia caído sobre a testa de Samia.

Samia disse com energia: — Só eu! Só eu! Todos os outros acham que ele está louco, mas tenho certeza de que não está. Ele diz que há algum grande perigo para Florina e para toda a Galáxia. Ele é um analista espacial e você sabe que eles são especialistas em cosmogonia. Ele saberia!

— Como você sabe que ele é um analista espacial, Mia?

— Ele diz que é.

— E quais são os detalhes do perigo?

— Ele não sabe. Foi sondado psiquicamente. Não vê que esta é a maior evidência de tudo isso? Ele sabia demais. Alguém estava interessado em ocultar o fato. — Sua voz instintivamente baixou e tornou-se roucamente confidencial. Conteve um impulso de olhar por

sobre o ombro e disse: — Não percebe que, se suas teorias fossem falsas, não teria havido necessidade de sondá-lo?

— Por que não o mataram, se era esse o caso? — perguntou Fife e instantaneamente lamentou a pergunta. Não adiantava provocar a garota.

Samia pensou um pouco, infrutiferamente, então disse: — Se você ordenar ao Depseg que me deixe falar com ele, eu descobrirei. Ele confia em mim. Eu sei que confia. Eu conseguirei mais dele que o Depseg poderia. Por favor, mande o Depseg deixar que o veja, pai. É muito importante.

Fife apertou-lhe gentilmente os punhos e sorriu. — Ainda não, Mia. Ainda não. Em poucas horas teremos a terceira pessoa em nossas mãos. Depois, talvez.

— A terceira pessoa? O nativo que cometeu os assassinatos?

— Exatamente. A nave que o transporta pousará em cerca de uma hora.

— E você não vai fazer nada com a nativa e o analista espacial até então?

— Coisa alguma.

— Bom! Vou ao encontro da nave. — Levantou-se.

— Aonde você vai, Mia?

— Para o porto, pai. Quero muito saber coisas desse outro nativo. — Ela riu. — Mostrarei a você que sua filha pode ser uma verdadeira detetive.

Mas Fife não respondeu à sua risada. — Acho melhor você não ir — disse.

— Por que não?

— É essencial que não haja nada que atrapalhe a chegada deste homem. Você chamaria a atenção no porto.

— E daí?

— Não posso explicar política para você, Mia.

— Política, ora! — Inclinou-se para ele, deu-lhe um rápido beijo na testa e se foi.

Agora ela estava sentada impotentemente dentro do carro, no porto, enquanto bem acima havia um pontinho crescendo no céu, escuro contra o brilho do fim de tarde.

Pressionou o botão que abria o porta-luvas e pegou os óculos de pólo. Comumente eles eram utilizados para acompanhar as acrobacias dos speedsters usados no pólo estratosférico. Poderiam ser utilizados de uma maneira mais séria, também. Colocou-os ante os olhos e o ponto que descia tomou-se uma nave em miniatura, o brilho avermelhado de seu reator traseiro claramente visível.

Ela ao menos veria os homens quando saíssem, descobriria o que pudesse pela visão, arranjaria uma entrevista de algum jeito, de algum

jeito, depois.

Sark enchia a visitela. Um continente e metade de um oceano, um tanto obscurecido pelo branco-algodão das nuvens, apareciam abaixo.

Genro falou, e suas palavras, um pouco desiguais, como a única indicação de que a melhor parte de sua mente estava forçosamente nos controles à sua frente: — O espaçoporto não estará fortemente guardado. Isto foi também sugestão minha. Eu disse que qualquer tratamento incomum da chegada da nave poderia alertar Trantor de que alguma coisa estava acontecendo. Eu disse que o sucesso dependia de que Trantor em momento algum estivesse a par do real estado de coisas até que fosse tarde demais. Bem, não se importe com isso.

Terens meneou os ombros sombriamente. — Qual é a diferença?

— Muita, para você. Vou usar o fosso de aterrissagem mais próximo do Portão Leste. Você vai escapar pela saída de emergência na traseira logo que eu pousar. Ande rapidamente, mas não muito, para o portão. Tenho alguns papéis que podem ou não fazer você passar. Deixarei que você tome a iniciativa necessária no caso de haver encrenca. Pelo que aconteceu antes, eu acho que posso confiar em você para isso. Fora do portão haverá um carro esperando para levá-lo até a embaixada. Isso é tudo.

— E quanto a você?

Lentamente Sark estava transformando-se de uma imensa e descaracterizada esfera de luzes ofuscante em algo mais vivo, numa superfície cortada por rios e enrugada em montanhas.

O sorriso de Genro era frio e sem graça. — Suas preocupações podem terminar com você mesmo. Quando descobrirem que você escapou, eu poderei ser executado como um traidor. Se eles me encontrarem indefeso e incapaz fisicamente de deter você, poderão simplesmente degradar-me como um tolo. Esta última possibilidade, eu suponho, é preferível, por isso peço que, antes de sair, use um chicote neurônico em mim.

— Você sabe do que é capaz um chicote neurônico? — disse o Conselheiro.

— Perfeitamente. — Havia pequenas gotas de suor em suas têmporas.

— Como pode ter certeza de que eu não vou matá-lo logo depois? Sou um assassino de Nobres, você sabe.

— Sei. Mas matar-me não vai ajudá-lo. Somente iria tomar seu tempo. Já me arrisquei mais do que isso.

A superfície de Sark, vista da visitela, estava se expandindo, suas fronteiras precipitavam-se através do limite da visibilidade, seu centro crescendo e os novos limites sumindo, por sua vez. Alguma coisa como um arco-íris de uma cidade sarkiana poderia ser percebida.

— Eu espero — disse Genro — que você não tenha a idéia de

escapar por conta própria. Sark não é o lugar para isso. É Trantor ou os Nobres. Lembre-se.

A visão agora era definitivamente de uma cidade e uma mancha em seus limites expandia-se e tomava-se um espaçoporto abaixo deles. Flutuaram em sua direção numa velocidade baixa.

— Se Trantor não tiver você daqui a uma hora, os Nobres o pegarão antes que o dia termine — disse Genro. — Eu não garanto o que Trantor fará com você, mas eu posso garantir o que Sark faria.

Terens já havia sido do Funcionalismo Público. Ele sabia o que Sark iria fazer com um assassino de Nobres.

O porto parecia calmo na visitela, mas Genro não a observou por muito tempo. Estava mexendo nos instrumentos, cortando os jatos. A nave girou lentamente no ar, a mil e quinhentos metros de altura, e endireitou-se, a cauda para baixo.

Cem metros acima do fosso, os motores trovejaram intensamente. Através das molas hidráulicas, Terens podia sentir o estremecimento. Ficou tonto em seu assento.

— Pegue o chicote — disse Genro. — Rápido agora. Cada segundo é importante. A comporta de emergência fechará atrás de você. Levará cinco minutos até estranharem que eu não tenha aberto a porta principal, outros cinco minutos para arrombá-la, outros cinco para encontrá-lo Você tem quinze minutos para passar pelo portão e entrar no carro.

O estremecimento cessou e no pesado silêncio Terens sabia que havia feito contato com Sark.

Os campos diamagnéticos variáveis assumiram. O iate emborcou majestosamente e lentamente moveu-se até que repousasse sobre um dos lados.

— Agora! — disse Genro. Seu uniforme estava úmido pelo suor.

Terens, com a cabeça rodando e os olhos quase recusando entrar em foco, levantou seu chicote neurônico…

Terens sentia o frio cortante do outono de Sark. Passara anos em suas severas estações até quase esquecer o eterno e branco junho de Florina. Agora seus dias no Funcionalismo Público pesaram sobre ele como se nunca tivesse deixado este mundo de Nobres.

Exceto que agora era um fugitivo e sobre ele estava o estigma de seu crime máximo, o assassinato de um Nobre.

Caminhava no ritmo das batidas de seu coração. Atrás de si estava a nave e nela Genro, congelado na agonia do chicote. A câmara havia se fechado suavemente atrás dele, e caminhava por uma ampla trilha calçada. Havia operários e mecânicos ás dúzias em torno dele. Cada um deles tinha seu próprio trabalho e seus próprios problemas. Não pararam para olhar um homem no rosto. Não tinham motivo para isso.

E se alguém realmente o vira sair da nave?

Disse a si mesmo que ninguém o vira fazê-lo, ou nesse momento já teria surgido o clamor da perseguição.

Tocou seu barrete brevemente. Ainda estava enterrado até às orelhas, e o pequeno medalhão que agora levava era liso ao toque. Genro havia-lhe dito que serviria como identificação. Os homens de Trantor estariam alertas exatamente para o medalhão, brilhando ao sol.

Poderia retirá-lo, vagar por sua própria vontade, encontrar seu caminho para outra nave — de algum jeito. Fugiria de Sark — de algum jeito. Escaparia — de algum jeito.

"De-algum-jeito" demais! Em seu coração ele sabia que chegara ao ponto final, e, como dissera Genro, era Trantor ou Sark. Odiava e temia Trantor, mas sabia que qualquer opção que tomasse não poderia ser Sark.

— Você! Você ai!

Terens gelou. Levantou os olhos em um pânico gelado. O portão estava a uns trinta metros de distância. Se corresse… — Mas não permitiriam que um homem saísse correndo. Era uma coisa que não ousaria fazer. Ele não deveria correr.

A Jovem mulher estava olhando pela janela aberta de um carro que Terens jamais havia visto, nem mesmo durante seus quinze anos de Sark. Luzia como metal e cintilava como gemita translucente.

— Venha cá — disse ela.

As pernas de Terens levaram-no lentamente para o carro. Genro havia lhe dito que um carro de Trantor estaria esperando fora do porto. Ou não? E teriam mandado uma mulher numa missão dessas? Uma garota, de fato. Urna garota de rosto moreno, Lindo.

— Você chegou na nave que pousou agora, não é? — disse a garota.

Ele não respondeu.

— Venha, eu o vi sair da nave! — Deu uma pancadinha em seus óculos de pólo. Ele já havia visto óculos como aqueles antes.

— Sim. Sim — murmurou Terens.

— Entre então.

Segurou a porta aberta para ele, O carro era até mesmo mais luxuoso por dentro, O assento era macio e tudo nele cheirava a novo e perfumado, e a garota era linda.

— Você é um membro da tripulação? — perguntou ela.

Ela o estava testando. Terens imaginou. — Você sabe quem eu sou — disse. Levantou seus dedos momentaneamente até o medalhão,

Sem qualquer som de força motriz, o carro deu a ré e fez a volta.

No portão, Terens encolheu-se contra o estofamento macio, frio, coberto de kyrt, mas não havia necessidade de cautela. A garota falou

autoritariamente e passaram pelo portão.

— Este homem está comigo. Sou Samia de Fife — disse.

Passaram.se alguns segundos até que Terens ouvisse e entendesse isso. Quando inclinou-se tensamente para a frente o carro estava viajando pelas vias expressas a duzentos por hora.

Um trabalhador de dentro do porto olhava, e resmungou brevemente para sua lapela. Então entrou no prédio e retornou a seu trabalho. Seu superintendente fechou a cara e tomou nota mentalmente para falar com Tip sobre este hábito de demorar-se fora do posto para fumar cigarros de meia em meia hora.

Fora do porto um dos dois homens dentro de um carro diamagnético falou com irritação: — Entrou no carro de uma garota? Que carro? Que garota? — Apesar de seu traje sarkiano, seu sotaque pertencia definitivamente aos mundos arcturianos do Império Trantoriano.

Seu companheiro era um sarkiano, bem versado nos noticiários da visitela. Quando o carro em questão rodou através do portão e ganhou velocidade quando virava e subia para o nível expresso, ergueu-se de seu assento e gritou: — É o carro de Madame Samia. Não há outro como ele. Minha boa Galáxia, o que vamos fazer?

— Seguir — disse o outro brevemente.

— Mas Madame Samia…

— Ela não é nada para mim. Não deveria ser nada para você também. Ou então o que estamos fazendo aqui?

O carro deles estava fazendo a volta, subindo para as retas amplas quase vazias, nas quais somente os carros diamagnéticos mais rápidos eram permitidos.

O sarkiano gemeu: — Não podemos pegar aquele carro. Logo que nos avistar vai chutar a oposição pro meio do inferno. Esse carro pode fazer trezentos e cinqüenta.

— Até agora ela está mantendo os duzentos — disse o arcturiano.

Pouco depois, falou: — Ela não está indo para o Depseg. Isso é certo.

E mais um pouco depois disse: — Não está indo para o Palácio de Fife.

Mais um intervalo e disse: — Quero ficar girando no espaço se souber onde é que ela está indo. Ela vai sair da cidade outra vez.

— Como você sabe que é o matador de Nobres que está lá? — perguntou o sarkiano. Suponha que seja um jogo para nos afastar do posto. Ela não está tentando livrar-se de nós e nem usaria um carro desses se não quisesse ser seguida. Você não pode se perder a uma distância tão curta.

— Eu sei, mas Fife não mandaria sua menina colocar-nos fora do caminho. Um esquadrão de patrulheiros teria feito melhor.

— Talvez não seja realmente a Dama nele.

— Vamos descobrir, cara. Ela está diminuindo. Apagou as luzes e parou numa curva!

— Quero falar com você — disse a garota.

Terens decidiu que não era o tipo comum de armadilha que ele havia inicialmente considerado. Ela era a Dama de Fife. Devia ser. Não pareceu ocorrer a ela que alguém pudesse ou devesse se meter com ela.

Nunca olhara para trás para ver se estava sendo seguida. Três vezes, quando viravam, ele havia notado o mesmo carro atrás deles, mantendo sua distância, nem diminuindo o espaço nem ficando para trás.

Não era somente um carro. Isto era certo. Poderia ser Trantor, que estaria bem. Poderia ser Sark, caso em que a Dama seria um tipo adequado de refém.

— Estou pronto para falar — disse.

— Você estava na nave que trazia o nativo de Florina? Aquele procurado por todos aqueles assassinatos? — perguntou a Dama.

— Eu disse que estava.

— Muito bem. Agora, eu o trouxe até aqui para que não houvesse interferência. O nativo foi interrogado durante a viagem para Sark?

Tal ingenuidade, pensou Terens, não poderia ser simulada. Ela realmente não sabia quem ele era. Respondeu cautelosamente: — Sim.

— Você estava presente ao interrogatório?

— Estava.

— Bom. Eu achava que sim.A propósito, por que você saiu da nave?

Isto, pensou Terens, era a pergunta que ela devia ter feito antes de qualquer outra.

— Era para levar um relatório especial para… — hesitou.

Ela aproveitou-se avidamente da hesitação. — Para meu pai? Não se preocupe com isso. Protegerei você completamente. Direi que veio comigo por ordens minhas.

— Muito bem, Madame.

A palavra “Madame” bateu violentamente contra sua consciência. Ela era uma Dama, a mais importante do território, e ele era um floriniano. Um homem que podia matar patrulheiros podia aprender facilmente a matar Nobres, e um assassino de Nobres poderia, pela mesma razão, olhar uma Dama no rosto.

Ele olhou para ela com olhos duros e penetrantes. Levantou sua cabeça e encarou-a fixamente.

Ela era muito bonita.

E porque ela era a Dama mais importante do continente, não estava consciente disso. — Eu quero que você me conte tudo o que

ouviu do interrogatório — disse ela. — Eu quero saber tudo o que o nativo lhe disse. É muito importante.

— Posso perguntar por que a Senhora está interessada no nativo, Madame?

— Não pode — disse categoricamente.

— Como quiser, Madame.

Ele não sabia o que ela iria dizer. Com metade de sua consciência ele estava esperando que o carro que os perseguia os alcançasse. Com a outra metade estava se inteirando cada vez mais do rosto e do corpo da linda garota sentada perto dele.

Os florinianos do Funcionalismo Público e os que agiam como Conselheiros era, teoricamente, celibatários. Na prática, a maioria evitava esta restrição quando podia. Terens havia feito o que ousara e o que era comum nesse sentido. Na melhor das hipóteses, suas experiências haviam sido satisfatórias.

Assim, o mais importante de tudo era que ele nunca havia estado tão próximo a uma linha garota num carro de tal luxo sob condições de tal isolamento.

Ela estava esperando que ele falasse, olhos escuros (que olhos escuros!) acesos pelo interesse, lábios vermelhos cheios e separados em antecipação, uma figura ainda mais bonita por estar realçada pelo lindo kyrt. Ela estava completamente alheia a que alguém, qualquer um, pudesse possivelmente ousar nutrir pensamentos arriscados com relação à Dama de Fife.

A metade de sua consciência que esperava pelos perseguidores enfraqueceu-se.

Repentinamente sabia que o assassinato de um Nobre não era o crime máximo, afinal.

Ele não estava completamente cônscio de que se movia. Sabia somente que o pequeno corpo dela estava em seus braços, que ele se enrijeceu, que por um instante ela vociferou, e então ele abafou sua voz com seus lábios…

Havia mãos sobre seu ombro e a corrente de ar frio às suas costas penetrou pela porta aberta do carro. Seus dedos buscaram a arma tarde demais. Ela foi arrancada de sua mão.

Samia arfou, emudecida.

O sarkiano disse, com horror: — Você viu o que ele fez?

— Não importa! — disse o arcturiano.

Pôs um pequeno objeto negro em seu bolso e alisou o fecho da costura. — Pegue-o — disse.

O sarkiano puxou Terens para fora do carro com a energia da fúria. — E ela deixou — murmurou. — Ela deixou.

— Quem são vocês? — gritou Samia com repentina energia. — Meu pai os mandou?

— Sem perguntas, por favor — disse o arcturiano.

— Você é estrangeiro — disse Samia colericamente.

— Por Sark, eu devia explodir sua cabeça — disse o sarkiano e forçou-a para trás.

— Pare! — disse o arcturiano. Agarrou o punho do sarkiano e o forçou para trás.

O sarkiano rosnou sombriamente. — Existem limites. Eu posso suportar o assassinato de Nobres. Eu gostaria de matar um pouco de mim mesmo, mas parar e ficar olhando um nativo fazer o que ele acabou de fazer é muito pra mim.

Samia falou com uma voz anormalmente exaltada: — Nativo?

O sarkiano inclinou-se para a frente, agarrando viciosamente o barrete de Terens. O Conselheiro empalideceu mas não se moveu. Manteve seu olhar fixo firmemente sobre a garota e seus cabelos avermelhados moviam-se levemente pela brisa.

Samia moveu-se impotente de volta ao assento do carro da forma que podia e então, com um movimento rápido, cobriu o rosto com ambas as mãos, sua pele empalidecendo sob a pressão dos dedos.

— O que vamos fazer com ela? — perguntou o sarkiano.

— Nada.

— Ela nos viu. Ela trará todo o planeta atrás de nós antes que tenhamos percorrido um quilômetro.

— Você vai matar a Dama de Fife? — perguntou sarcasticamente o arcturiano.

— Bem, não. Mas nós podemos arruinar seu carro. Pelo tempo que ela demorará para atingir um radiofone, estaremos salvos.

— Não é necessário. — O arcturiano inclinou-se para dentro do carro. — Madame, tenho somente um momento. Pode ouvir-me?

Ela não se moveu.

O arcturiano disse: — É melhor ouvir-me. Sinto que tenha interrompido vocês em uma ocasião melindrosa, mas afortunadamente eu aproveitei esta ocasião. Agi rapidamente e fui capaz de registrar a cena pela tri-câmera. Isto não é um blefe. Transmitirei o negativo a um lugar seguro minutos depois que deixar a senhora e daí em diante qualquer interferência de sua parte irá forçar-me a ser ainda mais desagradável. Estou certo de que me entendeu.

Virou-se. — Ela não vai falar nada sobre isto. Nem uma palavra. Venha comigo, Conselheiro.

Terens o seguiu. Não podia olhar para trás, para o rosto pálido, contraído, no carro.

O que quer que pudesse se seguir agora, ele havia realizado um milagre. Por um momento beijara a mais orgulhosa Dama de Sark, Sentira o toque fugaz de seus lábios macios, perfumados.

16. O Acusado

A diplomacia tem um jargão e um conjunto de atitudes próprias. As relações entre os representantes dos Estados soberanos, se conduzidas estritamente dentro do protocolo, são estilizadas e ridicularizadas. O termo “conseqüências desagradáveis” tomou-se sinônimo de guerra, e “acordo adequado”, de rendição.

Quando em seus domínios, Abel preferia abandonar o duplo sentido diplomático. Com fortes laços pessoais unindo-o a Fife, ele poderia simplesmente ter sido um homem idoso conversando amavelmente durante um copo de vinho.

— Você tem estado difícil de se atingir, Fife — disse.

Fife sorriu. Parecia à vontade e imperturbável. — Um dia atarefado, Abel.

— Sim. Eu ouvi alguma coisa sobre isso.

— Steen? — Fife foi fortuito.

— Em parte. Steen está conosco há sete horas.

— Eu sei. Minha culpa, também. Você está pensando em entregá-lo a nós?

— Temo que não.

— Ele é um criminoso.

Abel deu uma risadinha e girou o copo em sua mão, observando as preguiçosas bolhas. — Eu acho que podemos criar um caso por ele ser um refugiado político. A lei interestelar irá protegê-lo em território trantoriano.

— Seu governo vai lhe dar cobertura?

— Acho que vai, Fife. Eu não tenho estado no serviço diplomático por trinta e seis anos sem saber a quem Trantor vai ou não vai dar cobertura.

— Posso ter Sark pedindo sua cassação.

— Que vantagem isso traria? Sou um homem pacífico com quem você está bem familiarizado. Meu sucessor poderia ser qual quer um.

Fez-se uma pausa. O semblante leonino de Fife franziu-se. — Acho que você tem uma sugestão.

— Tenho. Você tem um dos nossos homens.

— Qual de seus homens?

— Um analista espacial. Um nativo do planeta Terra, que, a propósito, é parte do domínio trantoriano.

— Steen contou-lhe isso?

— Entre outras coisas.

— Ele viu o terráqueo?

— Ele não disse que viu.

— Bem, não viu. Sob as circunstâncias, duvido que você possa

confiar em sua palavra.

Abel baixou seu copo. Juntou as mãos vagamente sobre o colo e disse: — Mesmo assim, estou certo de que o terráqueo existe. Digo-lhe, Fife, continuamos com isso. Tenho Steen e você tem o terráqueo. De certo modo estamos empatados. Antes que você continue com seus planos atuais, antes que seu ultimato expire e seu *coup d'état* aconteça, por que não uma conferência sobre a situação geral do *kyrt*?

— Não vejo necessidade. O que agora está acontecendo em Sark é um assunto inteiramente interno. Estou completamente disposto a garantir pessoalmente que não vai haver interferência no comércio do *kyrt* independentemente dos eventos políticos aqui. Eu acho que isso deve bastar para os interesses legítimos de Trantor.

Abel sorveu seu vinho, pareceu refletir. — Parece que temos um segundo refugiado político — disse. — Um caso curioso. Um de seus súditos florinianos, a propósito. Um Conselheiro. Chama-se Myrlyn Terens.

Os olhos de Fife inflamaram-se repentinamente. — Eu suspeitei um bocado disso. Por Sark, Abel, há um limite para a interferência aberta de Trantor neste planeta. O homem que você raptou é um assassino. Você não pode fazer dele um refugiado político.

— Bem, agora, você quer o homem?

— Você tem um acordo em mente? É isso?

— A conferência de que falei.

— Por um assassino floriniano. Claro que não.

— Mas a maneira na qual o Conselheiro logrou escapar, para nós é extremamente curiosa. Você pode estar interessado…

Junz esquadrinhava o chão, meneando a cabeça. A noite já ia bem avançada. Ele gostada de ser capaz de dormir, mas sabia que para isso precisaria uma vez mais do sonífero.

— Eu poderia ter tido que ameaçar com a força, como sugeriu Steen — disse Abel. — Isto teria sido ruim. Os riscos teriam sido terríveis, os resultados incertos. Embora até o Conselheiro ser trazido a nós eu não visse alternativa, exceto, é claro, uma política de não-fazer-nada.

Junz meneou violentamente a cabeça. — Não. Alguma coisa tinha de ser feita. Ainda que significasse chantagem.

— Tecnicamente, eu suponho que sim. O que você teria feito em meu lugar?

— Exatamente o que você fez. Não sou um hipócrita, Abel. Ou tento não ser. Não vou condenar seus métodos quando pretendo fazer uso total dos resultados. Ainda assim, que me diz da garota?

— Ela não será machucada, já que Fife mantém sua barganha.

— Tenho pena dela. Tomei antipatia pelos aristocratas de Sark pelo que têm feito para Florina, mas não posso ajudar sentindo pena

dela.

— Como um indivíduo, sim. Mas a responsabilidade real está com o próprio Sark. Olhe aqui, você alguma vez beijou uma garota em um carro diamagnético?

O início de um sorriso tremulou nos cantos da boca de Junz. — Beijei.

— Também eu, embora tenha de evocar lembranças mais distantes que você, imagino. Minha neta mais velha está provavelmente engajada na prática neste momento, não devo me admirar. O que é um beijo roubado em um cano diamagnético, de qualquer maneira, senão a expressão da mais natural emoção na Galáxia?

— Olhe aqui, homem. Temos uma garota, reconhecidamente de alta posição social, que, por um erro, encontra-se no mesmo carro que, digamos, um criminoso. Ele aproveita a oportunidade para beijá-la. Num impulso e sem o consentimento dela. Como ela deve se sentir? Como deve sentir-se seu pai? Envergonhado? Talvez. Irritado? Certamente. Zangado? Ofendido? Insultado? Tudo isso, sim. Mas desgraçado? Não! Desgraçado o bastante para estar propenso a arriscar importantes assuntos de Estado para evitar a exposição dos fatos? Bobagem.

— Mas esta é exatamente a situação e poderia acontecer somente em Sark. A Dama Samia não é culpada de coisa alguma a não ser obstinação e uma certa ingenuidade. Ela, estou certo, tinha sido beijada antes. Se fosse beijada novamente, se fosse beijada incontáveis vezes, por qualquer um, menos um floriniano, nada seria dito. Mas ela beijou um floriniano.

— Não importa que ela não soubesse que ele era um floriniano. Não importa que ele forçasse o beijo. Tomar pública a fotografia que temos da Dama Samia nos braços do floriniano tornaria insustentável a vida para ela e seu pai. Não havia jeito de descobrir com certeza que o Conselheiro era um floriniano. Estava em roupas sarkianas com um barrete que lhe cobria bem os cabelos. Ele tinha a pele clara, mas isso era inconclusivo. Além disso, Fife sabia que o rumor seria com prazer admitido como verdadeiro por muitos daqueles interessados em escândalo e sensação e que a foto seria considerada uma prova irrefutável. E certamente seus inimigos políticos capitalizariam isto o máximo possível. Você pode chamar isso de chantagem, Junz, e talvez seja, mas é uma chantagem que não funcionaria em qualquer outro planeta da Galáxia. Seu próprio sistema social decadente nos deu esta arma e não temos escrúpulos em utilizá-la.

Junz observou: — Qual é o arranjo final?

— Iremos nos encontrar ao meio-dia de amanhã.

— Seu ultimato foi adiado, então?

— Indefinidamente. Estarei em seu escritório em pessoa.

— Esse é um risco necessário?

— Não é muito para alguém. Haverá testemunhas. E estou ansioso para estar frente a frente com este analista espacial que você tem procurado por tanto tempo.

— Estarei presente? — perguntou ansiosamente Junz.

— Ah, claro. O Conselheiro também. Precisaremos dele para identificar o analista espacial. E Steen, claro. Todos vocês estarão presentes em personificação trimênsica.

— Obrigado.

O embaixador trantoriano sufocou um bocejo e piscou os olhos úmidos para Junz. — Agora, se você não se importa, tenho estado acordado por dois dias e uma noite e temo que meu velho corpo não possa tomar mais anti-sonífero. Devo dormir.

Com a personificação trimênsica aperfeiçoada, raramente eram feitas importantes conferências face a face. Fife sentia fortemente um elemento de real obscenidade na presença material do velho embaixador. Sua compleição oliva não poderia ser considerada mais escurecida, mas suas linhas estavam dispostas em silenciosa cólera.

Tinha de ser silenciosa. Não podia dizer nada. Podia somente olhar taciturnamente o homem que o encarava.

Abel! Um velho caduco em roupas surradas com um milhão de mundos atrás de si.

Junz! Um intrometido de pele escura e cabelo carapinha cuja perseverança precipitara a crise.

Steen! O traidor! Temendo encontrar seus olhos!

O Conselheiro! Olhar para ele era mais difícil que para os outros. Ele era o nativo que havia desonrado sua filha com seu toque, mas ainda podia permanecer seguro e intocável atrás dos muros da embaixada trantoriana. Ele teria ficado contente em triturar seus dentes e socá-lo contra a escrivaninha se estivesse sozinho. Como estava, nem um músculo de seu rosto deveria mover-se, embora ele se lacerasse sob o esforço.

Se Samia não tivesse… Esqueceu isso. Sua própria negligência havia cultivado a obstinação dela e ele não poderia censurá-la por isso agora. Ela não tinha tentado desculpar-se nem diminuir sua própria culpa. Tinha-lhe dito toda a verdade de suas tentativas privadas de bancar a espiã interestelar e quão horrivelmente haviam terminado. Ela havia confiado completamente, em sua vergonha e amargura, na compreensão dele, e ela a teria de todo. Ela a teria de todo, mesmo que significasse a ruína da estrutura que havia sido erigida.

— Esta conferência me foi imposta — disse. — Não vejo finalidade para dizer alguma coisa. Estou aqui para ouvir.

— Eu acredito que Steen gostaria de falar primeiro — disse Abel.

Os olhos de Fife encheram.se de desdém,o que atordoava Steen.

Steen berrou sua resposta: — Você me fez volver para Trantor, Fife. Você violou o princípio da autonomia. Você não poderia esperar que eu agüentasse isso. Realmente.

Fife não disse nada e Abel falou, não sem um pouco de desdém: — Vá ao ponto, Steen. Você disse que tinha algo a dizer. Fale.

O rosto cavado de Steen enrubesceu sem a ajuda do ruge. — Direi, e agora mesmo. Claro que eu não afirmo ser o detetive que o Nobre de Fife afirma ser, mas posso pensar. Realmente! E estive pensando. Fife tinha uma história a contar ontem, toda sobre um misterioso traidor que ele chamava X. Eu podia ver que era somente um monte de baboseiras para que ele pudesse declarar uma emergência. Não fui enganado um minuto sequer.

— Não existe X? — perguntou Fife calmamente. — Então por que você fugiu? Um homem que foge não precisa de outra acusação.

— É assim mesmo? Realmente! — gritou Steen. — Bem, eu fugiria de um edifício em chamas mesmo que eu não o tivesse incendiado.

— Continue, Steen — disse Abel.

Steen molhou os lábios e voltou-se para uma consideração momentânea a suas unhas. Polia-as gentilmente enquanto falava:

— Mas então eu pensei: por que inventar esta história em particular com todas suas complicações e coisas? Não é seu jeito. Realmente! Não é o jeito de Fife. Eu o conheço. Todos nós o conhecemos. Afinal, ele não tem imaginação, Sua Excelência. Um homem grosseiro! Quase tão ruim quanto Bort.

Fife olhou carrancudamente. — Ele está dizendo algo, Abel, ou está balbuciando?

— Continue, Steen — disse Abel.

— Continuarei, se me deixarem falar. Por Deus! De que lado estão vocês? Eu disse a mim mesmo (isto foi depois do jantar), eu disse, por que um homem como Fife inventaria uma história como essa? Havia somente uma resposta. Ele não poderia inventar. Não com sua mente. Portanto, era verdade. Deve ser verdade. E, claro, os patrulheiros tinham sido assassinados, embora Fife seja completamente capaz de ter cooperado para que isso acontecesse.

Fife deu de ombros.

— Mas quem é X? Não sou eu. Realmente! — insistiu Steen. — Eu sei que não sou eu! E admitirei que só poderia ter sido um Grande Nobre. Mas qual Grande Nobre sabia tanto sobre isso, de um modo ou de outro? Qual Grande Nobre estava tentando utilizar a história do analista espacial há um ano para amedrontar os outros para algum tipo do que ele chama de “esforço conjunto” e que eu chamo de rendição a uma ditadura Fife?

— Vou lhes dizer quem é X. — Steen levantou-se, o alto de sua cabeça raspando a borda do cubo-receptor e achatando-se quando a parte superior corria para o nada. Ele apontou um dedo trêmulo.

— Ele é X. O Nobre de Fife. Encontrou seu analista espacial. Colocou-o fora do caminho, quando viu que o resto de nós não estava impressionado com suas tolas observações da primeira conferência, e então trouxe-o de volta novamente depois que já tinha arranjado um golpe militar.

Fife virou-se aborrecido para Abel. — Ele acabou? Se acabou, tire-o daqui. Ele é uma ofensa intolerável a qualquer homem decente.

— Você tem algum comentário a fazer sobre o que ele disse? — perguntou Abel.

— Caro que não, Não vale a pena comentar. O homem está desesperado. Ele diria qualquer coisa.

— Você não pode negar isso, Fife — gritou Steen. Olhou para os outros. Seus olhos se estreitaram e a pele de suas narinas estava branca pela tensão. Permaneceu de pé. — Ouçam. Ele disse que seus investigadores encontraram registros no consultório de um médico. Ele disse que o médico havia morrido em um acidente depois de diagnosticar que o analista espacial fora vitima de psico-sondagem. Ele disse que foi assassinado por X para manter a identidade do analista espacial em segredo. Foi isto o que ele disse, Perguntem-lhe. Perguntem a ele se não foi isso o que ele disse.

— E se foi? — perguntou Fife.

— Então perguntem-lhe como ele poderia obter os registros do consultório de um medico que estava morto e enterrado há meses, a menos que já os tivesse. Realmente!

— Isso é tolice — disse Fife. — Podemos desperdiçar tempo desse jeito. Outro médico assumiu a clientela do morto e também seus registros. Algum de vocês acha que os registros médicos são destruídos juntamente com um médico?

— Não, claro que não — disse Abel.

Steen gaguejou e então sentou-se.

— Quem é o próximo? — perguntou Fife. — Alguém de vocês tem mais alguma coisa a dizer? Mais acusações? Mais alguma coisa? — Sua voz era baixa. A amargura o dominava.

— Pois bem, essa foi a vez de Steen — disse Abel — e eu deixarei passar. Agora Junz e eu estamos aqui para outro tipo de negócio. Gostaríamos de ver o analista espacial.

As mãos de Fife estavam repousando sobre o tampo da escrivaninha. Levantaram-se e desceram para arranhar a borda da escrivaninha. Suas sobrancelhas negras se cerraram.

— Temos sob custódia um homem de mentalidade subnormal — começou Fife — que afirma ser um analista espacial. Vou apresentá-

lo!

Valona March nunca, nunca em sua vida havia sonhado que tais impossibilidades pudessem ocorrer. Por todo um dia agora, desde que havia pousado neste planeta de Sark, tinha havido um toque de assombro em quase tudo. Mesmo as celas da prisão em que ela e Rik haviam sido separadamente colocados pareciam ter uma qualidade de suntuosidade incomum para eles. A água saía de um furo em um cano quando se pressionava um botão. O calor vinha da parede, embora o ar lá fora estivesse mais frio do que ela pensava que pudesse ficar. E todos os que falavam com ela usavam aquelas roupas lindas.

Ela havia estado em salas com todo o tipo de coisas que ela jamais vira. Esta agora era maior que qualquer uma das outras, mas estava nua. Havia mais pessoas nela, porém. Havia um homem de aparência severa atrás de uma escrivaninha, e um homem muito mais velho, enrugado, numa cadeira, e três outros…

Um era o Conselheiro!

Ela saltou de seu lugar e correu para ele. — Conselheiro! Conselheiro!

Mas ele não estava lá!

Ele se ergueu e fez-lhe um sinal. — Volte, Lona, volte!

E ela passou direto através dele. Chegou a agarrar sua manga, ele a afastou. Ela investiu, meio cambaleante, e passou através dele. Por um momento sua respiração cessou. O Conselheiro havia se virado, estava encarando-a, mas ela somente podia olhar fixamente para suas próprias pernas.

Ambas estavam trespassando o pesado braço da cadeira em que o Conselheiro estava sentado. Ela podia vê-la claramente, em toda sua cor e solidez. Circundava suas pernas, mas ela não a sentia. Esticou uma mão trêmula e seus dedos afundaram alguns centímetros no estofamento que ela também não podia sentir. Seus dedos permaneceram visíveis.

Ela deu um grito estridente e caiu, sua última sensação sendo de que os braços do Conselheiro automaticamente tentaram alcançá-la e ela mesma caindo através do aro que formavam como se fossem peças de fumaça cor da carne.

Ela estava novamente na cadeira, Rik segurando uma de suas mãos firmemente e o homem velho e enrugado inclinando-se sobre ela.

Ele estava dizendo: — Não se assuste, minha querida. É somente uma figura. Uma fotografia, você sabe.

Valona olhou em tomo de si. O Conselheiro ainda estava sentado lá. Ele não estava olhando para ela.

— Ele não está lá? — ela apontou um dedo.

Rik disse de repente: — É personificação trimênsica, Lona. Ele

está em algum outro lugar, mas nós podemos vê-lo daqui.

Valona balançou a cabeça. Se Rik disse que era, estava tudo bem. Mas ela baixou os olhos. Não ousava olhar para pessoas que estavam e não estavam lá ao mesmo tempo.

— Então você sabe o que é personificação trimênsica, jovem? — perguntou Abel.

— Sim senhor. — Tinha sido um dia tremendo para Rik, também, mas enquanto Valona estava cada vez mais deslumbrada, ele encontrava coisas cada vez mais familiares e compreensíveis.

— Onde você aprendeu isso?

— Não sei. Eu sabia antes… antes de esquecer.

Fife não se movera de seu assento atrás da escrivaninha durante a selvagem investida de Valona March para o Conselheiro.

— Sinto ter de atrapalhar este encontro por apresentar uma nativa histérica — disse acidamente. — O chamado analista espacial exigia sua presença.

— Está tudo bem — disse Abel. — Mas eu noto que seu floriniano de mentalidade subnormal parece estar familiarizado com a personificação trimênsica.

— Ele foi bem treinado, imagino — disse Fife.

— Ele foi interrogado desde que chegou a Sark? — perguntou Abel.

— Certamente que foi.

— Qual foi o resultado?

— Nenhuma informação nova.

Abel voltou-se para Rik. — Qual é seu nome?

— Rik é o único nome de que me lembro — disse calmamente.

— Você conhece alguém daqui?

Rik examinou rosto por rosto, sem medo, e disse: — Somente o Conselheiro. E Lona, é claro.

— Este — disse Abel, apontando para Fife — é o maior Nobre que jamais viveu. Ele tem o mundo todo. O que você acha dele?

— Eu sou um terráqueo. Ele não me possui — disse Rik audaciosamente.

Abel falou num aparte para Fife: — Eu não acho que um nativo floriniano adulto pudesse ser treinado neste tipo de provocação.

— Mesmo com uma sondagem psíquica? — retorquiu Fife desdenhosamente.

— Você conhece este cavalheiro? — perguntou Abel, voltando a Rik.

— Não, senhor.

— Este é o Dr. Selim Junz. Ele é um importante oficial do Departamento Analítico-espacial Interestelar.

Rik observou-o atentamente. — Então deve ter sido um de meus

chefes. Mas — com desapontamento — eu não o conheço. Ou talvez somente não me lembre.

Junz balançou a cabeça desanimado. — Eu nunca o vi, Abel.

— Isto deve ser registrado — resmungou Fife.

— Agora ouça, Rik — disse Abel. — Vou contar-lhe uma história. Eu quero que você ouça com toda a atenção e pense. Pense e repense! Entendeu?

Rik confirmou com a cabeça.

Abel falou lentamente. Sua voz era o único som na sala por muitos minutos. Enquanto falou, as pálpebras de Rik fecharam-se e se comprimiram. Seus lábios se repuxaram, seus punhos tocavam o peito, e sua cabeça vergou-se para trás. Tinha a aparência de um homem em agonia.

Abel continuava, indo e voltando pela reconstrução dos eventos como originalmente apresentados pelo Nobre de Fife. Ele falou da mensagem original do desastre, de sua interceptação, do encontro entre Rik e X, da sondagem psíquica, de como Rik havia sido encontrado e levado a Florina, do médico que o diagnosticou e então morreu, de sua memória que retomava.

— Esta é toda a história, Rik. Eu lhe contei inteira. Alguma coisa lhe pareceu familiar? — perguntou.

Lentamente, dolorosamente, Rik disse: — Eu me lembro da última parte. Sabe, dos últimos dias. Eu me lembro de alguma coisa mais lá atrás, também. Talvez fosse o médico, quando eu comecei a falar. É muito confuso… mas é tudo.

— Mas você se lembra mesmo de um pouco antes. Você se lembra do perigo para Florina — disse Abel.

— Lembro-me. Lembro-me. Esta é a primeira coisa de que me lembrei.

— Então não pode se lembrar de depois disso? Você pousou em Sark e encontrou um homem.

— Não posso. Não posso me lembrar — lamentou Rik.

— Tente! Tente!

Rik levantou o olhar. Seu rosto pálido estava úmido pela transpiração. — Eu me lembro de uma palavra.

— Que palavra, Rik?

— Não faz qualquer sentido.

— Diga-nos, de qualquer modo.

— Não creio que faça sentido. Foi há muito tempo. É muito confuso. Eu estava sentado. Eu acho, talvez, alguém mais estava sentado. Então ele se levantou, olhando para baixo, para mim. E havia uma palavra.

Abel foi paciente. — Que palavra?

Rik apertou os punhos e sussurrou: — Fife!

Todos os homens, exceto Fife, puseram-se de pé. Steen gritou estridentemente — Eu te disse — e explodiu numa esfuziante gargalhada aguda.

17. O Acusador

— Vamos acabar com esta farsa — disse Fife com paixão firmemente controlada.

Aguardara antes de falar, seus olhos duros e seu rosto inexpressivo, até que em mero anticlímax os outros fossem forçados a retornar a seus assentos. Rik tinha curvado a cabeça, olhos contorcidos dolorosamente fechados, examinando sua própria mente dolorida. Valona puxou-o para si, tentando com dificuldade colocar a cabeça dele em seu ombro, afagando seu rosto suavemente.

— Por que você diz que isso é uma farsa? — perguntou Abel, trêmulo.

— E não é? — disse Fife. — Concordei com este encontro em primeiro lugar somente por causa de uma ameaça em particular que mantêm sobre mim. Eu teria recusado mesmo se tivesse sabido que a conferência havia sido planejada para ser um julgamento de mim mesmo com renegados e assassinos atuando como promotores e júri.

Abel franziu as sobrancelhas e falou com inamistosa formalidade: — Isto não é um julgamento, Nobre. O Dr. Junz está aqui para recuperar a pessoa de um membro do DAI, como é seu direito e dever. Estou aqui para proteger os interesses de Trantor em uma época problemática. Não existem dúvidas em minha mente de que este homem, Rik, é o analista espacial desaparecido. Podemos encerrar esta parte da conferência imediatamente se você concordar em entregar o homem ao Dr. Junz para exames adicionais, incluindo uma verificação das características físicas. Naturalmente, requeriremos que ainda nos ajude a encontrar o culpado pela psico-sondagem e o estabelecimento de salvaguardas contra uma repetição futura de tais atos contra o que é, afinal, uma agência interestelar que consistentemente tem se mantido acima de políticas regionais.

— Que discurso! — disse Fife. — Mas o óbvio permanece óbvio e seus planos são inteiramente transparentes. O que acontecerá se eu lhe entregar este homem? Eu, antes, acho que o DAI logrará encontrar exatamente o que quer encontrar. Declara ser uma agência interestelar sem laços regionais, mas é um fato, não é, que Trantor contribui com dois terços de seu orçamento? Eu duvido que qualquer observador razoável o consideraria realmente neutro na Galáxia de hoje. Suas descobertas com relação a este homem certamente irão de encontro com os interesses imperiais de Trantor.

— E o que serão estas descobertas? É óbvio também. A memória do homem lentamente voltará. O DAI divulgará boletins diários. Pouco a pouco ele irá se lembrar mais e mais dos detalhes necessários. Primeiro, meu nome. Então, minha aparência. Então, minhas exatas

palavras. Eu serei solenemente declarado culpado. Reparações serão necessárias e Trantor será forçado a ocupar Sark temporariamente, uma ocupação que de algum modo irá tomar-se permanente.

— Existem limites além dos quais qualquer chantagem sucumbe. A sua, Sr. Embaixador, termina aqui. Se quiser este homem, Trantor terá de enviar uma frota atrás dele.

— Não há questão de força — disse Abel. — Embora eu note que você tem cuidadosamente evitado negar ao comprometimento em relação ao que o analista espacial acabou de dizer.

— Não há qualquer comprometimento que eu precise dignificar por uma negativa. Ele se lembra de uma palavra, ou diz que se lembra. E o que tem isso?

— Isto não significa que ele se lembra?

— Absolutamente. O nome Fife é o maior de Sark. Mesmo se admitirmos que o chamado analista espacial é sincero, ele teria um ano de oportunidades para ouvi-lo em Florina. Ele veio para Sark numa nave que transportava minha filha, uma oportunidade ainda melhor para ouvir o nome Fife. O que é mais natural que tal nome ficasse envolvido com seus vestígios de memória? Claro, ele pode não ser sincero. As revelações esporádicas deste homem podem bem ser ensaiadas.

Abel não pensou em coisa alguma para falar. Olhou para os outros. Junz estava sombriamente carrancudo, os dedos de sua mão direita lentamente massageando seu queixo. Steen sorrindo afetada e tolamente e resmungando para si mesmo, O Conselheiro floriniano olhava estupidamente para seus joelhos.

Era Rik quem falava, forçando-se contra os braços de Valona e pondo-se de pé.

— Ouçam — disse. Seu rosto pálido contorcia-se. Seus olhos espelhavam dor.

— Outra revelação, eu suponho — disse Fife.

— Ouçam! — começou Rik. — Estávamos sentados a uma mesa. O chá estava drogado. Tínhamos entrado numa querela. Não me lembro por quê. Então não podia mover-me. Podia somente ficar sentado onde estava. Não podia falar. Podia somente pensar. Grande Espaço, tinha sido drogado! Eu queria gritar e berrar e correr, mas não podia. Então o outro, Fife, veio. Tinha berrado comigo. Somente agora ele não estava berrando. Não tinha que berrar. Nós nos reunimos à mesa. Ele parou lá, dominando-me. Não podia dizer coisa alguma. Eu não podia fazer nada. Eu podia somente virar meus olhos para cima, para ele.

Rik continuou de pé, silencioso,

Selim Junz disse: — Este outro homem era Fife?

— Eu me lembro que seu nome era Fife.

— Bem, ele era esse homem?

Rik não desviou o olhar. Disse: — Não posso me lembrar de como ele era.

— Está certo disso?

— Tenho tentado. — Explodiu: — Você não sabe como é difícil. Machuca! É como uma agulha em brasa. Fundo! Aqui! — Pôs as mãos na cabeça.

Junz disse calmamente: — Eu sei que é duro. Mas deve tentar. Não vê, você deve continuar tentando. Olhe para aquele homem! Vire-se e olhe para ele!

Rik contorceu-se na direção do Nobre de Fife. Por um momento o encarou, depois virou-se.

— Pode lembrar-se agora? — disse Junz.

— Não!Não!

Fife sorriu severamente. — Seu homem esqueceu suas falas, ou a história parecerá mais acreditável se ele se lembrar de meu rosto na próxima rodada?

Junz disse veementemente: — Eu nunca vi este homem antes, e eu nunca falei com ele. Não houve arranjo para forjar algo contra você e estou cansado de suas acusações nesse sentido. Estou somente atrás da verdade.

— Então posso fazer-lhe algumas perguntas?

— Vá em frente.

— Obrigado. Estou grato por sua bondade. Agora você… Rik, ou seja lá qual for seu nome verdadeiro.

Era um Nobre, dirigindo-se a um floriniano.

Rik o encarou. — Sim, senhor.

— Você se lembra que um homem aproximou.se de você pelo outro lado da mesa em que você estava sentado, drogado e indefeso.

— Sim, senhor.

— A última coisa de que se lembra é deste homem olhando para baixo, para você.

— Sim, senhor.

— Você olhava para ele, ou tentava olhar.

— Sim, senhor.

— Sente-se.

Rik sentou-se.

Por um momento Fife nada fez. Sua boca sem lábios poderia ter se tomado retesada, os músculos de seus maxilares sob o brilho negro-azulado de seu rosto e queixo escanhoados agruparam-se um pouco. Então ele deslizou de sua cadeira.

Deslizou para baixo! Era como se tivesse caído de joelhos ali atrás de sua escrivaninha.

Mas moveu-se de trás dela e viu-se claramente que estava de pé.

A cabeça de Junz parecia em vertigem. O homem, tão escultural e formidável em sua cadeira, tinha-se convertido sem aviso em um deplorável pigmeu.

As pernas deformadas de Fife moviam-se sob ele com esforço, transportando a desajeitada massa do dorso e da cabeça para a frente. Seu rosto estava afogueado, mas seus olhos mantinham o olhar de arrogância intacto. Steen desatou a rir selvagemente e parou quando aqueles olhos voltaram-se para ele. Os demais estavam sentados em fascinado silencio.

Rik, os olhos arregalados, observava-o aproximar-se.

— Era eu o homem que se aproximou de você em torno da mesa? — perguntou Fife.

— Não posso me lembrar de seu rosto, senhor.

— Eu não perguntei se você se lembrava do seu rosto. Você poderia ter esquecido isto? — Seus dois braços se escancararam, emoldurando seu corpo. — Poderia ter esquecido minha aparência, meu andar?

Rik disse, miseravelmente: — Parece que eu não deveria, senhor, mas eu não sei.

— Mas você estava sentado, ele estava de pé, e você olhava para cima para vê-lo.

— Sim, senhor.

— Ele estava olhando para baixo, "dominando" você, de fato.

— Sim, senhor.

— Você se lembra ao menos disso? Está certo disso?

— Sim, senhor.

Os dois agora estavam face a face.

— Eu estou olhando para baixo para você?

— Não, senhor — disse Rik.

— Você está olhando para cima para mim?

Rik, sentado, e Fife, de pé, olhavam-se no mesmo nível, face a face.

— Não, senhor.

— Eu poderia ter sido o homem?

— Não, senhor.

— Você tem certeza?

— Sim, senhor.

— Você ainda diz que o nome de que se lembra é Fife?

— Eu me lembro desse nome — insistiu Rik, teimosamente.

— Quem quer que seja, então, usou meu nome como um disfarce.

— Ele… ele deve ter usado.

Fife virou-se e com lenta dignidade lutou para voltar a sua escrivaninha e subiu em sua cadeira.

— Eu nunca havia permitido que qualquer homem me visse de pé

antes disto em toda a minha vida adulta — disse ele. — Existe alguma razão para que esta conferência deva continuar?

Abel estava ao mesmo tempo embaraçado e aborrecido. Até agora a conferência infortunadamente não dera em nada. Em cada etapa Fife havia logrado colocar do lado certo, e os outros do errado. Fife havia se apresentado com sucesso como um mártir. Ele havia sido forçado a uma conferencia pela chantagem trantoriana, e se tornado o alvo de acusações falsas que eram arrasadas todas de uma vez.

Fife cuidaria que sua versão da conferência inundasse a Galáxia e não teria de desviar-se muito da verdade para fazer dela uma excelente propaganda anti-Trantor.

Abel teria gostado de reduzir suas perdas. O analista espacial sondado psiquicamente não teria utilidade para Trantor agora. Qualquer "lembrança" que pudesse ter depois disso seria ridicularizada, motivo de zombaria, embora pudesse ser verdade. Seria aceita como um instrumento do imperialismo trantoriano, e um instrumento quebrado, aliás.

Mas hesitou, e foi Junz quem falou:

— A mim me parece que há uma boa razão para ainda não terminar a conferência. Ainda não determinamos exatamente quem é responsável pela sondagem psíquica. Você tem acusado o Nobre de Steen, e Steen tem acusado você. Admitindo que ambos estejam errados e que ambos sejam inocentes, ainda permanece o fato de que cada um de vocês acredita que um dos Grandes Nobres seja o culpado. Qual deles, então?

— E isto importa? — perguntou Fife. — Até onde isso lhe diz respeito, estou certo que não. Este assunto teria sido resolvido agora mesmo não fosse a interferência de Trantor e do DAI. Eventualmente eu descobriria o traidor. Lembrem-se que o autor da psico-sondagem, quem quer que seja, tinha a intenção original de forçar o monopólio do comércio do kyrt para suas próprias mãos, de forma que eu provavelmente não deixaria escapar. Uma vez que o sondador fosse identificado e tratássemos dele, seu homem aqui retornaria ileso. Esta é a única oferta que eu posso fazer e é a realmente razoável.

— O que você vai fazer com o sondador?

— Este é um assunto puramente interno que não lhe diz respeito.

— Mas diga — Junz falou energicamente. — Isto não é somente um problema com o analista espacial. Existe algo de maior importância envolvido e estou surpreso que ainda não tenha sido mencionado. Este homem, Rik, foi psiquicamente sondado exatamente por que era um analista espacial.

Abel não estava certo quanto a quais eram as intenções de Junz, mas jogou todo seu peso no prato da balança. Disse brandamente:

— O Dr. Junz está se referindo, claro, à mensagem de perigo

original do analista espacial.

Fife deu de ombros. — Que eu saiba, ninguém ainda se apercebeu da importância disso, incluindo o Dr. Junz durante o ano passado. Entretanto, seu homem está aqui, Doutor. Pergunte-lhe o que é tudo isso.

— Naturalmente, ele não vai se lembrar — retorquiu Junz colericamente. — A sondagem psíquica é mais eficiente sobre os encadeamentos lógicos armazenados na mente. O homem pode nunca mais recuperar os aspectos quantitativos da obra de toda a sua vida.

— Então está acabado — disse Fife. — O que pode ser feito a este respeito?

— Algo muito definido. Este é o ponto. Existe alguém mais que sabe, e este é o sondador. Ele pode não ter sido um analista espacial; ele pode não saber os detalhes precisos. Entretanto, ele falou ao homem em um estado de mente intacta. Ele aprendeu o bastante para colocar-nos longe da pista certa. Sem ter aprendido o bastante não teria ousado destruir a fonte de sua informação. Além disso, para registro, você se lembra, Rik?

— Somente que havia perigo e que envolvia as correntes do espaço — murmurou Rik.

— Mesmo se você descobrir, o que terá? — disse Fife. — Quão confiáveis são quaisquer das assustadoras teorias que os analistas espaciais doentes estão eternamente sugerindo? Muitos deles pensam que sabem os segredos do universo quando estão tão doentes que mal podem ler seus instrumentos.

— Pode ser que você esteja certo. Você tem medo de deixar-me descobrir?

— Eu sou contra começar qualquer rumor mórbido que pudesse, verdadeiro ou falso, afetar o tráfego do kyrt. Não concorda comigo, Abel?

Abel contorceu-se interiormente. Fife estava se colocando na posição em que qualquer quebra na distribuição do *kyrt* resultante de seu próprio golpe pudesse ser jogada sobre as manobras trantorianas. Mas Abel era um bom jogador. Ele aumentou a parada calmamente e sem emoções.

— Não. Sugiro que ouça o Dr. Junz — disse Abel.

— Obrigado — disse Junz. — Agora mesmo você disse, Nobre Fife, que quem quer que fosse o sondador, ele deve ter assassinado o médico que examinou este homem, Rik. Isto implica que o sondador manteve algum tipo de observação sobre Rik durante sua estada em Florina.

— Então?

— Devem existir vestígios desse tipo de observação.

— Quer dizer que você acha que estes nativos saberiam que os

estava vigiando?

— Por que não?

— Você não é um sarkiano e portanto comete erros — disse Fife. Eu lhe asseguro que estes nativos conhecem seu lugar. Não se aproximam de Nobres e se os Nobres se aproximam deles sabem muito bem manter os olhos na ponta dos pés. Não saberiam coisa alguma sobre serem vigiados.

Junz visivelmente tremeu de indignação. Os Nobres tinham seu despotismo tão arraigado que não viam nada errado ou vergonhoso em falar disso abertamente.

— Nativos comuns, talvez — disse. — Mas temos um homem aqui que não é um nativo comum. Eu acho que ele tem nos mostrado bem meticulosamente que ele não é um floriniano propriamente respeitoso. Até agora em nada contribuiu para a discussão e já é hora de lhe fazermos umas poucas perguntas.

— Este testemunho do nativo não vale a pena — disse Fife. — De fato, eu aproveito a oportunidade para uma vez mais exigir que Trantor entregue-o para um julgamento adequado nas cortes de Sark.

— Deixe-me falar com ele primeiro.

Abel, para não dizer coisa pior: — Eu acho que não faremos mal em fazer-lhe umas poucas perguntas, Fife. Se ele demonstrar não ser cooperativo ou confiável, podemos considerar seu pedido de extradição.

Terens que, até agora, estava impassivelmente concentrado nos dedos de suas mãos entrelaçadas, olhou-o brevemente.

Junz voltou-se para Terens e disse: — Rik havia ficado em sua cidade desde que fora encontrado em Florina, não?

— Sim.

— E você permaneceu na cidade todo esse tempo? Quero saber se você não saiu para alguma viagem de negócios prolongada, saiu?

— Os Conselheiros não fazem viagens de negócios. Seus negócios estão em suas cidades.

— Muito bem. Agora relaxe, não fique nervoso. Seria parte de seus negócios saber a respeito de qualquer Nobre que pudesse ir à Cidade, imagino.

— Certo. Quando iam.

— Foram?

Terens meneou os ombros. — Uma vez ou duas. Pura rotina, lhe asseguro. Os Nobres não sujam suas mãos com o *kyrt*. Isto é, *kyrt* não processado.

— Seja respeitoso! — rosnou Fife.

Terens olhou para ele e disse: — Pode me obrigar?

Abel interrompeu suavemente. — Vamos manter isto entre o homem e o Dr. Junz, Fife. Você e eu somos espectadores.

Junz sentiu um calor de prazer na insolência do Conselheiro, mas disse: — Responda minhas perguntas sem comentários secundários, por favor, Conselheiro. Agora, quem exatamente eram os Nobres que visitaram sua cidade no ano passado?

Terens disse furiosamente: — Como posso saber? Não posso responder a esta pergunta. Nobres são Nobres e nativos são nativos. Posso ser um Conselheiro, mas para eles ainda sou um nativo. Eu não os recebo nas portas da Cidade e pergunto seus nomes. Recebo uma mensagem, isso é tudo. Ë endereçada ao "Conselheiro". Diz que haverá uma Inspeção de Nobre em tal-e-tal dia e que tenho de fazer os arranjos necessários. Devo então ver que os operários tenham suas melhores roupas, que a usina seja limpa e trabalhe adequadamente, que o fornecimento de *kyrt* seja amplo, que todos pareçam contentes e satisfeitos, que as casas estejam limpas e as ruas policiadas, que alguns dançarinos estejam à mão no caso de os Nobres terem vontade de ver alguma divertida dança nativa, que talvez umas poucas atraentes ga…

— Não se importe com isso, Conselheiro — disse Junz.

— Você não se importe. Eu me importo.

Depois de suas experiências com os florinianos do Funcionalismo Público, Junz achou o Conselheiro tão refrescante quanto um drinque de água fria. Decidiu que o que a influência do DAI pudesse fazer valer seria usado para evitar uma entrega do Conselheiro aos Nobres.

Terens continuou, em tons mais calmos: — De qualquer forma, esta é minha parte. Quando vinham, eu me punha em fila com os outros. Eu não sei quem eles eram. Eu não falo com eles.

— Houve qualquer uma dessas inspeções na semana anterior à morte do médico? Eu suponho que você saiba em que semana aconteceu.

— Eu acho que ouvi alguma coisa nos noticiários. Eu não acho que havia qualquer Inspeção de Nobre naquela época. Não posso assegurar isso.

— A quem mesmo pertence sua terra?

Terens puxou os cantos de sua boca para trás. — Ao Nobre de Fife.

Steen falou, interrompendo o toma-lá-dá-cá com surpreendente rapidez. — Ah, olha aqui. Realmente! Você está favorecendo o jogo de Fife com este tipo de interrogatório, Dr. Junz. Não vê que não vai chegar a lugar nenhum? Realmente! Você supõe que se Fife estivesse interessado em vigiar essa criatura aí se meteria em todos os problemas viajando para Florina só para olhá-la? Pra que servem os patrulheiros? Realmente!

Junz parecia frustrado. — Em um caso como esse, com a economia de um mundo e talvez sua segurança física repousando no

conteúdo da mente de um homem, é natural que o sondador não ligasse em deixar a guarda aos patrulheiros.

Fife interveio: — Mesmo depois de ter apagado tal mente, para todos os efeitos?

Abel empurrou para fora seu lábio inferior e franziu as sobrancelhas. Via sua última jogada escorregar para as mãos de Fife com todo o resto.

Junz tentou novamente, hesitante. — Havia qualquer patrulheiro ou grupo de patrulheiros em particular que estivesse sempre no caminho?

— Nunca soube. Eram somente uniformes para mim.

Junz voltou-se para Valona com a força de um arremesso. Um momento antes ela tinha uma cor branca doentia e seus olhos tinham se tornado arregalados e fixos. Junz não deixou de aproveitar isso.

— Que me diz você, menina? — perguntou.

Mas ela somente balançou sua cabeça, emudecida.

Abel pensava pesadamente. Não havia mais nada a fazer. Tudo estava acabado.

Mas Valona estava de pé, tremendo. Falou em um seco sussurro:

— Eu quero dizer alguma coisa.

— Vá em frente, menina. O que é? — disse Junz.

Valona falava sem tomar fôlego e com óbvio temor em todas as linhas de seu semblante e todos os nervos crispados de seus dedos. Ela disse: — Sou só uma camponesa. Por favor, não se zangue comigo. Só que as coisas só podem ter um sentido, O meu Rik era mesmo tão importante? Quero dizer, do jeito que você disse?

Junz falou gentilmente: — Eu acho que ele era muito, muito importante. Eu acho que ainda é.

— Então deve ser como você diz. Quem foi que colocou ele em Florina não ia ter coragem de tirar o olho de cima dele um minutinho só. Ia? Eu quero dizer, vamos supor que o superintendente da usina quebrasse a cabeça de Rik ou que as crianças jogassem pedras nele ou ele ficasse doente e morresse. Não iam deixar ele nos campos indefeso, iam? Lá ele podia morrer antes que alguém encontrasse ele. Eles não iam pensar que só a sorte ia manter ele seguro. — Ela estava falando com bastante fluência agora.

— Continue — disse Junz, observando-a.

— Porque tinha uma pessoa que vigiava Rik desde o inicio. Encontrou ele nos campos, arranjou para que eu tomasse conta dele, manteve ele longe de encrenca e sabia como ele estava todo dia. Sabia até mesmo tudo sobre o médico, porque eu contei. Foi ele! Foi ele!

Com sua voz e com a intensidade do grito, seu dedo apontava rigidamente para Myrlyn Terens, o Conselheiro.

E desta vez até mesmo a calma sobre-humana de Fife se quebrou

e seus braços enrijeceram sobre sua escrivaninha, elevando o corpo maciço da cadeira enquanto sua cabeça girava rapidamente na direção do Conselheiro.

18. Os Vencedores

Era como se uma paralisia vocal tivesse atacado todos eles. Mesmo Rik, com descrédito nos olhos, podia somente olhar inexpressivamente, primeiro para Valona, depois para Terens.

Então veio a gargalhada afetada de Steen e o silêncio foi quebrado.

— Eu acredito nisso. Realmente! — disse Steen. — Eu dizia isso todo o tempo. Eu disse que o nativo estava a soldo de Fife. Isto mostra a vocês o tipo de homem que Fife é. Ele pagou um nativo para…

— Isto é uma mentira dos diabos!

Não foi Fife quem falou, mas o Conselheiro. Estava de pé, os olhos faiscando de emoção.

Abel, que de todos eles parecia o que menos se movia, disse:

— O que é?

Terens encarou-o por um momento, não o compreendendo, então disse engasgando: — O que o Nobre disse. Não sou pago por nenhum sarkiano.

— E o que a garota disse? É mentira também?

Terens umedeceu seus lábios secos com a ponta da língua. — Não, isso é verdade. Eu sou o sondador. — Apressou-se. — Não me olhe desse jeito, Lona. Eu não queria machucá-lo. Eu não planejei nada do que aconteceu. — Sentou-se novamente.

— Isto é um tipo de truque — disse Fife. — Eu não sei exatamente o que você está planejando, Abel, mas é impossível, em face disto, que este criminoso pudesse ter incluído este crime em particular em seu repertório. E definitivo que somente um Grande Nobre poderia ter tido o conhecimento e as facilidades necessárias. Ou você, Steen, está ansioso para tirar seu homem da forca arranjando uma confissão falsa?

Terens, as mãos firmemente entrelaçadas, inclinou-se para a frente. — Eu não aceito dinheiro trantoriano, também.

Fife o ignorou.

Junz foi o último a se recobrar. Por minutos, não podia ajustar-se ao fato de que o Conselheiro não estava realmente na mesma sala e que ele estava em algum outro lugar no terreno da embaixada, que ele poderia vê-lo somente em imagem, não mais real na verdade que Fife, que estava a trinta quilômetros de distância. Queria ir ao Conselheiro, segurá-lo pelo ombro, conversar com ele sozinho, mas não poderia. Disse: — Não há razão em argumentar antes de ouvir o homem. Vamos ter os detalhes. Se ele for o sondador, temos grande necessidade dos detalhes. Se não for, os detalhes que ele tentar nos dar provarão isso.

— Se quer saber o que aconteceu — gritou Terens — vou contar-lhe. Esconder não vai me fazer mais qualquer bem. Afinal, é Sark ou Trantor, assim, para o Espaço com isso. Ao menos isto me dará uma chance de esclarecer uma ou duas coisas.

Apontou para Fife com desdém. — Lá está um Grande Nobre. Somente um Grande Nobre, diz este Grande Nobre, pode ter o conhecimento ou as facilidades para fazer o que o sondador fez. Ele acredita nisso, também. Mas o que ele sabe? O que mesmo sabe qualquer um dos sarkianos?

— Eles não têm o governo. Os florinianos o têm! O Funcionalismo Público Floriniano o tem. Eles pegam os documentos, fazem os documentos, arquivam os documentos. E são os documentos que governam Sark. Certo, a maioria de nós é espancada até para choramingar, mas você sabe o que poderíamos fazer se quiséssemos, mesmo debaixo do nariz de nossos malditos Nobres? Bem, você viu o que eu fiz.

— Eu fui temporariamente superintendente de tráfego no espaçoporto há um ano atrás, era parte de meu treinamento. Está nos registros. Você terá de cavar um pouco para encontrá-los porque o superintendente de tráfego catalogado é um sarkiano. Ele tinha o título, mas eu tinha o trabalho real. Meu nome seria encontrado na seção especial intitulada Pessoal Nativo. Nenhum sarkiano teria sujado suas mãos procurando lá.

— Quando o DAI local enviou a mensagem do analista espacial para o porto com uma sugestão de que encontrássemos a nave com uma ambulância, eu peguei a mensagem. Passei o que era seguro. Este assunto da destruição de Florina eu não passei.

— Arranjei o encontro com o analista espacial em um pequeno porto suburbano. Eu podia fazer isso facilmente. Todos os fios e cabos que faziam Sark funcionar estavam nas pontas de meus dedos.

— Eu estava no Funcionalismo Público, lembre-se. Um Grande Nobre que quisesse fazer o que eu fiz, não poderia, a menos que mandasse algum floriniano fazer por ele. Eu podia fazê-lo sem a ajuda de ninguém. Tanto mais pelo conhecimento e facilidade.

— Encontrei o analista espacial, mantive-o longe tanto de Sark como do DAI. Extraí tanta informação dele quanto pude e comecei a usar essas informações para Florina e contra Sark.

As palavras saíram forçadas de Fife: — Você enviou aquelas primeiras cartas?

— Eu enviei aquelas primeiras cartas, Grande Nobre — disse Terens calmamente. — Eu pensei que poderia forçar o controle de parte suficiente das terras do kyrt para minhas próprias mãos para fazer um acordo com Trantor em meus termos e expulsá-los do planeta.

— Você estava louco!

— Talvez. De qualquer forma, não funcionou. Eu havia dito ao analista espacial que era o Nobre de Fife. Eu tinha de dizer, porque ele sabia que Fife era o maior homem do planeta, e enquanto ele pensasse que eu era Fife, estaria disposto a falar abertamente. Fez-me rir imaginar que ele pensasse que Fife estaria ansioso para fazer o que fosse melhor para Florina.

— Infelizmente, ele era mais impaciente que eu. Insistia que qualquer dia perdido era uma calamidade, enquanto que eu sabia que minhas negociações com Sark precisavam mais de tempo que qualquer outra coisa. Eu vi que era difícil controlá-lo e eventualmente tive de sar uma sonda psíquica. Eu podia obter uma. Eu a tinha visto ser usada em hospitais. Sabia alguma coisa sobre ela. Infelizmente, não o bastante.

— Ajustei a sonda para apagar a ansiedade dos depósitos superficiais de sua mente. Esta é uma operação simples. Ainda não sei o que aconteceu. Acho que a ansiedade deve ter se assentado muito fundo, muito mais fundo, e a sonda automaticamente a seguiu, escavando a maior parte da mente consciente junto com ela. Fui deixado com uma coisa sem cérebro nas mãos… Sinto muito, Rik.

Rik, que estava ouvindo atentamente, disse tristemente: — Você não devia ter interferido comigo, Conselheiro, mas eu sei como deve ter se sentido.

— Sim — disse Terens —, você viveu no planeta. Você sabe dos patrulheiros e Nobres e a diferença entre Cidade Inferior e Cidade Superior.

Retomou o fio de sua narrativa: — Assim, lá estava eu com o analista espacial completamente indefeso. Não poderia deixá-lo ser encontrado por alguém que pudesse descobrir sua identidade. Não podia matá-lo. Estava certo de que sua memória retornaria e eu ainda iria precisar de seu conhecimento, para não falar do fato de que matá-lo me privaria da boa vontade de Trantor e do DAI, de que eu eventualmente precisaria. Além disso, naqueles dias, eu era incapaz de matar.

— Arranjei para ser transferido para Florina como Conselheiro e levei o analista espacial comigo com papéis forjados. Arranjei para encontrá-lo, escolhi Valona para cuidar dele. Não houve risco depois a não ser naquela vez, com o médico. Então, eu tinha de entrar nas usinas de força da Cidade Superior. Isto não era impossível. Os engenheiros eram sarkianos, mas os zeladores eram florinianos. Em Sark eu aprendi o bastante sobre transmissão de potência para saber como curto-circuitar uma linha de transmissão. Levei três dias para encontrar o momento exato para isso. Depois disso, eu poderia matar facilmente. Eu nunca soube, entretanto, que o médico mantinha

registros em duplicata em ambas as metades de seu consultório. Quisera ter sabido.

Terens podia ver o cronômetro de Fife de onde estava sentado.

— Então, cem horas atrás — parecem ser cem anos — Rik começou a lembrar-se outra vez. Agora vocês têm a história toda.

— Não — disse Junz —, não temos. Quais são os detalhes da história de destruição planetária do analista espacial?

— Você acha que eu entendi os detalhes do que ele tinha a dizer? Era alguma espécie de — perdoe-me, Rik — loucura.

— Não era — inflamou-se Rik — não podia ter sido.

— O analista espacial tinha uma nave — disse Junz. — Onde ela está?

— No ferro-velho há muito tempo — disse Terens. — Uma ordem para reduzi-la a sucata foi expedida. Meu superior a assinou. Um sarkiano nunca lê documentos, claro. Virou ferro-velho sem discussão.

— E os papéis de Rik? Você disse que ele lhe mostrou os papéis!

— Entregue-nos este homem — disse Fife repentinamente — e nós descobriremos o que ele sabe.

— Não — disse Junz. — Seu primeiro crime foi contra o DAI. Ele raptou e danificou a mente de um analista espacial. Ele pertence a nós.

— Junz está certo — interveio Abel.

— Agora olhem aqui — disse Terens. — Eu não digo uma palavra sem garantias. Eu sei onde estão os papéis de Rik. Estão onde nenhum sarkiano ou trantoriano jamais poderá encontrar. Se você os quiser terá de concordar que eu seja um refugiado político. O que quer que eu tenha feito foi por patriotismo, em atenção às necessidades de meu planeta. Um sarkiano ou um trantoriano podem se afirmar patriotas, por que não também um floriniano?

— O Embaixador — falou Junz — disse que você será entregue ao DAI. Eu lhe asseguro que você não será entregue a Sark. Pelo seu tratamento ao analista espacial será julgado. Não posso garantir o resultado, mas se você cooperar conosco agora, contará a seu favor.

Terens olhou penetrantemente para Junz. Então disse: — Aproveitarei a chance que me deu, Doutor… De acordo com o analista espacial, o Sol de Florina está no estágio de pré-nova.

— O quê! — A exclamação ou seu equivalente veio de todos, menos Valona.

— Está quase explodindo e fazendo bum — disse Terens sardonicamente. — E quando isto acontecer, toda Florina vai fazer puf, como um bocado de fumaça de cigarro.

— Eu não sou analista espacial — disse Abel —, mas ouvi que não há jeito de predizer quando uma estrela vai explodir.

— Isso é verdade. Até agora, pelo menos. Rik explicou o que lhe

fez pensar assim? — perguntou Junz.

— Suponho que seus papéis mostrarão isso. Tudo que eu posso me lembrar são as correntes de carbono.

— O quê?

— Ele ficou falando "as correntes de carbono do espaço". "As correntes de carbono do espaço". Isso e as palavras "efeito catalítico". Era isso.

Steen deu uma risadinha. Fife fechou a cara, Junz olhava o vazio.

Então Junz murmurou: — Perdoem-me, logo estarei de volta. — Caminhou para além dos limites do cubo receptor e desapareceu.

Estava de volta quinze minutos depois.

Junz olhou em tomo de si desnorteado. Somente Abel e Fife estavam presentes.

— Onde… — disse.

Abel interrompeu instantaneamente. — Estávamos esperando você, Dr. Junz. O analista espacial e a garota estão a caminho da Embaixada. A conferência terminou.

— Terminou! Grande Galáxia, só começamos! Tenho de explicar as possibilidades da formação de uma nova.

Abel moveu-se inquieto em seu assento. — Não é necessário fazer isso, Doutor.

— É extremamente necessário. E essencial. Dêem-me cinco minutos.

— Deixe-o falar — disse Fife. Estava sorrindo.

— Vamos ao princípio — começou Junz. — Nos mais remotos escritos científicos registrados da civilização galáctica já se sabia que as estrelas obtinham sua energia a partir de transformações nucleares em seu interior. Sabia-se também que, por aquilo que conhecemos das condições do interior das estrelas, dois tipos, e somente dois tipos de transformações nucleares podem possivelmente produzir a energia necessária. Ambos envolvem a conversão de hidrogênio em hélio. A primeira transformação é direta: dois hidrogênios e dois nêutrons combinam-se para formar um núcleo de hélio. A segunda é indireta, com algumas etapas. Termina com o hidrogênio tornando-se hélio, mas nas etapas intermediárias, tomam parte núcleos de carbono. Estes núcleos de carbono não são consumidos mas são refeitos conforme as reações se completam, de forma que uma quantidade insignificante de carbono pode ser utilizada muitas e muitas vezes, servindo para a conversão de uma grande quantidade de hidrogênio em hélio. O carbono atua como catalisador, em outras palavras. Tudo isto é conhecido desde os dias da pré-história, desde o tempo em que a raça humana estava confinada a um único planeta, se alguma vez houve esse tempo.

— Se sabemos de tudo isso — disse Fife — eu sugeriria que você

em nada está contribuindo, somente gastando tempo.

— Mas isso é tudo que sabemos. Se as estrelas usam um ou outro tipo, ou ambos, os processos nucleares nunca foram determinados. Sempre existiram escolas de pensamento a favor de cada uma das alternativas. Normalmente, a opinião tem pesado em favor da conversão direta hidrogênio-hélio como sendo a mais simples das duas.

— Ora, a teoria de Rik deve ser essa. A conversão direta hidrogênio-hélio é a fonte normal de energia estelar, mas sob certas condições a catálise de carbono acrescenta seu peso, apressando o processo, acelerando-o, aquecendo a estrela.

— Há correntes no espaço. Todos vocês conhecem bem isso. Algumas delas são correntes de carbono. As estrelas que passam através delas apanham inumeráveis átomos. A massa total dos átomos atraídos, entretanto, é incrivelmente microscópica em comparação ao peso da estrela e não a afeta de maneira alguma. *Exceto pelo carbono*! Uma estrela que passa através de uma corrente que contenha concentrações incomuns de carbono toma-se instável. Eu não sei quantos anos ou séculos ou milhões de anos leva para que os átomos de carbono se difundam no interior da estrela, mas provavelmente leva muito tempo. Isto significa que uma corrente de carbono deve ser larga e que uma estrela deve interceptá-la em um ângulo pequeno. Em qualquer caso, uma vez que a quantidade de carbono que percola para o interior da estrela carrega uma certa quantidade crítica, a radiação da estrela é subitamente ampliada. As camadas externas dão lugar numa explosão inimaginável e vocês têm uma nova. Percebem?

Junz esperava.

— Você deduziu tudo isso em dois minutos como resultado de alguma frase vaga do Conselheiro lembrando-se do que o analista espacial teria dito um ano atrás? — perguntou Fife.

— Sim. Sim. Não há nada de surpreendente nisso. A análise espacial está preparada para essa teoria. Se Rik não aparecesse com ela, algum outro teria aparecido em breve. De fato, teorias similares têm sido desenvolvidas de há muito, mas nunca foram levadas a sério. Foram formuladas antes que as técnicas da análise espacial fossem desenvolvidas e ninguém jamais foi capaz de justificar a súbita aquisição de carbono em excesso pela estrela em questão.

— Mas agora sabemos que existem correntes de carbono. Podemos plotar suas trajetórias, descobrir quais estrelas interceptaram tais correntes nos dez mil anos anteriores, checar isso com nossos registros de formação de novas e variações de radiação. Isso é o que Rik deve ter feito. Aqueles devem ter sido os cálculos e observações que tentou mostrar ao Conselheiro. Mas isso tudo é irrelevante em relação ao ponto imediato.

— O que deve ser arranjado por ora é o início imediato da evacuação de Florina.

— Eu sabia que isso acabaria assim — disse Fife calmamente.

— Sinto muito, Junz — disse Abel — mas isso é impossível.

— Por que impossível?

— Quando o Sol de Florina irá explodir?

— Eu não sei. Pela ansiedade de Rik há um ano atrás, eu diria que temos pouco tempo.

— Mas você não pode precisar uma data?

— Não há como dizer quando. Mesmo se tivermos os cálculos de Rik, tudo teria de ser reverificado.

— Você pode garantir que a teoria do analista espacial demonstrará ser correta?

Junz franziu as sobrancelhas. — Estou pessoalmente convencido disso, mas nenhum cientista pode garantir qualquer teoria antecipadamente.

— Então fica claro que você quer Florina evacuada com base em mera especulação.

— Eu acho que a possibilidade de matar toda a população de um planeta é tudo que deve ser levado em consideração.

— Se Florina fosse um planeta comum eu concordaria com você. Mas Florina alimenta o fornecimento galáctico do *kyrt*. Não pode ser feito.

Junz falou iradamente: — É esse o acordo a que você chegou com Fife enquanto eu estava fora?

Fife interveio e disse: — Deixe-me explicar, Junz. O governo de Sark nunca consentiria em evacuar Platina, mesmo se o DAI dissesse que tinha prova da nova teoria de vocês. Trantor não pode forçar-nos porque enquanto a Galáxia poderia suportar uma guerra contra Sark com o propósito de manter o comércio de *kyrt*, nunca suportaria uma pelo propósito de terminá-lo.

— Exatamente — disse Abel. — Temo que nosso próprio povo não nos apoiaria em tal guerra.

Junz percebeu a irritação crescer dentro de si. Um planeta completamente habitado não significava nada contra os ditames da necessidade econômica!

— Ouçam-me — disse. — Isto não é assunto de um só planeta, mas de toda a Galáxia. Existem agora vinte novas se originando dentro da Galáxia a cada ano. Além disso, duas mil estrelas entre as cem bilhões da Galáxia têm alteradas suas características de radiação o suficiente para tornar habitável qualquer planeta que possam ter. Os seres humanos ocupam um milhão de sistemas estelares na Galáxia. Isto significa que em média a cada cinqüenta anos algum planeta habitado em algum lugar toma-se muito quente para a vida. Tais casos

são questão de registro histórico. A cada cinco mil anos algum planeta habitado tem uma chance de cinqüenta por cento de ser reduzido a gás por uma nova.

— Se Trantor não fizer nada sobre Florina, se permitir que vaporize com sua população, isto servirá de aviso para todo o povo da Galáxia de que quando sua vez chegar não poderão esperar ajuda, se tal ajuda impedir o caminho da conveniência econômica de uns poucos poderosos. Você pode arriscar isso, Abel?

— Por outro lado, ajude Florina e você terá mostrado que Trantor põe sua responsabilidade em relação ao povo da Galáxia acima da manutenção de simples direitos de propriedade. Trantor terá obtido a boa vontade que nunca poderá obter pela força.

Abel baixou a cabeça. Então balançou-a aborrecidamente. — Não, Junz. O que você diz me interessa, mas não é prático. Não posso depender de emoções contra o efeito político assegurado de qualquer tentativa de encerrar o comércio do kyrt. Na verdade, eu acho que poderia ser sensato evitar investigar a teoria. A idéia de que pudesse ser verdadeira faria muito mal.

— Mas, e se for verdadeira?

— Devemos trabalhar na hipótese de que não seja. Eu acho que quando você saiu momentos atrás, foi para fazer contato com o DAI.

— Foi.

— Não importa. Trantor, eu acho, terá bastante influência para impedir as investigações.

— Temo que não. Não estas investigações. Cavalheiros, logo teremos o segredo do *kyrt* sintético. Não haverá mais monopólio de *kyrt d*entro de um ano, haja ou não uma nova.

— O que você quer dizer com isso?

— A conferência está atingindo o ponto essencial agora, Fife. O kyrt cresce somente em Florina, entre todos os planetas habitados. Suas sementes produzem celulose comum em qualquer outro lugar. Florina provavelmente é o único planeta habitado, numa base estatística, que correntemente tem uma pré-nova, e provavelmente ela tem sido pré-nova desde que penetrou na corrente de carbono, talvez a milhares de anos atrás, se o ângulo de intersecção foi pequeno. Parece totalmente provável, então, que o *kyrt* e o estágio de pré-nova estejam associados.

— Bobagem — disse Fife.

— é? Deve haver uma razão para que o *kyrt* seja *kyrt* em Florina e algodão em qualquer outro lugar. Os cientistas têm tentado de muitas formas produzir artificialmente o kyrt em outro lugar qual quer, mas tentaram cegamente, por isso sempre falharam. Agora saberão que foi devido aos fatores induzidos por um sistema estelar de pré-nova.

Fife falou desdenhosamente: — Eles têm tentado duplicar as

qualidades de radiação do Sol de Fife.

— Com arcos de luz adequados, sim, que reproduzem somente o espectro visível e o ultravioleta. E quanto à radiação do infra vermelho e além? E quanto aos campos magnéticos? E quanto à emissão de elétrons? E quanto aos efeitos dos raios cósmicos? Eu não sou um bioquímico físico de forma que podem existir fatores de que eu não sabia coisa alguma. Mas os que são bioquímicas físicos estarão pesquisando toda urna Galáxia de fatores. Dentro de um ano, eu lhe asseguro, a solução será encontrada.

— A economia está do lado da humanidade agora. A Galáxia quer *kyrt* barato, e se o descobrirem ou mesmo se imaginarem que podem descobri-lo em breve, irão querer Florina evacuada, não somente de seres humanos, mas terão o desejo de virar o feitiço, a longo prazo, contra os piratas do *kyrt* sarkianos.

— Blefe! — rosnou Fife.

— Você pensa assim, Abel? — interpelou Junz. — Se você ajudar os Nobres, Trantor será olhado não como o salvador do comércio do kyrt, mas sim do monopólio do kyrt. Você pode arriscar isso? Pode?

— Pode Trantor arriscar uma guerra? — interpelou Fife.

— Guerra? Besteira! Nobre, em um ano suas propriedades em Florina estarão imprestáveis, com ou sem nova. Venda-as. Venda toda Florina. Trantor pode pagar por ela.

— Comprar um planeta? — disse Abel com desânimo.

— Por que não? Trantor tem os fundos, e seu ganho de boa vontade entre a gente do universo dará um retorno mil vezes maior. Se dizer-lhes que estão salvando centenas de milhões de vidas não for o bastante, diga-lhes que vocês lhes darão *kyrt* barato. Isto será suficiente.

— Pensarei nisso — disse Abel.

Abel olhou para o Nobre. Os olhos de Fife baixaram.

Depois de uma longa pausa, ele também disse: — Pensarei nisso.

Junz riu estridentemente. — Não pensem muito. A história do kyrt vai vazar incrivelmente rápido. Nada pode pará-la. Depois disso, nenhum de vocês terá liberdade de ação. Cada um de vocês pode conseguir uma barganha melhor agora.

O Conselheiro parecia abatido. — É verdade mesmo? — continuava repetindo. — Verdade mesmo? Nunca mais Florina?

— É verdade — disse Junz.

Terens abriu os braços, então deixou-os cair contra as pernas.

— Se você quiser os papéis que peguei de Rik, estão arquivados entre dados estatísticos vitais na minha cidade natal. Eu coloquei no arquivo morto, registros de um século atrás ou mais. Ninguém jamais olharia lá por qualquer razão.

— Olhe — disse Junz —, estou certo de que podemos fazer um

acordo com o DAI. Precisaremos de um homem em Florina, alguém que conheça o povo floriniano, que possa nos dizer como explicar os fatos a ele, como melhor organizar a evacuação, como escolher os planetas mais adequados para refúgio. Vai nos ajudar?

— E desse jeito ganhar o jogo, você quer dizer? Dar adeus ao assassino? Por que não? — Haviam lágrimas inesperadas nos olhos do Conselheiro. — Mas de qualquer modo eu perdi. Não terei mundo, não terei um lar. Todos perderemos. Os florinianos perdem seu mundo, os sarkianos perdem sua riqueza, os trantorianos sua chance de obter essa riqueza. Afinal não há vencedores.

— A não ser — disse gentilmente Junz — que você imagine que na nova Galáxia — uma Galáxia livre do terror da instabilidade estelar, uma Galáxia com kyrt disponível para todos, e uma Galáxia em que a unificação política estará muito mais próxima — haja vencedores afinal. Um quatrilhão de vencedores. O povo da Galáxia, ele é o vencedor.

Epílogo
Um Ano Depois

— Rik! Rik! — Selim Junz apressou-se através dos jardins do porto na direção da nave, mãos estendidas. — E Lona! Eu nunca teria reconhecido qualquer um de vocês. Como vão? Como vão?

— Tão bem quanto poderíamos desejar. Sua carta chegou até nós, como pode ver — disse Rik.

— Claro. Digam-me, o que acham disso tudo? — Estavam voltando, juntos, para os escritórios de Junz.

Valona falou tristemente: — Visitamos nossa antiga cidade esta manhã. Os campos estão tão vazios! — Suas roupas agora eram de uma mulher do Império, em vez das de uma camponesa de Florina.

— É, deve ser melancólico para uma pessoa que viveu aqui. Torna-se melancólico até mesmo para mim, mas ficarei enquanto puder. Os registros da radiação do Sol de Florina são de tremendo interesse teórico.

— Tamanha evacuação em menos de um ano! Mostra uma excelente organização.

— Estamos fazendo o melhor que podemos, Rik. Ah, eu acho que devia chamá-lo pelo seu nome verdadeiro.

— Por favor, não. Nunca me acostumarei a ele. Sou Rik. Este ainda é o único nome de que me lembro.

— Você decidiu se vai retomar à Análise Espacial? — disse Junz.

Rik balançou a cabeça. — Decidi, mas a decisão é não. Nunca me lembrarei o suficiente. Esta parte foi-se para sempre. Não me aborrece, porém. Vou retornar à Terra… A propósito, tinha esperança de ver o Conselheiro.

— Acho que não. Ele decidiu ir embora hoje. Eu acho que ele preferia não ver você. Ele se sente culpado, acho. Você não tem ressentimentos contra ele?

— Não — disse Rik. — Ele tinha boas intenções, e mudou minha vida em muitos aspectos para melhor. Um deles, encontrei Lona. — Seu braço enlaçou o ombro da garota.

Valona olhou para ele e sorriu.

Além disso — Rik continuou — ele me curou de alguma coisa. Eu descobri por que eu era um analista espacial. Sei por que quase um terço de todos os analistas espaciais é recrutado em um só planeta, a Terra. Qualquer pessoa que viva em um mundo radiativo está fadada a crescer em medo e insegurança. Um passo em falso pode significar morte e a superfície de nosso próprio planeta é o maior inimigo que temos.

— Isso faz com que uma espécie de ansiedade desenvolva-se em nós, Dr. Junz, um medo dos planetas. Somente estamos felizes no espaço; é o único lugar em que podemos nos sentir seguros.

— E você não mais se sente assim, Rik?

— Certamente que não. Nem mesmo me lembro de ter me sentido assim. Ë isso, veja. O Conselheiro havia ajustado sua sonda psíquica para remover sentimentos de ansiedade e não se preocupou em ajustar os controles de intensidade. Ele pensou que tivesse um problema recente, superficial, a enfrentar. Em vez disso havia essa ansiedade profunda, arraigada, de que ele não tinha conhecimento. Ele livrou-se de tudo isso. De certo modo, valeu a pena livrar-se disso, mesmo que tanta coisa tivesse ido junto. Eu não tenho de permanecer no espaço agora. Eu posso voltar para a Terra. Eu posso trabalhar lá e a Terra precisa de homens. Sempre vai precisar.

— Você sabe — disse Junz — por que não podemos fazer pela Terra o que estamos fazendo por Florina? Não há necessidade de criar terráqueos em tal medo e insegurança. A Galáxia é grande.

— Não — disse Rik veementemente. — É um caso diferente. A Terra tem seu passado, Dr. Junz. Muitas pessoas podem não acre ditar, mas nós da TeTra sabemos que a Terra foi o planeta de origem da raça humana.

— Bem, talvez. Não posso dizer, de um jeito ou de outro.

— Foi. É um planeta que não pode ser abandonado; não deve ser abandonado. Algum dia nós o transformaremos, mudaremos sua superfície para a que uma vez deve ter existido. Até então… ficaremos.

— E eu agora sou uma terráquea — disse Valona suavemente.

Rik estava olhando o horizonte. A Cidade Superior estava tão deslumbrante como sempre, mas as pessoas já se haviam ido.

— Quantos restam em Florina? — perguntou.

— Cerca de vinte milhões — disse Junz. — Trabalhamos mais devagar, nós que continuamos. Temos de manter nossas retiradas equilibradas. As pessoas que ainda permanecem devem sempre manter-se como uma unidade econômica nos meses que ainda restam. Claro, a reinstalação está em seus estágios iniciais. A maioria dos evacuados ainda está em campos temporários em mundos vizinhos. Há uma miséria inevitável.

— Quando a última pessoa irá embora?

— Nunca, na realidade.

— Não entendo.

— O Conselheiro requereu, não-oficialmente, permissão para ficar. Ela lhe foi concedida, também não-oficialmente. Não será um assunto de conhecimento público.

— Ficar? — Rik estava chocado. — Mas pelo bem de toda

Galáxia, por quê?

— Eu não sabia — disse Junz —, mas acho que você explicou quando falou da Terra. Ele se sente como você. Ele diz que não pode agüentar a idéia de deixar Florina morrer sozinha.